



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO (CEPAE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

APOLLYANY SERPA DOS SANTOS BORGES

**Os Quadrinhos na Escola e a Gibiteca Escolar: orientações para a
implementação e organização de gibitecas escolares**

GOIÂNIA
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

APOLLYANY SERPA DOS SANTOS BORGES

3. Título do trabalho

Os Quadrinhos na Escola e a Gibiteca Escolar: orientações para a implementação e organização de gibitecas escolares

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Wanderley Alves Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 29/05/2024, às 09:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Apollyany Serpa Dos Santos Borges, Discente**, em 29/05/2024, às 10:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4581319** e o código CRC **425D1F11**.

APOLLYANY SERPA DOS SANTOS BORGES

**Os Quadrinhos na Escola e a Gibiteca Escolar: orientações para a
implementação e organização de gibitecas escolares**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Práticas escolares e aplicação do conhecimento

Orientador (a): Dr. Wanderley Alves dos Santos

Co-orientador (a): Dr. Rubem Borges Teixeira Ramos

GOIÂNIA
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Borges , Apollyany Serpa dos Santos

Os quadrinhos na escola e a gibiteca escolar [manuscrito] :
orientações para a implementação e organização de gibitecas escolares /
Apollyany Serpa dos Santos Borges . - 2024.

CCLXVII, 266 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Alves dos Santos ; co-orientador
Dr. Rubem Borges Teixeira Ramos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro
de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação
em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2024.

Apêndice.

Inclui siglas, lista de figuras.

1. Gibiteca escolar. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Adaptação em
quadrinhos. 4. Educação básica. I. Santos , Wanderley Alves dos,
orient. II. Título.

CDU 37.0



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos nove dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, às 15 horas, no CEPAE-UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa da Dissertação intitulada **Os Quadrinhos na Escola e a Gibiteca Escolar: orientações para a implementação e organização de gibitecas escolares** e do Produto Educacional intitulado **LUGAR DE QUADRINHOS TAMBÉM É NA ESCOLA: Ideias e propostas para uma gibiteca escolar** pela discente **APOLLYANY SERPA DOS SANTOS BORGES** como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestra em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados APROVADOS.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Wanderley Alves dos Santos (PPGEEB/CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Roberta Carvalho Cruvinel (PPGEEB/CEPAE/UFG) – membro interno,

Profa. Dra. Lilian Ucker Perotto (FAV/UFG) – membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Wanderley Alves Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 13/05/2024, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberta Carvalho Cruvinel, Professor do Magistério Superior**, em 13/05/2024, às 16:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lilian Ucker Perotto, Professora do Magistério Superior**, em 29/05/2024, às 08:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4548218** e o código CRC **E7FB3BC9**.

Dedico esse trabalho para os vários autores de quadrinhos e cartunistas, que enchem as prateleiras das minhas estantes e me fizeram perceber a riqueza desses materiais.

E não posso esquecer do Gustavo, que teve que manter a loucura dele em hiato, para que eu pudesse enlouquecer em dobro, e também para a minha cachorra, que ficou deitada aos meus pés durante a elaboração e a escrita do projeto.

SERPA, Apollyany Serpa dos Santos. **Quadrinhos na escola e a gibiteca escolar: Orientações para a implementação e organização de gibitecas escolares.** 2024. 266f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

As histórias em quadrinhos (HQs) são fontes ricas em termos artísticos, culturais e informativos, sendo também materiais plenamente viáveis para serem utilizados e incorporados no contexto pedagógico. Nesse sentido, as gibitecas escolares surgem como mediadores capazes de aproximar a escola dos gibis e expandir o olhar para além da leitura recreativa desses materiais. Dentro desse contexto, e também reconhecendo a persistente desconfiança ou mesmo a falta de familiaridade por parte de um grupo com o material, é viável considerar que a adoção dos gêneros das adaptações literárias em quadrinhos nas gibitecas escolares pode ser uma estratégia para introduzir tais materiais. Pois, por serem narrativas já conhecidas, acabam sendo também mais tangíveis, facilitando a conexão, o trabalho e minimizando eventuais barreiras. Desta forma, por acreditar nas possibilidades benéficas do uso dos quadrinhos em instituições de ensino e também por visar a fomentação da criação de mais gibitecas escolares, esta dissertação desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), teve como objetivo o desenvolvimento de um material instrucional, em formato de cartilha e publicado como *e-book*, denominado “Lugar de Quadrinhos também é na Escola: Ideias e propostas para uma gibiteca escolar”, o qual fornece orientações para a gestão, implementação e criação de gibitecas escolares, dando enfoque em um acervo com adaptações literárias em HQs. O material teve sua publicação no repositório da CAPES e também em lojas de livros digitais, com a disponibilidade do *download* gratuito. Para sua elaboração, além da pesquisa bibliográfica, foi realizado também um estudo de caso, empregando o método de observação participante e a aplicação de questionários em gibitecas brasileiras, realizados durante os meses de maio a julho do ano de 2023, o que me permitiu uma maior aproximação com o ambiente e seu cotidiano. Com as informações coletadas e organizadas, foi feita a análise por triangulação dos dados, do qual foi possível correlacionar dados vistos em diferentes situações, podendo assim certificar tais relatos com as informações coletadas e observadas. Sendo assim, todas essas etapas foram essenciais para a construção do produto final apresentado.

Palavras-Chave: Gibiteca Escolar. Biblioteca especializada. Histórias em Quadrinhos. Adaptação em quadrinhos. Educação Básica.

SERPA, Apollyany Serpa dos Santos. **Comics in school and the school comics' library: Guidelines for the implementation and organization of school comics libraries.** 2024. 266p. Dissertation (Master's in Teaching in Basic Education) - Graduate Program in Teaching in Basic Education, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) of Universidade Federal de Goiás (UFG).

ABSTRACT

Comics are rich sources in artistic, cultural, and informative terms, and they are also fully viable materials to be used and incorporated into the pedagogical context. In this sense, school comic's libraries emerge as mediators capable of bringing schools closer to comics and expanding the view beyond the recreational reading of these materials. Within this context, and also recognizing the persistent mistrust or even the lack of familiarity on the part of a piece of stakeholders with the material, it is achievable to consider that the adoption of the genres of literary adaptations in comics in school comic's libraries can be a strategy to introduce such materials. Since they are already known narratives, they end up being more tangible, facilitating connection, work, and minimizing any barriers. Thus, believing in the beneficial possibilities of using comics in educational institutions and also aiming to promote the creation of more schools comic's libraries, this dissertation developed within the Professional Master's Program in Teaching in Basic Education of the Graduate Program *Stricto Sensu* of the Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) of Universidade Federal de Goiás (UFG), aimed at developing an instructional material, in e-book format, called "Comics Belong in Schools Too: Ideas and Proposals for a School Comics' Library", which provides guidelines for the creation, implementation, and management of a school comics' library, focusing on a collection with novels adaptations in comics. The material was published in the CAPES repository and also in on-line bookstores, with the download available for free. For its preparation, in addition to bibliographic research, a case study was also carried out, using the method of participant observation and the application of questionnaires in brazilian comic book libraries forma May 2023 to July 2023, which allowed a greater approach to the environment and its daily routine. With the information collected and organized, an analysis by data triangulation was carried out, which allowed the correlation of data seen in different situations, thus being able to certify such reports and information collected and observed. Thus, all these steps were essential for the construction of the presented final product.

Keywords: School comics' library. Specialized library. Comics. Novel adaptation. Basic education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Pinóquio.....	30
Figura 02 -	A Sarjeta	31
Figura 03 -	Pintura Rupestre durante o Período Paleolítico Superior.....	34
Figura 04 -	<i>The Yellow Kid</i> (O Garoto Amarelo)	36
Figura 05 -	Tico-Tico	37
Figura 06 -	Capitão América nº 1, <i>Marvel Comics</i>	39
Figura 07 -	Livro <i>Sedução do Inocente</i> (<i>Seduction of the Innocent</i> , 1954)	41
Figura 08 -	<i>Comics Code</i>	42
Figura 09 -	<i>Peanuts</i> , Charles Schultz	44
Figura 10 -	<i>True Comics</i> #41	54
Figura 11 -	O Alienista	74
Figura 12 -	O Guarani, Edição Maravilha	75
Figura 13 -	Gibiteca de Curitiba.....	84
Figura 14 -	Gibiteca Jorge Braga – Hall de Entrada da Gibiteca.....	112
Figura 15 -	Gibiteca Jorge Braga - Organização do acervo.....	113
Figura 16 -	Gibiteca Jorge Braga - Organização do acervo.....	113
Figura 17 -	Gibiteca Jorge Braga - Quadrinhos adultos.....	114
Figura 18 -	Gibiteca Jorge Braga - Livros literários.....	115
Figura 19 -	Acervo CEPAE.....	119
Figura 20 -	Acervo CEPAE - <i>Graphic Novels</i>	119
Figura 21 -	Acervo CEPAE - Área da Gibiteca.....	120
Figura 22 -	Acervo CEPAE - Área da Gibiteca.....	120
Figura 23 -	Gráfico Sobre o Tipo de Gibiteca Analisada.....	125
Figura 24 -	Público / Usuário das Gibitecas Analisadas.....	126
Figura 25 -	Destinação do Acervo das Gibitecas Analisadas.....	127
Figura 26 -	Relação dos Professores enquanto Usuários nas Gibitecas Analisadas.....	129
Figura 27-	Capa (cartilha).....	142
Figura 28 -	Contracapa (cartilha).....	143

Figura 29 -	Prefácio (cartilha)	144
Figura 30 -	Introdução - 1º página (cartilha)	144
Figura 31 -	Introdução - 2º página (cartilha)	145
Figura 32 -	Sumário (cartilha)	146
Figura 33 -	Heróis, Vilões e Painéis - 1º página (cartilha)	146
Figura 34 -	Heróis, Vilões e Painéis - 2º página (cartilha)	147
Figura 35 -	Heróis, Vilões e Painéis - 3º página (cartilha)	148
Figura 35 -	Você já ouviu falar em Gibiteca Escolar? - 1º página (cartilha)	148
Figura 37 -	Você já ouviu falar em Gibiteca Escolar? - 2º página (cartilha)	149
Figura 38 -	Você já ouviu falar em Gibiteca Escolar? - 3º página (cartilha)	149
Figura 39 -	Você já ouviu falar em Gibiteca Escolar? - 4º página (cartilha)	150
Figura 40 -	Iniciando o planejamento da Gibiteca Escolar: Primeiros passos (cartilha)	150
Figura 41 -	Identificando os guardiões da gibiteca escolar (cartilha)	151
Figura 42 -	Quem são os leitores / usuários? - 1º página (cartilha)	152
Figura 43 -	Quem são os leitores / usuários? - 2º página (cartilha)	152
Figura 44 -	Quem são os leitores / usuários? - 3º página (cartilha)	153
Figura 45 -	Quanto custa construir e manter uma gibiteca escolar? - 1º página (cartilha)	153
Figura 46 -	Quanto custa construir e manter uma gibiteca escolar? - 2º página (cartilha)	154
Figura 47 -	Quanto custa construir e manter uma gibiteca escolar? - 3º página (cartilha)	154
Figura 48 -	Projetando um espaço funcional para a gibiteca escolar. - 1º página (cartilha)	155
Figura 49 -	Projetando um espaço funcional para a gibiteca escolar. - 2º página (cartilha)	155
Figura 50 -	Projetando um espaço funcional para a gibiteca escolar. - 3º página (cartilha)	156
Figura 51 -	Uma jornada pela construção de um acervo em quadrinhos (cartilha)	157
Figura 52 -	Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 1º página (cartilha)	157
Figura 53 -	Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 2º página (cartilha)	158
Figura 54 -	Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 3º página (cartilha)	158
Figura 55 -	Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 4º página (cartilha)	159
Figura 56 -	Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 5º página (cartilha)	159
Figura 57 -	Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 6º página (cartilha)	160
Figura 58 -	Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 7º página (cartilha)	160

Figura 59 -	Algumas orientações para um processamento técnico eficiente em um acervo em quadrinhos (cartilha).....	161
Figura 60 -	Hora de registrar(cartilha).....	162
Figura 61 -	A saga da classificação - 1º página (cartilha).....	162
Figura 62 -	A saga da classificação - 2º página (cartilha).....	163
Figura 63 -	A saga da classificação - 3º página (cartilha).....	163
Figura 64 -	A saga da classificação - 4º página (cartilha).....	164
Figura 65 -	A saga da classificação - 5º página (cartilha).....	165
Figura 66 -	Catalogando (cartilha).....	165
Figura 67 -	Escolhendo um <i>software</i> de automação para a sua gibiteca - 1º página (cartilha)	166
Figura 68 -	Escolhendo um <i>software</i> de automação para a sua gibiteca - 2º página (cartilha)	166
Figura 69 -	Etiquetas... Etiquetando - 1º página (cartilha).....	167
Figura 70 -	Etiquetas... Etiquetando - 2º página (cartilha).....	167
Figura 71 -	Etiquetas... Etiquetando - 3º página (cartilha).....	168
Figura 72 -	Etiquetas... Etiquetando - 4º página (cartilha).....	168
Figura 73 -	Para quem vai trabalhar com os formatinhos - 1º página (cartilha).....	169
Figura 74 -	Para quem vai trabalhar com os formatinhos - 2º página (cartilha).....	169
Figura 75 -	Para quem vai trabalhar com os formatinhos - 3º página (cartilha).....	170
Figura 76 -	Propostas de programações e projetos para a gibiteca escolar - 1º página (cartilha).....	171
Figura 77 -	Propostas de programações e projetos para a gibiteca escolar - 2º página (cartilha).....	171
Figura 78 -	Algumas estratégias para incorporar adaptações em quadrinhos na sala de aula - 1º página (cartilha).....	172
Figura 79 -	Algumas estratégias para incorporar adaptações em quadrinhos na sala de aula - 2º página (cartilha).....	173
Figura 80 -	Algumas estratégias para incorporar adaptações em quadrinhos na sala de aula - 3º página (cartilha).....	173
Figura 81 -	Sob a lupa (cartilha).....	174
Figura 82 -	Dicas, dicas e mais dicas... 1º página (cartilha).....	175
Figura 83 -	Dicas, dicas e mais dicas... 2º página (cartilha).....	175
Figura 84 -	Hora de dizer tchau! (cartilha).....	176
Figura 85 -	Biografia (cartilha).....	177

Figura 86 -	Referências (cartilha).....	177
Figura 87 -	Página final (cartilha).....	178

LISTA DE TABELAS

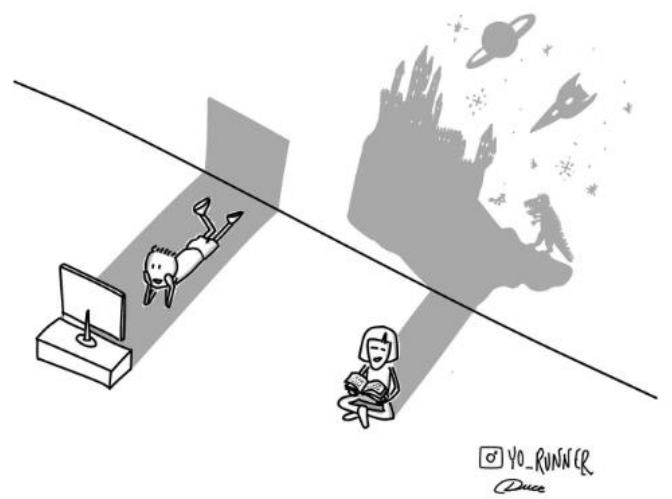
Tabela 01 - A Era dos Quadrinhos	38
Tabela 02 - Quantidade de Materiais Bibliográficos Seleccionados PNBE	64
Tabela 03 - Quantitativo de Obras Adquiridas do Gênero de Adaptações Literárias em Quadrinhos pelo PNBE	65
Tabela 04 - As Obras do Gênero de Adaptações Literária em Quadrinhos, por Título e Editoras Distribuídas pelo PNBE.....	66
Tabela 05 - Aplicação dos Quadrinhos em Relação aos Anos/Séries Escolares na Educação Básica	80
Tabela 06 - Critério para Classificação do tipo de Observação	95
Tabela 07 - Análise Durante a Etapa de Observação na Gibiteca Jorge Braga.....	116
Tabela 08 - Análise Da Etapa De Observação - Biblioteca do CEPAE/UFG.....	122
Tabela 09 - Análise dos Participantes durante a Pesquisa em Campo.....	136

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BRAPCI** - Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
- CEPAE** - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
- CDD** - Classificação Decimal de Dewey
- CDU** - Classificação Decimal Universal
- CMAA** - *Comic Magazine Association of America*
- CONSED** - Conselho Nacional de Secretários da Educação
- DF** - Distrito Federal
- EBAL** - Editora Brasil América
- EJA** - Educação Jovens e Adultos
- EUA** - Estados Unidos da América
- GO** - Goiás
- HQ / HQS** - História(s) em Quadrinho(s)
- IBICT** - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
- ISBN** - *International Standard Book Number*/ Padrão Internacional de Numeração de Livro
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- PCD** - Pessoa com Deficiência
- PR** - Paraná
- MG** - Minas Gerais
- PNBE** - Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)
- PCN** - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PROLER** - Programa Nacional de Incentivo à Leitura
- RPG** - *Role Playing Game*
- SP** - São Paulo
- TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UFG** - Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
OBJETIVOS	23
Objetivos Específicos	23
JUSTIFICATIVA	23
1 OS QUADRINHOS NA ESCOLA	27
1.1 Uma breve história das histórias em quadrinho	33
1.2 Os quadrinhos no ambiente escolar	47
1.3 A Inclusão dos Quadrinhos pelos Incentivos Governamentais	60
1.4 Adaptações Literárias em Quadrinhos	68
1.5 O Potencial Educativo dos Quadrinhos no Ambiente Escolar	77
1.6 As Gibitecas Escolares	83
2 METODOLOGIA	92
2.1 Classificação da Pesquisa	92
2.2 Contexto da Pesquisa	95
2.3 Identificação e Delimitação do Universo de Estudo	98
2.4 Instrumentos de Coleta de Dados	99
2.4.1 Revisão Bibliográfica	99
2.4.2 Estudo De Caso	100
2.4.3 Observação Participante	101
2.4.4 Aplicação de Questionários	106
2.5 Procedimentos para a Coleta de Dados	110
2.5.1 Coleta de Dados nas Gibitecas Observadas	111
2.5.1.1 Etapa de Observação na Gibiteca Jorge Braga	111
2.5.1.2 Etapa de Observação na Biblioteca CEPAE/UFG	118
2.5.2 Aplicação do Questionário	124
2.6 Procedimentos para a Análise de Dados	130
3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	136
4 PRODUTO EDUCACIONAL (CARTILHA)	141
5 CONCLUSÃO	170
REFERÊNCIAS	179
APÊNDICES	191
Apêndice A	191
Apêndice B	195
Apêndice C	197



INTRODUÇÃO

Os quadrinhos levam a gente para uma dança silenciosa do que é visto e não visto. O visível e o invisível. Esta dança é exclusiva dos quadrinhos. Nenhuma outra arte oferece tanto ao seu público e exige tanto dele. É por isso que acho um erro considerá-lo uma mistura de artes gráficas e ficção de prosa. Entre os quadros acontece uma magia que só o quadrinho consegue criar (McCloud, 1995).

As histórias em quadrinhos, como um produto midiático, estão presentes há várias décadas, fazendo parte da infância, da adolescência e também da fase adulta de milhares de leitores espalhados pelo mundo, entre os quais, vários desses sujeitos aprenderam a ler e desenvolveram o gosto pela leitura com essa mídia. Quem nunca se deparou com uma criança em uma banca de revista, ou na biblioteca, folheando um gibi da Turma da Mônica¹ (ou mesmo sendo aquela criança que folheava os gibis nas bancas de jornais)?!

Expandiram-se e tornaram-se bastante populares, fazendo parte, quase que de uma forma inerente, da cultura popular. Estão além das páginas, sendo encontrados em adaptações para o cinema, na TV, nos *streamings*, nas músicas, e podem estar nas escolas, sendo utilizados nas salas de aula, não apenas como um recurso para o lazer, mas como apoio pedagógico, incentivo e fomento à leitura. Essas narrativas, reconhecidas hoje como **nona arte**², vêm conquistando seu aceite como um material artístico, cultural e também informacional.

Os quadrinhos podem ser trabalhados em ambientes escolares, sendo que quando bem utilizados; e o responsável por sua aplicação tendo o conhecimento do material e de qual objetivo o mesmo deseja alcançar, essa mídia consegue obter resultados favoráveis nesses ambientes educacionais. Por exemplo, podem auxiliar em

¹ **Turma da Mônica**: Série de histórias em quadrinhos brasileira criada pelo desenhista e empresário Mauricio de Sousa (1935 -). Foi lançada em 1959, onde inicialmente era publicada em tirinhas de jornais, sendo que a partir dos anos 1960, ganhou a identidade atual como a conhecemos, com a criação dos personagens Mônica e Cebolinha.

² **Ricciotto Canudo** (1877-1923): Italiano, teórico e crítico de cinema, criou a classificação das artes até a 7ª, o cinema. Depois, aproveitando a sua classificação, outros autores a ampliaram até a 11ª arte - 1ª Arte, Música (som) - 2ª Arte, Dança/ Coreografia (movimento) - 3ª Arte, Pintura (cor) - 4ª Arte, Escultura (volume) - 5ª Arte, Teatro (representação) - 6ª Arte, Literatura (palavra) - 7ª Arte, Cinema - 8ª Arte, Fotografia (imagem) - 9ª Arte, Quadrinhos (cor, palavra, imagem) - 10ª Arte, Jogos de Computador e de Vídeo - 11ª Arte, Arte digital (íntegra artes gráficas computadorizadas 2D, 3D e programação). (LIMA, W. **A arte dos quadrinhos**. In: NETTO, R.; VERGUEIRO, W. (orgs.) Coleção Quadrinhos em Sala de Aula: estratégias, instrumentos e aplicações. Fortaleza, CE: Fundação Democrático Rocha, 2018 (Fascículo 4).

aulas como as de literatura, ou de português, para ensinar novas línguas, ilustrar temas mais complexos, estimular a leitura dos clássicos etc.

São inúmeros os estudos e pesquisas em torno dos quadrinhos que os validam como um objeto informacional, além de atestar os benefícios ofertados pelas HQs ao sujeito que lê esse tipo de obra, também para os profissionais da educação que deliberam a utilizar do material no ambiente escolar. Tais vantagens são bastante disseminadas atualmente, de tal maneira que hoje os quadrinhos fazem parte de algumas políticas públicas nacionais voltadas para a educação, como o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e o PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola).

Apesar dessa popularidade midiática vivida pelos quadrinhos e das diversas pesquisas nas variadas áreas do conhecimento, que atestam sobre tais benesses que as HQs podem promover, seja no seu leitor individual ou mesmo sendo utilizado em sala de aula, esse tipo de material ainda lida com desconfiança e hesitação de uma parcela no meio social e educacional, que por desconhecerem o material, rejeitam-no completamente, considerando uma leitura pobre, infantil e que não provoca nenhum crescimento no sujeito leitor.

É nítido que ainda existe uma barreira que ainda permeia as histórias em quadrinhos, pois mesmo sendo uma mídia funcional, sua utilização ainda é vista com receio. As gibitecas escolares podem funcionar como o primeiro contato, a porta de entrada desses materiais nas instituições de ensino. Fazendo com que educadores que desconhecem sobre a mídia, ou têm uma visão ainda limitada sobre a mesma, possam conhecê-la com mais notoriedade, aproximando assim as HQs com mais domínio e precisão para dentro das escolas.

As gibitecas, independentemente de sua natureza, podem ser escolares, públicas, comunitárias ou independentes, são definidas pela constituição do seu acervo especializado, em que se armazena, organiza e conserva histórias em quadrinhos. Mas esses setores podem (e devem) ser utilizados para além do acervo, pois é um espaço rico e atrativo, onde projetos culturais e artísticos podem ser trabalhados no ambiente. Melo, Bari e Santos (2021, p.02), caracterizam as gibitecas como “[...]coleções de publicações voltadas para essa mídia e linguagem e sua publicação, no todo ou em

parte[...]”, assim, incentivar a criação de gibitecas escolares pode ser uma forma de aproximar a escola, os educadores, bibliotecários e os alunos dos quadrinhos, despertando-os para a leitura desses materiais, além do uso em ambientes escolares, de maneira mais objetiva, prática.

É notório que os quadrinhos podem ser utilizados em âmbitos escolares, resultando positivamente quando bem usufruídos e podendo ser utilizado de inúmeras maneiras no contexto escolar. A criação de gibitecas nessas instituições poderia ser uma maneira de aproximação da escola e de educadores com as histórias em quadrinhos, além de fomentar a própria utilização dos quadrinhos nas escolas, logo a desmitificação da imagem a partir da qual alguns ainda enxergam o material como uma leitura pífia. Nesse viés, **o tema trabalhado pela pesquisa foi a existência das gibitecas escolares**, enfatizando principalmente a **gibiteca escolar com acervo especializado em adaptações literárias em quadrinhos**.

Fazer essa limitação em um gênero foi necessário por alguns motivos, como o próprio tempo de produção do projeto, visto que durante a produção do material, alguns detalhes fizeram com que fosse necessário focar em um gênero para uma melhor abordagem do assunto. Outra instigação da escolha foi por perceber que é um gênero de mais “fácil” assimilação para quem desconhece as histórias em quadrinhos, por, em sua maioria, serem histórias que já contam com receptividade prévia.

A partir do tema proposto para o trabalho, gibiteca escolar, o problema levantado para se trabalhar com a proposta foi: **Como é possível criar um produto que aborde a criação e implementação de gibitecas escolares, auxiliando educadores e demais interessados, de maneira acessível e compreensível, que atenda às necessidades essenciais desses acervos?** Visto que existe certa dificuldade em trabalhar com quadrinhos tanto na área pedagógica, quanto também dentro das bibliotecas, dificuldade essa que vai além da intolerância, oriunda também da própria incompreensão sobre o material.

Elaborou-se a proposta do produto final para este projeto, no acometimento de responder à questão levantada anteriormente. A elaboração de uma cartilha, divulgada no formato *e-book*, intitulada “Lugar de Quadrinhos também é na Escola: ideias e

propostas para uma gibiteca escolar” que tem como objetivo geral, auxiliar no desenvolvimento de gibitecas escolares. O produto em questão, após desenvolvido e diagramado, foi publicado para *download* aos interessados tanto no repositório da EduCapes, quanto publicado no site amazona, para um maior alcance.

A formulação desta cartilha não se limitou apenas no auxílio da criação e gestão de uma gibiteca escolar, mas que nesse material o público interessado consiga encontrar propostas práticas que vão desde a organização do acervo, formas de aquisição de uma gibiteca sem capital, até tipos de metodologias possíveis aplicadas com os quadrinhos, projetos culturais no ambiente entre outros assuntos. Tais recomendações têm como público-alvo instituições de ensino básica, mas principalmente professores e bibliotecários escolares.

Em relação aos objetivos específicos, foram fragmentados em: a) fomentar a criação de gibitecas escolares; b) Expor maneiras de organização, criação e manutenção de uma gibiteca escolar; c) Ilustrar formas de captação de materiais em quadrinhos para gibitecas com pouco capital; d) Apresentar o uso das HQs em ambientes escolares para além do uso da leitura recreativa; e) Explanar o potencial das histórias em quadrinhos no desenvolvimento do leitor e na sua utilização enquanto material pedagógico; f) Valorizar o gênero das adaptações literárias em quadrinhos, desmistificando- as como leitura inferior.

A motivação para a realização de tal pesquisa é a tentativa de auxiliar na própria formação de mais gibitecas em instituições de ensino, promovendo a curiosidade de educadores sobre o objeto, fomentando assim, a construção de mais gibitecas escolares, com mais quadrinhos sendo difundidos em ambientes escolares, e gerando uma sensação de que as histórias em quadrinhos são matérias pobres, ou leituras impróprias.

O método utilizado para a realização do estudo foi um levantamento bibliográfico, abordando as histórias em quadrinhos, a sua origem, a aplicabilidade em contexto escolar e como houveram incentivos governamentais para disseminar seu uso nas escolas brasileiras, seguido por um estudo de caso, onde após a pesquisa teórica, foi iniciado a análise em campo, primeiramente através da observação participante, a fim de acessar os ambientes como usuário e também como bibliotecária

pesquisadora, analisando a organização, estrutura e outros componentes pertinentes. Em um segundo momento foi aplicado um questionário junto a colaboradores de gibitecas brasileiras.

A dissertação foi construída por etapas, onde a parte inicial consiste na apresentação da revisão de literatura, sendo subdividida em várias temáticas que elucidaram assuntos pertinentes ao projeto e para a elaboração do produto (cartilha). Iniciou-se tratando sobre o conceito das histórias em quadrinhos, a construção dessa mídia formada por imagens e palavras, bem como sua relação junto à leitura e ao leitor. Subsequentemente, foi apresentada a história desses materiais, as principais fases, a censura e perseguição dos quadrinhos até a acessibilidade dos materiais disponíveis hoje.

Ainda no referencial teórico, foi discutido a inclusão dos gibis nos processos educativos, como essas mídias podem ser exploradas positivamente nas escolas e de que forma alguns incentivos governamentais, como o PCN e PBNE auxiliaram a aproximação dos quadrinhos com maior afinco nas escolas. Em decorrência ao assunto, abordou-se sobre o gênero das adaptações literárias e sua utilização nas escolas.

Por fim, foi tratado das gibitecas escolares, citando alguns setores existentes no país e de como esses ambientes podem e devem ser tratados como estímulos culturais, informacionais e de fomento à leitura, espaços promissores para a aproximação e da inclusão das histórias em quadrinhos nas escolas, e a utilização desses materiais nas práticas educacionais.

Já na metodologia, foram apresentadas as técnicas e os métodos utilizados para chegar à conclusão final do trabalho, a partir de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa de natureza básica. Para a pesquisa de campo foi utilizado inicialmente o método de observação participante em duas gibitecas da cidade de Goiânia, Goiás, onde pude observar com maior proximidade o ambiente e funcionamento das gibitecas, o seu acervo e sua maneira de organização.

Após essa primeira abordagem, foi aplicado um questionário em três gibitecas distintas, de diferentes estados brasileiros (Goiás, Minas Gerais, Paraná), onde um colaborador de cada setor pôde participar e responder o questionário de maneira

remota. O intuito do questionário não era conhecer os participantes de maneira pessoal, mas sim a gibiteca em que os mesmos estavam alocados, pelo trabalho.

Com os dados coletados e organizados, foi feita a análise e interpretação dos mesmos. Para isso utilizei a técnica de triangulação dos dados, o que permitiu realizar uma análise em conjunto dos elementos observados, me proporcionando uma compreensão aprofundada dos temas vistos, dos cenários e contribuindo para a elaboração da dissertação e também do produto final proposto, a cartilha publicada como *e-book*.

OBJETIVOS

O trabalho apresentado tem como objetivo geral a elaboração de uma cartilha em formato *e-book*, intitulada “**Lugar de Quadrinhos Também é na Escola: ideias e propostas para uma gibiteca escolar**”, que tem o propósito de auxiliar educadores e bibliotecários escolares (o público-alvo escolhido a priori) na elaboração e manutenção de gibitecas escolares, com o foco no acervo de **histórias em quadrinhos do gênero em adaptações literárias**.

Objetivos Específicos

- I. Fomentar a criação de gibitecas escolares;
- II. Expor maneiras de organização, criação, e manutenção de uma gibiteca escolar;
- III. Ilustrar formas de captação de materiais em quadrinhos para as gibitecas com pouco capital;
- IV. Apresentar o uso das HQs em ambientes escolares para além do uso da leitura recreativa;
- V. Explicar o potencial das histórias em quadrinhos no desenvolvimento do leitor e na sua utilização enquanto material pedagógico;
- VI. Valorizar o gênero das adaptações literárias em quadrinhos, desmistificando-as como leitura inferior.

JUSTIFICATIVA

Discutir sobre gibitecas escolares foi a oportunidade encontrada de abordar as histórias em quadrinhos como uma mídia informativa com possível integração nas instituições de ensino, colaborando positivamente com os professores e bibliotecários escolares e outros profissionais educacionais. Visto a riqueza com que as histórias em quadrinhos conseguem contemplar, o material ainda é subutilizado por alguns dos

profissionais, mesmo sendo rico em informação e arte, e continuam desconhecidos e rejeitados quando observados fora do nicho³ de apreciadores e leitores do mesmo.

Prodanov e Freitas (2013, p. 44) afirmam que uma pesquisa científica pode ser desencadeada “[...] por uma dificuldade, [...] por um fato para o qual não conseguimos explicações, pela consciência de que conhecemos mal alguma situação ou, ainda, pelo interesse em criarmos condições de prever a ocorrência de determinados fenômenos”. A proposta, então, levantada por esse trabalho veio pela observação da “carência” sobre a utilização dos quadrinhos em ambientes escolares, visto que, em grande parte das vezes, esse material é mal utilizado, limitando apenas a utilização da leitura recreativa dos alunos ou como um atrativo para o ato de ler. Além disso, esse mesmo preterimento pode ser observado em algumas bibliotecas, da qual o bibliotecário, não sabendo como lidar com o material, acaba deixando – por inércia – que aqueles quadrinhos se percam dentro do acervo comum, ou mesmo sejam deteriorados.

Essa inquietação da relação dos educadores com os quadrinhos veio da minha relação como espectadora, bibliotecária e leitora de histórias em quadrinhos. Tive dificuldade ao encontrar HQs na escola onde estudei durante todo o ensino médio (momento no qual comecei a me interessar por quadrinhos), e também encontrei barreiras para trabalhar com o material durante a graduação, por falta de professores que conseguissem compreender e entender o tema HQs — tendo um professor de curso “paralelo” ao meu que me acompanhou para que eu pudesse escrever sobre HQs no trabalho de conclusão de curso em Biblioteconomia, uma vez que o mesmo tinha estudos nessa área. Compreendi, então, durante esse breve percurso, que as histórias em quadrinhos ainda se mantêm um material para um nicho, mas que essa visão precisa ser mudada, abrindo espaço para um pensamento mais moderno e abrangente.

Sou leitora, apreciadora e colecionadora de histórias em quadrinhos há vários anos, consigo ler diversos títulos dos vários gêneros e subgêneros disponibilizados pela mídia, como histórias de super-heróis, suspense, adaptações literárias, mangás japoneses, sempre permitindo-me aproveitar a cada narrativa os detalhes de traços e suas peculiaridades. Para Vergueiro (2017), existem diversas motivações para que um pesquisador busque estudar os quadrinhos como objetivo do seu trabalho, dentre os

³ **Nicho:** O termo utilizado nesse caso foi para Nicho Social – Referindo-se a um grupo, parcela específica de um ambiente ou população.

perfis apresentados pelo autor, que avaliou os possíveis perfis dos pesquisadores que se engajam na produção de um projeto científico voltado a histórias em quadrinhos (e o universo que as mesmas englobam), ele cita: **o entusiasta; o praticante; o convertido e o visitante**. Dentre os vários tipos demonstrados pelo autor, é o rótulo de **entusiasta** que mais se enquadra comigo, idealizadora e executora desse projeto.

Vergueiro (2017), dentro dessa classificação, identificou o perfil **entusiasta** como o pesquisador que escolheu o objeto pelo próprio assunto, pela preferência pessoal e também pelo fascínio ao mesmo, sendo que na maioria dos casos, ele (o autor) não fica apenas na superfície como leitor, ele também possui o hábito da leitura (leitor frequente de HQs).

Assim o trabalho é motivado não apenas pela vivência da mesma em ambientes como gibitecas e bibliotecas, vendo a necessidade de divulgar e ampliar acervos voltados para os quadrinhos em ambientes escolares, como também é impulsionado pelo fascínio da autora com os quadrinhos. Vergueiro (2017) aponta que o ser entusiasta já se dedicava à leitura e coleção das histórias, alcançando uma nova faceta ao metamorfosear seu lazer em produção científica. O autor também enfatiza que aquele que inicia um projeto pelo entusiasmo, consegue agregar e acrescentar um maior valor à sua produção, unindo experiência e visão junto à pesquisa científica por, de alguma forma, já estarem “inseridos” ao grupo, e terem maior conhecimento prévio do assunto.

Por saber da existência de inúmeros trabalhos e pesquisas que já vêm discutindo as competências das histórias em quadrinhos, os benefícios e suas vantagens quanto a sua utilização em ambientes escolares e em sala de aula, minha intenção não se limitou em ficar apenas na discussão do objeto, mas em realizar um trabalho que abordasse os quadrinhos de uma forma objetiva e prática, trabalhando tanto com professores e também com bibliotecários escolares. Percebi, então, a oportunidade de realizar a cartilha para criação e manutenção de gibitecas como produto educacional, tendo o projeto de atingir o público que tem interesse em trabalhar com histórias em quadrinhos e também os que as desconhecem, além de ocasionalmente instigar a curiosidade do seu uso.

Acredito que a construção de gibitecas e gibitecas escolares pode fomentar práticas de utilização das HQs além do modo lúdico, já que o espaço por si consegue ir além do momento de descontração, favorece práticas de leitura dos alunos ao mesmo tempo em que dá instrumentos didático-pedagógicos para os professores utilizarem em sua aula (Melo; Bari; Santos, 2021). É um local rico, criativo, de lazer e aprendizado que pode ser construído de forma barata — ambiente do qual pode ser bastante aproveitado em instituições de ensino com pouco recursos monetários, podendo ser desenvolvido um acervo apenas com doações e reutilização de ambientes, como o próprio espaço da biblioteca.

Nessa perspectiva, a proposta do produto vem para auxiliar e fomentar essa “carência” quanto aos quadrinhos como produto cultural, artístico e educacional. Ilustrando como uma gibiteca escolar pode ser desenvolvida com pouco espaço e ser utilizada durante as aulas rotineiras. Senti falta de um período que introduz o próximo capítulo.

1 OS QUADRINHOS NA ESCOLA

O quadrinista e pesquisador de histórias em quadrinhos Will Eisner⁴ foi um dos pioneiros a estudar o objeto em questão e a defini-lo como **arte sequencial**, visto que as mesmas se utilizam de quadros em uma determinada sequência para contar a narrativa / história, similar aos *frames*⁵ utilizados no cinema (Eisner, 1999, p.05), já que durante a sessão de um filme, o telespectador não está assistindo a uma imagem em movimento, mas sequências de imagens em determinada velocidade. Em vista disso, Eisner (1999) considera o cinema um precursor dos quadrinhos.

Mesmo com essa definição inicial de Eisner, tal descrição não foi vista como suficiente, algo que envolvesse o material de forma completa. Para Luiz e Castro (2020), é complexo realizar essa definição sobre os quadrinhos, conseguindo abrangê-la de forma mais completa, sem confundi-la com outras mídias, e isso acontece, principalmente através do tipo de linguagem utilizada pelas HQs, que é mista ou híbrida. Para os autores, citando Cirne⁶ (2000, p.23), as narrativas em quadrinhos são como um tipo de “narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, dos quais agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”, da qual, ainda prestando de complemento para tal afirmação, Groensteen (2015, p.34), descreve que as HQs são formadas por um combinado de expressões e códigos.

Entretanto, foi o quadrinista Scott McCloud (1995, p.09), o autor quem, na minha opinião, melhor alcançou uma definição aos quadrinhos que a contemplasse, de tal maneira, que é uma das mais replicadas e referenciadas em publicações sobre a temática. Para o autor, as HQs são definidas como “**imagens pictóricas e outras justapostas, em sequência deliberada das quais destinadas a transmitir informação e/ou produzir uma resposta no espectador**” (grifo do autor).

⁴ **Will Eisner** (1917-2005) foi considerado um dos mais renomados quadrinistas americanos (e também estudioso da área), influenciando uma geração de quadrinistas. Criador de personagens de sucesso como *Spirit* e autor de diversas outras *graphic novels*.

⁵ **Frames:** *Frame Rate* ou “Taxa de Quadros por Segundo”, ou “Cadência”, é um dos elementos utilizados no cinema, sendo a partir dele a captura da imagem nos filmes. Também sendo conhecida como fotogramas por segundo ou *frames per second* (FPS), uma frequência capaz de captar ou reproduzir uma série de imagens consecutivas, conhecidas como frames.

⁶ CIRNE, M. **Quadrinhos, Sedução e Paixão**. 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

As HQs são um tipo de mídia extremamente popular, considerada por alguns autores como uma forma de arte independente, cuja definição se deu a partir da linguagem utilizada pelo material, já que as HQs são formadas a partir da mistura de linguagem — sua estrutura é feita da interlocução de dois códigos, as **palavras** em conjunto com os **desenhos**; o **visual** e o **verbal**. A utilização desses códigos (os tipos de linguagens utilizadas), em conjunto nessas narrativas, torna o produto um material artístico único, diferente de qualquer outro material literário, além de agregar e potencializar o valor intelectual e informacional ao mesmo.

- **Visual:** São os desenhos, as imagens, gravuras, ilustrações etc. Uma forma de narrativa implícita, expressa pelo que não foi verbalizado, ou como Goes, Ribeiro e Hoffmann (2013, p.75) definem, essa seria “[...] toda linguagem que não se utiliza da palavra, mas sim de simbologias”, se contemplam as imagens, figuras e/ou desenhos que constituem a narrativa de um quadrinho, sendo a parte mais contemplativa do material, pois é na linguagem não-verbal que o leitor será “aguçado” durante a leitura a interpretar, deduzir da história.
- **Verbal:** Palavras, a linguagem escrita. A linguagem verbal utilizada nas narrativas em quadrinhos vai além das palavras e frases elaboradas em balões de falas, elas também estão presentes em todas as demonstrações de ambientação da cena, com as onomatopeias. Nessa perspectiva, Luiz e Castro (2020, p.151) explicam que os quadrinhos são “[...] um gênero pictórico-verbal, no qual a união do texto e imagem é fundamental para a sua compreensão enquanto obra artística”, no qual a imagem e texto apresentados no material são elementos que devem ser introjetados durante a leitura simultaneamente, para dar sentido à obra.

[...] as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: **o visual e o verbal**. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em plenitude. Alguns elementos da mensagem são baseados exclusivamente pelo texto, outros têm na linguagem pictórica a sua fonte de transmissão. A grande maioria das mensagens dos quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos. Assim, a análise separada de cada um deles obedece a uma necessidade puramente didática, pois, dentro do ambiente das HQs, eles não podem ser pensados separadamente (Vergueiro, 2008b, p.31, **grifo da autora**).

Nessa percepção, diferentemente de um livro literário, em que há imagens no material, as quais caso sejam retiradas não afetarão em nada a narrativa da história, nas histórias em quadrinhos o visual e o verbal (as palavras e as imagens) devem ser lidos simultaneamente, juntas, e não de maneira distintas, para que “[...] a mensagem seja entendida em plenitude” (Vergueiro, 2008a, p.31), pois cada um desses códigos têm a função de fortalecer e completar o outro. Esse é um dos diferenciais das HQs, além da linguagem híbrida, é a leitura simultânea dos códigos, palavras e imagens. Dessa maneira, Goes, Ribeiro e Hoffmann (2013, p.75) explicam que “[...] os signos linguísticos e visuais expressos nas histórias em quadrinhos unem-se e complementam-se, não podem existir individualmente, formam um único texto, um único signo e dialeticamente fundem-se tomando o mesmo valor”.

Mesmo com essa “fórmula básica dos quadrinhos”, a junção do verbal e do visual, é possível encontrarmos histórias sem nenhuma fala de personagens, *Graphic Novels*⁷ inteiras sem que nenhum personagem se comunique através de balões de fala em toda a narrativa, sendo o uso das palavras, nesses casos, aparecem como suportes das próprias imagens, as onomatopeias. Nesse caso, para Eisner (1999), esse tipo de narrativa em alguns casos exige mais do leitor do que narrativas com falas de personagens.

⁷ *Graphic Novels*: (Ing.), Conhecidas como **romances gráficos** (tradução livre), são um “gênero” das histórias em quadrinhos publicadas em formato de livro (diagramação mais apurada), com narrativas completas (arco de histórias completas, da qual, possuem começo, meio e fim) com temáticas mais diversas.

Figura 01: Pinóquio



Fonte: Infoanimation⁸, 2012.

Porém não é apenas das imagens e das palavras que se constroem uma história em quadrinhos, existem outros elementos que fazem parte da sua diagramação e que possuem sua importância na construção final do objeto, como:

- **Sarjeta:** McCloud (1995) explica que esse elemento, a sarjeta, é um dos grandes responsáveis pela “magia” durante a leitura dos quadrinhos, ela seria o espaço entre os quadros, o limbo existente entre um quadro e outro, a ponte através da qual o leitor criaria e daria a continuidade na história, transformando em uma ideia única. Para o autor, “os quadros das histórias fragmentam o tempo e o espaço, oferecendo um ritmo recortado e momentos dissociados, mas a conclusão nos permite conectar esses momentos e concluir mentalmente uma realidade contínua e unificada” (McCloud, 1995, p.67). Lovetro (2016), afirma que a parte mais importante dos quadrinhos é a parte “vazia” entre um quadro e outro, e que seria nesse espaço onde o cérebro do leitor trabalha a narrativa lida, movimentando-a.

⁸ Disponível em: <http://www.infoanimation.com.br/2012/08/quadrinhos-adaptacao-premiada-de.html>, Acesso em 28 de nov., de 2022.

Figura 02: A Sarjeta



Fonte: McCloud, 1995.

- **Balão:** É a partir dele que é feita a representação das falas e pensamentos dos personagens. Para Bibe-Luyten (1987, p.12) seria a “marca registrada” das HQs. Também é importante atentar que existem diversos tipos de balões em uma HQ, o balão da fala, do pensamento, do grito etc., todos para dar um maior desenvolvimento na narrativa e para que o leitor tenha compreensão visual do que está acontecendo naquele quadro.
- **Onomatopeias:** As “palavras que procuram reproduzir ruídos e sons, completam a linguagem dos quadrinhos e lhes dão efeitos de grande beleza sonora” (Bibe-Luyten, 1987, p.13). Nas histórias em quadrinhos, as onomatopeias não são simples representações sonoras, elas estão se “transformando graficamente naquilo que descrevem” (Xavier, 2017, p.14).

O sucesso das histórias em quadrinhos pode ser observado globalmente, “um dos mais difundidos e populares meios de fabulação visual do planeta” (Patati; Braga⁹, 2006, p.09 apud Xavier, 2017, p.03). Narrativas as quais não se limitam a um público e nem a apenas uma faixa etária. Os quadrinhos conseguem abordar as mais diversas temáticas e narrativas, com histórias que atendem desde o público infantil até o adulto. São inúmeros os gêneros e subgêneros pertencentes ao grupo maior que são as histórias em quadrinhos. McCloud (1995) exemplificou essa ramificação dos quadrinhos comparando-a a uma grande jarra de suco, onde existiria sabores de sucos para cada

⁹ PATATI, C.; BRAGA, F. **Almanaque dos Quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

indivíduo, e esse sabor seria o gênero de preferência daquele leitor pela leitura, sendo exemplos: as tirinhas, os quadrinhos infantis, o gênero de terror, super-heróis, eróticos, os bíblicos, as adaptações literárias, de humor etc. Essa imensa possibilidade que as histórias em quadrinhos dão aos seus leitores, consegue “amparar” todos os gostos e idades.

Santos (2020, p.09) comenta que:

Para os adultos, há uma infinidade de histórias em quadrinhos. Desde as [...] tiras de jornal intimistas como as *Graphic novels* do norte-americano Will Eisner; a triste história de homens que vão morrer na guerra, de *Marcha para a morte*, do japonês Shigeru Mizuki; as também tristes histórias dos negros nos quilombos, como as retratadas pelo brasileiro Marcelo D'Saete; e as histórias autobiográficas, como *Persépolis*, escrita na França pela iraniana Marjorie Satrapi, ou *Pílulas azuis*, de Fredrik Peter. Enfim, há uma infinidade de títulos, de histórias e de caminhos para serem trilhados pelos leitores em quadrinhos. Basta, para isso, conhecer mais, se informar e, enfim.

As HQs se fazem presentes na cultura popular e estão no social de diversos indivíduos (de todas as idades). Porém, autores como Bibe-Luyten (1987) e Vergueiro (2005; 2008a; 2008b; 2017) relatam que esse objeto ainda enfrenta certas dificuldades em comprovar a sua legitimidade enquanto **material informacional**. Vergueiro (2005), por exemplo, destaca que alguns pais chegam a proibir o acesso a esse tipo de material como forma de punição, ou por temerem que ele possa desviar a atenção dos filhos da escola.

De acordo com Dumont e Pinheiro (2015), a leitura fomenta sujeitos críticos, independentemente do tipo de texto, seja ele científico ou uma história em quadrinhos. Para as autoras, o ato de ler é uma ferramenta essencial para adquirir conhecimento, informações e respostas, logo, o tipo de material não deve ser julgado. As autoras explicam que o objetivo fundamental da leitura é o processo de desenvolvimento do leitor crítico, fato que pode ocorrer com um documento científico ou uma história em quadrinhos.

Nesse contexto, o ato de ler um quadrinho não deve ser visto como um vilão, esse objeto não tem o poder de atrasar o desenvolvimento intelectual do seu leitor, o ato de ler um gibi é uma ação “[...] mágica tão ou mais grandiosa que a do personagem

Billy Batson¹⁰, que ao gritar “*Shazam*” adquire superpoderes. Afinal, ela oferece a quem se debruça sobre suas páginas o poder das palavras e a capacidade de viajar pela imaginação (CFB; CRB, 2022, p.08).

Felizmente, desde a década de 60, há um interesse maior nas HQs junto a pesquisas acadêmicas, demonstrando o seu potencial junto ao sujeito leitor, o qual garante um certo otimismo em relação às HQs e o meio social, logo, nos ambientes escolares. Vergueiro (2005) conta que, atualmente, os quadrinhos são vistos de maneira bem mais positiva, tendo aceitação de vários ambientes educacionais, despertando a curiosidade de diversos professores em relação à sua utilização na sala de aula, nas mais diversas disciplinas e níveis escolares e na aquisição dessas mídias nos acervos das bibliotecas escolares.

1.1 Uma Breve História das Histórias em Quadrinhos

O surgimento das histórias em quadrinhos está entrelaçado com a história do indivíduo na sociedade, o ser social, isso porque, desde os primórdios, antes mesmo do surgimento da fala e da escrita, o sujeito usava dos desenhos para se comunicar, transmitir informação ou contar algo. Vergueiro (2005, [s/p.]) exemplifica esse momento dizendo que “os nossos ancestrais, por meio de desenhos canhestros, contavam graficamente, nas paredes das cavernas em que habitavam, as peripécias de suas caçadas ou refletiam sobre o seu cotidiano”.

Para Bibe-Luyten (1987), Vergueiro (2005; 2008a), Xavier (2017), entre outros, a origem das histórias em quadrinhos acontece antes mesmo do surgimento da fala e da escrita, não como um produto midiático, mas como um elemento artístico, imagens em quadros que transmitiam uma informação, mais precisamente durante o Período Paleolítico¹¹. A forma de comunicação dos chamados “homens das cavernas” demonstravam seu cotidiano, suas caçadas, rituais religiosos, em desenhos

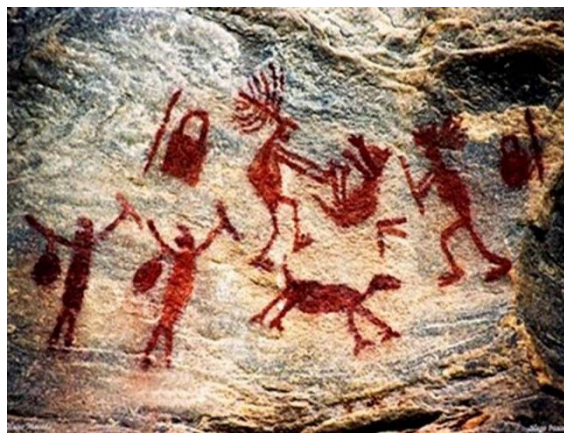
¹⁰ **Billy Batson:** Shazam é um super-herói dos quadrinhos, pertencente do selo D.C Comics, do qual seu alter ego é uma criança chamada **Billy Batson** que se transforma no herói gritando “*Shazam!*”

¹¹ **Período Paleolítico** - Idade da Pedra Lascada, 10.000 a.C. ou há 12 mil anos.

“organizadas lado a lado em sequência deliberada” (Brandão, 2017, p.40) , feitos nas paredes de cavernas.

Deste modo, ao analisar a história da humanidade, fica clara a existência do vínculo entre o sujeito e os desenhos, “a imagem sempre fascinou o homem” (Xavier, 2017, p.01). No meu ponto de vista, os desenhos e imagens não deixam de ser uma forma de comunicação, carregadas de tradições e cultura, a partir da qual a humanidade se comunica através da linguagem dos quadrinhos desde a pré-história.

Figura 03: Pintura Rupestre durante o Período Paleolítico Superior



Fonte: Jornal da UFG¹², 2018.

Todavia, as HQs como um produto midiático, popular, similar ao que consumimos nos dias atuais, não se tem o conhecimento exato do seu surgimento. O que se sabe é que as primeiras histórias nesse formato foram lançadas nos Estados Unidos¹³ e Europa, posteriormente expandindo-se para outros países — mas ainda gera um impasse da localidade exata (Vergueiro, 2005).

Os quadrinhos marcam, sem dúvida, os acontecimentos do século XX, desta civilização, da qual você é protagonista. Para chegar à forma atual, as HQ acompanharam toda espécie de evolução e um incrível entrelaçamento de influências da fotografia e do cinema. Usaram também inovações tecnológicas para a reprodução das imagens (Bibe-Luyten, 1987, p. 08-09).

¹² **Jornal Ufg.** Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/111319-quadrinhos-visionarios-uma-viagem-ao-inconsciente>, acesso em 03 de dez., 2022.

¹³ Os Estados Unidos da América, ainda hoje, estão entre os maiores produtores e consumidores de histórias em quadrinhos do mundo.

Mas foi em virtude da invenção da prensa, da evolução da indústria tipográfica, em 1476 (no século XV), que ocorreu o impulsionamento as HQs como uma mídia popular, como as que consumimos atualmente (McCloud, 1995; Vergueiro, 2005; 2008a). Isso ocorreu a partir das máquinas de impressão criadas por Gutemberg (1396-1468), onde vários materiais bibliográficos começaram a ser impressos em escala industrial, facilitando assim a publicação e a disseminação desses itens literários para a população, como livros e jornais. Antes da invenção de Gutemberg e da popularização da imprensa, a leitura era regalada exclusivamente à classe mais elitista da sociedade, por ser oriunda de materiais mais caros e de difícil acesso, não chegava ao povo, ao proletariado.

O surgimento da imprensa de Gutemberg foi um grande atenuante para as HQs (e todos os materiais bibliográficos) que consumimos atualmente. Vergueiro (2008a, p.11) explica que a sua invenção possibilitou o surgimento de grandes cadeias jornalísticas, condições necessárias para trabalhar com imagens de maneira mais fácil e barata, proporcionando as condições necessárias para o surgimento dos quadrinhos como um material midiático.

Inicialmente, os quadrinhos eram publicados apenas no gênero das tirinhas¹⁴. Vergueiro (2008b) explica que as mesmas eram divulgadas nos jornais, como tirinhas diárias, também conta que essas histórias costumam seguir um padrão em seu formato. Essa história, continha conteúdo humorístico, envolvendo travessuras infantis ou animais (Jarcem, 2007; Simões; Nolasco, 2015) da qual gerou uma das definições dadas aos quadrinhos, utilizadas até hoje, como *Comics*¹⁵.

Até hoje, grande parte das tiras diárias costuma utilizar-se desse estilo de apresentação, com poucas variações, principalmente devido às limitações de espaço nos jornais. Com o desenvolvimento do gênero, visando obter mais dinâmica nas narrativas, as vinhetas passaram a ganhar os mais diferentes formatos. As páginas dominicais, por exemplo, rapidamente começaram a diversificar os formatos utilizados, criando verdadeiros mosaicos em quadrinhos, que até hoje deslumbram os leitores (Vergueiro, 2008b, p.36).

¹⁴ **Tirinha - Tira de Quadrinhos:** (*comic strips*), refere-se a uma apresentação possível de banda desenhada, podendo ser caracterizada por uma série que são publicadas de maneira regular em jornais, revistas e em páginas da Internet, os *webcomics*. Sua estrutura se dá com enunciados curtos, predominantemente abordando temáticas com humor.

¹⁵ **Comics:** (Ing.) Cômico, engraçado.

tornando-os então a ‘galinha dos ovos de ouro’¹⁷, dessas editoras, já que vários de seus consumidores optavam por comprar os cadernos diários, apenas para ler as tirinhas.

No Brasil, os quadrinhos surgiram a partir do século XIX, com a história criada pelo cartunista Angelo Agostini (1843-1910), chamada Tico-Tico em 1869. Santos (2020, p.08) conta que inicialmente as histórias publicadas no Tico-Tico não eram focadas para o público infantil, abordando temas adultos e políticos. Foi só a partir do ano de 1905, com a popularização da revista, que a mesma se tornou inteiramente infantil, vindo a ser um sucesso em todo o país. Santos (2020, p.08) conta que a revista O Tico-Tico esteve no auge até a década de 50, logo depois Maurício de Sousa lançava a Mônica e sua turma, publicação que consolidou os quadrinhos como objeto de consumo infantil das crianças brasileiras.

Figura 05: Tico-Tico



Fonte: Researchgate¹⁸, [s/d.].

A história das histórias em quadrinhos é dividida em períodos, segue abaixo, quadro com uma forma alternativa de separação das principais eras dos quadrinhos, com datas e as suas respectivas características:

¹⁷ **Galinha dos Ovos de Ouro:** Fábula sobre um fazendeiro que é surpreendido com uma das suas galinhas que coloca ovos de ouro. Acreditando que poderia haver um tesouro dentro da galinha, mata a ave para abri-la e pegar tal tesouro, descobrindo que dentro da mesma era igual a qualquer outra galinha.

¹⁸ **O Tico-Tico.** Rio de Janeiro, 11/10/1905, n. 1. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-O-Tico-Tico-Rio-de-Janeiro-11-10-1905-n-1-O-cabecalho-da-revista-assinado_fig2_291359454, acesso em 28 de Dez., 2022.

Tabela 01: A Era dos Quadrinhos

PERÍODO	ERA DOS QUADRINHOS	CATALISADOR
Pré –1930	Era Vitoriana	Era pré-revistas em quadrinhos
1946-1955	Era Atômica	Horror; Suspense (Histórias mais fantasiosas)
1956-1970	Era de Prata	Retorno dos Super-Heróis – <i>Comics Code Authority</i> ; Flash – Barry Allen e Lanterna Verde – Hall Jordan
1970-1985	Era de Bronze	Temas Polêmicos
1986-1994	Era de Ferro	Tentativa da releitura da Era de Prata; heróis anabolizados.
1994 - Até a atualidade	Era pós-moderna	Marvel <i>Ultimate</i> ; <i>Graphic Novels</i>

Fonte: Marangoni; Andreotti; Zanolini, 2017.

Na visão mais tradicional, os quadrinhos se iniciam durante a chamada **Era de Ouro**, que ocorreu aproximadamente entre os anos de 1931 a 1950. Para Jarcem (2007), pode ser considerada ainda antes, em 1929, durante o período da Quebra da Bolsa de Valores¹⁹ ocorrida nos EUA. Durante esse período, contempla principalmente o surgimento dos super-heróis, com poderes sobre-humanos, tendo personagens como o Superman, Namor e o Tocha Humana. Também foi durante essa época que ocorreu a expansão das HQs com narrativas mais surrealistas, contemplando histórias de suspense — a tabela acima não contempla essa informação, **pois alguns autores preferem dividir a primeira fase das HQs como Eras Vitoriana e Atômica.**

Já durante a década de 40, momento no qual ocorreu a **Segunda Guerra Mundial**²⁰, as histórias em quadrinhos se tornaram um escape para a realidade catastrófica daquele momento para vários leitores. Uma espécie de refúgio para aqueles que ficaram, e também para soldados que foram a campo. Uma alternativa de desvincular-se momentaneamente da realidade sofrida, além de vários desses heróis se tornarem grandes símbolos patriotas estadunidenses durante o período de guerra, e servirem como um tipo de *marketing* para acarretar novos alistamentos.

Um exemplo que merece destaque, utilizado durante a guerra, foi a história do Capitão América, criado por Jack Kirby (1917-1994) e Joe Simon (1913-2011), da qual o personagem em si foi desenvolvido com o intuito para se tornar um ícone

¹⁹ A **quebra da Bolsa** ocorreu entre os anos de 1929 a 1933 — Considerado como o maior período de crise econômica mundial, atingindo principalmente o norte da América, seguida da Europa e os países da África, Ásia e América Latina.

²⁰ A **Segunda Grande Guerra ou Segunda Guerra Mundial** ocorreu oficialmente entre 1º de setembro de 1939 até 2 de setembro de 1945.

daquele momento (Simões; Nolasco, 2015), sendo “o maior ícone do período da guerra” (Jarcem, 2007, p. 5). Sua primeira aparição é uma das capas mais emblemáticas dos quadrinhos até hoje, onde o herói aparece em uma luta contra Adolf Hitler.

Figura 06: Capitão América nº 1, Marvel Comics



Fonte: Metr p les²¹, 2020.

Vergueiro (2008a) conta que durante esse período ocorreu um aumento considerável nas vendas de quadrinhos, sucessivamente houve um “boom” de mais publicações de histórias com narrativas de super-heróis, das quais homenagearam e incentivaram as tropas estadunidenses, “vários personagens se alistaram e foram para a II Guerra Mundial, e os quadrinhos se tornaram armas ideológicas para elevar a moral dos soldados e do povo” (Jarcem, 2007 p.05).

Na década de 1940, com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, proliferaram os heróis de quadrinhos com super poderes que, mesmo na ficção, também se engajaram nos combates. Jack Kirby e Joe Simon criaram o “Capitão América” e William Moulton Marston e H. G. Peter a “Mulher Maravilha”, símbolos do poder americano. (Xavier, 2017, p.05).

²¹ Metr p les. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/quadrinhos/como-os-hqs-e-quadrinhos-dao-voz-aos-movimentos-sociais-e-minorias>>. Acesso em: 17 de jul., de 2022.

Com o fim da Segunda Grande Guerra, as editoras viram a oportunidade de diversificar os gêneros de heróis e começaram a publicar quadrinhos com temáticas de terror e suspense, com representações cada vez mais realistas, atraindo principalmente o público mais jovem. Porém, concomitantemente, em virtude do fato de que nesse mesmo momento ocorria a Guerra Fria²², o meio se tornou receoso, gerando bastante desconfiança com qualquer tipo de publicação midiática, atingindo também os quadrinhos (Vergueiro, 2008a). O período entre o pós-guerra e o início da Guerra Fria é visto por alguns estudiosos como um dos piores períodos para os quadrinhos. Jarzem (2007, p. 5) conta que nesse momento “[...] os quadrinhos foram alvo da maior caça às bruxas que já aconteceu por este meio de comunicação de massa”, e que este pode ser o grande causador das críticas que os quadrinhos recebem ainda hoje.

Foi durante a década de 50, que o psiquiatra **Fredric Wertheimer** (1895-1981), encabeçou campanhas contra as histórias em quadrinhos, onde o médico alertava sobre os possíveis malefícios para quem lia quadrinhos, palestrando, publicando artigos em revistas e jornais, e participando de programas de rádio e TVs com tais argumentos. Vergueiro (2008a) conta que o psiquiatra assegurava que o material podia influenciar jovens a delinquência juvenil, ao comunismo e até ao homossexualismo. Isso culminou na publicação do livro *Sedução do inocente* (*Seduction of the Innocent*), no qual continha pesquisas realizadas pelo próprio psiquiatra, e algumas das suas observações sobre os quadrinhos. “O livro defendia [...] que a leitura das histórias do Batman poderia levar os leitores ao homossexualismo²³, [...] ou que o contato prolongado com as histórias do *Superman* poderia levar uma criança a se atirar pela janela de seu apartamento, buscando imitar o herói” (Vergueiro, 2008a, p.13).

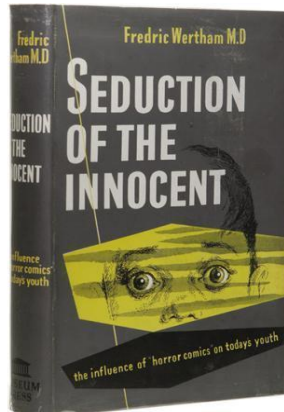
Após a publicação do livro, Wertheimer ganhou bastante notoriedade, e pelo fato de o livro ter sido um grande sucesso de público e vendas, conseguiu influenciar grupos de relevância social, que seguiram o exemplo do psiquiatra e começaram a

²² **Guerra Fria:** Ocorreu durante 1947 a 1991, um conflito político-ideológico entre os Estados Unidos (EUA), que estava alinhado ao capitalismo, e a União Soviética (URSS), que se alinhava ao socialismo.

²³ **Homossexualismo** não é mais um termo correto a ser usado, pois o mesmo carrega um teor pejorativo já que o sufixo ismo está ligado à enfermidade. O correto é a alcunha de **homossexualidade**, pois o sufixo dade correlaciona-se com comportamento. Para esse trabalho, deixei o termo usado inicialmente no livro de Wertheimer, homossexualismo, para demonstrar os pré-conceitos carregados na análise feita pelo psiquiatra em seu “estudo”.

também protestar, como: pais, professores, grupos religiosos e até alguns órgãos da política. Porém, tais pesquisas apresentadas por **Wertheimer** não tinham fundamentos científicos nem eram confiáveis.

Figura 07: Livro Sedução do Inocente (*Seduction of the Innocent*, 1954)



Fonte: Universo HQ²⁴, 2008.

Esse momento pós-guerra que os EUA passavam foi conhecido como Macarthismo. Nele havia um medo (e paranoia) em relação ao comunismo (movimento anticomunista). Isso devido a vasta censura e repressão política, que eram encabeçadas principalmente pelo **Senador Joseph McCarty** (1908 - 1957). A televisão, o cinema, a literatura e também as histórias em quadrinhos passaram por forte perseguição política nesse período.

O início do macarthismo, [...] se dá ainda em 1948, quando Whittaker Chambers, ex-editor da revista Time, uma das mais prestigiadas nos Estados Unidos, declara que havia uma célula comunista agindo dentro de altos escalões governamentais. Ainda que estas declarações tenham se mostrado infundadas, a possibilidade de existência de comunistas agindo nos EUA muniu o senador Joseph McCarthy de credibilidade para deflagrar uma perseguição aos supostos traidores da sua pátria. Para os intelectuais que apoiavam o Senador, o macarthismo era uma das grandes armas norte-americanas para a contenção da ameaça comunista que pairava sobre a nação (Bianchi²⁵, 2015 apud Santos, 2019, p. 293).

²⁴ **Universo HQ.** <Disponível em: <https://universohq.com/reviews/seduction-innocent/>> Acesso em: 17 de jul., de 2022.

²⁵ BIANCHI, A. B. Jr. Kirk e o renascimento do conservadorismo nos Estados Unidos. *In: Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

Tais perseguições que os quadrinhos passaram nesse momento forçaram as editoras a adotarem um **Código de Ética**, para que assim pudessem continuar publicando as histórias sem serem canceladas por completo — foi chamado de **Comics Code**, entrando em vigor no dia 26 de outubro de 1954. Simões e Nolasco (2015, p. 68) explicam que esse código, uma vez criado, serviria para fiscalizar e impedir que determinadas publicações consideradas nocivas para o leitor chegassem às bancas. Então, a partir desse momento, antes que um material fosse publicado, eles passariam por uma análise pela CMAA (*Comic Magazine Association of America*), que ficava encarregada em analisar e liberar, ou não, o selo de permissão para que esses materiais em quadrinhos pudessem ser publicados. Assim “[...] cada *Comic Book* ²⁶publicado nos Estados Unidos passou a receber um selo, fixado de forma bem visível na capa, como forma de garantir à sociedade a ‘qualidade’ interna.” (Vergueiro, 2008a, p.13).

Figura 08: *Comics Code*



Fonte: CDLDF²⁷, [s/d.].

As revistas em quadrinhos passaram a ser enxergadas como o grande mal da terra, e com o lançamento do livro a **Sedução dos inocentes** e com a publicação do código de ética, as histórias que eram lançadas a partir desse momento tinham narrativas pobres, com textos simplórios, além de toda a visão deturpada que havia se construído em cima dessas histórias. Para Vergueiro (2008a), esse período afetou o conteúdo dos quadrinhos, tanto em relação à visão da sociedade em torno da mídia quanto ao material em si. A própria fiscalização e a censura em relação a criação empobreceram o conteúdo dos materiais, prejudicando qualquer discussão que poderia

²⁶ *Comic Book* (Ing.): Livro em quadrinhos, história em quadrinhos.

²⁷ CDLDF. *Comics Code History the Seal of Approval*: Disponível em: <https://cblfd.org/comics-code-history-the-seal-of-approval/>, acesso em: 17 de fev., de 2023.

vir a ter, do objeto de cunho intelectual. “As raras tentativas da academia de dar algum estatuto de arte aos quadrinhos logo seriam encaradas como absurdas e disparatadas” (Vergueiro, 2008b, p.13).

As manifestações contra os quadrinhos, juntamente com essa importação de conceitos moralistas, chegaram também em solo brasileiro, onde pôde ser notado nos ambientes escolares. Bibe-Luyten (1897, p.37) conta que vários pais e professores proibiram crianças de adquirir e ler histórias em quadrinhos por acreditarem que o material afetaria, de forma indevida, a formação dos jovens. Vale o comentário de que essa visão deturpada se estende até hoje, muita gente ainda insiste em considerar as HQs como nocivas e subproduto da cultura.

Em razão dessa perseguição sofrida, os quadrinhos tiveram que se reinventar, e passando a abordar temas diferentes, com temas com viés mais sociológico e filosófico (mas que ainda se adequassem ao código de censura para tais publicações). Esse período “[...] ficou conhecido pela fase do quadrinho pensante e intelectual” (Bibe-Luyten, 1987, p.40). Também foi durante esse momento que Charles Schulz (1922-2000) criou a saga **Peanuts**, conhecida no Brasil como **a Turma do Charlie Brown**, cujas histórias eram tiras curtas e em sua maioria rápidas e com humor, mas abordando uma filosofia existencialista. Nessa narrativa, o personagem principal é uma criança de 6 (seis) anos, que se sente inseguro e perdedor, “[...] é isso que mais choca nos Peanuts. São as crianças que pensam e refletem sobre o mundo analisando psicologicamente a humanidade. O próprio autor, que é pastor protestante, fez muita gente passar a acreditar na humanidade através dos balões de seus personagens mirins” (Bibe-Luyten, 1987, p.40). Também há o seu cachorro da raça *beagle*, um cão filosófico, que passa a maioria do tempo em cima da sua casa falando sobre a vida, junto com o seu amigo, um pássaro. “Esta tira marcou o começo da era intelectual dos quadrinhos, com uma maior valorização do texto sobre as imagens (Jarcem, 2007, p.06).

Figura 09: Peanuts - Charles Schultz



Fonte: Sensorial Webhouse²⁸, 2020.

Durante a década de 60, já se dá o início da **Era de Prata**, os quadrinhos ainda passavam pela censura do *Comics Code*, sendo necessário que as histórias se renovassem como produto, já que o próprio código as limitava como narrativas. A editora de quadrinhos, *D.C. Comics* voltou a fazer sucesso com a **Liga da Justiça**, uma saga de heróis que conseguiu não apenas agradar ao público, mas também alcançar o que era proposto pelo código para tal validação da publicação — visto que era um grupo de heróis que combatia o mal, todos com uma boa índole (preto e branco, sem personagens com perfil dúbio), e sempre com finais felizes. A editora *Marvel Comics* então, vendo o sucesso que a *D.C. Comics* obteve com as tiragens da Liga da Justiça, convidou Stan Lee (1922 - 2018) e Jack Kirby (1917-1994) para que criassem uma história similar para a editora, surgindo assim o **Quarteto Fantástico**.

O diferencial do grupo criado pela Marvel é que Lee e Kirby desconsideraram todas as fórmulas dos super-heróis utilizadas naquele momento, desta forma, o quarteto não foi formado com heróis com identidades secretas, mas de humanos com identidades reconhecidas publicamente, não era formado por um grupo de amigos e conhecidos, era uma família com laços consanguíneos, do qual “Sue e Johnny Storm eram irmãos, Reed Richards era o noivo de Sue e Bem Grimm o grande amigo da família” (Jarcem, 2007, p.07).

A década de 60 também é marcada por diversos movimentos contraculturais que ocorriam naquele momento, dos quais jovens manifestavam contra a política e a

²⁸ **Sensorial Br.** Disponível em: <https://sensorialbr.com/peanuts-e-marketing-digital-o-que-aprender-com-a-tirinha/>, acesso em: 17 de jul., de 2022.

mídia da época. Graças a essas manifestações, e às críticas às mídias *mainstream*²⁹, que os quadrinhos independentes, conhecidos também como *undergrounds*³⁰ (e outras formas de culturas em geral) começaram a ganhar popularidade e serem consumidas com maior profundidade.

Os anos 60 ficaram conhecidos pelo movimento jovem da contracultura que contestava os valores tradicionais e promovia uma verdadeira revolução de costumes. Assim, os quadrinhos se liberaram com o movimento underground, explorando temas até então considerados ‘tabus’. Apareceram as heroínas, como reflexo dos movimentos feministas. No Brasil, Ziraldo lançou o personagem ‘Pererê’ (outubro de 1960), o primeiro personagem nacional a ter um título próprio a alcançar grande sucesso. Na Argentina, Quino criou sua famosa personagem ‘Mafalda’ (1964). (Xavier, 2017, p.05).

Durante a década de 70, descrita com a Era de Bronze, as editoras estavam em busca do desenvolvimento da estética e na diagramação das HQs. Vergueiro (2005) menciona que nesse período houve uma mudança (e melhoramento) tanto nos papéis que eram utilizados no produto final do objeto, quanto no tipo de coloração utilizado.

A queda da censura em relação aos quadrinhos, só veio acontecer durante a década de 80, e as editoras começaram a apostar em narrativas mais trabalhadas, com temáticas voltadas principalmente para adultos. Histórias que abordam violência começaram a ser mais exploradas, até mesmo as de super-heróis ganharam narrativas mais profundas — antes eram sempre histórias do bem contra o mal, com final felizes, então passaram a ter um número maior de cenas com mais brutalidade e contar com heróis mais violentos. Esse aprimoramento na narrativa pode ser visto na história do personagem *Batman*, por exemplo, em ***Batman, Cavaleiro das Trevas***³¹ (um herói que já existia, mas que para alguns leitores, essa história é o marco de transgressão do personagem) e também em ***Watchmen***³². Essa necessidade de criar narrativas mais adultas, com temáticas mais pesadas, fez com que a D.C. *Comics* criasse seu próprio

²⁹ **Mainstream** (Ing.): Corrente principal, fluxo dominante — Refere-se para denominar uma tendência, moda dominante.

³⁰ **Undergrounds** (Ing.): Movimento ou grupo que atua fora do *mainstream*, em sua maioria de forma independente.

³¹ **Batman: Cavaleiro das Trevas** (*The Dark Knight*) — Criada por Frank Miller, em 1986, para a D.C. *Comics*.

³² **Watchmen** — Série criada por Alan Moore e Dave Gibbons, lançada entre os anos 1986 e 1987, pela D.C. *Comics*.

selo para enquadrar essa narrativa mais adulta, o universo Vertigo³³. (Simões; Nolasco, 2015).

Essa forma de narrativa, levantada durante a década de 80, perpetuou-se para a década de 90, acarretando ainda mais popularidade para os quadrinhos. Criações que não eram focadas apenas nos cenários infantis ou para o público masculino ganhavam espaço em livrarias e bibliotecas, sendo procurado por todas as idades e gêneros. No Brasil, esse período foi marcado pelo progresso das produções nacionais e também de adaptações. Bari e Vergueiro (2011) revelam que o material quadrinístico infantil brasileiro é considerado um dos melhores do mundo.

As histórias em quadrinhos estão em um momento de alta popularidade. Vergueiro (2021) comentou que o mercado editorial passou por diversas transformações nas últimas décadas, transformando-as num “fenômeno cultural e mercadológico”, sendo hoje possível encontrar HQs não somente nas bancas de revistas, mas também em lojas especializadas (*comics shop*), supermercados, livrarias, nas bibliotecas, entre outros (Vergueiro, 2008a), além das variadas adaptações que as narrativas criadas desse tipo de mídia vêm recebendo.

Vergueiro e Ramos (2009, p.08) explicam que a virada do século marcou uma mudança pontual para as HQs no sentido da sua reavaliação como um gênero de leitura, pois enquanto ganhava popularidade e se desenvolvia enquanto narrativa, deixava de ser apenas uma história simplória, infantil, começando a ser vista como uma forma de entretenimento e “transmissão de saber”, deixando aos poucos as formas pejorativas ainda entrelaçadas e podendo ser utilizadas em “áreas pedagógica e acadêmica”.

As revistas em quadrinhos são muito populares entre crianças e jovens, não representando uma invasão de seu mundo ou a imposição de elemento estranho à sua realidade. Fáceis de serem obtidas e manuseadas, elas são também relativamente baratas quando comparadas a outros produtos (Vergueiro, 2008b, p. 11).

³³ Atualmente o selo **Vertigo** fez uma repaginação e agora é denominado como **Black Label** — os quadrinhos que eram lançados pela Vertigo, quando são relançados, e os novos títulos, saem com o nome do novo selo.

Essa conquista dos quadrinhos, em sua jornada, fez com que essa mídia ganhasse popularidade, refletindo também no Brasil, onde programas governamentais voltados para a educação, viram a oportunidade de incluir um material que faz sucesso entre os alunos nas didáticas escolares, incentivando o uso de tais materiais nas escolas e bibliotecas escolares. Vergueiro e Ramos (2009) explicam que graças a essas políticas governamentais impostas, como o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), sendo hoje incentivadas por políticas públicas e inseridas no ambiente escolar no Brasil, resultou em um aumento considerável na produção e circulação desse gênero, onde o país passou a ser o 8º (oitavo³⁴) maior mercado editorial no mundo (Fernandes³⁵, 2007, apud Yamaguti, 2013, p.02).

Entretanto, apesar do crescimento dos quadrinhos como forma de mídia e das diversas adaptações que têm recebido, como no cinema e na TV, Vergueiro (2021) observa que isso ainda não se traduziu em uma base sólida de leitores fiéis deste material. Ele aponta que, na verdade, o que tem sido visto é uma aproximação temporária de novos leitores aos quadrinhos, seguida pela perda de interesse com o tempo. Um fator determinante para essa situação é a falta de exposição à leitura de quadrinhos desde a infância, sendo uma das maneiras de sanar o problema seria a democratização ao acesso das histórias em quadrinhos, “a criação de novas gibitecas pelo País ou o aumento de títulos em quadrinhos nas bibliotecas públicas” (Vergueiro, 2021, [s/p.]).

1.2 Os Quadrinhos no Ambiente Escolar

Os quadrinhos existem há décadas, estão presentes (não apenas) na infância e adolescência de vários sujeitos leitores, dos quais alguns aprenderam a ler e desenvolveram o gosto pelo ato da leitura com histórias como as da Turma Da Mônica, ou com algum herói da Marvel ou D.C. *Comics*, por exemplo. Esses materiais, “[...] deixaram, ou melhor, ultrapassaram a condição de instrumento de consumo para tornarem-se símbolo da civilização contemporânea” (Bibe-Luyten, 1987, p. 8). Essa

³⁴ Oitavo lugar no mercado em relação às publicações do **gênero de quadrinhos de adaptações literárias**.

³⁵ FERNANDES, C. R. D. *Leitura, Literatura Infanto-Juvenil e Educação*. Londrina: Eduel, 2007.

edificação dos materiais quadrinísticos, acontece não apenas em relação ao seu desenvolvimento enquanto material, mas também em relação, quase que intrínseca à sociedade atual. Os autores Vergueiro (2008a), Varela e Dias (2021) comentam que esses materiais vêm se desenvolvendo e expandindo para além dos famosos formatinhos³⁶, com narrativas que abordam temáticas mais profundas, com temas filosóficos e reflexivos, se fazendo presentes no cotidiano do seu leitor.

As HQs representam hoje uma mídia de grande penetração popular. Elas transmitem conceitos, modos de vida, visões de mundo e até informações científicas. Trazem temáticas que têm condições de serem compreendidas por qualquer estudante, sem a necessidade de um conhecimento anterior específico ou familiaridade com o tema (Sales, 2017, p.20).

Em conjunto a esse amadurecimento enquanto mídia, os quadrinhos também vêm ganhando maior aceitação e respeito como material artístico, cultural e informacional, passando a serem reconhecidos como um produto que vai além da leitura recreativa. Varela e Dias (2021, p. 439) comentam sobre esse acatamento do material, afirmando que a visão da sociedade perante os quadrinhos melhorou, “[...] sendo reconhecidas na sociedade intelectual, como produto artístico, cultural, mesmo que a passos lentos em comparação a outras mídias, passando a ser vistos com uma ‘manifestação artística diferenciada’ ”. Essa mídia, conseguiu emergir da linha que separa a alta cultura e a cultura de massa. Abraão e Gomes (2014, p.213-214) explicam que “[...] é possível pensar na arte se manifestando nas HQs e as HQs manifestando a arte [...]”, sendo possível então relacionar a leitura dos quadrinhos com as práticas didático-pedagógicas, com a literatura, com o cinema, com a política e também com a filosofia.

[...] usar elementos da cultura de massa fortalece e unifica os laços com o público que nos interessa, que são professores do ensino médio e seus alunos. O uso de música, literatura, videogames, histórias em quadrinhos e cinema [...] pode ajudar no aprendizado do estudante (Santos, 2019, p. 285).

Atualmente, é inegável o papel significativo que as histórias em quadrinhos desempenham na formação do leitor, além de seu potencial como ferramenta didática no ensino. Um exemplo exposto por Nogueira (2007, p. 177) é que na Europa,

³⁶ **Formatinho - Revista em quadrinhos:** Também chamado de **Formato Pato**, é semelhante com o A5, formato e tamanho de uma caixa de DVD. É um formato ainda utilizado por algumas revistas de histórias em quadrinhos infanto-juvenis brasileiras, como as revistas da Turma da Mônica e publicações estrangeiras como as da Disney.

costuma-se ensinar latim em escolas usando as histórias em quadrinhos do Asterix e Obelix, ou outro exemplo mencionado por Galo (2010), é a utilização de adaptação literárias em HQs com o intuito de estimular o gosto pela leitura dos clássicos. Lovetro, (2016, 14m12s) comenta que “[...] quadrinhos são uma das soluções para a sala de aula”, do qual, quando bem utilizadas em ambientes escolares possuem resultados favoráveis para todos os envolvidos, para o educador, o bibliotecário escolar, e principalmente para o aluno. Sendo então, uma falácia a ideia que alguns ainda detém, de que os quadrinhos não agregam em nada para os que leem essas narrativas, mas afastaria esse aluno da leitura dos livros clássicos (Lovetro, 2016).

Bari e Vergueiro (2011) comentam que, aos poucos, essa visão negativa sobre as HQs vem melhorando. Os profissionais da educação e da informação vêm mudando a visão sobre os quadrinhos. De uma mídia “pobre”, passaram a utilizá-las em práticas pedagógicas, e na constituição de acervos específicos com esse material, as gibitecas escolares.

Essa visão, que ainda perpetua em alguns grupos, da qual desvaloriza os quadrinhos, não se limita apenas a esse tipo de material, Dumont (2000) comenta que é bem comum a existência de certos preconceitos e/ou deméritos em outros gêneros literários, principalmente os que são voltados para a massa, as leituras populares. Alguns estudiosos, por exemplo, consideram que a leitura de massa possui um conteúdo abominável, apenas por prazer, tirando o leitor da realidade, tornando-o passivo, alienado, sendo apenas uma ferramenta alienadora (DUMONT, 2000). A autora enfatiza que a “leitura para a massa” pode geralmente ser mais simples e ter o foco principal no lazer do leitor, mas que independentemente do tipo de leitura, seja ela uma literatura canônica ou uma história em quadrinhos, o ato de ler sempre é positivo ao sujeito leitor.

Trabalhar com quadrinhos nas escolas pode contribuir, positivamente, em diversos aspectos. A mídia pode auxiliar no desenvolvimento, construção e amadurecimento do sujeito como leitor, podendo ser trabalhada desde a alfabetização até entre alunos já letrados, podendo também ser utilizados como apoio pedagógico para o professor como forma de ilustrar ou ensinando um tema específico, que consequentemente, tornam a explicação mais aprazível ao aluno, tornando aquela informação de mais fácil assimilação. Vergueiro (2008b) relata outros aspectos

positivos para quando o educador utiliza os quadrinhos como metodologias; para o autor, a mídia pode auxiliar na própria comunicação dentro da sala de aula, pois consegue ampliar o diálogo entre professores e alunos, sendo possível utilizar além das artes e do momento recreativo, mas em qualquer disciplina ministrada. Contudo, Vergueiro (2008b) recomenda que o profissional que escolher trabalhar com os gibis deve, não apenas reconhecer as necessidades que quer atingir com tal metodologia, mas também conhecer os quadrinhos e o tipo de linguagem que a mesma trabalha.

As histórias em quadrinhos são uma forma de comunicação muito rica que pode ser usada para entreter, informar e, também, educar. Elas são uma mídia onde cabem todos os gêneros e os mais diversos temas. Os assuntos tratados nos quadrinhos podem ter a leveza e a ludicidade que encantam crianças e adolescentes, mas também podem mergulhar na densidade de temáticas adultas e complexas. Portanto, as HQs podem ser utilizadas em sala de aula da educação infantil até o ensino médio (já existem experiências no ensino superior) como uma ótima ferramenta de ensino. A riqueza do amálgama entre texto e imagem para transmitir uma ideia por meio de narrativas gráficas é encantadora. A linguagem dinâmica dos quadrinhos pode ilustrar assuntos [...] mistura de elementos diferentes ou heterogêneos que formam um todo, clarear a mente do aluno, reforçar conteúdos, estimular o pensamento crítico, além de poder ser usada como atividade criativa (Brandão, 2017, p.02).

São inúmeras as vantagens de se utilizar as histórias em quadrinhos em ambiente escolar, seja como elemento de descontração ou para fins pedagógicos, sendo também significativo abordar aqui a relação desse material com a leitura. Os quadrinhos, semelhantes a outros materiais literários, possuem um vínculo com o ato de ler e o sujeito leitor, sendo que a diferença desses materiais para outros tipos de leitura está na própria linguagem utilizada. A linguagem mista (palavras e imagens) utilizadas pelas HQs pode alcançar diferentes níveis de leitores (Bari; Vergueiro, 2011), desde os que estão sendo alfabetizados até os que já são leitores formados. Trabalhar com as HQs nas escolas, pode resultar positivamente em diversos aspectos, mas sobre todas essas perspectivas, os benefícios usualmente vão recair (direta ou indiretamente) para o leitor da obra, que no caso, são os alunos.

Dentro de uma instituição de ensino básica, a leitura deve ser vista como a **“chave para o desenvolvimento do aluno na escola”** (Oliveira; Souza, 2010, p.01, **grifo da autora**), considerando também a problemática que o Brasil vive em relação à leitura, onde os materiais literários são itens “caros”, e a prática da leitura é mais

recorrentemente encontrada nas classes A e B (ABE, 2020³⁷). Para Belém (2013), a falta de hábito sobre o ato de ler, caracterizada principalmente pela deficiência do incentivo da própria leitura, e da falta ao acesso ao livro, torna, para o autor, a aquisição do bem cultural mais atrativo. A autora conta que estatísticas indicam que a média dos brasileiros se alfabetizou por volta dos 14 anos, e apenas 20% da população total do Brasil são compradores de livros:

Dessa pequena parcela de compradores, 60% têm mais de 30 anos, 53% são moradores da Região Sudeste e mais da metade são de cidades grandes e metrópoles. Os maiores índices de leitura e compra de livros encontram-se nos estados de renda mais elevada: classe A e com instrução superior. Ou seja, 1% da população possui 22% dos livros, revelando que a posse de livros ‘apresenta dinâmica idêntica à distribuição de renda no país, onde poucos têm muito e muitos têm pouco’ (Fernandes³⁸, 2007, p.18-19 apud Yamaguti, 2014, p.444).

É a partir das práticas de leitura que esse indivíduo pode se desenvolver e se tornar um leitor crítico e maduro, e não apenas na compreensão dos textos e livros, mas que esse sujeito aprenda a interpretar o seu entorno, o seu social. A leitura, durante o momento escolar do sujeito, deve transcender os espaços e funções curriculares, se integrando junto à vida cotidiana do leitor (Bari; Vergueiro, 2011, p. 3). A autora ainda faz um adendo que o ato de ler deve estar ligado ao prazer do sujeito, e não apenas a obrigação, onde esse indivíduo deve estar em contato com leituras que instiguem a sua criatividade, a sua curiosidade e o estimulem a críticas reflexivas. Ele só irá chegar ao seu amadurecimento enquanto leitor quando o mesmo gostar de ler, quando desenvolver um vínculo emocional com aquele objeto de leitura, e as histórias em quadrinhos são grandes facilitadores na relação emocional deste indivíduo com o hábito de ler.

³⁷ Na 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2019, foi divulgado que no Brasil, existem cerca de 100 milhões de leitores. 52% total da população: Não estudantes (61,2 milhões); da classe C, D e E (70 milhões); Famílias com renda entre um e cinco salários mínimos (76,3 milhões, sendo os leitores que possuem Ensino Superior (68%), da classe A e B (67 e 63%, respectivamente), e de renda familiar de mais de 10 salários mínimos (70%). Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores>. Acesso em 01 de mar., 2023.

³⁸ FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, Literatura Infanto-Juvenil e Educação**. Londrina: EDUEL, 2007.

A formação do leitor só chega ao seu amadurecimento pleno se o indivíduo gosta de ler. Ou seja, o vínculo emocional é um elemento imprescindível na proficiência de leitura. As histórias em quadrinhos, além da facilidade da veiculação de conteúdos complexos aos leitores novatos, amadurecem também a relação emocional entre o leitor e a sua leitura. Neste momento histórico brasileiro, no qual as políticas públicas oportunizam cada vez mais a democratização da educação e a apropriação de bens culturais, temos uma oportunidade única de promoção da leitura na infância e adolescência. A introdução de acervos de histórias em quadrinhos na Biblioteca Escolar, ou mesmo a abertura da Gibiteca Escolar, transmite a simpatia das histórias em quadrinhos aos ambientes de intencionalidade educativa, potencializando os esforços de bibliotecários e educadores na formação do leitor novato, num processo repleto de emoção e rebeldia (Bari; Vergueiro, 2011, p.12).

Os autores Bari e Vergueiro (2011), ainda mencionam que a educação básica vive uma nova fase em suas metodologias e didáticas, e em relação à leitura, os professores procuram não limitar apenas na alfabetização do aluno, mas se estendendo na construção do indivíduo leitor, um sujeito que não apenas sabe decifrar palavras, mas gosta e compreende a leitura, num processo chamado de **letramento**³⁹ ou **letramento informacional**, trabalho que é realizado em conjunto pelo professor e pelo bibliotecário da instituição.

Sobre a leitura das histórias em quadrinhos e o letramento de seus leitores, Santos (2020, p.67) explica:

[...] ler uma história em quadrinhos é muito interessante para alunos no início de sua jornada de letramento. O professor, pode levar para a sua sala de aula qualquer história em quadrinhos e mostrar aos alunos, sejam eles crianças, sejam da educação de jovens e adultos (EJA), as múltiplas formas de leitura de uma HQ. O docente pode falar de arte, a tipografia, as cores... E, mais do que isso, pode mostrar aos alunos como esses elementos atuam em conjunto para formar um texto coeso, com múltiplas camadas.

A leitura vai além da “simples” decodificação das palavras, Eisner (1999) afirma que o ato de ler, deve incluir também a decodificação dos símbolos, e na própria percepção e organização de informações que aquele sujeito faz, para o autor, “[...]”

³⁹ **Letramento:** (Ing.) *literacy*, do latim *littera*, que significa “letra”, em português, foi utilizado o prefixo “letra” e adicionado o sufixo “mento”. A palavra surgiu por influência das transformações sociais, culturais, históricas, políticas e econômicas, que surgem na sociedade. Nesse cenário, o letramento surgiu para atender a nova realidade social, auxiliar o desenvolvimento de habilidades a serem utilizadas para ler e escrever no contexto das práticas sociais, não somente realizando a leitura e a escrita de palavras. Ele diz respeito a uma expectativa mais ampla, que envolve compreensão, interpretação e uso autônomo da língua de acordo com a situação na qual o indivíduo está inserido. — Nele, a leitura e a escrita são levadas a outra dimensão, a fim de estimular o indivíduo a utilizar seus conhecimentos de maneira contextualizada às práticas sociais. Disponível em <<https://sae.digital/o-que-e-letramento/>> Acesso: 24 de jan., 2023.

pode-se pensar na leitura no sentido mais geral como uma forma de atividade de percepção. A leitura de palavras é uma manifestação dessa atividade; mas existem muitas outras leituras de figuras, mapas, diagramas, circuitos, notas musicais” (Eisner, 1999, p.08). Nesse sentido, trabalhar com os quadrinhos nas escolas pode agregar diversos aspectos, inclusive o desenvolvimento da leitura, auxiliando desde a alfabetização, quanto no desenvolvimento de um sujeito já letrado, também estimulando o sujeito que “diz não gostar de ler”, dentre outros exemplos.

Santos e Ganzarolli (2011) explicam que por utilizarem um tipo de linguagem instigante, as HQs conseguem “prender” a atenção da criança, além do próprio recurso de linguagem híbrida, palavras em conjunto com as imagens, que auxiliam no desenvolvimento do aluno durante a experiência da leitura, nesse sentido “[...] as histórias em quadrinhos propiciam a possibilidade de conjugação de fontes, capacidade de síntese e formação de discurso próprio, inerentes sinais da apropriação e ressignificação de informações e conhecimentos” (Bari, 2011, p.04-05).

Carvalho⁴⁰ (2004, p. 38-39 apud Oliveira; Souza, 2010, p.07) conta que:

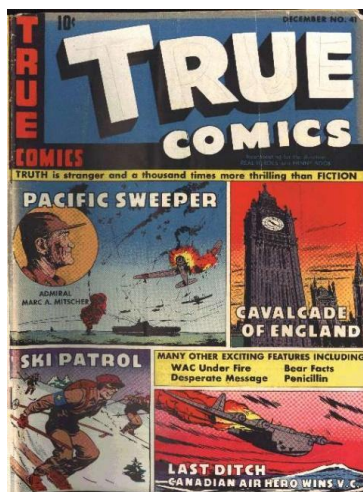
[...] alunos que leem gibis têm melhor desempenho escolar do que aqueles que usam apenas o livro didático – entre os estudantes da rede pública, a HQ aumenta significativamente o desempenho do aluno: entre os que acompanham quadrinhos, o percentual das notas nas provas aplicadas foi de 17,1%, contra 9,9% dos que não leem. Mais ainda, esta pesquisa mostra que professores que leem revistas em quadrinhos obtêm melhor rendimento dos alunos, pois conhecem o universo dos estudantes e se aproximam deles usando exemplos deste universo como paradigma para as aulas. Ainda mostra que, entre os alunos da 4ª série, cujos professores que leem HQs, a proficiência em leitura é mais alta do que entre aqueles cujos professores não têm o hábito de ler gibis. Na rede pública, 36% dos alunos de leitores de gibis têm proficiência média alta e alta, contra 31,5% dos que não leem.

Apesar desse interesse em relação aos quadrinhos, e da sua usabilidade em projetos pedagógicos parecer recente, os autores Bibe-Luytem (1987) e Vergueiro (2003;2008a) contam que essa curiosidade sobre o impacto do objeto no meio social e do seu uso como material pedagógico aconteceu durante a década de 60. Nesse período, alguns pesquisadores focaram os estudos em produtos midiáticos, dos quais também incluíam as histórias em quadrinhos. Tais pesquisas iniciaram na França e Itália, expandindo posteriormente para outros países.

⁴⁰ CARVALHO, Djota. **A educação está no gibi.** – Campinas, SP, 2006.

As histórias em quadrinhos começaram, então, a serem percebidas como um elemento artístico cultural, que poderia ser utilizado nas escolas, percepção que ocorreu inicialmente nos países europeus, exportada posteriormente para outras regiões do mundo (Vergueiro, 2008a). Porém, antes mesmo de iniciado essas pesquisas, já era possível ver alguns quadrinhos sendo utilizados como uma forma pedagógica previamente às pesquisas iniciais. Diversas revistas lançadas durante a década de 40 e 50 tinha um caráter educacional como a “*True Comics, Real Life Comics e Real Fact Comics*”, que contava alguns eventos históricos, ou de personagens famosos da história e de figuras literárias (Vergueiro, 2008a, p.17).

Figura 10: True Comics #41



Fonte: Comic Book Plus⁴¹, [s./d.].

Hoje, temos o suficiente entre pesquisas, estudos e prática em campo que afirmam que o uso dos quadrinhos nas escolas tem resultados favoráveis, porém os quadrinhos por si só não são o suficiente para auxiliar todos os problemas da educação brasileira, como Vergueiro (2018a, p.05) afirma, “[...] os poderes dos heróis dos gibis não são suficientes para resolvê-los”. Além disso, os quadrinhos ainda não são reconhecidos de forma plena, como um produto informacional que pode agregar quando utilizado em ambiente escolar, vistos por muitos como objetos inferiores, infantis, que só servem para vender “bonequinhos de heróis” para as crianças. Vergueiro (2018a), conta que esse clima de desconfiança sobre utilizar as histórias em

⁴¹ **Comic Book Plus. True Comics, n. 41, 1994.** Disponível em: <<https://comicbookplus.com/?dclid=24803>> Acesso em 06 de Jan., 2023.

quadrinhos nas escolas ganhou força após as perseguições que ocorreram a mídia após a Segunda Grande Guerra, se iniciando nos Estados Unidos migrando para outros lugares, e após a publicação do livro do psiquiatra **Wertham**, mas que tal visão, ainda perpetuar-se até a atualidade.

As histórias em quadrinhos, apesar do seu crescimento e desenvolvimento como um meio artístico, são um produto cultural, ainda vistas como um material inferior quando comparadas a outras artes, sendo esse prejulgado mais notório por parte de educadores do ocidente⁴² (Bibe-Luyten, 1987). São associados como um material informacionalmente pobre, destinado à leitura de massa, para diversão, não adicionando em nada ao seu leitor. Um dos discursos mais utilizados para rebaixar as HQs, e inferiorizá-las perante outras obras artísticas, avaliando como um objeto medíocre (do qual não deve ser estudado) e que deveriam “abolir dos espaços acadêmicos” (Goes; Ribeiro; Hoffmann, 2013, p. 72). Para os autores, esse pensamento é insensato, já que as HQs por serem um meio que utiliza das imagens e das palavras, utiliza da linguagem híbrida, do que a torna “uma linguagem única”, diferente de todas as outras formas de arte.

Uma outra causa que dificulta o adestramento dos quadrinhos nas escolas, demonstrada pelos autores Luiz e Castro (2020), é pela recusa dos próprios educadores que se negam a utilizar os quadrinhos em sala de aula, fator motivado por diversas razões. Uma dessas razões levantada pelos autores Luiz e Castro (2020) é pela falta de preparo e de conhecimento desses educadores em relação ao material, “os professores sem uma preparação para o uso das histórias em quadrinhos, tanto em sua potencialidade artística quanto utilizando suas possibilidades de desenvolvimento da linguagem visual, acabam por se focar no que conhecem, dentro da sua zona de conforto” (Luiz; Castro, 2020, p.147).

Seguindo então, uma das teorias levantadas por Paulo Freire, Gerone Junior (2016, p.52) comenta que o professor “precisa ter uma atitude libertadora e não domesticadora”, afirmando que esse educador deve se libertar da educação tradicional,

⁴² Realizando um breve comparativo com os quadrinhos orientais, conhecido como *mangás*, consumidos no Japão, esses materiais possuem um maior respeito em todo o ciclo de reprodução (em quem faz, comercializa e também seus consumidores, os leitores), diferentemente dos quadrinhos produzidos no ocidente. O que enxergamos é um desconhecimento sobre o material, onde uma grande parcela define esse material como uma leitura inferior em relação a outras - O quadrinho ou mangá lá no Japão é tão forte quanto a própria televisão.

da qual chama de educação bancária. Como resultado, esse professor potencializa e estimula o senso crítico e reflexivo de seus alunos. Uma maneira desse professor se libertar da educação tradicional é na utilização das histórias em quadrinhos, podendo ir então além dos livros didáticos.

Paulo Freire e Guimarães (2013)⁴³ discutem o papel que as escolas têm na sociedade atual, do qual, Paulo Freire afirma da necessidade de mudança nas instituições de ensino, que as mesmas não devem se manter estáticas, nem criar atritos com meios de comunicação, como as HQs, por exemplo, onde coloca-os como grandes aqui-inimigos do ensino e da escola, mas sim, utilizar dessas mídias populares e também das tecnologias como auxiliadoras. As escolas devem “revolucionar-se” em prol de uma educação crescente. Para Freire (2013, p.33):

[...] a questão que se colocaria não era o fim da escola, a morte da escola. Para mim, é a demanda de uma escola que estivesse à altura das novas exigências sociais e históricas que a gente experimenta. Uma escola que não tivesse, inclusive, medo nenhum de dialogar com os chamados meios de comunicação. Uma escola sem medo de conviver com eles, chegando mesmo até, risonhamente, a dizer: “Vem cá, televisão, me ajuda! Me ajuda a ensinar, me ajuda a aprender!”, não?

Nesse sentido, a equipe escolar deve enxergar mais que as didáticas padrões, indo além do giz e do quadro, utilizando as histórias em quadrinhos (e outros produtos midiáticos, como o próprio cinema) capazes de completar, auxiliando a metodologia daquela aula, no aprendizado do aluno. Para Sales (2017), produtos midiáticos como os quadrinhos podem ser facilmente inseridos nas práticas educativas, sendo utilizados por diferentes tipos de disciplinas, tornando-se facilitadores no processo de ensino e aprendizagem. A utilização dessa mídia pode gerar resultados gratificantes e positivos em sala de aula, podendo ser utilizados em novas metodologias, como o STEAM⁴⁴,

⁴³ FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a Mídia**: novos diálogos sobre a educação. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. [livro eletrônico]

⁴⁴ **STEAM** (*Science, Technology, Engineering, Art e Math*) - Em português: Ciência, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática.

que anda em voga atualmente, ou mesmo a promoção de aulas interdisciplinar e transdisciplinar⁴⁵.

No entanto, há educadores que permanecem distantes das histórias em quadrinhos, muitas vezes devido a preconceitos, desconfiança em sua capacidade informativa e a crença de que são uma forma de leitura inferior, não equiparada à leitura "tradicional". Essa postura, no entanto, é frequentemente resultado do desconhecimento desses profissionais em relação à própria mídia que impede a aproximação dos mesmos. Para Sales⁴⁶ (s/d.), uma das dificuldades na utilização dos quadrinhos em sala de aula está no próprio professor, mas que essa visão está mudando, e tende a melhorar a partir dos anos:

[...] a grande dificuldade da utilização dos quadrinhos, na sala de aula, na educação básica “[...] está principalmente pelo fato dos professores ser da nossa geração e a nossa geração, [...] dentro do nosso processo de escolarização, acreditam que levar quadrinhos para a escola é algo impensável, ne?! Algo que atrapalhava. Eu acredito que as próximas gerações, vão ter outros professores, que já passaram por outros processos e à ficaram mais fácil. Mas a gente percebe que o próprio professor não tem a habilidade com a mídia (quadrinhos), com a leitura, com a sequência de balões, então como eu vou trabalhar isso com os meus alunos se eu não tenho essa vivência? (Sales, s/d.).

O problema de “aceitação” das HQs como leitura informativa não fica restrito apenas aos professores, Santos e Ganzarolli (2011) e Vergueiro (2008b) relatam que essa resistência repercute dentro das bibliotecas (e entre os bibliotecários). Os autores comentam que essa resistência pode ser vista na forma de tratamento das bibliotecas para com os quadrinhos, comparada ao acervo do livro tradicional. Por exemplo, Vergueiro (2008b) conta que existe uma dificuldade de se encontrar quadrinhos nas bibliotecas, e quando há esse gênero, na maioria das vezes, não possuem um tratamento específico, sendo tratados como descartáveis ou simples chamarizes dos próprios livros literários. Além disso, o autor também fala sobre a falta da verba

⁴⁵ **Ensino Transdisciplinar:** Conceito para a divisão disciplinar, dessa maneira, a metodologia exige não apenas a adição de disciplinas em conjunto, mas a contextualização da informação. Disponível em: <https://www.significados.com.br/transdisciplinaridade/#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20transdisciplinar%20busca%20romper,dos%20conte%C3%BAdos%20de%20maneira%20ampla>. Acesso em 12 de fev., 2023.

⁴⁶ Sales Cláudia ([s.d], 43m39s) - CANAL FDR. **Live Quadrinhos em Sala de Aula**. [s.l]: Canal FDR, [s.d]. 1 vídeo. 1h06m35s.

destinada para esses materiais nos acervos, tendo em vista que maior parte dos quadrinhos que está presente em um acervo tende a ser adquirido através de doações.

Há uma tendência em se classificar os quadrinhos como um gênero narrativo inferior e inadequado para leitura em algumas idades. Da mesma forma há, também, uma tendência de se rotular alguns destes gêneros como inadequados para “meninas”, [...]. Um dos desafios de se trabalhar com quadrinhos é justamente vencer este tipo de postura e mostrar que gosto literário independe de idade ou sexo. (Nogueira, 2008, p. 3).

Para alguns autores, como Bibe-Luyten (1987), não se justifica a teoria que os quadrinhos não são um elemento artístico, cultural, e que o mesmo é inferior a outros tipos de obras, como a literatura clássica, por exemplo. McCloud (1995, p. 163) fala sobre esse desmerecimento de alguns sobre as HQs, em desconsiderá-las como uma obra de importância, para o autor esse pensamento é algo infundado, “idiota”, nas palavras do mesmo. Para o autor, “[...] os quadrinhos podem se equiparar a qualquer uma das formas de arte da qual extrai seu potencial” (McCloud, 1995, p. 156) sendo a arte humana uma auto expressão do ser-humano.

Progressivamente, essa resistência vem diminuindo, junto com a aceitação social e midiática, e também com auxílio de pesquisas e entusiastas da área. A imagem negativa das HQs vem sendo desconstruída e práticas pedagógicas já vêm sendo mais exploradas em escolas, reconhecendo a sua relevância cultural e educacional. Durante um bate-papo on-line, Cláudia Sales⁴⁷ (2017), arquiteta e professora (além de pesquisadora de quadrinhos), deu a sua perspectiva sobre a mudança de atitudes em relação a aplicação de HQs na educação, sendo que para a mesma, muita coisa mudou na educação básica: acreditava-se que os quadrinhos eram associados ao retardo processo da leitura e da escrita, onde uma criança que lia histórias em quadrinhos seria incapaz de ler um livro de literatura.

Para a professora, além de retrocesso intelectual, tal pensamento também mostra um processo hierárquico de qual tipo de leitura teria mais ou menos valor, os livros literários, nesse caso, teriam mais valor informacional que os quadrinhos. Sales também explica que com o tempo, se descobre que a leitura vai além da leitura apenas

⁴⁷ SALES, Cláudia. **HQs: mídias parceiras da pedagogia e do currículo**. In: NETTO, R.; VERGUEIRO, W. (orgs.) **Coleção Quadrinhos em Sala de Aula: estratégias, instrumentos e aplicações**. Fortaleza, CE: Fundação Democrático Rocha, 2017 (Fascículo 2).

das palavras, de “só juntar sílabas, ler palavras”, aprendemos que o indivíduo lê o mundo, e a partir do tempo é notado que a associação das imagens (desenhos) e as palavras não é danoso como se imagina.

Porém, para chegarmos até essa etapa de aceitação (até a inclusão dessas obras em espaços educacionais), Vergueiro (2018, p. 10) explica que os quadrinhos brasileiros tiveram que passar por três fases: a **rejeição**, a **infiltração** e a **inclusão**.

- I. O autor explica, que durante a fase de **rejeição**, os quadrinhos não eram tolerados nas salas de aula, nem os professores falavam dessas mídias nos ambientes, “qualquer aluno que levasse uma revista para a sala de aula corria à risca de vê-la arrancada de suas mãos, ser chamado à diretoria” (Vergueiro, 2018, p.10).
- II. A fase de **infiltração** foi o momento que novas gerações de professores começaram a assumir as salas de aula, dando um novo olhar aos quadrinhos, Vergueiro (2018, p.10) conta que: Os professores tiveram que reconhecer o potencial dos quadrinhos “[...] familiarizar-se com seus produtos e desenvolvem atividades em sala de aula [...] aos poucos, seu trabalho criou raízes, [...] passaram a ter outra visão das possibilidades e benefícios da utilização dos quadrinhos em sala de aula.
- III. Já na fase de **inclusão**, etapa na qual vivemos, as histórias em quadrinhos já são uma mídia reconhecida, um material informacional, sendo que obter esse reconhecimento também dentro das Escolas e Instituições de ensino como um material que pode se constituir no processo didático.

Mesmo com as barreiras de aceitação, os quadrinhos vêm conquistando espaço e se mostrando como uma mídia rica em elementos informacionais, onde, a partir do momento que as escolas aprenderam a trabalhar com os quadrinhos, as HQs passam a se tornar grandes aliadas. Galo (2010) observa que a utilização desses materiais em sala de aula depende principalmente da habilidade do professor em encontrar as melhores abordagens para sua aplicação, considerando que as editoras têm lançado recursos específicos para facilitar o uso dos quadrinhos no ensino e na aprendizagem.

[...] gostaríamos de indicar aos professores que, quando puderem, e com bom planejamento, tragam para a sala de aula peças produzidas pela cultura de massa, pela Indústria Cultural: música, cinema, televisão, história em quadrinhos são algumas das produções que podem ser utilizadas comumente em sala de aula. A partir delas muitas discussões irão surgir e a capacidade de leitura do aluno irá aumentar, bem como sua capacidade de correlação e seu entendimento histórico (Santos, 2019, p.306).

Apesar dessa melhoria na percepção dos profissionais da educação em relação aos quadrinhos como um material além do lazer, alguns autores como Vergueiro (2008a; 2018b) e Luiz e Castro (2020) comentam que vários dos estudos científicos que abordam a utilização das HQs em ambiente escolar presumem numa realidade em que os educadores já possuem afinidade com o material, deixando de explorar maneiras eficazes de incorporá-lo ao ensino.

Essa lacuna é evidente na realidade escolar, onde a maioria dos professores, diretores e bibliotecários escolares carece de preparação específica para trabalhar com o material. Luiz e Castro, (2020) afirmam que ainda existem vários professores que desconhecem as potencialidades das HQs, tanto em relação artística quanto a sua linguagem visual, para os autores, esses educadores permanecem na zona de conforto não desenvolvendo o material, tornando esse material subutilizado, ou pior, utilizam apenas das adaptações literárias em quadrinhos como objetos de conforto.

1.3 A Inclusão dos Quadrinhos pelos Incentivos Governamentais

São incontáveis os proveitos ofertados pelas histórias em quadrinhos, benefícios dos quais já foram fundamentados por outros pesquisadores e estudiosos da área, seja como fomento e desenvolvimento da leitura e do seu leitor, quanto como objeto para apoio pedagógico. Deste modo, por ser um material popular e que prove certas vantagens quando utilizado em conjunto com práticas educacionais, alguns programas educacionais brasileiros viram motivos para incluí-los em suas diretrizes, como foi o caso dos **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)** e também do **Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)**.

A **LDB**⁴⁸ (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) foi a primeira conduta governamental a incluir os quadrinhos nas escolas, no dia 20 de dezembro de 1996. Vergueiro e Ramos (2009) explicam que a LDB em foi uma política governamental pioneira a inserir, não apenas os quadrinhos, mas também outras formas de linguagens e meios artísticos nos ambientes escolares, sendo a partir dessa política o marco necessário para a chegada das HQs nas escolas de forma mais crucial.

Os quadrinhos foram incluídos, inicialmente na LDB, de forma discreta, apenas com o intuito de ilustrar alguns dos livros didáticos. Porém, mesmo que de maneira singela, Vergueiro (2008a) conta que os resultados foram bastante favoráveis, ocasionando um aumento dessas narrativas nos livros, ganhando assim mais espaços de destaque nos materiais que eram publicados.

A data de 1996 é um marco importante para a trajetória de aceitação das histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica no Brasil. Nesse ano ocorreu a promulgação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) que, de certa forma, propunha um pacto entre este produto cultural midiático e a educação formal (Santos; Vergueiro, 2012, p.82).

Os quadrinhos fazem parte hoje dos **PCNs** (Parâmetros Curriculares Nacionais), Programa Governamental que está elencado com as práticas escolares, visando auxiliar professores nas atividades diárias e em suas didáticas. Nele, o educador obtém sugestões de métodos, conteúdos, tipos de avaliações, auxiliando-o em suas metodologias pedagógicas, na busca de resultados melhores no aprendizado e ensino. Tal programa governamental dita a didática utilizada hoje pela maioria das escolas brasileiras (Luiz; Castro, 2020), sendo obrigatória em instituições de ensino público e facultativa em escolas privadas, atendendo escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar⁴⁹, cuja mesma abriu espaço “[...] para a criação

⁴⁸ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - **LDB** 9394/96 - Legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil da educação básica ao ensino superior.

⁴⁹ **Censo Escolar:** Principal instrumento de coleta de informações da educação básica, e também responsável pela pesquisa estatística educacional brasileira. Coordenado pelo Inep e realizado em regime de colaboração entre as secretarias estaduais e municipais de educação, conta com a participação de todas as escolas públicas e privadas do país. A pesquisa estatística abrange as diferentes etapas e modalidades da educação básica e profissional: Ensino regular (educação infantil, ensino fundamental e médio); Educação especial — escolas e Classes especiais; Educação de Jovens e Adultos (EJA); Educação profissionalizante (cursos técnicos e cursos de formação inicial continuada ou qualificação profissional). (BRASIL; MEC; INPE. [s./d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>. Acesso em: 28 set., 2022.

de várias práticas de leitura no contexto escolar, incluindo as de histórias em quadrinhos e jornais, por meio de projetos educacionais de professores e alunos” (Sales, 2017, p.19).

A mídia em questão também faz parte dos títulos de aquisição do **PNBE** (Programa Nacional Biblioteca da Escola) desde 2006 (Brasil; MEC, [s/d.]), do qual foram inseridos em livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, e passando a ser distribuídos nas escolas apenas no ano de 2007. O programa tem como objetivo a promoção à cultura e o fomento à leitura para alunos e professores de escolas públicas, por meio de distribuição de obras literárias, de pesquisas, e de referências. Segundo os autores Vergueiro e Ramos (2009) esse momento foi um grande acontecimento para a história em quadrinhos no Brasil, no qual se oficializa a inserção das HQs nas escolas, não mais como um apêndice recreativo, mas fazendo parte do ambiente pedagógico. Os quadrinhos nesse momento deixam de ser apenas complemento e/ou ilustração dos textos e passam a ter maior exclusividade como material bibliográfico.

A leitura de obras em quadrinhos demanda um processo bastante complexo por parte do leitor: texto, imagens, balões, ordem das tiras, onomatopeias, que contribuem significativamente para a independência do leitor na interpretação dos textos lidos. Além disso, o universo dos quadrinhos faz parte das experiências cotidianas dos alunos. É uma linguagem reconhecida bem antes de a criança passar pelo processo de alfabetização (Brasil; MEC, [s/d.]).

Com o intuito de democratização ao acesso a livros, e visando a aproximação à leitura, Paiva⁵⁰ (2012 apud Yamaguti, 2014) explica que o programa PNBE teve o início visitando apenas o ensino básico (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) mas que posteriormente, no ano de 2006, o programa se estendeu também para o EJA (Educação de Jovens e Adultos). Yamaguti (2014), também faz um adendo para a importância quanto à distribuição desses materiais literários em escolas públicas brasileiras, em relação ao histórico de alfabetização brasileiro, que ainda continua baixo quanto olhado ao todo – Sendo uma das principais causas, no alto índice de alfabetismo no Brasil (e do semianalfabetismo) as condições socioeconômicas do país, e a distribuição de renda.

⁵⁰ PAIVA, Aparecida (org). **Literatura Fora da Caixa: O PNBE na escola – Distribuição, Circulação e Leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p.77-110.

O acervo cedido às escolas pelo Programa Nacional Biblioteca Escolar (PNBE) é composto por diversos tipos de categorias, estendendo-se desde as obras canônicas universais aos poemas, contos, as novelas, os livros ilustrados e também as histórias em quadrinhos (Esparadeiro, 2016). Para a avaliação e seleção dos materiais, há um colegiado que realiza a escolha desses materiais, do qual é formado pelo Conselho Nacional de Secretários da Educação (Cnsed), União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (Undime), do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), outros especialistas na área da leitura, literatura e educação. Yamaguti (2014, p.445) explica que durante a triagem dos materiais, é observado tanto a qualidade do texto, quanto outros parâmetros para certificar o material como apropriado para fazer parte do acervo escolar, como:

- I. **Condição de leitura:** que irá verificar a qualidade com a qual foi realizada a impressão daquele material, se o espaçamento entre as linhas é adequado e o tipo de fonte utilizada na obra;
- II. **Qualidade da interação com o leitor:** Se tal obra aborda temas relevantes ao interesse juvenil, referentes à diversidade, contextos sociais, culturais e históricos etc.;
- III. **Qualidade do Texto:** Se o texto é coeso, se há coerência e consistência etc.;

Projeto gráfico: Diagramação, o formato utilizado, a capa e contracapa do material, em obras que há a relação texto-imagem, como as histórias em quadrinhos, deve-se analisar se há relação entre imagem e texto, com qualidade.

Esse trabalho de avaliação e curadoria dos materiais é realizado desde 2006, se repetindo a cada edital publicado. Abaixo, segue a tabela com o quantitativo de número total de obras selecionadas para a distribuição dos editais lançados entre os anos de 2006 a 2013:

Tabela 02: Quantidade de Materiais Bibliográficos Selecionados - PNBE

	2006	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Total
Materiais Selecionados	225	153	593	250	300	250	420	2.191

Fonte⁵¹: PAIVA⁵² (2012, p. 26 apud YAMAGUTI, 2014, p. 446);
elaborada pela autora, em 2022.

Em relação as HQs selecionadas, sabe-se da **preferência nas adaptações literárias em relação aos quadrinhos que não são derivados da literatura**, isso acontece, porque as adaptações de obras literárias em quadrinhos possuem uma maior chance de aproximação, além de possuir uma linguagem de mais fácil compreensão, que garante uma aproximação do aluno e a leitura (Ferro, 2014). Do qual, “essa predileção é justificada com a intenção de incentivar a leitura dos clássicos literários entre os alunos do ensino fundamental II, principalmente, para que, supostamente, possam vir a ler os textos na íntegra ao chegarem no ensino médio” (Yamaguti, 2013, p.02).

Esse gênero dos quadrinhos, as adaptações literárias, podem ser vistas como uma forma facilitadora, mas também essas obras tendem a despertar a curiosidade do leitor, a buscar o original e se interessar mais pelo próprio ato de ler, buscando outros títulos, formas e gêneros de leitura. Yamaguti (2014, p.450), por exemplo, explica que um aluno que é apresentado a alguma adaptação literária na escola pode “[...] interessar-se pela obra original ou buscar o quadrinho porque gostou do texto adaptado. Na verdade, esse desejo deve ser despertado e entra como fundamental nesse processo o mediador, que pode e ‘deve’ apresentar as opções de leitura.

Durante o período de distribuição de materiais pelo PNBE, entre os anos de 2006 a 2013, foram distribuídos o total de 25 (vinte e cinco) títulos de adaptações literárias em quadrinhos. Segue abaixo a tabela com a representação dos anos:

⁵¹ A tabela possui dois autores, pois o artigo pesquisado, PAIVA (2012), demonstra os dados de até o **ano de 2012**, sendo o ano seguinte, **2013**, foi inserido com base na pesquisa feita pela própria autora do trabalho - Brasil, MEC. **PNBE - Acervo: PNBE/2013**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13992-pnbe-2013-seb-pdf&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em, 30 de out., de 2022.

⁵² PAIVA, Aparecida (org). **Literatura Fora da Caixa: O PNBE na escola – Distribuição, Circulação e Leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p.77-110.

Tabela 03: Quantitativo de Obras Adquiridas do Gênero de Adaptações Literárias em Quadrinhos pelo PNBE

Ano	Adaptações Literárias em HQs
2006	3
2008	1
2009	5
2010	2
2011	8
2012	3
2013	3
Total	25

Fonte: Yamaguti, 2014, p. 447; Elaborada pela autora, 2022.

A grande maioria dos gêneros dos quadrinhos apresentado na lista do PNBE ainda são as adaptações literárias de clássicos, do qual, a justificativa de tal seleção e adesão desse gênero foi justificado para o estímulo e o fomento à leitura, também por acreditar que a leitura dos quadrinho é um processo complexo, do qual se utiliza de vários elementos (imagens, palavras, balões, onomatopeias etc.), que auxilia no desenvolvimento intelectual e crítico do sujeito leitor, além de que essa mídia está presente no cotidiano do aluno sendo de fácil assimilação e identificação (Brasil; MEC, 2018)⁵³.

Referindo-se então as adaptações literárias em quadrinhas selecionadas e distribuídas pelo PNBE, que totalizaram 25 (vinte e cinco) títulos do gênero em sete editais, segue abaixo os títulos de tais obras que foram distribuídas:

⁵³ **BRASIL; Ministério da Educação.** 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/136-perguntas-frequentes-911936531/quadrinhos-do-pnbe-1574596564/282-por-que-livros-em-quadrinhos-foram-incluidos-no-programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso em 17 de jul., de 2022.

Tabela 04: As Obras do Gênero de Adaptações Literária em Quadrinhos, por Título e Editoras Distribuídas pelo PNBE

TÍTULO	EDITORORA	ANO
A Metamorfose	Conrad	2006
Dom Quixote em quadrinhos	Peirópolis	2006
Contos em quadros	Musa	2006
Os Lusíadas em quadrinhos	Peirópolis	2008
O Alienista de Machado de Assis	Agir	2009
Domínio Público: Literatura em quadrinhos	DCL	2009
Oliver Twist	Companhia Editora Nacional	2009
O beijo no asfalto	Nova Fronteira	2009
O triste fim de Policarpo Quaresma	Companhia Editora Nacional	2009
O pequeno príncipe	Agir	2010
Memórias de um sargento de milícias	Companhia Editora Nacional	2010
O Guarani em quadrinhos	Cortez	2011
O Cortiço	Ática	2011
Robison Crusó	Salamandra	2011
Frankenstein	Salamandra	2011
O curioso caso de Benjamin Button	Ediouro	2011
O Guarani	Ática	2011
Memórias de um sargento de milícias	Ática	2011
O triste fim de Policarpo Quaresma	Ática	2011
Turma da Mônica: Romeu e Julieta	Panini	2012
Drácula	Companhia Editora Nacional	2012
Frankenstein	Companhia Editora Nacional	2012
Graphic chillers: o médico e o monstro	Editora Prumo	2103
Nietzsche em HQ	Singular Editora	2013
Frankenstein em quadrinhos de Mary Sherley	Editora Peirópolis	2013
A terceira margem do rio em graphic novel	Ediouro	2013

Fonte: Yamaguti, 2014, p. 447-448; Elaborada pela autora, 2022.

Vergueiro e Ramos (2009) contam que graças ao Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e ao Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), as histórias em quadrinhos começaram a ter mais notoriedade dentro das instituições de ensino, porém, mesmo sendo incentivadas por projetos federais e havendo diversas pesquisas que expõem sua eficiência quando utilizadas com o intuito de informar e ensinar (indo além do recreativo e do lúdico), ainda são pouco os educadores que se “atrevem” a utilizá-la como um material pedagógico, seja por desconhecimento, medo ou mesmo pré-julgamento existente sobre o objeto em questão. Para alguns autores como próprio Vergueiro e Ramos (2009), e também a Yamaguti (2014), os trabalhos em conjunto com o ambiente escolar ainda é visto como desafiador, onde as políticas governamentais somente, sem uma capacitação adequada para profissionais, sem nenhum aprofundamento sobre os quadrinhos e como utilizá-los, essas políticas sozinhas não conseguem contribuir para uma maior empregabilidade e uso dos

mesmos nas escolas, continuando apenas na superfície, utilizando nas salas de leitura em momentos de lazer.

Yamaguti (2014, p.452) revela que há dificuldade em encontrar mediadores e professores que consigam trabalhar com HQs de maneira mais completa, prejudicando todo o ambiente escolar, tanto o aluno quanto o seu professor, que “[...] estão à margem das obras disponibilizadas, por falta de políticas que avancem no processo de formação de leitores”. Para a autora, também há um problema na seleção dos materiais, pois os materiais não são classificados conforme a melhor série / faixa etária na qual idealmente pode ser abordado e trabalhado.

Os quadrinhos ainda se mantêm, por diversas causas, distantes do ambiente escolar, sendo um material discriminado e diminuído em relação a sua forma de utilização, visto por alguns como um tipo de leitura alienadora⁵⁴, não agregadora, capaz de separar o aluno do interesse pela educação clássica. Todavia, mesmo ainda existindo esse tipo de pensamento em torno do objeto, Vergueiro e Ramos (2009) afirmam que as HQs se encontram num momento inédito de inserção nas escolas, de desenvolvimento, e que mesmo o PNBE privilegiando principalmente o gênero das adaptações literária sem quadrinho, deve ser visto como um marco positivo o relacionamento dos quadrinhos com as instituições de ensino.

As HQs mais tradicionais são empregadas como recurso pedagógico no ensino e formação de leitores há algum tempo, ainda que sua utilização suscite reações contrárias de estudiosos mais conservadores. Ao longo desse período, tem demonstrado que seu potencial didático oferece condições para o desenvolvimento da capacidade de análise, interpretação e reflexão do leitor [e ainda ser capaz de permitir] a ampliação de seus conhecimentos sobre o mundo, incentivando sua criatividade e aguçando sua imaginação, além de tornar o ensino mais lúdico [...] (Amaral⁵⁵, 2008, p.24 apud Galo, 2010 p.34-35).

Yamaguti (2014) comenta que os programas políticos que iniciaram a inclusão dos quadrinhos em ambientes escolares, mesmo que lentamente e não agregando todos os tipos e gêneros que das HQs, deve ser visto como um progresso, uma vez que várias destas instituições nunca tiveram acesso aos quadrinhos e foram a partir desse primeiro

⁵⁴ A alienação nesse sentido não é a alienação tratada por Karl Marx (1818-1883), mas a alienação da perda de desinteresse, intelectual, informacional.

⁵⁵ AMARAL, M.C. O uso de histórias em quadrinhos como recurso pedagógico. *In: Discutindo Literatura. Especial de quadrinhos*. São Paulo: Escala Educacional, n. 5, 2008, p.22-25.

contato que houve o interesse e talvez a oportunidade de aprofundar no objeto, utilizando-o dentro da sala de aula, buscando outras formas de levá-lo como apoio em didáticas além do recreio e do lazer.

Mesmo com os incentivos advindos das políticas públicas, como os PNCs e o PNBE, para Santos e Vergueiro (2012), a utilização das HQs em âmbito escolar necessita de maior aprofundamento e conhecimento sobre a temática. Para os autores, apenas “ter álbuns e revistas de quadrinhos disponíveis nas salas de aula ou nas bibliotecas escolares não implica, necessariamente, no uso correto do material [...]”, é necessário o conhecimento sobre a mídia e as melhores maneiras de aproveitá-la. Nesse sentido, o desafio do educador é conhecer a linguagem dos quadrinhos” (Santos; Vergueiro, 2012, p.85).

1.4 Adaptações Literárias em Quadrinhos

Adaptações⁵⁶, também conhecidas como **traduções intersemióticas** (Zeni, 2009), definidas pelo dicionário como uma “ação de adaptar, de ajustar uma coisa à outra”, nas artes é vista como um processo de “transposição”, já pela literatura é um tipo de “adequação”, não se limitando apenas a tradução, mas implicando também a modificações da obra original, por exemplo, uma mudança do próprio suporte daquele objeto, consistindo assim em “[...] uma atualização de discurso, ou seja, adequar um texto ou uma obra de arte às peculiaridades e características do discurso em voga na época a que pertencem, englobando elementos midiáticos, sociais, econômicos, políticos e os discursos intrínsecos a esses” (Neres; Lacerda, 2017, p.04).

Nessa perspectiva, Hattner (2010) clarifica a **adaptação** como um tipo de modificação que se realiza em uma obra, da qual não se limita apenas ao seu formato, ou no que está escrito (no caso das obras literárias), mas podendo também transcender ao tipo de suporte, desse modo, o autor argumenta se o processo da leitura também não seria uma forma de adaptação realizada pelo sujeito-leitor durante a leitura, onde o indivíduo entrega àquela obra a sua própria adaptação durante o ato de ler. Visto que

⁵⁶ **Adaptação.** In: DICIO, Dicionário online de português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/adaptacao/>. Acesso em: 14 de set., 2022.

durante a leitura, o sujeito dá as suas próprias entonações às falas, cria os rostos dos personagens, molda o cenário, atribuindo sua visão à história. Lovetro (2016, 4m41), explica que esse processo de leitura, é uma experiência do sujeito-leitor, onde o mesmo faz uma interpretação teatral, das ações que está lendo no momento, e essa interpretação para o autor não é percebida por aquele indivíduo por ser algo natural.

Para Zeni (2009, p.205), adaptar-se de uma criação “[...] tem por finalidade (re)apresentar outra obra pré-existente”, sendo possível realizar a partir de qualquer tipo de meio, e adaptá-la para uma outra mídia, como por exemplo podemos adaptar um livro para uma música, ou de uma música para uma fotografia, de uma história em quadrinhos para uma mídia audiovisual (como uma série ou filme), e da própria literatura para o quadrinho, “ou seja, qualquer elemento que exista no original pode ser “mexido” na adaptação, em favor da criação de um material esteticamente interessante” (Zeni, 2009, p.206).

Considerando então que, a adaptação em quadrinhos de uma obra literária “[...], compreende a interpretação da obra a partir de um texto primeiro (texto original), que é desenhada seguindo o ponto de vista de seu adaptador fazendo sua releitura conforme o contexto em que se encontra inserida” (Galo, 2010, p.37), o leitor faria a sua própria adaptação durante a leitura do material, já que nesse sentido poderíamos definir como uma espécie de interpretação pois “recriar exatamente o que leu, viu ou ouviu, ou, a partir de uma história original e preservando os dados básicos dessa história, reescrever o texto” (Versiani; Yunes; Carvalho, 2012⁵⁷, p.95 apud Neres; Lacerda, 2017, p.04).

As adaptações literárias em quadrinhos são um gênero das HQs, classificadas dentro do **subgênero das histórias em quadrinhos**, onde há uma transposição de uma narrativa literária para uma história em quadrinhos. Esse tipo de material em quadrinhos constitui-se com todos os elementos estruturais presentes nos quadrinhos, como as imagens, as falas, balões etc. As adaptações literárias em quadrinhos são um tipo de mídia que vem sendo publicadas há décadas, mas que no Brasil ganharam um maior impulsionamento após as políticas educacionais citadas acima (no PCNs e PNBE), pois atendem às necessidades educacionais. Belém (2013) explica que esses materiais têm um maior apelo pois conseguem trabalhar “[...] com o não-verbal, com

⁵⁷ VERSIANI, Daniela Beccaccia; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, 2012.

o lúdico, com elementos que prendem a atenção e mexem com o imaginário da criança e do adolescente e bem mais que isso formam leitores críticos”, mas também é importante se atentar que as adaptações de obras literárias clássicas são encontradas nos mais diversos meios e suportes, não apenas nos quadrinhos, encontramos-as também no cinema, nas artes plásticas, em músicas, na fotografia entre outros formatos.

Existe uma certa insistência em "forçar" que os quadrinhos fiquem apenas como uma leitura recreativa, do qual, para autores como Vergueiro e Ramos (2009), Zeni (2009), e também outros pesquisadores do objeto, essa visão é totalmente errônea. Zeni (2009), por exemplo, explica que mesmo que as HQs trabalhem com palavras, e que haja uma certa possibilidade da sua aplicação em teorias literárias, **as histórias em quadrinhos não são literatura**, “[...] como o cinema, a dança, a música e as artes plásticas também não são, ou seja, nada é literatura, a não ser a própria literatura. [...] A ideia é que todos os tipos de arte [...] têm suas especificidades e características e isso não os torna melhores ou piores, apenas diferentes entre si” (Zeni, 2009, p.207). Pode-se presumir então que, a ideia de classificar os quadrinhos dentro da literatura se deu para dar mais prestígio aos livros literários, justificando sua presença em escolas e bibliotecas, e também, pelo próprio desconhecimento de uma parcela da sociedade sobre as HQs, sendo a distinção desse gênero é pela própria intenção da adaptação, que é de traduzir uma história construída primariamente em um discurso literário para um discurso quadrinístico” (Pirota⁵⁸, 2014, p.108 apud Varela; Dias, 2021, p.447).

[...] pensar os quadrinhos como manifestação artística, nivelá-los com a literatura e inseri-los dentro da própria história da arte e, ainda, encontrar e definir suas escolas, seus gêneros e sua poetização, bem como suas relações com as outras manifestações artísticas, são tarefas ainda por serem feitas. A hipótese de nivelá-los chega mesmo a ser polêmica (Barroso, 2013, p.13).

Realizando um breve comparativo entre a literatura clássica e os quadrinhos, Teixeira (2015, p.29) explica que na literatura o fundamental é a palavra, pois toda a narrativa será construída a partir dela, quanto nos quadrinhos um elemento não se

⁵⁸ PIROTA, P. **Palimpsestos Machadianos**: adaptações para o quadrinho da obra O alienista. In: RAMOS, P.; VERGUEIRO, W.; FIGUEIRA, D. (orgs.) **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. São Paulo: Criativo, 2014.

supera ao outro, é a junção de ambos que completa o material, das imagens com as palavras forma-se a “riqueza de possibilidades expressivas, o potencial criativo das HQs”, assim não devemos confundir um gênero ao outro, “[...] quadrinhos são quadrinhos e literatura é literatura” (Vergueiro; Ramos, 2009, p.36).

Além disso, existe uma concepção de superioridade em relação à literatura quando comparada a outras mídias, sendo essa relação ainda mais rígida com as adaptações feitas em literaturas clássicas, as obras canônicas⁵⁹. Para Hattner (2010) existe uma supervalorização dos textos literários, do qual, acredita-se que qualquer adaptação de tais obras deve permanecer a mais fiel e próxima ao original, pois acredita-se na “[...] suposição de que as artes mais antigas são necessariamente melhores; iconofobia, as artes visuais são necessariamente inferiores às artes verbais [...]” (Stam⁶⁰, 2000 apud Hattner, 2010, p.147). Essa superioridade é ainda mais acentuada em relação às adaptações literárias feitas em quadrinhos, “enquanto nesses outros gêneros, a adaptação tem a possibilidade de ser entendida como uma obra válida, independente daquela que a originou, nos quadrinhos as adaptações acabam sendo encaradas pelos professores como algo menor” (Luiz; Castro, 2020, p.151).

Mas adaptar em quadrinhos não deve ser visto como uma simples técnica de colocar imagens junto aos textos, pois dessa maneira teríamos um livro literário ilustrado, e não uma história em quadrinhos, e essas são duas mídias diferentes. Santos (2020) realizou uma distinção entre os quadrinhos e os livros ilustrados, pois, apesar de ambos utilizarem de ilustrações e palavras, o livro ilustrado as palavras são a principal fonte de informação, já a ilustração presente fica em segundo plano, não afeta diretamente a informação, a mensagem do livro. Diferente dos quadrinhos, nos quais as imagens são tão importantes, ou mais, que as palavras, não podendo ser separadas ou apagadas. Arcuri⁶¹ (2013 apud Teixeira, 2015) complementa afirmando que nas adaptações em HQs, as imagens têm um papel importante, devem conversar com o texto, agregar e completar a narrativa. Desde modo, para que haja uma adaptação em

⁵⁹ **Canônicas - Literatura canônica:** Um cânone literário, são reconhecidas como as obras clássicas, as quais fazem parte da alta cultura, que pelo conteúdo e forma conseguiram transcender o tempo no qual foram escritas.

⁶⁰ STAM, Robert. *Beyond fidelity: the dialogics of adaptation*. In: Naremore, James (Ed.). Film adaptation. New Jersey: Rutgers University, 2000. p. 54-76.

⁶¹ ARCURI, Mariana C. M. **Literatura em quadrinhos hoje**. Soletas, n. 26, 237- 250, jul.- dez. 2013.

quadrinhos, alguns aspectos importantes devem ser levados em consideração, como: **a)** a adaptação não deve perder os elementos essenciais da obra adaptada; **b)** a linguagem não deve ficar presa em tentar representar com fidelidade o original (Cademartori⁶², 2003, p.61 apud Teixeira, 2015, p.27).

As adaptações, sejam elas quadrinísticas ou em outras produções midiáticas, devem ser vistas e apreciadas como uma obra independente, e não comparadas com a obra de origem, Zeni (2009), explica que em uma adaptação em HQ, mesmo que seu espelho seja uma obra literária, pode-se aproximar da obra original, mas ela ainda assim é autônoma, única, do qual pode apresentar um resultado final novo. Contudo, existe resistência em obras adaptadas serem vistas como uma forma autônoma, sempre sendo comparadas, esperando uma cópia e não uma adaptação daquele material.

Não se pode, todavia, pensar que, por se tratar de adaptações, elas devam obrigatoriamente copiar a obra-fonte, ao contrário, os quadrinhos como arte autônoma agregam aspectos de sua linguagem a linguagem literária. É essa autonomia o fator fundamental para sua relação com a leitura e a formação do gosto de ler entre crianças e adolescentes [...] (Belém, 2013, p.06).

Escolher utilizar as adaptações literárias em quadrinhos na escola, assim como qualquer gênero das HQs, pode resultar em inúmeros proveitos em todo o ambiente. Esses materiais podem ser trabalhados além do didático, fazendo também um papel de aproximação com o leitor, pois trabalham com o não-verbal, com o lúdico, com elementos que prendem a atenção e mexem com o imaginário da criança e do adolescente e bem mais que isso: formam leitores críticos (Belém, 2013, p.02). Belém (2013), ainda ressalta ao docente que esses materiais, trabalhados com gerações mais novas, geram a necessidade de que o professor ou o bibliotecário crie metodologias que concatenam o passado com o presente, sendo essas adaptações uma ótima maneira de unir esses dois vieses da história, o autor explica que a geração leitora de hoje é diferente se comparada à de décadas atrás, esse indivíduo é cercado por inúmeros tipos de culturas e mídias com um apelo intenso, de forma mais atrativa até, o que torna a necessidade de criação de estratégias de projetos para aproximar o leitor do gosto pela leitura, e também das obras clássicas.

⁶² CADEMARTORI, Lígia. Criança e quadrinhos. In: JACOB, S. **A criança e a produção cultural**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 45-61.

Porém, ainda existe uma deficiência sobre a forma com que as adaptações literárias em quadrinhos são utilizadas nas escolas (Galo, 2010). Para o autor, esses materiais, são em grande maioria subutilizados, no ensino da literatura por exemplo, são analisados pelos alunos de forma fragmentada e nunca observados como todo, para a autora “tal fato pode não despertar no aluno o interesse pela leitura do original e, por consequência, não auxiliar a formação do leitor crítico” (Galo, 2010, p.35), essa forma errônea de trabalhar com os quadrinhos torna o material ineficiente. Pina (2014) fala que as adaptações são levadas para sala de aula sem contextualização, e que esses materiais devem ser mostrados aos alunos como uma adaptação, da qual, aquele objeto não é a original, mas não é uma cópia. Utilizar as adaptações literárias como simples facilitadores de leitura é rebaixar um material capaz de ir muito além do que está sendo construído (Teixeira, 2015).

Autores como Pina (2014) e Santos (2020) comentam que, em ambientes escolares, as adaptações não são aprofundadas como narrativas, com plenitude, a literatura e leitura de clássicos, “mas em uma obrigatoriedade sistêmica educativa”. Para os autores, um dos problemas é o desprestígio por parte dos educadores e profissionais da educação com relação aos quadrinhos, pois nos ambientes escolares esses materiais são vistos e utilizados como uma espécie de “aperitivos”, não aprofundados, não estudados a fundo, só uma porta de entrada para a leitura “de verdade”. E essa visão se fortifica quando o educador não conhece os materiais quadrinistas, e tendem a achar que só servem para ilustrar ou passar tempo.

[...] se considerarmos os quadrinhos apenas um simples instrumento didático de estímulo à leitura, espécie de — degrau rumo a um nível mais elevado, não atribuímos a eles valor intrínseco e contribuimos para que eles permaneçam submetidos e ofuscados por outros produtos culturais. Os quadrinhos devem ser vistos como uma forma própria de linguagem ligada a uma forma de leitura, não necessariamente melhor ou pior do que outras (Lacerda⁶³, 2012, s/p. apud Teixeira, 2015, p.29).

Apesar dessas (tentativas) de dogmas em detrimento a adaptações de obras literárias, é importante pontuar que foram a partir dessas publicações que estavam desaparecendo voltaram a ser conhecidas (Pina, 2014), e que diversas obras antes consideradas inacessíveis para um determinado público acabaram se tornando

⁶³ LACERDA, Vitor Amado. Linguagem e leitura no mundo dos quadrinhos. In: **Revista Educação apresenta: Literatura Infantil**. São Paulo: Editora Segmento, 2012.

populares e conhecidas (Hattner, 2010), inicialmente pelos quadrinhos, mas fazendo com que esse leitor busque pelo original posteriormente, assim “ao permitir maior acessibilidade à compreensão de sua linguagem através da adaptação do texto, as quadrinizações auxiliam no processo de aproximação do indivíduo com a leitura [...]” (Galo, 2010, p.37). Por exemplo, Barroso (2013) conta que a adaptação dos gêmeos – os quadrinistas Fábio Moon e Gabriel Bá – do livro *O Alienista* (2009), do Machado de Assis, é a adaptação mais procurada da atualidade, ganhadora do prêmio Jabuti (na categoria Livro Paradidático). “No uso em sala de aula, produz resultados positivos quando bem direcionada” (Galo, 2010, p. 37-39), para a autor, a utilização das adaptações em quadrinhos em sala de aula é vantajosa porque o próprio material é rico em atributos didáticos, além da linguagem híbrida e icônica conseguir abordar diversos assuntos.

Figura 11: O Alienista



Fonte: Researchgate⁶⁴, 2018.

Esse gênero, adaptações literárias em quadrinhos, teve seu surgimento durante a década de 40, mais exatamente no ano de 1941 (Zeni, 2009; Riche⁶⁵, 2012 apud Teixeira, 2015) com a série intitulada *Classic Comics*, lançada nos Estados Unidos), que publicava literatura mundial em quadrinhos, durando até o ano de 1971. A *Classic Comics* foi a pioneira nesse tipo de tiragem de publicações, lançando os títulos “[...] como *Moby Dick*, de Herman Melville, *O Conde de Monte Cristo* e *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, *Os miseráveis*, de Victor Hugo, *Anna Karenina*, de Leon Tolstói, entre outros” (Zeni, 2009 p.204). A *Classic Comics* fez tanto sucesso

⁶⁴ *O Alienista* - Moon, Bá; *O Alienista*, p. 41. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Moon-Ba-O-Alienista-p-41_fig2_334693021. Acesso em 03 de nov., 2022.

⁶⁵ RICHE, R.C. Literatura e quadrinhos: linguagens em diálogo. In: *CNLF.*, 16. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2012. p. 2226 - 2239.

de vendas que influenciou várias outras editoras a copiarem o seu formato e também a publicarem adaptações literárias em quadrinhos, assim, diversos países do mundo também começaram a lançar revistas em quadrinhos especializadas em adaptações (Galo, 2010).

Foi também durante a década de 40 o surgimento da chamada **Edição Maravilhosa**, lançada pela **Editora Brasil América (EBAL)**, tendo materiais publicados até o final da década de 60. O diferencial dessa editora era que a mesma, diferentemente da *Classic Comics* que era um material importado dos EUA, viu o mercado em ascensão no Brasil e começou a produzir adaptações em quadrinhos de romances de autores brasileiros, como Jorge Amado e José Lins do Rego (GALO, 2010).

A EBAL, foi a maior editora de quadrinhos brasileira na época, importava e traduzia a série *Classics Illustrated*, nominando-a no Brasil como Edição Maravilhosa (Zeni, 2009; Barroso, 2013). A primeira adaptação de literatura brasileira em quadrinhos feita pela editora EBAL foi da obra *O Guarani*, de José de Alencar, no ano de 1947. A adaptação foi publicada em tirinhas, que saíam no diário do *Jornal Diário da Noite*, que após a sua finalização foram reunidas e lançadas pela própria editora em um único volume (Galo, 2010).

Figura 12: O Guarani, Edição Maravilha



Fonte: Guia dos Quadrinhos⁶⁶, [s/d.].

⁶⁶ **O Guarani, Edição Maravilha:** Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/edicao-maravilhosa-1-serie-n-24/ed001100/55250>. Acesso em 16 de jul. de 2022.

A EBAL fez bastante sucesso de vendas na época, levando outras editoras também a aderirem a ideia de publicar adaptações de obras nacionais em quadrinhos.

Aos títulos originais norte-americanos a editora brasileira agregou dezenas de quadrinizações de obras da literatura brasileira e portuguesa feitas por autores locais, como José de Alencar (O Guarani, Ubirajara, Iracema), Manuel Antônio de Almeida (Memórias de um sargento de milícias), José Lins do Rego (Doidinho, Menino de engenho), Jorge Amado (Jubiabá, Mar morto), Júlio Diniz (A morgadinha dos canaviais), Malba Tahan (Mil histórias sem fim) e outros (Cirne et al, 2002). As capas a seguir são de adaptações de dois romances de Bernardo Guimarães, Escrava Isaura e O garimpeiro (Zeni, 2009, p. 205).

Após o ano de 1950, os autores Varela e Dias (2021) afirmam que os quadrinhos foram cada vez mais inseridos nos livros e em materiais didáticos, de forma a ilustrar conteúdos que antes eram estritamente feitos apenas por textos. A partir desse momento, os livros passam a ter ilustrações, “[...] ou seja, com possibilidades de leitura não somente verbal. E isso foi enriquecendo as salas de aula” (Varela; Dias, 2021, p.438).

[...] de 2006 a 2012, o mercado de quadrinhos brasileiro encheu -se de adaptações literárias. Diferentemente do que se observou no passado, sobretudo com as adaptações da EBAL, cujo estilo e grafismo refletiam aquele momento histórico – não nos esqueçamos, os quadrinhos eram intensamente questionados –, agora observamos grande diversidade gráfica, bem como certa liberdade estilística e narrativa. (Barroso, 2013, p.18).

Podemos presumir que as adaptações nunca caíram no esquecimento, e seus números de publicações e vendas sempre se mantiveram estáticos, mas foi durante o ano de 2006, que esse gênero ganhou um maior espaço e retomou com maior força no cenário brasileiro. E essa retomada é ocasionada principalmente pelas políticas públicas como o PCN e o PBNE, que introjetam as HQs nos ambientes escolares, não mais como meras ilustrações de textos, mas como elementos formadores informacionais, parte do acervo das bibliotecas escolares e que podem ser utilizados nas metodologias dos educadores.

Para Barroso (2013), a década de 2000 é a década de marco para as adaptações literárias em quadrinhos, e o autor dá dois motivos para a afirmação: **a)** A própria inclusão dos quadrinhos nas políticas governamentais a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais, como complementação didática ao ensino escolar; **b)** E a inclusão, a partir de 2006, de revistas e álbuns de quadrinhos nas listas de livros

do PNBE, o programa do MEC de compra e distribuição de livros às escolas públicas do país. Para o autor, esse cenário faz com que o olhar de repressão dos quadrinhos também mude, as editoras, por exemplo, vêm trabalhando para modificar esse cenário e alcançando não mais materiais ilustrativos, “se, nas décadas de 1940 e 50, reverenciava-se, especialmente, o escritor e o cânone literário, hoje em dia, quando a própria HQ alcança outro status como linguagem gráfica, é dada atenção à atividade autoral do quadrinista: sua originalidade em transpor linguagens, sua força expressiva, sua capacidade de se relacionar de forma criativa com a obra original, oferecendo um novo olhar e propondo uma nova leitura poética.

1.5 O Potencial Educativo dos Quadrinhos no Ambiente Escolar

As histórias em quadrinhos podem ser grandes auxiliadoras da escola quando bem aproveitadas, podendo ser utilizadas tanto dentro quanto fora da sala de aula. Santos e Ganzarolli (2011) explicam que o material em quadrinhos, por utilizar um tipo de linguagem instigante, e que trabalha em conjunto com a linguagem e a imagem, pode auxiliar no desenvolvimento do aluno durante a experiência da leitura, além de ser um material que consegue “prender” a atenção do mesmo durante a ministração de uma aula.

No momento que as escolas abriram as portas para os quadrinhos, puderam enxergar um material rico que poderia trabalhar além da leitura de lazer, digo isso sem diminuir ou desvalorizar a leitura recreativa, visto que qualquer tipo de leitura pode ser aproveitada e informativo, tornando-se grandes aliadas para algumas didáticas escolares.

Galo (2010) explica que o processo de utilização dos quadrinhos no ambiente escolar, depende totalmente do professor (ou mesmo do bibliotecário escolar) encontrar a melhor maneira de utilizar a mídia junto às práticas escolares. O pesquisador Vergueiro (2018) comenta o leque de opções entre as disciplinas das quais os quadrinhos podem auxiliar em didáticas durante as aulas, como:

Nas aulas de **artes**, elas podem ser estudadas como forma de manifestação artística, focando sua linguagem, códigos utilizados e estrutura narrativa. Nas de **geografia**, podem ser discutidas histórias em locais específicos, estudando-se elementos topográficos ou culturais de países ou regiões. Na de **história**, podem fundamentar as diversas épocas desenvolvimento histórico, servindo para identificação de anacronismos ou ideologias dos autores na elaboração da narrativa, nas de **língua portuguesa**, podem auxiliar no enfoque de pontos específicos de gramática (loquções verbais, gírias etc.) ou no entendimento e interpretação de texto. Nas aulas de **física**, assim como as de **biologias** e/ou **química**, podem oferecer subsídios para a discussão de teorias diversas, quando contrastadas com elementos narrativos dos quadrinhos. E assim por diante (Vergueiro, 2018, p.12. **Grifo do autor**).

Porém, não existe um manual no qual esse educador encontre um passo-a-passo com indicações de como utilizar os quadrinhos nas práticas escolares, dando ao docente ou ao bibliotecário escolar a responsabilidade de analisar e estudar cada caso e as melhores formas de aplicar o material no seu cotidiano. O autor Vergueiro (2008a) exemplifica que para a utilização da mídia em ambiente escolar não há nenhuma regra, sendo necessário apenas a criatividade e a capacidade em utilizá-la para atingir o objetivo proposto em aula, para o autor “[...] o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e a capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino” (Vergueiro, 2008a, p.26). Por exemplo, não tem como esse educador querer ensinar algo sobre política pública com a HQ Cicatrizes⁶⁷ (David Small), com tudo é possível que ele ensine português, gramática e até física caso conheça a história do material e saiba como aplicá-la em sala de aula.

O que irá fazer com que aquele quadrinho seja utilizado e/ou aproveitado de forma plena em ambiente escolar será principalmente o conhecimento do educador sobre o quadrinho, a didática e o objetivo que o mesmo quer alcançar (Vergueiro, 2008a), dessa forma, obtém-se inúmeras possibilidades de trabalhar com a mídia, fugindo das áreas de confortos que alguns educadores mantêm.

[...] é muito importante que o professor tenha suficiente familiaridade com o meio, conhecendo os principais elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa; esteja a par das especificidades do processo de produção e distribuição de

⁶⁷ Traduzido do inglês - **Stitches: A Memoir**, é um livro de memórias semibiográfico, escrito e ilustrado por David Small (1945 -).

quadrinhos; e, enfim, conheça os diversos produtos em que eles estão disponíveis. (Vergueiro, 2008a, p.29).

Uma questão a ser analisada na utilização das HQs no ambiente escolar é na seleção das narrativas a serem utilizadas. Para Vergueiro (2008a), a etapa de análise e seleção de materiais em quadrinhos para construção de um projeto escolar deve-se levar em consideração primeiramente os objetivos educacionais buscados pelos educadores, assim, a escola deve-se atentar na temática que aquele material aborda e também a idade e o desenvolvimento intelectual dos alunos que vão lidar com o material.

Para a seleção das histórias, o autor fez algumas considerações com os tipos de materiais quadrinísticos possíveis de serem aplicados em sala de aula, relacionando-os com o desenvolvimento escolar:

Tabela 05: Aplicação dos Quadrinhos em Relação aos Anos/Séries Escolares na Educação Básica

Educação Infantil ⁶⁸	Os alunos nesse período estão em desenvolvimento, tanto de suas atividades motoras quanto emocionais, sendo “a relação desses estudantes com os quadrinhos basicamente lúdica”. Contudo é importante que durante essa fase os alunos tenham contato com quadrinhos — Neres e Lacerda (2017, p.02) explicam que é durante a primeira e a segunda infância que a criança deve ser estimulada a leitura, seja com livros ou com relatos orais, para o autor, “a criança precisa manusear o livro, dando vazão a seu fascínio pela forma física do mesmo. São recorrentes livros em forma de pop-up, alto-relevo, em colagens e materiais dos mais diversos que visam atrair a criança a partir de seu aspecto tátil”.
Ensino Fundamental I ⁶⁹ (1° ao 4° ano)	Vergueiro (2008a) explica que o aluno terá uma percepção da realidade que o circunda e de seu contexto social aos poucos, observando características de pessoas e de locais próximos, e deixando de ser o centro das atenções. Nessa nova percepção de indivíduo, Vergueiro (2008a, p.28) sugere que seja apresentado ao aluno diferentes títulos e narrativas em quadrinhos, para que o instigue essa nova percepção de sociedade. Assim como iniciar, progressivamente, trabalhos com metodologias mais elaboradas, incorporando a linguagem dos quadrinhos.
Ensino Fundamental II ⁷⁰ (5° ao 9° ano)	Nessa fase, o aluno já tem noção que o mesmo faz parte de um contexto social, consciência da amplitude do mundo. Com isso em mente, esse discente tem a capacidade de identificar nuances nos quadrinhos, realizar correlações entre narrativas, e também entre a história com sua própria realidade social.
Ensino Médio ⁷¹	Os alunos integrantes do Ensino Médio estão em um processo de mudança física e também de personalidade, "passam a ser mais críticos e questionadores em relação ao que recebem em aula" (Vergueiro, 2008a, p.28).

Fonte:⁷² Própria Autora, 2023.

Visto então a evolução do indivíduo durante a fase escolar, podem existir diversas formas de aplicar o objetivo nas instituições de ensino, das quais, Bari (2011) sugere que uma opção para a incorporação das histórias em quadrinhos nas práticas escolares seja a disponibilização desses materiais no acervo da biblioteca escolar, com as gibitecas escolares, também se espera a responsabilidade do educador ao planejamento das atividades mais adequadas, assim como dialogar as narrativas com

⁶⁸ **Educação Infantil:** Crianças de zero a cinco anos de idade, entretanto, no Brasil, só é obrigatória para crianças entre quatro e cinco anos (os grupos 1, 2 e 3 são facultativos).

⁶⁹ **Ensino Fundamental I:** Contempla crianças de 06 a 10 anos de idade - de acordo com o Ministério da Educação - MEC.

⁷⁰ **Ensino Fundamental II:** Contempla crianças de 11 a 14 anos de idade - de acordo com o Ministério da Educação - MEC.

⁷¹ **Ensino Médio:** Contempla crianças de 15 a 18 anos de idade - de acordo com o Ministério da Educação - MEC.

⁷² O quadro apresentado foi formulado a partir de ideias e definições de outros pesquisadores (citados também na tabela).

as temáticas abordadas em sala, tomando o devido cuidado com a faixa etária dos alunos.

Seguem abaixo algumas técnicas possíveis de que um professor ou bibliotecário possa utilizar histórias em quadrinhos, abordando diferentes áreas do conhecimento em diferentes escolaridades e faixas etárias, em ambientes escolares:

- a. Interdisciplinar e Transdisciplinar;
- b. Metodologias ativas, como o SEAM (*Science, Technology, Engineering and Mathematics*);
- c. Produção de Fanzines;
- d. Utilizar o material para aprofundar, ilustrar, demonstrar, temas debatidos em sala;
- e. Utilizar as adaptações para trabalhar e fomentar a leitura dos clássicos;
- f. Trabalhar com língua estrangeira;
- g. Utilizar os ciberquadrinhos para abordar tecnologia e programação, além de economia criativa (formas de monetização de trabalhos amadores).

Sales (2017), baseando-se em observações e estudos levantados pelo próprio sobre o tema, fez algumas considerações pertinentes sobre maneiras de utilizar os quadrinhos nas escolas, sendo que: **a)** É necessário que o educador, o professor ou mesmo o bibliotecário escolar, desenvolva um projeto didático com a(s) história(s) em quadrinho(s) que tenha interesse em trabalhar. Acredito que esse projeto é uma etapa de aceitação do material como um produto informacional, “[...] um processo de sensibilização e aceitação” e de planejamento (Sales, 2017, p.25), uma fase necessária para os que ainda têm receio com o material ou enxergue como um aliado nas didáticas; **b)** É fundamental que o educador seja um **professor reflexivo**⁷³, e não utilize dos quadrinhos apenas por estar em alta ou pela moda (Pimenta⁷⁴, 2006 apud Sales, 2017). Esse educador deve enxergar o potencial nos quadrinhos como um material

⁷³ **Professor Reflexivo:** “professores que são agentes ativos do seu próprio desenvolvimento docente e do espaço escolar. É aquele professor que reflete sobre a reflexão na ação” (Sales, 2017, p.25).

⁷⁴ PIMENTA, S. G. **Estágio na Formação de Professores:** unidade teoria e prática. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

educacional; **c)** Deve reconhecer as HQs como materiais fonte de informação, mas não deve tratá-las com nenhum tipo de exclusividade. Por isso afirmo ser necessário que o responsável traga conteúdos diversos, e que esses materiais sejam acessíveis aos alunos; **d)** A utilização dos quadrinhos em ambientes escolares é um compromisso criativo do educador; **e)** O docente deve instruir os estudantes a decodificarem (lerem) imagens, além das palavras, ensinando alfabetização por meio da imagem. Afirmo que esse tipo de alfabetização “[...] amplia o horizonte educativo e favorece a construção e consolidação de muitos saberes” (Sales, 2017, p.26); **f)** Deve-se utilizar os quadrinhos para diferentes temas e conteúdo, para além do currículo oficial; **g) É preciso incentivar** a escola na implementação de uma gibiteca na instituição.

Um ponto importante, quando se trabalha com os quadrinhos em sala de aula, é aproximar a narrativa com a realidade dos alunos, e a realidade daquela sociedade. Santos (2020) comenta que fazer essa correlação com um adulto é mais fácil do que com uma criança, assim, para o público infantil, o autor explica que seria mais fácil trabalhar a realidade social junto com outras matérias, o mesmo ainda pontua os quadrinhos do cartunista Ziraldo, Pererê, que faz reflexões sobre cultura, mitologia brasileiro e ecologia.

[...] é importante destacar que os alunos precisam ter acesso ao material com que o docente vai trabalhar. Naturalmente se este for trabalhar com uma charge, é simples, pois sua exibição em um projetor na sala de aula ou algumas poucas fotocópias da carga darão conta do objetivo. O mesmo podemos dizer de um cartum ou uma tira (Santos, 2020, p.70)

A partir do momento que as escolas aprendem a trabalhar com os quadrinhos, esses materiais tornam-se aliados e trabalham em conjunto com os educadores, para Galo (2010), depende totalmente de o professor encontrar as melhores maneiras e metodologias de como utilizá-las para encontrar os objetivos buscados.

1.6 As Gibitecas Escolares

Gibitecas, hemerotecas ou bebetecas, definidas como um tipo de biblioteca especializada⁷⁵, detém um acervo tipificado em histórias em quadrinhos, é um local onde se armazena, conserva e se organiza HQs. O termo, é um neologismo inteiramente brasileiro, que surgiu da junção das palavras **biblioteca** e **gibis**⁷⁶(Vergueiro⁷⁷, 1994 apud Id., 2005), dando origem à expressão que utilizamos atualmente.

Melo, Bari e Santos (2021, p.02) definiram uma gibiteca como:

[...] coleções de publicações voltadas para essa mídia e linguagem e suas publicações, no todo ou em parte, assim como na organização de séries e conjuntos autorais de HQ destacadas do veículo de publicação original, em formato de Hemeroteca. Como o conceito de HQ remota ao ano de 1896, as Gibitecas também se dedicam também a colecionar as narrativas sequenciais gráficas anteriores, que trazem as características primordiais desse gênero literário, assim como sua linguagem híbrida de texto e imagem e publicação em suportes típicos.

O Brasil, além de cunhar o termo gibiteca, também foi o primeiro país a ter uma gibiteca totalmente de acesso público, inaugurada no ano de 1982 na cidade de Curitiba - PR, foi denominada com o nome da cidade, **Gibiteca de Curitiba**⁷⁸. O acervo foi um projeto do professor Key Imaguire Junior⁷⁹. O local é um exemplo, não apenas em relação ao seu acervo que dispões mais de 32.000 (trinta e dois mil) títulos contemplando todos os gêneros e subgêneros de HQs, mas também por ser um centro cultural e turístico da cidade de Curitiba, da qual promove eventos, curso, exposições, palestras, encontros para jogadores de RPG (*Role Playing Game*).

⁷⁵ **Biblioteca Especializada:** Acervo e serviços atendem a um campo específico do conhecimento.

⁷⁶ **Gibi:** uma denominação criada no Brasil, que se originou a partir de uma revista de mesmo nome. Em 1939, Roberto Marinho (1904-2003), dono da editora O Globo, lançou a revista em quadrinhos chamada Gibi, a publicação fez tanto sucesso que o termo hoje se tornou uma metonímia (no Brasil) das revistas em quadrinhos.

⁷⁷ VERGUEIRO, Waldomiro C. S. *Comic book collections in Brazilian public libraries: the "gibitecas"*. New Library World, v.95, n. 1117, p. 14-8, 1994.

⁷⁸ **Gibiteca de Curitiba:** localizada na Rua Presidente Carlos Cavalcanti, n. 533, Solar do Barão - Centro. Curitiba - PR. Seu funcionamento acontece das 9h às 12h e 14h às 18h (terça a sábado).

⁷⁹ **Key Imaguire Junior:** Professor na Universidade Federal do Paraná, fotógrafo, humorista e possui algumas crônicas publicadas em jornais e revistas do Estado do Paraná. Disponível em: <https://biografias.netsaber.com.br/biografia-4774/biografia-de-key-imaguire-jr->. Acesso em 11 de jan., 2023.

Figura 13: Gibiteca de Curitiba



Fonte: Fundação Cultural de Curitiba⁸⁰, [s/d.].

Hoje, existem inúmeras gibitecas espalhadas em cidades brasileiras, sendo difícil a contabilização exata das mesmas como, por exemplo, nas cidades de: Santos (SP), João Pessoa (PB), Brasília (DF), Goiânia (GO) e Curitiba (PR). Essa popularidade das gibitecas vem dos próprios quadrinhos, que intrinsecamente, são um tipo de leitura atrativa que possuem alta popularidade. Como já discutido anteriormente, essa mídia consegue alcançar (por ter material para tal público) todas as idades, gêneros, gostos de leitura, “[...] as histórias em quadrinhos têm adeptos e admiradores nas mais diversas faixas etárias, alcançando crianças, jovens e adultos, com HQs dos mais variados temas e gêneros, de acordo com o gosto pessoal e perfil de cada leitor” (Baía, Condurú, 2022, p.04).

Em relação as gibitecas já existentes, Vergueiro (2005) conta ainda que a maioria desses acervos são encontrados em cidades consideradas populosas, esse fato talvez se reflète no fato de que apesar dos quadrinhos serem extremamente conhecidos, ainda são um tipo de material, e leitura, para um público específico, não atingindo uma ampla disseminação. Além desse fator, o autor ainda comenta que mesmo não havendo gibitecas espalhadas em todo o país, é possível encontrar histórias em quadrinhos em praticamente qualquer biblioteca brasileira, ainda que nesses setores não haja um local ou tratamento adequado ao material (Vergueiro, 2003).

⁸⁰ **Gibiteca de Curitiba:** Disponível em <http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/espacos-culturais/gibiteca-de-curitiba/>. Acesso em 18 de dez. de 2022.

Esses setores podem ser públicos ou privados, escolares, agregadas a alguma outra biblioteca já existente, independentes ou também formadas de forma comunitária, desta forma, é possível funcionarem tanto “[...] como um setor da departamentalização de uma unidade de informação, ou mesmo se constituir numa unidade de informação independente e autônoma” (Melo; Bari; Santos, 2021, p.02).

Semelhante a uma biblioteca que detém um catálogo diverso, a gibiteca tem como principal objetivo disseminar informações a partir das histórias em quadrinhos, sendo um ambiente considerado rico em informação, altamente atrativo ao usuário que o visita. Baía e Condurú (2022, p.02) explicam que esses acervos especializados trabalham principalmente com a leitura e na construção do sujeito leitor, atuando “[...] como ferramenta nesse processo de formação de leitores”.

Porém, esse ambiente não se limita apenas em torno do desenvolvimento da leitura, podendo transcender em outros aspectos. A gibiteca permite múltiplas atividades em diferentes focos, desde as mais artísticas e culturais, quanto algo mais técnico. É importante enxergar esse ambiente da gibiteca (e também da biblioteca) como um organismo vivo, possível de realizar ações culturais e artísticas junto com a comunidade escolar, segundo Ferreira⁸¹ (2014 apud Melo; Bari; Santos, 2022, p.07), o acervo escolar para funcionar não basta ter materiais bibliográficos, livros ou quadrinhos, é preciso que também existam programações culturais rotineiras, planejadas e contínuas, com a contribuição de todo o núcleo escolar, professores, bibliotecários e administração.

As Gibitecas não se limitam apenas na guarda dos materiais, mas conseguem abranger um amplo espectro de trabalhos e projetos culturais e artísticos em torno das obras em quadrinhos, trabalhando com eventos, palestras, oficinas, entre outras atividades, do qual, seus principais objetivos seriam: Fomentar a leitura entre crianças, jovens e adultos; Destacar a ampla produção de HQs nacionais, impressos e digitais; Produzir e apoiar eventos, por meio da elaboração de uma agenda cultural; Utilizar o fenômeno *crossmídia* para divulgar a Gibiteca; Atrair diferentes fã-clubes localizados em São Paulo, estimulando atividades que envolvam a Gibiteca e tornando a BSP um espaço de encontro entre grupos organizados de fãs e apreciadores de HQs (São Paulo, 2016).

⁸¹ FERREIRA, Shirley dos Santos. **A Biblioteca Escolar como ambiente social na formação do leitor.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2014. 58 p. Ilust. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/6755>.

Com a popularidade das histórias em quadrinhos e o interesse sobre o material como método pedagógico, houve também a curiosidade de idealizar um acervo específico para as instituições de ensino, as Gibitecas Escolares, da qual essa curiosidade foi despertada principalmente após a inclusão das HQs no PNBE em 2006. Santos (2020) relata que a partir desse momento, materiais em quadrinhos começam a ser distribuídos pelo Governo Federal para as bibliotecas das escolas públicas, dando possibilidade às instituições que antes não tinham nenhuma condição de iniciar uma gibiteca, ter essa possibilidade de contato com o material.

A criação de uma gibiteca escolar deve ser observada como uma forma prazerosa e eficiente de concatenar toda a instituição com as histórias em quadrinhos, disseminando a leitura das HQs, além de despertar o interesse da utilização dessa mídia entre os professores e bibliotecários escolares, lembrando que essa mídia quando bem utilizada, pode servir como apoio pedagógico em diversas disciplinas.

As histórias em quadrinhos, ao longo do tempo, passaram de meros instrumentos de diversão e entretenimento, para poderosas ferramentas de inserção e estímulo à leitura, seja nas escolas, bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias, salas de leitura etc. Por ser uma leitura atrelada a imagens, e muitas das vezes por personagens de super heróis, com uma narrativa em forma de história, seguida de fatos e acontecimentos, acaba tornando, principalmente, nas primeiras séries do ensino básico, uma leitura mais agradável e prazerosa, facilitando o processo de alfabetização (Baiá; Condurí, 2022, p.04).

As escolas que incentivam a criação de um acervo destinado aos quadrinhos, não apenas criam um local lúdico de leitura diferenciada em suas dependências, mas desenvolvem um setor rico em informação e conhecimento, podendo ser trabalhados tanto por professores quanto pelos bibliotecários escolares em diferentes espectros. Para os autores Oliveira e Souza (2010), manter uma gibiteca escolar traz benefícios à toda instituição de ensino, conseguindo auxiliar em aulas e também agregar informação quando bem utilizada, além de despertar o interesse na leitura, “O professor tem a possibilidade de mudar o quadro caótico e desanimador do aluno, em relação às interpretações das leituras, levando sempre a turma à gibiteca” (Oliveira; Souza, 2010, p.09). Criar então, esse acervo especializado, poderá aproximar os quadrinhos da escola, e a instituição de ensino que detêm disso agrega não apenas

valor de aprendizado ao aluno, mas também a um meio de informação e conhecimento rico para o discente e para o professor.

Baía e Condurú (2022) relatam que desenvolver uma gibiteca escolar é uma atividade trabalhosa em certos aspectos, mas para as instituições e profissionais que visam construir um acervo destinado aos quadrinhos, há inúmeras maneiras que podem ser trabalhadas. Sobre o **espaço físico** destinado ao acervo, não é obrigatório ser um ambiente grande ou exclusivo para o acervo. Existem diversas gibitecas que separam um espaço grande, para leitura, lazer e outras atividades culturais no ambiente, mas o espaço amplo não deve ser visto como uma regra. O responsável pode utilizar um espaço da própria biblioteca, o importante é que haja um espaço separado do acervo em comum e que haja organização nesses materiais em quadrinhos.

A instituição de ensino também não precisa destinar **capital** para a construção da gibiteca. Além dos envios de alguns quadrinhos realizados pelo Governo Federal para instituições públicas, as escolas possuem outras vias para a construção do acervo. Bari e Vergueiro (2011, p.05) mencionam que uma gibiteca pode ser formada de maneira simples, com itens de fácil acesso e a escola não precisará de um capital para custear.

[...] pequenos acervos de salas de leitura escolar, caixas-estante ou outros acervos de uso público podem ser providenciados, com baixos custos, para disponibilizar revistas e álbuns de histórias em quadrinhos. Quase todo tipo de público se agrada de uma boa leitura incidental, e as histórias em quadrinhos cumprem plenamente esse papel (Bari; Vergueiro, 2011, p.05).

Os materiais destinados para o acervo também não precisam ser de "primeira-mão⁸²", comprados novos e podem ser adquiridos em sebos⁸³ (Vergueiro, 2008a, p.26), onde os preços costumam ser mais baixos. Também há a possibilidade do bibliotecário ou responsável realizar projetos visando doações da comunidade, editoras, e também de outras gibitecas já ativas para conseguir materiais destinados ao acervo, diversas gibitecas maiores fazem doações quando solicitadas, quando as mesmas detêm de um volume grande do mesmo material, ou mesmo as editoras para divulgação do próprio

⁸² **Primeira-mão:** Novo, que nunca foi usado / comprado antes.

⁸³ **Sebo:** também conhecido como **alfarrabista** — é o nome popular dado a livrarias que compram, vendem e trocam livros usados.

selo. Essas doações podem vir também de colecionadores, que adquirem determinados materiais em melhores estados, ou edição mais rara, e podem realizar a doação.

A maior dificuldade durante a etapa de aquisição do material, para Oliveira e Souza (2010), não está no processo de aquisição, mas na etapa da curadoria dos materiais recebidos, pois é responsabilidade do bibliotecário gestor daquele setor analisar todos os materiais recebidos antes de os disponibilizar nas estantes, assim, examinar “o que se pode e deve verificar é o teor das revistas compradas ou doadas e sua adequação ao grupo social servido, o que é trabalho do bibliotecário ou do gestor desse pequeno acervo” (Bari; Vergueiro, 2011, p.05). Por exemplo, quadrinhos da turma da Mônica, recebidos em bom estado, é válido inseri-los ao acervo das gibitecas escolares de diferentes séries, porém quadrinhos como Maus (Art Spiegelman) ou Persépolis (Marjane Satrapi) são excelentes materiais para escolas com ensino fundamental II e médio, porém não é aconselhável para escolas com ensino infantil.

Essa etapa de **análise e estudo dos materiais** que fazem parte do acervo é uma das “atribuições” de uma gibiteca, e em qualquer biblioteca que detém gibis em seu acervo (visto que em quase todas as bibliotecas possuem algum material quadrinístico em seu catálogo). O que é observado, dada a própria falta de informação e contato com o material, que os responsáveis por realizar essa curadoria dos quadrinhos colocam qualquer história em qualquer local da gibiteca. Na maioria das vezes, atribuem essas histórias destinadas a crianças e puramente incluem todos os quadrinhos na área infantil da biblioteca, não compreendendo que nem todo material quadrinístico é infantil e vários desses materiais podem conter temática adulta. Por exemplo, Bari e Vergueiro (2021) comentam que hoje quase 70% da produção das HQs são destinadas para o público acima dos 17 (dezesete) anos, sendo desaconselháveis para menores dessa idade indicativa. Uma das razões disso ocorrer vem do desconhecimento do profissional em relação ao material, o que leva a falta de destinação adequada do mesmo. Santos (2020, p.12) comenta que bibliotecas com acervo diverso, por exemplo, costumam não ter um local, uma classificação específica para as obras em quadrinhos, se misturando aos outros materiais bibliográficos. Esse fator observado dentro da própria biblioteconomia, os materiais em quadrinhos sem uma distribuição e trabalho técnico adequado resulta na perda do material, logo daquela informação. Esse cenário é rotineiro nas bibliotecas escolares e públicas do país, onde essas HQs sem o devido cuidado, pelo desconhecimento de alguns profissionais, são perdidas,

deterioram-se, além de desperdiçarem o potencial de aproveitá-las para desenvolver um acervo especializado.

A consulta referencial na Gibiteca Escolar deve contar com um indivíduo ou equipe de bibliotecários, auxiliares e estagiários que realmente gostem e se interessem pelas histórias em quadrinhos. Normalmente, serão questionados sobre personagens específicos, séries, fases, famílias de super-heróis, entre outras especificações que não se encontram elencadas com facilidade para não leitores. As histórias em quadrinhos, além de desenvolver o letramento da juventude, trazem consigo uma cultura própria, que não está acessível de forma externa ao fenômeno da leitura (Pustz⁸⁴, 1999 apud Bari; Vergueiro, 2011, p.10).

Na construção da gibiteca, o responsável, além de olhar para o seu acervo, também deve dar importância para quem é o seu usuário, no caso de uma gibiteca escolar, a maioria dos usuários serão alunos, professores e equipe técnica da instituição, nesse caso, o bibliotecário responsável deve se atentar para quais são as séries escolares atendidas na instituição e a média da idade dos seus alunos. Pois, o acervo será constituído a partir do perfil do público a ser atendido, seu usuário (Bari; Vergueiro, 2011).

Bari e Vergueiro (2011), demonstraram a funcionalidade da gibiteca e seu acervo junto ao seu usuário em três faixas de ensino distintas, o infanto-juvenil, o EJA e para adultos:

- I. **Alunos do Infanto-Juvenil:** Bari e Vergueiro (2011, p.07) explicam que o ambiente da gibiteca é um ótimo local para auxiliar na alfabetização desses alunos, além do desenvolvimento do indivíduo como leitor e estimular seus gostos na leitura. Porém, deve-se atentar na gestão e administração desse acervo, mais especificamente na seleção e deliberação de determinados materiais que possam não ser aconselhados para as idades dos alunos.
- II. **EJA (Educação Jovens e Adultos):** Diferente do que ocorre com as gibitecas que atendem o público infanto-juvenil, o acervo destinado para o EJA pode comportar leituras com temáticas mais adultas, Bari e Vergueiro (2011) explicam que essas

⁸⁴ PUSTZ, Matthew J. **Comic Book Culture**. Mississippi: University Press/Jackson. New York: Perennial, 1999.

narrativas podem até ser mais atrativas para o público, principalmente os que não possuem contato com a leitura, auxiliando assim, no letramento desses alunos.

III. Adultos: Para o público adulto, Bari e Vergueiro (2011) afirmam que além da temática adulta, existe uma preocupação adicional com esses usuários, sendo a preservação dos próprios quadrinhos – Os autores então aconselham, que se possível, sejam adquiridas duplicatas do material, um para destinar ao empréstimo, e o segundo exemplar apenas para leitura no espaço destinado à consulta local.

Uma das principais questões que dificulta a criação e a manutenção de uma gibiteca escolar é o desconhecimento dos profissionais da educação sobre o material, tanto os professores quanto bibliotecários. Além do mais, mesmo que menor do que há algumas décadas atrás, ainda existe algum receio acerca da validade do material como recurso paradidático, alguns profissionais da área educacional ainda descredibilizam e inferiorizam os quadrinhos, “embora até os documentos normativos do Ministério da Educação supracitados já tragam a validação da leitura das HQ, muitos cidadãos brasileiros com diferentes níveis de formação ainda às veem como causadoras de ‘preguiça mental’ ”(Melo; Bari; Santos, 2021, p.08).

Apesar do desconhecimento de alguns profissionais, e desse receio da utilização do objeto nas escolas por alguns profissionais, Nogueira (2007) comenta a existência de diversas escolas que trabalham com quadrinhos como objetos de ensino, mediando o sujeito com a leitura e tendo resultados favoráveis. Essa prática consegue não apenas combater o preconceito, mas também demonstra com ações práticas as vantagens de utilizar os quadrinhos junto com didáticas educacionais, e que o ato de ler só traz benefícios.

Uma gibiteca, quando bem utilizada, e contando com um profissional que conhece sobre o objeto, um tipo de setor de informação pode agregar resultados positivos para toda a escola e também a comunidade, indo além do material físico, “[...] as gibitecas ajudam o estudante a se familiarizar com a leitura e também promovem uma educação multicultural, já que os temas das histórias são tão diversos que os discentes podem abrir suas cabeças para outras perspectivas e formas de enxergar seu próprio mundo” (Santos, 2020, p.13).

Para Nogueira (2007, p.180) “a gibiteca age como um canalizador de sonhos”. Ela transporta os leitores a um mundo da fantasia do qual ele estava até então alienado” assim, deve ser levada em consideração que a formação de um acervo específico em uma instituição de ensino não irá prejudicar em nada o desempenho da escola, nem irá acometer (de forma negativa) o material didático ou os livros literários já utilizados pelos alunos, tampouco distanciará os alunos das leituras clássicas, mas os beneficiará como sujeitos leitores críticos, auxiliando em aulas, despertando o interesse e o gosto pela leitura, agregando informação, isso quando bem utilizada. A instituição de ensino que implementa um acervo em quadrinhos tende a ganhar com a aquisição, e sem precisar custear por esse recurso.

A criação de gibitecas é uma ótima maneira de aprimorar a biblioteca escolar para além da sala de livros, revelando esse rico local, e, que com a promoção de projetos educacionais e culturais que contemplem a escola e a comunidade, estimulará assim seu uso e a curiosidade de novo usuário. Sabendo que a grande maioria das bibliotecas possuem algum exemplar de quadrinho em seu acervo, nesse sentido “toda a Biblioteca Escolar tem a potencialidade de desenvolver um acervo especializado de HQ, ou seja, uma Gibiteca Escolar” (Melo; Bari; Santos, 2021, p.02).

Nessa visão, ter um acervo que não se limite a disciplinas específicas e corriqueiras, que contemple diferentes assuntos e idades, que chame a atenção (no caso, as histórias em quadrinhos), possibilita também a realização de diversas atividades culturais e artísticas dentro da biblioteca, isso resultaria no despertar de novos usuários naquele setor, fomentando assim a biblioteca como um todo, “[...] a implantação de Gibitecas vem somar em uma unidade escolar, podendo ser espaço alternativo para o desenvolvimento de leituras e atividades intelectuais, cognitivas e lúdicas, possibilitando o desenvolvimento do sujeito-leitor” (Silva; Silva, 2013, p.02).

2 METODOLOGIA

Gil (2002) define a pesquisa científica como um processo técnico, sistemático e metódico, desenrolando-se a partir de um “[...] conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento” (Gil, 2002, p. 8).

Todavia, para que a pesquisa tenha reconhecimento científico, relatar os procedimentos, a rotina e o caminho percorrido é essencial, pois se deve demonstrar os métodos adotados para alcançar tais deduções (Köche, 2015). Assim, “a dimensão positiva do método científico refere-se àquelas instruções de como proceder, como pesquisar, por onde começar, qual sequência seguir etc.” (Castro, 2006, p. 32).

A produção de uma pesquisa científica pode ser motivada por diversas razões. No caso desta apresentada aqui, eu optei trabalhar com as histórias em quadrinhos e a inclusão de gibitecas em ambientes escolares, por me enquadrar como uma pesquisadora entusiasta, como é citado por Vergueiro (2017), sendo aquele tipo de pesquisador que escolhe a temática estudada pelo próprio fascínio do assunto. O autor menciona que os pesquisadores entusiastas, por já terem um conhecimento prévio do assunto, podem inserir suas vivências de maneira agregadora e positiva na pesquisa.

Reconhecendo a importância da demonstração da metodologia utilizada e praticada em um estudo, visto que é um dos aspectos que validam todo o trabalho, este capítulo tem como objetivo apresentar a maneira pela qual a pesquisa foi conduzida, os instrumentos e técnicas combinadas que contribuíram para a fundamentação da análise dos dados coletados e também para a produção do produto educacional, uma cartilha no formato *e-book* sobre a temática.

2.1 Classificação da Pesquisa

Lakatos e Marconi (2003) explicam que ao delimitar o campo de pesquisa, o pesquisador determina quais são as margens e limites na pesquisa apresentada. Assim, é importante levar em consideração “quais são as opções e qual delas se encaixa de forma mais viável nos objetivos do trabalho” (Pátaro; Oliva, 2017, p.92).

A partir dos objetivos buscados com a pesquisa, viu-se que o trabalho circunda-se no reconhecimento e análise das gibitecas brasileiras, com o intuito de evidenciar a formação do acervo com histórias em quadrinhos como um local informacional e sua relação com seus usuários (priorizando o acesso das instituições de ensino básico). Os resultados foram introjetados na produção da cartilha (publicada no formato *e-book*) intitulada “Lugar de Quadrinhos também é na Escola: ideias e propostas para uma gibiteca escolar⁸⁵” .

A abordagem então escolhida, segundo a lógica da investigação pretendida, foi a de utilizar o método indutivo, já que o próprio “parte-se da observação de fatos e fenômenos cujas as causas se deseja conhecer” (Gil, 2008, p.10), pois entendem que o conhecimento é construído e adquirido pelas experiências.

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam (Lakatos; Marconi, 2003, p.86).

Em relação aos objetivos de uma pesquisa, Pátaro e Oliva (2017) explicam que podem existir três possibilidades de investigação: exploratória, descritiva e explicativa. Entre alternativas, o trabalho foi classificado como uma pesquisa descritiva, já que o mesmo escreve as características e fenômenos do objeto de estudo. Para Gil (2002, p. 42), esse tipo de estudo tem “[...]como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2002, p.42).

Pátaro e Oliva (2017, p. 92) também explicam que em uma pesquisa descritiva, se “busca transmitir a realidade de determinado objeto de estudo da forma como ele é definido pelos envolvidos ou observado pelo pesquisador em seu contexto próprio”.

⁸⁵ O produto apresentado nessa Dissertação era intitulado como **Cartilha para Quadrinhos: ideias e propostas em uma gibiteca escolar**, título apresentado para o comitê de ética antes da aprovação. Entretanto, a partir do que era desenvolvido do mesmo, o título do produto proposto foi mudado para **Lugar de Quadrinhos também é na Escola: ideias e propostas para uma gibiteca escolar**” (Como o nome foi modificado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética, na plataforma Brasil ainda se encontra com o termo anterior).

Os autores ainda complementam, afirmando que nesse caso o pesquisador enxerga o objeto estudado de maneira mais ampla.

Realizar uma pesquisa de cunho descritivo foi a abordagem mais adequada para o propósito deste trabalho, já que desejava-se investigar gibitecas com o intuito de descrever seu funcionamento como um setor informacional, analisar a construção do acervo, identificar as possíveis problemáticas enfrentadas e examinar a relação das escolas como um ambiente especializado em histórias em quadrinhos.

Como resultado, também foi adotado uma pesquisa com abordagem qualitativa de natureza básica. A escolha para tal tratamento se deu pelo objetivo da pesquisa, que circunda na análise e no reconhecimento de gibitecas. Os autores Bogdan; Biklen⁸⁶(apud Lüdke; André, 1986, p.13) explicam que os trabalhos qualitativos, também descritos como naturalistas, envolvem “[...] a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”, não priorizando a quantificação gerada na coleta dos dados (Casarin; Casarin, 2012, p. 32), mas os fenômenos subjetivos.

Esse tipo de abordagem é utilizada quando o próprio propósito do estudo circunda sobre interpretações e análises subjetivas, não se limitando mas permitindo ao pesquisador utilizar da “imaginação e criatividade” no desenvolvimento de determinados estudos (Tuzzo; Braga, 2016, p. 142). Um estudo de abordagem qualitativa é entendida pelos autores como:

[...] Enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigorosamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques, sugere que a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance.

⁸⁶ BOGDAN, R.; BIKLEN, S.K. *Qualitative Research for Education*. Boston: Allyn and Bacon, Inc. 1982.

Nesse contexto, a escolha qualitativa possibilitou à pesquisa mais abertura e prospecções, não enrijecendo o olhar, mas abrindo as possibilidades durante a construção e análise entre os perfis das gibitecas junto à fundamentação teórica. Além disso, Flick⁸⁷ (2009, p. 21 apud Casarin; Casarin, 2012, p.32), menciona a utilização da abordagem em conjunto aos métodos indutivos (do qual o trabalho se enquadra). Para a autora, “em vez de partir de teorias e testá-las, são necessários conceitos sensibilizantes para abordagens dos contextos sociais a serem estudados. Esses conceitos, no entanto, são influenciados por um conhecimento teórico anterior”.

Da mesma maneira, a natureza aplicada foi escolhida pelo próprio objetivo da dissertação, em “gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos” (Prodanov; Freitas, 2013, p.51), onde, houve um resultado prático dos estudos demonstrados por esse trabalho, o produto educacional. Nesse sentido, trabalhar a pesquisa qualitativa com natureza aplicada resultou em dois processos que podem ser complementares, sendo assertivos para a proposta do trabalho apresentado.

Outro fator importante a ser comentado, mas que não interfere diretamente na escolha pelo tipo de metodologia, é no próprio aumento de interesse de trabalhos qualitativos entre pesquisas relacionadas à área educacional (Lüdke; André, 1986, p. 11). Para os autores, uma das causas dessa predileção seria porque a pesquisa qualitativa não é tão metódica e “engessada” quando comparada com a quantitativa, dando uma maior flexibilidade para o próprio pesquisado de como prosseguir os estudos (Metodologia Científica, 2018, p. 47).

2.2 Contexto da Pesquisa

O trabalho apresentado foi realizado pela abordagem qualitativa, do qual se fez um estudo de caso em gibitecas a fim de reconhecer o ambiente como um local informacional, o acervo em histórias em quadrinhos, como as mesmas lidam com as adaptações literárias e sua relação com seus usuários.

⁸⁷ FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Inicialmente a proposta era concentrar o universo da amostra exclusivamente em gibitecas escolares, dado que o foco do próprio objetivo trabalha com esse tipo de acervo. Contudo, ao começar a abordar algumas gibitecas escolares da região, ficou evidente a dificuldade de acesso desses setores. Durante as abordagens com alguns bibliotecários, muitos expressaram a impossibilidade de participação do projeto, na maioria das negativas alegaram que seriam pelas próprias diretorias das instituições. Também houveram explicações do projeto da gibiteca não ter progredido como planejado.

Vendo as dificuldades de adentrar nessas gibitecas escolares inicialmente pesquisadas, vi a necessidade de abrir o universo pesquisado e ao invés de limitar o estudo de campo para apenas gibitecas escolares, passei a explorar o ambiente das gibitecas em amplo espectro, mas trabalhando os pontos cruciais para que a pesquisa não se desvirtuasse e continuasse funcional para a aplicação desses acervos em instituições de ensino — já que o projeto resultaria no *e-book* para a implementação de gibitecas escolares.

Foram então realizadas duas técnicas de coletas de dados distintas, mas que buscavam o mesmo objetivo, conhecer o ambiente e a funcionalidade das gibitecas. Auxiliando no desenvolvimento da cartilha Lugar de Quadrinhos Também é na Escola: ideias e propostas para uma gibiteca escolar. Tendo como propósito auxiliar educadores e bibliotecários escolares na implementação, elaboração e manutenção de gibitecas escolares, com o foco no acervo de histórias em quadrinhos do gênero adaptações literárias.

O primeiro método para coleta de dados foi a realização da observação participante natural, do qual para a amostra era necessário deter ou ser uma gibiteca, que estivesse ativa no momento da observação, situada na Cidade de Goiânia e região metropolitana. Para essa etapa foram escolhidos ao todo 2 (dois) acervos, a Gibiteca Jorge Braga e a Biblioteca do CEPAGE, ambas da cidade de Goiânia. As observações foram realizadas durante o mês de maio de 2023, no período vespertino.

A Gibiteca Jorge Braga foi um dos locais escolhidos por, além de ter se mostrado aberta para participar da pesquisa, ser considerada uma das maiores gibitecas da região e, apesar de não ser um acervo escolar, ela atende diversas escolas,

professores e alunos. Já a Biblioteca do CEPAE, também se mostrou solícita no momento que foi abordada para participar da pesquisa, além disso a mesma conta com um espaço na própria biblioteca para a gibiteca, além de contar com outras HQs distribuídas nas estantes.

Para ambos os lugares tive uma conversa com o responsável antes de iniciar a etapa, a fim de explicar quais eram os objetivos da pesquisa, além disso, em ambas as conversas consegui reter alguns dados que, talvez, somente com a observação não seria capaz.

O segundo método foi a aplicação de um questionário para colaboradores de gibitecas, nessa etapa a amostra se estendeu para as gibitecas brasileiras que estivessem ativas. Foi então feito um mapeamento das possibilidades, enviado um e-mail para todos os locais que achei pertinente, e obtive 03 (três) respostas com possíveis participantes: Uma gibiteca pública da cidade de Goiânia, GO, uma gibiteca também pública de Curitiba, PR e uma gibiteca escolar em Leopoldina, MG.

Foi entregue por *e-mail*, para os colaboradores de tais gibitecas o *link* que dava acesso ao questionário, realizado pelo *Google Forms*. Esse questionário ficou aberto para os participantes durante todo o mês de junho – dando uma margem de tempo para que os mesmos pudessem responder.

No montante, o número de observações e questionário podem não parecer alto, mas o objetivo do trabalho nunca foi o dado numérico. Por ser uma pesquisa qualitativa, o foco era em entender e analisar o universo da gibiteca, conhecer esse ambiente no seu dia a dia, o cotidiano, não de maneira numérica ou estatisticamente, mas de perceber o objeto, suas práticas, ações e suas relações com os usuários e poder assim externalizar tais informações de maneira prática na produção da cartilha.

Para tais técnicas, ser uma pesquisadora entusiasta, leitora de quadrinhos e bibliotecária auxiliou em todo o planejamento, podendo me aproximar da coleta dos dados não apenas como pesquisadora, mas como alguém que vivencia aquele ambiente.

2.3 Identificação e Delimitação do Universo de Estudo

A respeito da delimitação do campo de pesquisa, os autores Lakatos e Marconi (2003) mencionam a importância dessa definição, onde a própria servirá de auxílio, na medida em que o projeto caminhe dentro do foco estipulado, sem desviar-se (Gil, 2001).

Em pesquisas de cunho sociais, Prodanov e Freitas (2013, p. 97) explicam que o universo pode abranger uma imensidão de elementos e fenômenos, tornando “impossível considerá-lo em sua totalidade”, o que pode tornar um problema para conseguir estudar o grupo pretendido (Lakatos; Marconi, 1992), desta forma, é sugerido que seja selecionado uma amostra desse todo, uma pequena parte que representará o universo do estudo.

Reconhecendo que o objeto requerido do estudo contemplaria o universo das gibitecas, e compreendendo da impossibilidade de coletar informações com todo o universo, foi utilizado de uma parcela, amostra da população, desta forma, para o estudo foi delimitado gibitecas brasileiras, das quais estivessem em funcionamento no momento da coleta dos dados.

Importante aqui ressaltar que para a coleta dos dados, houveram dois métodos fundamentais, a observação e a aplicação de questionário, sendo que para cada uma das fases a seleção da amostra teve uma variação no tipo de amostra. Para a etapa de observação, trabalhou com a amostragem de gibitecas, ativas, que estivessem na região metropolitana de Goiânia; já para a aplicação do questionário a delimitação geográfica se estendeu, onde foram abordadas gibitecas, ativas brasileiras.

A escolha dos locais aconteceu por amostragem de conveniência, já que envolveu locais que demonstraram dispostos a participação da pesquisa, nesse caso “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo” (Gil, 2002, p. 117).

Prodanov e Freitas (2013) também classificam os tipos das amostras como probabilística e não probabilística, sendo que para os autores as amostras probabilísticas são escolhidas estatisticamente, o que não foi o caso aqui. Já as não probabilísticas podem vir a fazer parte do universo de forma acidental ou intencional.

Foram utilizadas então amostras não probabilísticas, e ainda dentro da classe, amostras não probabilísticas por acessibilidade ou por conveniência, que são um tipo de amostra bastante utilizadas nos trabalhos qualitativos, onde o pesquisador pode selecionar “[...]os elementos a que tem acesso, admitindo que esses possam, de alguma forma, representar o universo” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 98).

2.4 Instrumentos de Coleta de Dados

Pátaro e Oliva (2017) destacam que, além da importância de delimitar claramente o escopo do projeto e seus objetivos, é igualmente essencial que o autor evidencie de forma explícita as características e credenciais das fontes utilizadas para acessar as informações relevantes, sendo que para os autores Prodanov e Freitas (2013, p.97), a etapa de coleta dos dados pode ser desenvolvida por diferentes métodos, do qual explicam as fases:

Chamamos de “coleta de dados” a fase do método de pesquisa, cujo objetivo é obter informações da realidade. Nessa etapa, definimos onde e como será realizada a pesquisa. Será definido o tipo de pesquisa, a população (universo da pesquisa), a amostragem, os instrumentos de coleta de dados e a forma como pretendemos tabular e analisar seus dados. É a fase da pesquisa em que reunimos dados através de técnicas específicas.

Compreendendo a importância em demonstrar como foi realizada a pesquisa, esse capítulo tem como finalidade demonstrar como sucedeu a instrumentalização da coleta dos dados, na qual utilizei de quatro processos: i) a pesquisa bibliográfica; ii) observação participante; iii) a aplicação de questionário com colaboradores em gibitecas; iv) e, por último, a análise e relacionamento das informações.

2.4.1 Revisão Bibliográfica

Prodanov e Freitas comentam que para uma pesquisa ser reconhecida como um estudo científico, a mesma não deve ser executada apenas com a demonstração prática do trabalho, mas também que esse escopo esteja correlacionado com uma

fundamentação teórica, definida como pesquisa bibliográfica, Pátaro e Oliva (2017, p. 94) definem a mesma como:

Aquela que se baseia em pesquisas realizadas anteriormente. Tal pesquisa é utilizada na fase exploratória e na construção do objeto de estudo e seu recorte, nas quais o pesquisador estabelece o contato com as contribuições teóricas já existentes sobre o assunto para que possa guiar o próprio trabalho.

Assim, Prodanov e Freitas (2013) recomendam que logo após a delimitação do tema se iniciem as pesquisas teóricas. Também indicam que durante essa fase, realizando a análise de obras científicas (se possível recentes) que tratam de assuntos abordados. Os autores ainda mencionam que há necessidade de o autor do trabalho explicar os principais conceitos e termos, demonstrando “que o pesquisador está atualizado nas últimas discussões no campo de conhecimento em investigação” (Prodanov; Freitas, 2013, p.131).

Seguindo esses princípios, foram realizadas pesquisas a partir de materiais já publicados disponibilizados em livros (físicos e digitais), sobre a temática das histórias em quadrinhos, utilização de quadrinhos em ambientes escolares, gibitecas, gibitecas escolares etc. As pesquisas foram realizadas em bibliotecas universitárias e públicas, em bases de dados como Scielo, Brapci, Capes e IBICT. Alguns autores e estudiosos do campo acabaram ganhando mais destaques e foram mais citados no decorrer do projeto como Waldomiro Vergueiro, Scott McCloud e Valéria Bari, por trabalharem histórias em quadrinhos e/ou gibitecas há mais tempo, assim, terem maior embasamento sobre a temática referida.

2.4.2 Estudo de Caso

A delimitação escolhida para este projeto envolve a realização de um estudo de caso, esta abordagem, para Prodanov e Freitas (2013) se destaca pela coleta e análise de informações de um grupo ou indivíduo específico, com o propósito de investigar possíveis relevâncias conforme delineadas na pesquisa proposta. Além disso, os autores comentam que nesse tipo de estudo, há a possibilidade de abordar o

objeto de interesse como uma fonte de informação, “em seu habitat natural”. podendo ser explorado em situações corriqueiras e do cotidiano (Gil, 2001).

O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc. São necessários alguns requisitos básicos para sua realização, entre os quais, severidade, objetivação, originalidade e coerência (Prodanov; Freitas, 2013, p. 60).

Gil (2008, p.137) comenta que o estudo de caso ganhou popularidade nos estudos de cunho social, por conseguir trabalhar em diferentes propósitos, como:

1. Explorar situações cotidianas sem uma definição clara;
2. Descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
3. Explicar as variáveis causais de determinados fenômenos em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Considerando as oportunidades que um estudo de caso pode proporcionar, a escolha por essa abordagem se alinha de forma mais precisa com os objetivos da pesquisa. Sendo o propósito investigar o cenário das gibitecas, buscando extrair percepções para a criação de uma cartilha ilustrativa sobre o tema. Assim, imergir no dia a dia desses espaços revelou-se uma experiência significativamente enriquecedora, aproximando-me de maneira mais profunda do objeto de estudo.

2.4.3 Observação Participante

O primeiro método realizado para a coleta de dados foi a aplicação da técnica de observação. Gil (2005, p. 100) coloca a técnica como uma das fundamentais em uma pesquisa, desempenhando um papel imprescindível, onde são utilizados “[...]sentidos

com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano". Pode, porém, ser utilizada como procedimento científico.

A técnica de observação tende a ser rica na coleta de informações, conseguindo ir além das dúvidas iniciais, consegue perceber os comportamentos, examinando e reconhecendo fatos e fenômenos dos quais o pesquisador busca estudar (Prodanov; Freitas, 2013), “uma ferramenta de coleta de dados por meio da qual o pesquisador busca encontrar diretamente as representações, os sentidos e as percepções dos sujeitos envolvidos sobre seu objeto de estudo, sem a intermediação dada pelos próprios sujeitos” (Pátaro; Oliva, 2017, p. 135).

Lüdke e André (1986, p.63) também mencionam a aplicabilidade da observação e as vantagens de se utilizá-la em um estudo:

Tanto quanto a entrevista, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coletas, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. "ver para crer", diz o ditado popular.

Em relação aos tipos possíveis para a aplicação do método de observação, o melhor modelo que se enquadra nos objetivos buscados foi utilizar a observação participante. Para Gil (2008) esse tipo é utilizado para quando existe a participação ativa do próprio observador no grupo, comunidade ou situação estudada, onde o próprio não observa “de longe”, mas faz parte do meio estudado.

Além da observação participante, a técnica aqui apresentada também se enquadra na observação participante natural, que é “quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga” (Gil, 2008, p.103).

A escolha de realizar uma observação participante natural, além de ser notório os proveitos da própria aplicação como método, deve-se também lembrar de dois pontos pertinente da própria autora: a) ser uma pesquisadora entusiasta, que lê e coleciona histórias em quadrinhos; b) ser bibliotecária e conhecer as questões técnicas de um acervo bibliográfico. Nesse sentido, os dois atributos tornaram crucial a escolha do tipo observação participante natural, para um melhor aproveitamento na aplicação, onde poderia vivenciar o ambiente com usuária, leitora e profissional da área.

Segue abaixo uma tabela com os critérios escolhidos para a aplicação do método:

Tabela 06: Critério para Classificação do tipo de Observação

CRITÉRIO	CLASSIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO
Meios escolhidos a serem utilizados	Assistemática — observação não estruturada;	Sem nenhum tipo de técnica ou planejamento durante a observação;
Participação do Observador / Pesquisador	Participante como observador natural;	Pesquisador se envolve ativamente com o objeto, como participante ativo do fenômeno;
Número de Observadores	Individual;	Apenas o observador;
Lugar onde é realizada	De campo;	É feita na vida real — em uma gibiteca ativa;

Fonte: adaptada e organizada a partir do método proposto por Diehl, A.A.; Tatim, D.C. ⁸⁸2006 apud. Metodologia Científica, 2018, p.53).

Para a realização desta fase, foi feito um mapeamento de possíveis locais, dando enfoque em gibitecas e gibitecas escolares situadas na cidade de Goiânia ou região metropolitana. Para essa fase foram contatadas 6 (seis) escolas e 1 (uma) gibiteca pública, totalizando 7 (sete) locais. Das instituições de ensino selecionadas, todas eram do setor privado, sendo 5 (cinco) da cidade de Goiânia e 1 (uma) de Trindade. Essa tentativa de contato foi feita por *e-mail* institucional, *whatsapp* institucional e também pelo próprio *whatsapp* pessoal de algumas bibliotecárias responsáveis pelos setores e até por contato direto no próprio setor.

Porém, após tentar entrar em contato com tais setores, o retorno das respostas foi, em sua maioria, negativo. Das instituições contatadas, uma respondeu que não se encaixava no projeto pois até tinha iniciado o projeto de desenvolvimento da gibiteca escolar mas que o mesmo não progrediu, que estava com caixas de quadrinhos empilhadas na escola mas que procurava uma instituição para doar pois a nova gestão não se interessava em progredir com a ideia. Das conversas realizadas diretamente com algumas bibliotecárias de 2 (duas) instituições diferentes, ambas deram versões similares da mesma resposta: que não poderiam participar por política interna das escolas. Outras duas instituições sequer chegaram a responder.

⁸⁸ DIEHL, A.A.; TATIM, D.C. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas: métodos e técnicas.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

Como resultado, duas instituições permitiram que a observação fosse realizada, sendo a Gibiteca Jorge Braga⁸⁹, e a biblioteca do Centro de Pesquisa Aplicada à Educação⁹⁰ (CEPAE / UFG) — nesse acervo, centralizei a observação e análise apenas ao setor de histórias em quadrinhos — foram escolhidas para a realização dessa etapa da metodologia, sendo ambas da Cidade de Goiânia.

Para a construção do produto final, a publicação da cartilha (no formato *e-book*) direcionada para a organização de gibitecas escolares, a realização da etapa de observação em uma gibiteca era crucial para conhecer de perto, pois é durante a observação que o pesquisador consegue entrelaçar-se com o seu objeto de estudo, permitindo que o mesmo consiga enxergar de maneira ampla e mais detalhada, possibilitando que se identifique aquilo que é buscado e também permitindo olhar para o que é ainda desconhecido e o que nem foi conjecturado (Zambello et al., 2018).

Apesar do método ter reconhecimento científico, Gil (2008) adverte sobre alguns cuidados para pesquisadores que escolherem aplicá-lo terem resultados positivos, como: **a)** a observação deve servir ao objetivo proposto da pesquisa; **b)** deve ser sistematicamente planejada; **c)** sendo também necessário que o mesmo seja submetido a verificação e controle de validade e precisão (Selltiz et al⁹¹., 1967, p. 225 apud Gil, 2008, p.100).

Todos esses levantamentos feitos por Gil foram levados em consideração no momento da observação. Durante a aplicação do método, procurou-se analisar o ambiente da gibiteca como um todo, o acervo e como esses quadrinhos estavam dispostos, descobrir o público que frequentava e se parte desses usuários seriam

⁸⁹ **Gibiteca Jorge Braga** está situada hoje no **Centro Cultural Marietta Telles Machado**, localizada na Praça Cívica (Praça Pedro Ludovico Teixeira), n. 2, no Centro da Cidade de Goiânia, Goiás. Funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. O acervo da gibiteca conta com mais de 6 (seis) mil quadrinhos, de diferentes gêneros e para diferentes idades, sendo considerada uma das maiores gibitecas do país. O local físico é colorido e aconchegante, além de periodicamente realizar algum tipo de evento (minicurso, palestras, mostras culturais) sobre histórias em quadrinhos.

⁹⁰ O Centro de Aplicação de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), empregada pela UFG, é um dos colégios da aplicação existente em universidades federais brasileiras, que oferecem para a comunidade educação infantil, fundamental e ensino médio – desenvolvendo ensino, pesquisa e extensão com foco na educação básica.

⁹¹ SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

professores e alunos, se havia um bibliotecário responsável na gestão e também se havia algum tipo de fomento para projetos e ações no local.

Não foi feito um roteiro para o momento das observações, mas por já conhecer as técnicas de um acervo bibliográfico e estar em busca de situações que confabulavam com tanto com a minha visão técnica do profissional da informação quanto com os trabalhos demonstrados no referencial teórico, os detalhes notados eram similares em ambos os ambientes.

O registro da observação realizada era feito através de anotações em um caderno, no momento da própria observação, focando nos pontos pertinentes. Além do registro escrito, também foram tiradas algumas fotografias dos acervos visitados.

Alguns detalhes observados chamaram mais a atenção que outros e eram mais pertinentes para a construção do produto, sendo então características vistas como cruciais para a construção de um delineamento dos dados.

Os pontos em comum observados foram:

1. O ambiente: observei se o local era atrativo, se tinha algum tipo de decoração diferente que chamasse a atenção do usuário que visitava e também se havia local para leitura (com *puffs*, sofás etc.);
2. O mobiliário e onde eram dispostos as HQs: se além das estantes e prateleiras os locais visitados utilizavam de caixas, pastas ou outros exemplos para guardar os materiais;
3. Se o local era inclusivo para PCDs e também se no ambiente havia espaço suficiente para o acesso de pessoas com mobilidade reduzida;
4. Observado se no local visitado havia um bacharel em biblioteconomia como responsável;
5. Quais eram os gêneros e subgêneros das histórias em quadrinhos dos acervos;
6. Se no acervo em quadrinhos dos locais também havia o gênero das adaptações literárias e se tais materiais tinham procura por parte dos usuários; se eram expostos juntos com outros gêneros de HQs ou de maneira independente;
7. Se nos acervos haviam quadrinhos orientais, como os mangás;
8. Se nos acervos visitados, possuíam HQs de teor adulto e como tais gêneros eram expostos;

9. Se nos acervos visitados havia livros literários e se esse livro estava misturado com os quadrinhos;
10. Se há ações e projetos nos locais visitados;
11. Quem são os usuários e a média de idade dos mesmos;
12. Se há a visitação de professores nos espaços;
13. Como é feita a classificação dos materiais em quadrinhos (e a numeração utilizada em cada gênero / subgênero observado);
14. Se os quadrinhos são catalogados e se no local visitado há um software para catalogação.

2.4.4 Aplicação de Questionário

Acerca da seguinte prática, optou-se pela aplicação de um questionário, com colaboradores de gibitecas brasileiras, que estiveram ativas no momento da aplicação da mesma. Gil (2008, p.121) definiu o método como uma “[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas à pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.”, em complemento ao autor, Cervo, Bervian e Silva (2007, p.53) mencionam que é o método mais utilizado dentro da coleta de dados, possibilitando medir com excelência os objetivos buscados.

Prodanov e Freitas (2013, p.105) e Zambello et al. (2008) explicam que os questionários podem ser descritos como uma série de perguntas formuladas pelo pesquisador, das quais servirão como dados às respostas dos participantes.

[...] a palavra questionário refere-se um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche. [...] Ele contém um conjunto de questões, todas logicamente relacionadas com um problema central (Cervo; Bervian; Silva, 2007, p. 53).

Quando se opta em realizar esse método ao invés da entrevista, por exemplo, tem-se série de vantagens, como abordado por Gil (2008, p.121-122): **a)** com a aplicação de questionário é possível atingir um número maior de pessoas, mesmo que estejam dispersos em uma região extensa; **b)** é uma técnica de mais fácil aplicação e que demanda menos gastos; **c)** leva a possibilidade do participante poder responder

quando conveniente; **d)** não há identificação dos participantes; **e)** sem o contato do entrevistador na hora de aplicação do questionário, não gera influência sobre o participante.

Nessa conjectura, o questionário para o estudo em questão possibilitou que gibitecas de diferentes estados brasileiros participassem, sem que eu precisasse me deslocar a determinados locais (evitando dispêndio de gastos).

Gil (2018) também abordou as possíveis formas como as questões poderiam ser apresentadas, o autor fala das questões abertas, fechadas e as dependentes. Como escolha para a etapa foram utilizadas questões fechadas, abertas e com múltipla escolha.

As perguntas abertas dão ao participante maior possibilidade, “este tipo de questão possibilita ampla liberdade de resposta” (Gil, 2008, p.123), o participante pode escrever como o quê achar conveniente. Já as fechadas, o participante deve escolher/responder dentro de opções já oferecidas, sendo “[...]as mais comumente utilizadas, porque conferem maior uniformidade às respostas” (Gil, 2008, p.123). Contudo, mesmo utilizando esses dois tipos de questões, tomei o cuidado na elaboração das perguntas, me atentando para apresentar ao participante um questionário simples e de respostas fáceis, com perguntas diretas, para que o mesmo não perdesse o foco ou se cansasse durante o preenchimento.

Prodanov e Freitas (2013, p. 108) comentam sobre a necessidade de preocupar-se na hora da construção do questionário, para os autores:

A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que o respondente compreenda com clareza o que está sendo perguntado. Não é recomendado o uso de gírias, a não ser que se faça necessário por necessidade de características de linguagem do grupo pesquisado (grupo de surfistas, por exemplo).

Nesse caso, para a coleta de dados foram aplicados **questionários com perguntas abertas e fechadas (com múltiplas escolhas)**, no intuito de conhecer a realidade e o funcionamento das gibitecas brasileiras a partir da visão de funcionários desses locais. A aplicação dos mesmos ocorreu durante o **mês de julho de 2023**, individualmente, de **maneira remota**.

Deve-se levar em consideração que atualmente, as pesquisas realizadas de maneira virtual se tornaram mais usuais e escolher utilizar uma plataforma virtual conseguiu contemplar a necessidade no momento, me dando a possibilidade de contato com gibitecas fora do meu estado.

Outra atenção para a construção do questionário foi evitar a identificação do participante. Isso se deu principalmente pela própria proposta do estudo, que não se tratava sobre a pessoa que ali trabalhava, mas sim sobre o ambiente (a gibiteca) e a identificação desse participante poderia deixá-lo desconfortável em responder. Assim, “[...] o pesquisador deve, sempre que possível, orientar o participante a não escrever seu nome. O anonimato pode deixá-lo confortável para revelar o que realmente pensa sobre o assunto” (Metodologia Científica, 2018, p.74).

Deve-se lembrar de que essa coleta de informações não teve o propósito quantitativo, mas sim qualitativo, pois buscou conhecer e analisar o ambiente de gibitecas brasileiras, aprender sobre seu funcionamento, o acervo de histórias em quadrinhos, seus usuários, a relação das mesmas com escolas e professores na educação básica e demais pontos necessários para o auxílio no desenvolvimento da cartilha apresentada (o produto). Em função disso, havia a necessidade de que os participantes estivessem em gibitecas ativas no momento da aplicação.

Para estabelecer contato com as gibitecas, foi conduzida uma busca inicial, seguindo uma abordagem similar à observação anterior, porém com uma abrangência mais ampla. Ao contrário da observação, que tinha limitações demográficas específicas, a aplicação do questionário não estava restrita a uma demografia particular. Além disso, não houve uma preferência estabelecida por gibitecas escolares, mas sim uma expansão para incluir gibitecas de diversos tipos no Brasil, tais como públicas, comunitárias e escolares. Desta forma, previamente, foi feita uma pesquisa na internet em busca de possíveis gibitecas que pudessem contribuir para o projeto, avaliando-as também por suas redes sociais como *instagram* e *twitter* (essas páginas me forneciam não apenas dados como e-mail e telefone para contato, mas também mostravam quais estavam em funcionamento).

Após uma fase inicial de pré-seleção dos setores, identifiquei 11 (onze) gibitecas que julgava estarem em funcionamento e cujos acervos poderiam ser

relevantes para as respostas desejadas. No entanto, só obtive retorno de 3 (três) locais que aceitaram participar da pesquisa, onde um desses aceites, inclusive, foi de um dos setores participantes da etapa de observação, além disso, 2 (dois) dos *e-mails* tentados deram como endereço errado. Em um somatório, o retorno que tive pode não ter se mostrado grande, mas foi o suficiente para a aplicação e da coleta dos dados, já que no trabalho busquei conhecer os ambientes, e ter como respostas oriundas de três localidades diferentes do país foi satisfatório para o que buscava.

Das respostas afirmativas para participação do questionário, foram gibitecas distintas de diferentes Estados, da cidade de Goiânia, a Gibiteca Jorge Braga, da cidade de Curitiba, no Paraná, a Gibiteca de Curitiba (reconhecida hoje como a maior do Brasil), e de Leopoldina em Minas Gerais, a Gibiteca Escolar Helena Fonseca.

Aos que aceitaram participar do projeto, foi enviado inicialmente, por *e-mail*, o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), onde explicava o objetivo proposto do projeto. Após o TCLE⁹² enviado e recebido a confirmação dos mesmos (se mantendo como participantes), foi encaminhado o *link* de acesso (também por *e-mail*) para responderem ao questionário proposto. O *link* dava acesso a uma página do *google forms*, plataforma escolhida pela facilidade de acesso do mesmo.

O roteiro do questionário contou com 18⁹³ (dezoito) questões **abertas e fechadas, com múltiplas escolas**. Os autores Prodanov e Freitas (2013) explicam a diferença entre os tipos de questões, onde as **perguntas abertas** permitem que o participante responda livremente, colocando sua opinião, já o método de **perguntas fechadas**, para os autores, irá apresentar alternativas fixas, como por exemplo, qual dessas opções, ou “sim” e “não”. Para a coleta dos dados nessa fase, a realização de um questionário que contemplasse as duas formas foi vista como mais agregadora para o resultado final, visto que o objetivo proposto não é quantitativo, mas de conhecer e analisar as gibitecas ativas.

A intenção geral das questões circundava sobre a organização e o funcionamento da gibiteca na qual o participante em questão está alocado. Lakatos e Marconi (1992, p.203, **grifo da autora**) explicam que “o questionário deve ser

⁹² Os arquivos do TCLE estão disponíveis no apêndice A.

⁹³ Todas as questões aplicadas no questionário estão no apêndice B.

limitado em extensão e em finalidade. Se for muito longo, causa fadiga e desinteresse; se curto demais, corre o risco de não oferecer informações suficientes. **Deve conter de 20 a 30 perguntas e demorar cerca de 30 minutos para ser respondido**". Nesse sentido, o material entregue aos participantes se encaixou no que é dito pelos autores, pois apesar de contar com apenas 18 (dezoito) questões, era um material simples e direto que para a conclusão das respostas, o participante conseguia concluir em menos de 30 (trinta) minutos.

As questões não adentravam a vida pessoal desses participantes, somente conhecer a sua profissão (e se era um bibliotecário, um profissional da educação etc.) e se o mesmo conhecia e era leitor de histórias em quadrinhos.

2.5 Procedimentos para a Coleta de Dados

Gil (2002, p.100) explica que a coleta de dados é um processo que envolve a manipulação de condições específicas e a observação dos efeitos resultantes. É crucial que as técnicas selecionadas e aplicadas sejam diretamente relacionadas ao objetivo da pesquisa, sendo desenvolvidas com cuidado e aplicadas de maneira precisa para garantir a integridade dos dados coletados, garantindo a questão essencial de que tais procedimentos não comprometam a qualidade dos dados nem interfiram na interpretação por parte do pesquisador durante a análise (Pátaro; Oliva, 2017, p. 128).

Este capítulo tem como objetivo demonstrar a aplicabilidade das técnicas escolhidas para a análise dos dados coletados.

2.5.1 Coleta de Dados nas Gibitecas Observadas

2.5.1.1 Etapa de Observação Gibiteca Jorge Braga

O primeiro setor a ser visitado para a etapa de observação foi a Gibiteca Jorge Braga, uma gibiteca pública, situada na Cidade de Goiânia, Goiás. Toda a etapa de observação no local foi realizada durante um dia, 25 de maio do ano de 2023 (quinta-feira), no período vespertino, da qual o pesquisador permaneceu no local das 13:15h às 16:02h.

Após ter contatado o setor (dias antes da realização da observação) solicitando a autorização para aplicação da pesquisa na gibiteca, tive uma resposta positiva da coordenação do local.

Posso mencionar que apesar da gibiteca em questão não ser em especial um acervo escolar, o mesmo compensou em outros aspectos, com o próprio aceno positivo da gibiteca para participar da pesquisa foi um dos pontos positivos durante a curretagem de informações no local, uma vez que durante o mapeamento de possíveis locais, havia recebido várias respostas negativas e desanimadoras para progredir com a ideia de ir a campo para observação.

Outro fator positivo da escolha do local é do setor ser uma gibiteca pública, e de quase 30 anos⁹⁴ de existência, local de referência do Estado, recebendo periodicamente visita de vários usuários e escolas (públicas e privadas) todas as semanas. Assim, apesar da mesma não ser uma gibiteca escolar, ela tem trabalhos próximos com escolas e professores, o que pode contemplar os pontos buscados pelo método.

No dia em questão, a pesquisadora foi até a gibiteca, falou inicialmente (por cerca de 30 minutos) com a bibliotecária da Pio Vargas, para uma conversa sobre o funcionamento da gibiteca, problemas e dificuldades da gestão de um acervo

⁹⁴ Foi inaugurada no dia 22 de setembro de 1994.

público em quadrinhos⁹⁵. Questões essas que presumi que só com a observação não poderia absorver tudo o que eu pretendia. Depois dessa conversa, deu-se início à observação da gibiteca em si.

Foi observado o acervo (olhando-o como todo), a forma que os mesmos eram separados e tratados (classificados), a sua distribuição, desde a forma de organização dos materiais bibliográficos até os móveis, tentando registrar todos os pontos pertinentes com anotações em um caderno que carregava, e também registrava em algumas fotos.

Logo na entrada, me deparei com uma grande plotagem de personagens referentes às histórias em quadrinhos, decorando o ambiente. Além disso, há alguns brinquedos para crianças menores, o que torna o local atrativo para quem visita.

A foto demonstrada abaixo mostra a plotagem com os personagens, e alguns livros e quadrinhos voltados para crianças.

Figura 14: Gibiteca Jorge Braga – Hall de Entrada da Gibiteca



Fonte: Própria autora, 2023.

⁹⁵ Essa conversa realizada com a bibliotecária durante a primeira observação (do qual também houve uma conversa similar na segunda observação, mas com uma pedagoga que estava na coordenação no dia visitado) auxiliou na construção de todo o momento. Toda vida, **não achei pertinente inseri-las como uma técnica de entrevista**, isso porque, no momento, não consegui captar todo o discurso das mesmas (utilizando um gravador, por exemplo) e apenas fui pontuando os tópicos mais relevantes e palavras chaves. Sendo o outro motivo, o mais crucial foi porque no momento da coleta o trabalho já havia passado pelo comitê de ética com a aplicação somente da observação e questionário - e inserir tal processo poderia atrasar o próprio trabalho.

Algumas fotos registradas no dia também mostram a maneira com que os periódicos são organizados. Esse tipo de material é colocado por tipo de selos, personagens ou sagas (qual se sobressair mais), em conjuntos de classes, sempre destacando-os, como fácil identificação.

Figura 15: Gibiteca Jorge Braga - Organização do acervo



Fonte: Própria autora, 2023.

Figura 16: Gibiteca Jorge Braga - Organização do acervo



Fonte: Própria autora, 2023.

Também foi observado o método adotado pela gibiteca para armazenar os quadrinhos com temáticas voltadas para adultos. Devido à frequente visita de escolas e grupos do ensino fundamental I e II, bem como de leitores mais jovens, os responsáveis optaram por posicionar esses materiais nas prateleiras mais altas, dificultando o acesso das crianças a eles.

Figura 17: Gibiteca Jorge Braga - Quadrinhos adultos



Fonte: Própria autora, 2023.

Outros registros incluíram os livros literários presentes na gibiteca. Apesar de serem materiais distintos, os responsáveis optaram por manter uma estante separada para os livros literários, mantendo assim a segregação entre os diferentes tipos de materiais na gibiteca.

Figura 18: Gibiteca Jorge Braga - Livros literários



Fonte: Própria autora, 2023.

Por último, foi analisado o livro de visitas, onde constava que naquela tarde não havia nenhum grupo de alunos, mas nessa observação vi que poucas horas antes, no período da manhã havia ido uma escola.

Abaixo, segue o resumo dos principais pontos analisados durante a observação na gibiteca Jorge Braga.

Tabela 07: Análise Durante a Etapa de Observação na Gibiteca Jorge Braga

Categoria	Observação	Parecer
O ambiente e o mobiliário	Observação sobre o espaço e o mobiliário dos locais observados;	O espaço é colorido, atrativo e confortável. Comporta além das estantes e prateleiras, <i>puffs</i> , tapete acolchoado, mesas e cadeiras;
Acesso aos usuários PCDs	O ambiente observado atende necessidades de possíveis usuários PCDs	A Gibiteca encontra-se no primeiro piso do prédio, o que facilita o acesso de usuário com alguma dificuldade de locomoção; Há espaço entre as estantes para andadores e/ou cadeiras de rodas; Não foram notadas placas para leitura em braile – porém a gibiteca realiza contações de HQs, onde esses usuários podem participar; É um setor inclusivo - No momento da observação, o setor em questão estava realizando um minicurso de fanzines para crianças com Síndrome de Down, do qual esperava-se estender para deficientes visuais;
Bibliotecário na administração do ambiente;	Reconhecer se o setor é coordenado por um bacharel em biblioteconomia;	A Pio Vargas tem vários bibliotecários que fazem a coordenação do ambiente em geral, porém no momento de observação, a profissional que se encontrava na gibiteca era uma pedagoga, e antes dela era uma bióloga;
Acervo	O tipo de acervo (gênero e subgênero) que o setor conta;	A gibiteca em questão possui uma grande variedade de HQs em seu acervo – desde histórias dos selos Marvel e D.C. Comics, a formatinhos da Turma da Mônica. Visto então uma variedade de gêneros para diferentes idades;
O gênero das adaptações literárias em quadrinhos	Se o setor detém adaptações literárias em quadrinhos	Sim, há várias adaptações literárias; Esse gênero na Gibiteca em questão possui um local próprio nas estantes;
Projetos e atividades desenvolvidas;	Os setores observados possuem atividades e projetos para além do tratamento dos materiais;	Sim; A gibiteca vem realizando diversos cursos e oficinas, além de palestras voltadas para HQs - focadas para as crianças e as escolas que a visitam, várias práticas culturais e a realização de leituras das histórias.
Usuários reais dos setores	Reconhecimento do público que frequenta o setor;	Analisando o livro de visita no dia, e em dias anteriores, e a conversa com a bibliotecária responsável, foi notado que a maioria dos usuários da gibiteca são estudantes, crianças e adolescentes;

		<p>Mesmo com um público mais delimitado entre crianças e adolescentes, a gibiteca atende todas as idades (incluindo o público adulto);</p> <p>O próprio setor realiza diversas atividades para públicos de diversas idades (também crianças);</p>
Organização do Acervo	Como é feita a organização do acervo em quadrinhos nos setores observados	<p>O acervo é organizado em gêneros e subgêneros, com fácil localização na maioria dos casos;</p> <p>Os periódicos mensais ou quinzenais não possuem classificação, não estão em ordem de lançamento ou coleção - Os mesmos são dispostos em caixas do mesmo selo, temática ou personagem, para facilitar a busca dos materiais;</p>
Mangás – HQs Orientais	Se há histórias de origem oriental ou apenas ocidental nos setores observados	<p>Sim;</p> <p>Existem títulos orientais lá;</p>
Acervo com temática adulta	Há HQs para o público adulto	<p>Sim;</p> <p>Os quadrinhos com conteúdo mais adulto, ficam dispostos nas estantes mais altas da gibiteca para inibir a consulta por usuários mais novos e fora da faixa etária recomendada;</p>
As Adaptações Literárias em Quadrinhos	Há adaptações literárias em HQs nesses setores observados	<p>Sim;</p> <p>No local observado há uma sessão com várias histórias em quadrinhos de adaptações literárias, de vários selos e editoras.</p> <p>As adaptações têm um tratamento distinto. Além de se encontrarem em prateleiras específicas para o gênero, também possuem uma classificação própria;</p>
Livros literários misturados no mesmo acervo das HQs	Há livros infantis ou ilustrados no mesmo acervo, sem uma divisão clara	<p>Sim;</p> <p>Logo na entrada da gibiteca há uma estante de livros ilustrados que se misturam com algumas histórias em quadrinhos;</p>
Classificação	Como é feita a classificação dos quadrinhos nos setores observados;	<p>Os formatinhos e os periódicos não possuem uma classificação própria, mas estão organizados em gêneros, tipos e editoras — facilitando a busca desses títulos;</p> <p>Já os materiais de luxo, <i>Graphics novels</i> e as adaptações literárias possuem uma classificação distinta;</p> <p>Essa classificação está presente na etiqueta da lombada desses materiais, similar a utilizada na biblioteca do local;</p>

Outros fatores observados

Além dos livros ilustrados, na gibiteca há duas estantes (grandes para o ambiente) chamadas de estantes de excesso. São materiais que a biblioteca Pio Vargas possui em excesso, mas não tem local para guardá-los ou política de descarte. Assim, tais livros ficam guardados na gibiteca;

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

2.5.1.2 Etapa de Observação Biblioteca CEPAE/UFG

O segundo local visitado para a etapa de observação foi a **biblioteca do CEPAE/UFG**, do qual ocorreu no dia **31 de maio de 2023 (quarta-feira)**, durante o período vespertino, permanecendo no local das **12:50 até às 13:30**.

Diferente de um pedido prévio para a realização da observação, fui ao próprio setor e conversei com a coordenadora no dia que pretendia realizar a aplicação da observação. Na ocasião, a bibliotecária não estava no local, mas conversei com quem estava responsável no dia (uma pedagoga), perguntando-a se eu poderia realizar tal etapa, explicando como seria realizado e os objetivos para tal método. Na própria conversa com a responsável no momento autorizou a realização da etapa no setor.

Na quarta-feira em que foi realizada a observação na biblioteca do CEPAE/UFG, os métodos e pontos a serem observados foram bem similares aos já realizados na Gibiteca Jorge Braga, com um diferencial, o CEPAE é uma biblioteca escolar, e eu estava avaliando o acervo de histórias em quadrinhos que possuem.

No local em questão há uma discriminação de uma estante com alguns quadrinhos mais infantis (do qual seria a gibiteca), mas também existem algumas histórias que dividem espaço junto as prateleiras de acervo bibliográfico comum.

Havia então uma seleção de quadrinhos, que fica guardada junto com os livros, em uma classificação própria para serem mantidos em conjuntos, próximos aos livros de arte.

Nesse grupo de quadrinhos haviam adaptações literárias, *Graphics Novels*, edições de luxo e séries indicativas para o público jovem adulto. Abaixo seguem algumas fotos tiradas no local:

Figura 19: Acervo CEPAE



Fonte: Própria autora, 2023.

Figura 20: Acervo CEPAE - *Graphic Novels*



Fonte: Própria autora, 2023.

A biblioteca conta ainda com um espaço distinto, conhecido como gibiteca, que se diferencia do acervo geral da biblioteca. Este espaço é especialmente atrativo, decorado com ilustrações e uma estante dedicada exclusivamente a quadrinhos e formatinhos voltados para o público infantil. O acervo é organizado de forma a facilitar o acesso, com os quadrinhos agrupados por sagas ou personagens. Há uma prateleira dedicada à Disney, outra à Turma da Mônica (com subdivisões por personagens), e uma terceira para diversas outras obras.

Figura 21: Acervo CEPAE - Área da Gibiteca



Fonte: Própria autora, 2023.

Figura 22: Acervo CEPAE - Área da Gibiteca



Fonte: Própria autora, 2023

Decidir para a análise tratar ambos os setores de maneira conjunta, já que faziam parte da constituição geral da biblioteca.

Foi observado então, a forma de organização desses materiais, os títulos dos quadrinhos que fazem parte desse acervo, o mobiliário do ambiente e a organização desse setor. O ambiente em si é espaçoso, com mesas e cadeiras para estudo, bem iluminado e refrigerado.

Além da divisão do acervo como mencionado, a parte destinada à gibiteca é “chamativa” ao usuário, está em um espaço de destaque na biblioteca. Porém, os outros materiais não ganham o mesmo destaque (na minha perspectiva de um usuário que não conhecia o ambiente, não iria procurar HQs além da estante destacada, soube da existência pela pedagoga, que me informou no momento que havia mais quadrinhos em determinada estante).

Em relação à disposição da mobília para pessoas com mobilidade reduzida foi notado que há espaço que comportaria andadores e cadeiras de rodas. Mas ainda se tratando sobre acessibilidade, não vi etiquetas em braile para identificação de portadores de deficiência visual.

Todos os fatores que achei pertinente foram anotados no caderno, além do registro fotográfico para melhor demonstração.

Segue abaixo os itens analisados:

Tabela 08: Análise Da Etapa De Observação - Biblioteca do CEPAE/UFG

Categoria	Observação	Parecer
O ambiente e o mobiliário	Observação sobre o espaço e o mobiliário dos locais observados;	O espaço é mais sóbrio; Contém um espaço distinto para a gibiteca, onde colocaram elementos mais chamativos, figuras e cores – Nesse ambiente há uma prateleira para os formatinhos em quadrinhos. Os quadrinhos estão divididos em dois locais – Há materiais de coleção, capa dura e adaptações junto ao acervo geral e há essa seleção para formatinhos, com mídias mais voltadas para crianças;
Acesso aos usuários PCDs	O ambiente observado atende necessidades de possíveis usuários PCDs	A biblioteca além de estar no térreo da instituição, possui apenas um ambiente; Há espaço entre as estantes para andadores e/ou cadeiras de rodas; Não foram notadas placas para leitura em braile;
Bibliotecário na administração do ambiente;	Reconhecer se o setor é coordenado por um bacharel em biblioteconomia;	Na biblioteca do CEPAE/UFG há bacharéis em biblioteconomia que organizam o setor;
Acervo	O tipo de acervo (gênero e subgênero) que o setor conta;	A biblioteca observada possui vários gêneros em quadrinhos, como adaptações literárias, os formatinhos infantis, e sagas de super-heróis; Visto então uma variedade de gêneros para diferentes idades;
O gênero das adaptações literárias em quadrinhos	Se o setor detém adaptações literárias em quadrinhos	Sim, em menor quantidade, mas há alguns títulos de adaptações;
Projetos e atividades desenvolvidas;	Os setores observados possuem atividades e projetos para além do tratamento dos materiais;	Sim; Não foi descrito quais atividades realizavam pelo responsável no momento;
Usuários reais dos setores	Reconhecimento do público que frequenta o setor;	Por ser uma biblioteca escolar, a maior parte do público são os próprios alunos; A maioria dos usuários são crianças e adolescentes; Alguns professores ou estudantes do programa de pós-graduação da instituição visitam o local, mas com menos frequência;

Organização do Acervo	Como é feita a organização do acervo em quadrinhos nos setores observados	Na biblioteca há dois espaços para os quadrinhos; Um espaço contém histórias com edições de luxo, capa dura, ou para idades mais avançadas – esses materiais estão junto com o acervo comum, próximo a classificação de artes; Há um outro espaço para formatinhos e histórias mais infantis – apenas esse espaço está destinado como gibiteca;
Mangás – HQs Orientais	Se há histórias de origem oriental ou apenas ocidental nos setores observados	Sim; Existe;
Acervo com temática adulta	Há HQs para o público adulto	Sim; Não há um tratamento diferenciado; Os quadrinhos com temáticas mais adultas estão nas prateleiras próximo a classificação das artes;
As Adaptações Literárias em Quadrinhos	Há adaptações literárias em HQs nesses setores observados	Sim; Esse gênero na biblioteca observada se mistura com os outros gêneros em quadrinhos, tendo a mesma classificação das outras HQs;
Livros literários misturados no mesmo acervo das HQs	Há livros infantis ou ilustrados no mesmo acervo, sem uma divisão clara	Não; Essas mídias não se encontravam misturadas a livros infantis ou ilustrados; A numeração única de classificação geral das HQs é respeitada;
Classificação	Como é feita a classificação dos quadrinhos nos setores observados;	Os formatinhos e os periódicos não possuem uma classificação própria, estão dispostos, em uma estante, separados por selos ou sagas; Há uma classificação em alguns materiais – os materiais em brochura; Nesses materiais classificados, todos são classificados exatamente igual – 741.5 (na CDU é Caricaturas. Cartoons. Desenhos satíricos e humorísticos);
Outros fatores observados		A estante intitulada ‘gibiteca’ tem uma predileção para histórias infantis e não há nenhuma indicação que a biblioteca possui mais quadrinhos além desde.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2023.

2.5.2 Aplicação do Questionário

O **primeiro bloco de questões (1, 2 e 3)** foram perguntas sobre a pessoa, onde o participante colocaria a sua **profissão**, se o mesmo **era leitor de HQs e seu e-mail**. Lembrando que o nome do participante não foi inserido na pesquisa, por não ser interesse ao estudo.

Na primeira questão, se iniciou o bloco de questionários **com a profissão daquele participante**. Essa pergunta visava reconhecer se as pessoas que estão trabalhando e gerindo as gibitecas são bacharéis em biblioteconomia. Como resposta foi visto que apenas 01 (um) era bacharel em biblioteconomia, 01 (um) era estagiário, estudante de bacharel em design, e 01 (uma) era professora (pedagoga).

Quando questionados **se conheciam histórias em quadrinhos e se gostavam do gênero, todos os participantes afirmaram gostar de HQs**, alguns se mostraram mais fãs de HQs que outros, mas todos têm, de alguma forma, contato com as histórias em quadrinhos.

(Participante.01) Sim! Adoro histórias do underground norte-americano e também brasileiro. Autores como Robert Crumb, Daniel Clowes, Charles Burns e nacionais, quadrinhos alternativos das editoras Escória, Comix, Pé de Cabra etc.

(Participante.02) Sou leitora, mas não assídua. Gosto de gibis - Disney e Maurício de Souza.

(Participante.03) Sim. Eu leio de todos os gêneros, mas, atualmente, tenho tido interesse por quadrinhos autobiográficos.

Na **terceira questão** (a última do primeiro bloco), foi solicitado o e-mail do participante, com o objetivo não apenas de registrar, mas para que pudesse realizar agradecimentos para cada um dos que participaram.

O **segundo bloco** de perguntas é composto por questões mais voltadas para o funcionamento, gestão e organização do ambiente da gibiteca onde cada participante trabalhava no momento. Sendo as **questões quatro e cinco** referentes ao nome da gibiteca e a localidade.

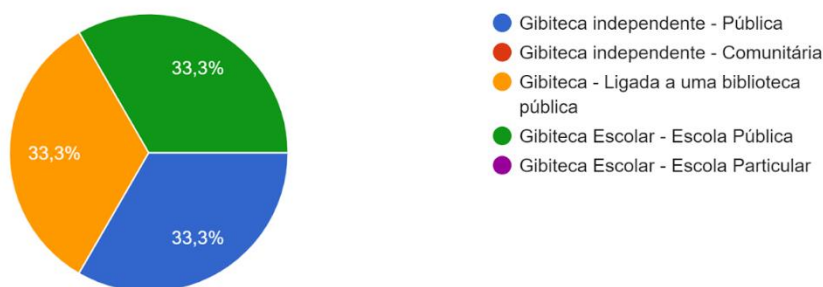
Participaram então a Gibiteca Goiânia, **Gibiteca Jorge Braga**; na cidade de Curitiba, a **Gibiteca de Curitiba** e uma gibiteca em Minas Gerais, a **Gibiteca Escolar Helena Fonseca**.

Já na **sexta questão** foi perguntado qual era o **tipo de gibiteca**, se a mesma era pública, escolar, independente etc. Dos participantes, havia 01 (uma) gibiteca escolar vinculada a escola pública, 01 (uma) gibiteca independente e pública e 01 (uma) gibiteca ligada há uma biblioteca pública.

Figura 23: Gráfico Sobre o Tipo de Gibiteca Analisada

Marque a opção abaixo, sobre a relação da gibiteca:

3 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A **sétima questão** foi sobre o **público frequentador da gibiteca**. O propósito da questão era descobrir se os locais atendem adultos (e havia uma diversidade nas idades) e se o acervo atende ao público.

Nas respostas coletadas tiveram uma maior oscilação, ocorrida até mesmo pela diferença dos tipos de gibitecas participantes. Uma das respostas demonstrou ter todos os tipos de idades como frequentados, já os outros ambientes responderam que a maior parte dos seus usuários são crianças e adolescentes.

(Participante.01) Todos os públicos. Muitas crianças lendo o nosso acervo, adolescentes em nossos cursos, adultos leitores de quadrinhos nos lançamentos, público em geral, não necessariamente ligado aos quadrinhos, nas nossas oficinas e exposições.

(Participante.02) Há uma diversidade de públicos, mais frequentes são as crianças e adolescentes devido às visitas escolares. Mas temos o público adulto que também frequenta a gibiteca.

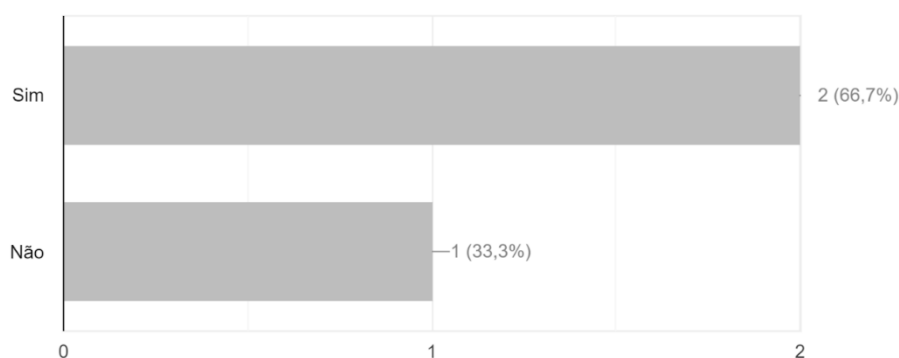
(Participante.03) Alunos da educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e EJA.

A **oitava questão** tinha como intuito conhecer se o público frequentador buscava por gêneros e/ou temáticas específicas. Das respostas coletadas, apenas uma das gibitecas respondeu negativamente para a pergunta.

Figura 24: Público / Usuário das Gibitecas Analisadas

Os usuários que frequentam a gibiteca buscam por títulos ou temas específicos, costumam ter alguma preferência?

0 / 3 respostas corretas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Já na **nona questão**, foi abordado o **espaço físico da gibiteca**, como era o ambiente e se a mesma tinha um espaço adequado para mobilidade (visando usuários que utilizam cadeiras de rodas e andadores). As respostas demonstraram que todas as gibitecas participantes se adaptaram para receber todo o público de maneira democrática.

(Participante.01) O ambiente acaba sendo menor do que na planta devido ao nosso grande acervo, mas há sim mobilidade.

(Participante.02) Sim, recentemente a gibiteca passou por alterações no seu ambiente físico, o que ampliou a circulação no espaço interno.

(Participante.03) Sim, há espaço livre para andar, sentar e até deitar.

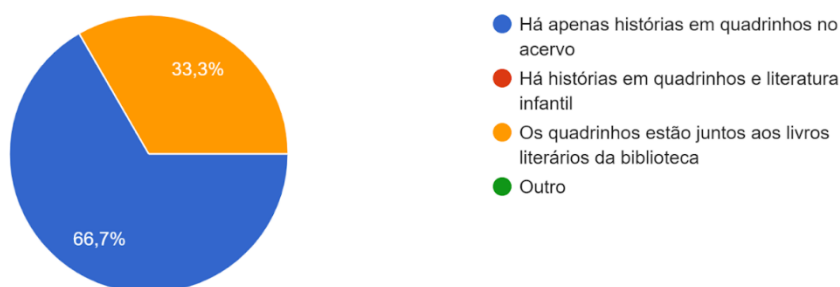
A **décima questão** foi referente à constituição do acervo, se o mesmo era formado apenas com histórias em quadrinhos (e derivados) ou se no ambiente também havia outros materiais, como livros literários. Como respostas, apenas uma das

gibitecas participantes afirmou que o acervo ainda divide o espaço com os livros literários da biblioteca.

Figura 25: Destinação do Acervo das Gibitecas Analisadas

No espaço destinado à gibiteca há somente histórias em quadrinhos ou existem outros tipos de materiais literários? (descrever se são apenas quadrinhos ou se há livros no mesmo acervo)

3 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na décima **primeira questão**, foi abordado qual é a **forma de aquisição dos materiais adquiridos no acervo**, e todas as respostas afirmaram constituir o acervo a partir de **doações**.

Ainda com o foco sobre as formas de aquisição dos quadrinhos por essas gibitecas, a **décima segunda e décima terceira foram** se a gibiteca em questão recebe ou recebeu contribuição do PNBE (Plano de Biblioteca Escolar), e quais foram os títulos recebidos nos últimos anos.

Dos três participantes apenas um disse ter recebido auxílio do programa, mas que não se lembra dos títulos recebidos por não terem sido registrados antes de serem colocados nas estantes da gibiteca.

(Participante.03) Não, elas são repassadas pela bibliotecária, como tivemos período de pandemia, muitos quadrinhos foram colocados na gibiteca sem serem primeiro registrados, então estamos refazendo o levantamento de títulos e ainda não terminamos.

A **décima quarta** pergunta foi **abordando sobre o gênero das adaptações literárias** e se há uma procura pelo usuário por esse gênero dos quadrinhos, e também descobrir o perfil desse leitor (qual é o usuário que busca as adaptações nesses ambientes).

Dos três participantes, apenas um afirmou não conhecer a busca pelo material, os que afirmam haver usuários que buscam o gênero demonstram a maior procura entre **professores e alunos**.

(Participante.01) Já tivemos professores de história e da educação básica procurando por esses gêneros aqui no nosso espaço.

(Participante.03) Sim, alunos gostam muito de adaptações literárias.

Ainda em relação às adaptações literárias, foi questionado na **décima quinta** se esses participantes achavam ou mesmo se já notaram (durante o tempo que estão na gibiteca) o interesse ao gênero das adaptações literárias em HQs entre os usuários. Das respostas, **duas afirmaram reconhecer o gênero como uma opção para atrair o público para “gostar” de ler e de ler os clássicos literários**, uma falou que tem buscado usuários para esse gênero, mas que a pandemia atrapalhou um pouco o processo, pois houve um distanciamento de usuários ao local.

(Participante.01) Faz seis meses que estou aqui e não cheguei a ver isso, mas posso falar da minha experiência. Com 15 anos, comprei uma adaptação em quadrinhos de Crime e Castigo, sem saber nada sobre a obra original. Gostei tanto do trabalho que isso despertou o meu gosto pela literatura russa.

(Participante.02) Estamos buscando público que goste deste tipo de quadrinhos. Com a pandemia, os leitores se distanciaram da gibiteca.

(Participante.03) Sim, muitos alunos já relataram que começaram a se interessar por literatura depois de ler quadrinhos.

A **décima sexta** questão, focou no tratamento do acervo, se o mesmo tinha um tipo de **classificação e catalogação diferenciada ou se usava a mesma utilizada nos livros literários**, e como era o tratamento bibliográfico do acervo.

Das três respostas, **todas mostraram não ter feito um tratamento próprio**, sendo uma das respostas afirmou realizar em todos os materiais a classificação e catalogação, porém similar a utilizada em livros bibliográficos, outra resposta afirmou realizar o tratamento apenas em livros em formato brochura, e a terceira afirmou só realizar um registro de empréstimos feitos pelos próprios alunos.

(Participante.01) Cadastramos nosso acervo no sistema *Pergamum*, da PUC-PR, utilizado por todos os espaços da prefeitura que possuem acervo de documentos aberto ao público. Cadastramos como uma biblioteca

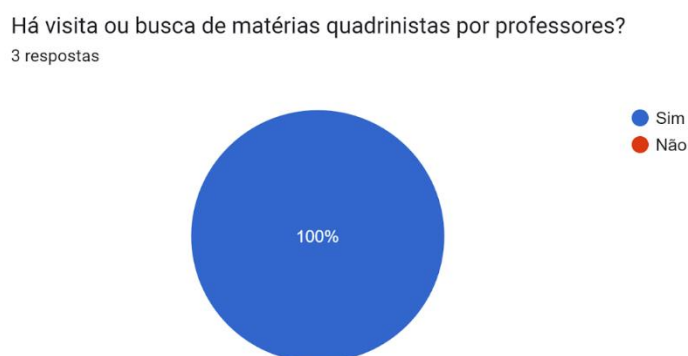
normal, utilizando o código 741.5 para especificar os quadrinhos, conforme a norma nacional. O público pode pesquisar qualquer item do nosso acervo pelo site da *Pergamum* de Curitiba.

(Participante.02) Os quadrinhos não receberam este tipo de tratamento, com exceção dos quadrinhos no formato de livros, a exemplo da Mafalda, e a literatura em quadrinhos. Os outros gêneros estão estudando para verificarmos a viabilidade de se catalogar, por enquanto estamos relacionando em planilha Excel para analisar o quantitativo e os títulos existentes.

(Participante.03) Sim, porque não temos funcionário. O registro é bem simples e feito pelos próprios alunos, para que possam ter controle do acervo e identificar material que precisa ser retirado (rasgado) para reparos.

A **décima sétima** questão abordada foi se a gibitecas era utilizada por professores, e todas as respostas coletadas foram positivas à pergunta.

Figura 26: Relação dos Professores enquanto Usuários nas Gibitecas Analisadas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Ainda em relação a esses professores que visitam e utilizam das gibitecas, também foi perguntado se os mesmos demonstravam **intenções pedagógicas ou apenas recreativas em suas visitas**. Em todas as respostas afirmaram observar **ambos os casos**, de visitas apenas para o lazer, mas também visitas ligadas a determinados conteúdos que aquele grupo de alunos estão aprendendo e até visita de professores que vão independentemente da escola, mas para realizar algum estudo particular.

(Participante.01) As visitas escolares são ligadas ao conteúdo que as crianças estão aprendendo nas escolas. Quando chegam apenas os professores, alguns marcam o agendamento com um grupo para falarmos sobre alguma exposição, outros para as oficinas específicas para professores promovidas pela Fundação Cultural e Secretaria Municipal de Educação.

(Participante.02) Pesquisa acadêmica do docente.

(Participante.03) As duas. Temos um espaço só para o professor com material específico, mas muitos professores também são leitores e costumam emprestar revistas junto com os alunos.

Na **décima oitava** e última questão, abordou-se sobre os **projetos e atividades artísticas e culturais no ambiente da gibiteca**. O objetivo da questão foi descobrir se aqueles locais eram utilizados para além do acervo, e na coleta das respostas, todas afirmaram realizar projetos de extensão, culturais e artísticos nas respectivas gibitecas.

(Participante.01) Sim! Temos os nossos cursos semestrais de Mangá, Quadrinhos, Animação, Ilustração Digital, Desenho Artístico. Oferecemos também oficinas com artistas e profissionais das artes, exposições sobre diversos temas a respeito dos quadrinhos e arte curitibana e de todo o mundo, ocorrem lançamentos de gibis e editais de quadrinhos, onde títulos são publicados e financiados através da Gibiteca. Você pode ver um pouco mais sobre nossas atividades nas nossas redes sociais, *Facebook* e **Instagram** @GibitecadeCuritiba .

(Participante.02) Após a repaginação da gibiteca temos nos organizado para promover projetos. No início deste ano tivemos o evento em homenagem ao dia nacional das histórias em quadrinhos, com especialistas discutindo o assunto (formato remoto e presencial). A partir de setembro estamos com duas ações culturais - Oficina de fanzine para público em geral (01 e 08/09⁹⁶), e outra específica para jovens com síndrome de *down* (13/09⁹⁷).

(Participante.03) Temos todo ano uma programação especial para alunos e professores, com palestras, cursos, oficinas e gincana.

2.6 Procedimentos para a Análise de Dados

Após os dados coletados, é necessário que os mesmos sejam analisados e interpretados, Gil (2008, p. 156) explica que os termos são “conceitualmente distintos” e trabalhados em conjunto, mas possuem suas diferenças. Para o autor, o processo de análise “tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema [...]”, já a interpretação resume-

⁹⁶ Datas relativas do ano de 2023.

⁹⁷ Datas relativas do ano de 2023.

se na “[...] procura do sentido mais amplo das respostas”, e os processos em conjuntos auxiliam no encadeamento das ideias e conclusões para o problema inicial.

Memorando que para esse estudo foi adotado uma **abordagem qualitativa**, do qual o foco da análise não residiu em resultados estatísticos ou numéricos, mas, concentrou-se na compreensão das gibitecas, explorando sua construção e sua relação com o contexto social. Para Santos et al. (2020, p. 656), esse tipo de pesquisa “[...] é demarcada por um fator humanístico, interacional e empático”. Desta maneira, o quantitativo em grande parte dos resultados demonstrados foi o que menos importou, mas o que aquela informação apresentada e como a mesma impactava no contexto do objeto, era de importância na análise.

A análise de dados qualitativa foi definida por Lüdke e André (1986. p. 45) como:

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis. A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado.

Para analisar dados qualitativos, os autores Miles e Huberman ⁹⁸(1994 apud Gil, 2008, p.175) criaram alguns parâmetros durante essa etapa:

- a. Os dados coletados devem ser reduzidos, selecionados e simplificados. Gil (2008) comenta que “esta etapa envolve a seleção, a focalização, a simplificação, a abstração e a transformação dos dados originais em sumários organizados de acordo com os temas ou padrões definidos nos objetivos originais da pesquisa;
- b. Os dados devem ser **organizados** de maneira que possibilite a sua análise sistemática, apresentando possíveis semelhanças ou diferenças;

⁹⁸ Miles, M. B.; Huberman, A. M. *Qualitative Data Analysis: An Expanded Sourcebook*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994.

c. A última etapa é a **conclusão/verificação** das informações, agora organizadas e tratadas.

O trabalho adotou diversas metodologias para garantir uma obtenção de dados abrangente. Na etapa de análise, optei por empregar o método de **triangulação** para maximizar a eficiência e identificar possíveis correlações entre as informações coletadas.

Baseando-se em diversos autores que abordaram o assunto, Zappellini e Feuschütt (2015, p.246-247) definiram o processo de **triangulação como uma técnica combinatória**, podendo ocorrer com diferentes métodos, amostras, perspectivas teóricas ou tempos diferentes. Para os autores, “a triangulação deve utilizar um ponto de partida e confrontar os resultados obtidos com os diferentes métodos, populações etc., bem como com as conclusões obtidas com base na perspectiva originalmente adotada para conduzir a pesquisa”.

Para Flick (2013, p.183) o uso da triangulação em uma pesquisa científica pode ser definido como:

[...] Assumir diferentes perspectivas sobre um tema que você esteja estudando ou não responder às suas questões de pesquisa. Estas perspectivas podem ser fundamentadas mediante o uso de vários métodos ou várias abordagens teóricas. Além disso, a triangulação pode se referir a diferentes tipos de dados no pano de fundo das perspectivas teóricas que você aplica aos dados. Ao mesmo tempo, a triangulação (de diferentes métodos ou tipos de dados) deve proporcionar um conhecimento adicional.

Por ser um tipo de análise que consegue trabalhar com dois ou mais pontos distintos, Flick (2013) a técnica acaba também sendo recomendada para **estudos de casos** — como esse projeto é — pois auxilia na associação de múltiplas fontes de informações, “configurando linhas convergentes de investigação” (Yin⁹⁹, 2005 apud Zappellini; Feuerschütte, 2015, p. 252), do qual se aplicou no trabalho.

Além da recomendação utilizada em estudo de caso, a mesma também é válida quando aplicada em trabalhos com **abordagem qualitativa** (Flick, 2013; Santos et al., 2020), por envolver diferentes articulações e fortalecer a credibilidade da pesquisa,

⁹⁹ YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

demonstrando o mesmo fato sob mais de um ponto de vista, métodos e fontes (Flick¹⁰⁰, 2011 apud Santos et al., 2020, p. 656), “a triangulação é uma ferramenta útil ao pesquisador, sobretudo o qualitativo, que deseja aumentar a confiabilidade dos resultados de sua pesquisa e de suas conclusões” (Zappellini; Feuerschütte, 2015, p. 268).

Santos et al. (2020, p. 656) afirma que a triangulação deve ser reconhecida como uma forma de aprimorar o “estudo qualitativo envolvendo diferentes perspectivas”, das quais podem dar maior credibilidade a pesquisa, por utilizar de dois ou mais métodos, fontes etc., mas também “[...] possibilitar a apreensão de fenômeno sob diferentes níveis, considerada, desta forma, a complexidade dos objetos (problemas complexos e condições de vida complexas)”.

O método em questão não se originou diretamente nas pesquisas científicas, mas teve seu princípio nas navegações e na topografia (Santos et al., 2020), da qual auxiliava nas demarcações de navios pelas posições de três estrelas no céu (Zappellini; Feuerschütte, 2015). Já como um método de pesquisa, a mesma foi utilizada inicialmente na área da saúde, principalmente nos estudos da área da psicologia, Suto et al. (2021, p. 242) comenta que nos estudos da psicologia já se “utilizava de múltiplos métodos na análise de um mesmo objeto com a finalidade de alcançar resultados convergentes”.

À medida que a técnica de triangulação se expandiu para além da área da saúde, viu-se a necessidade de categorizá-la em diferentes classes, visando delimitar formas de aplicação para campos específicos de estudos. A primeira classificação conhecida foi proposta por Denzin¹⁰¹ (2005, apud Zappellini e Feuerschütte, 2015), originalmente concebida como um método de validação.

Denzin (2005) então propôs quatro classes de triangulação: de **dados**, de **investigadores**, de **teoria** e a **triangulação metodológica**¹⁰²(Zappellini;

¹⁰⁰ Flick U. *Triangulation*. Oelerich G, Otto H-U, editors. Empirische Forschung und Soziale Arbeit. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften; 2011. p. 323-328.

¹⁰¹ Denzin N. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. Routledge: London; 2009.

¹⁰² De acordo com Easterby-Smith, Thorpe e Lowe (1999 apud Zappellini; Feuerschütte, 2015, p. 248), a triangulação metodológica foi inicialmente abordada por Todd, em 1979, da qual se tratava da combinação de métodos qualitativos e quantitativos de coleta, como a entrevista e o questionário.

Feuerschütte, 2015; Flick, 2013), as quais ainda são amplamente adotadas na atualidade.

- a. **Triangulação de dados:** A classe em questão pode ser “[...] produzidos em diferentes momentos, lugares ou com diferentes pessoas” (Santos et al., 2020, p. 657).
- b. **Triangulação de investigadores:** Quando utiliza de diferentes pesquisadores no momento da coleta de informação (Zappellini e Feuerschütte, 2015), na busca de minimizar possíveis influências ou manipulação indireta do pesquisador (Santos et al., 2020).
- c. **Triangulação de teoria:** Nesse caso, “[...] um fenômeno é abordado e interpretado por distintas perspectivas ou múltiplas teorias, a fim de aumentar o conhecimento acerca do objeto em estudo” (Santo et al., 2020, p. 657), concepção de múltiplas hipóteses (Flick, 2013, p.183).
- d. **Triangulação metodológica:** É utilizado um conjunto de estratégias, do qual envolve “[...]um processo complexo de colocar cada método em confronto com outro a fim de maximizar a validade dos esforços de campo” (Denzin¹⁰³, 1970, p. 304 apud Flick, 2013, p. 183), a mesma pode ocorrer como intramétodo, quando ocorre com um único método, ou intermétodo, com a utilização de métodos distintos (Santos et al., 2020).

Com o propósito de conhecer e identificar o ambiente das gibitecas para aplicação, a estratégia de triangulação utilizada para a análise do trabalho foi a da **triangulação metodológica intramétodo**, visto que mesmo utilizando de diferentes aplicações em campo como observação e o questionário, todo o trabalho se mantém sob o olhar qualitativo.

Como mencionado anteriormente, optou-se na etapa de análise utilizar do método de **triangulação metodológica intramétodos**, combinando os dados obtidos durante o estudo de campo (a observação e o questionário) aos estudado durante a pesquisa bibliográfica. O próprio estudo de campo permitiu enxergar e compreender o

¹⁰³ DENZIN, N.K. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. Eglewoods Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1970.

ambiente da gibiteca com proximidade, suas relações e sua rotina, onde essas informações puderam ser correlacionadas tanto entre si quanto com o que foi visto e abordado nas pesquisas bibliográficas discutidas.

Nesse sentido, transmitir segurança nos dados apresentados em uma pesquisa qualitativa, Santos et al. (2020, p.656) explica que é necessário utilizar uma metodologia que “[...] asseguram transparência, metodicidade e fidelidade às evidências”, e a triangulação pode assegurar nos resultados apresentados, para Suto et al. (2021, p.242), “a utilização da triangulação metodológica, especificamente, deixa de ser uma estratégia de validação e torna-se um fator de enriquecimento para compreensão do fenômeno”.

Para que pudesse ser feita a triangulação, adotou-se a recomendação dos autores Lüdke e André (1986, p.45), os quais sugerem que as informações sejam classificadas e assim seja correlacionada em segmentos, facilitando a correlação para identificar padrões relevantes ao projeto. Gil (2008, p.157) explica que “as respostas fornecidas pelos elementos pesquisados tendem a ser as mais variadas. Para que essas respostas possam ser adequadamente analisadas, torna-se necessário, portanto, organizá-las, o que é feito mediante o seu agrupamento em certo número de categorias”.

Utilizando então a categorização de dados semelhantes, que pudessem correlacionar no momento da análise, me auxiliou não apenas na tomada de decisões como descrita por Gil (2002), mas também a aplicar a tática de reduzir, organizar e analisar sugerida por Miles e Huberman (1994), já que no próprio momento de redução de dados pode ser vista como a tomada de “decisões acerca da maneira como codificar as categorias, agrupá-las e organizá-las para que as conclusões se tornem razoavelmente construídas e verificáveis” (Gil, 2008, p.175).

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Neste capítulo, trago a análise dos dados coletados, utilizando então todo o trabalho em campo (a etapa de observação e as respostas obtidas no questionário), concatenando com o que foi visto na revisão bibliográfica.

A pesquisa envolveu 04 (quatro) acervos brasileiros, entre os mesmos haviam 02 (duas) gibitecas públicas, 01 (uma) gibiteca escolar e 01 (uma) biblioteca escolar, das cidades de Goiânia (GO), Leopoldina (MG) e Curitiba (PR).

Vale também ressaltar que uma das gibitecas, a gibiteca Jorge Braga, participou de duas fases distintas do trabalho em campo, durante a etapa de observação e também para aplicação do questionário.

Tabela 09: Análise dos Participantes durante a Pesquisa em Campo

Nome	Localização	Tipo
Gibiteca Jorge Braga	Goiânia, Goiás	Gibiteca Pública
CEPAE/UFG	Goiânia, Goiás	Biblioteca Escolar
Gibiteca de Curitiba	Curitiba, Paraná	Gibiteca Pública
Gibiteca Escolar Helena Fonseca	Leopoldina, Minas Gerais	Gibiteca Escolar

Fonte: Própria Autora, 2024.

Em relação a característica das gibitecas, foi notada a **diversidade entre os setores** já que havia entre os participantes tanto locais públicos quanto escolares e independentes. Embora o trabalho enfoque nos setores educacionais, a coleta conseguiu demonstrar as diversas possibilidades na concepção desses ambientes, não se limitando a apenas as gibitecas escolares nem vinculadas a bibliotecas, mas setores que conseguem se manter de maneira independente e pública.

Mesmo com essa possibilidade, foi notado durante o próprio mapeamento que uma parte das gibitecas existentes em Goiânia, Goiás, estão presentes em escolas privadas. demonstrando a problemática ao acesso às histórias em quadrinhos, as quais, apesar de serem consideradas “populares”, são poucos os que realmente tiveram a oportunidade de ler uma história em quadrinhos. Os quadrinhos acabam se

transformando em leitura de nicho, com custo alto, o que pode dificultar a proposta de iniciar um acervo desse tipo de material.

Um outro aspecto analisado nas informações foi sobre a **presença de um bacharel em biblioteconomia** nos locais, do qual em um dos setores observados não contava com o profissional.

A ausência de profissionais qualificados nesses setores é problemática, pois a própria gibiteca perde com a falta de alguém capacitada para trabalhar com o tratamento técnico e maximizar seu potencial. Além disso, essa lacuna reflete na própria ignorância de alguns setores em desvalorizar a figura do bibliotecário, presumindo que qualquer pessoa pode desempenhar o papel do profissional treinado. Essa falta de reconhecimento reflete sobre a necessidade de uma legislação¹⁰⁴ para que se exija a presença de bibliotecários nas bibliotecas.

Outro grupo analisado, foi em relação aos **usuários**, frequentadores dos setores estudados. Para abordar tal grupo, foi preterido dividi-los em subgrupos (ou subclasses), para facilitar a apreciação das informações observadas.

Dentro da classe de usuários foi observado então a **variação entre as idades** dos frequentadores. Em todos os relatos coletados foi visto que haviam desde crianças a adultos entre os usuários, demonstrando não haver um tipo de idade limite para ler e apreciar histórias em quadrinhos, como ainda é estigmatizado por alguns.

Com a variação das idades entre os frequentadores, pode-se demonstrar o que foi também debatido pelos autores, que os quadrinhos não são leitura limitada ao público infantil, que existem apreciadores e leitores de todas as idades, dos quais, também existem materiais que cativam diferentes idades e gostos, como a jarra de suco descrita por McCloud (1995).

Ainda em relação aos usuários, foi analisada a possível **frequência de professores e alunos entre os frequentadores**, e o retorno dos dados foi assertivo.

¹⁰⁴ Brasil, Lei n. 12.244/2010 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm. Acesso 12 de Jan., 2024.

Em todos os setores analisados havia uma frequência considerável de professores entre seus usuários, além de visitas escolares ao ambiente.

Isso demonstra uma maior abertura dos profissionais da educação em interagir com os materiais em quadrinhos, seja para leitura por lazer ou para a aplicação nas escolas, o que certifica a afirmação também de Vergueiro (2005), quando o autor menciona a curiosidade de educadores para trabalhar com quadrinhos nas escolas, melhorando assim a aceitação desses materiais como informacionais e não apenas leitura de lazer.

Mas mesmo tendo essa maior abertura dos educadores, é importante ainda reverberar o que foi dito por Vergueiro (2008a), sobre a necessidade do professor em conhecer e se familiarizar com as histórias em quadrinhos para aplicar o material em aula.

A classe seguinte a ser abordada foi sobre a constituição do **acervo**, uma vez que o primeiro ponto analisado salientou sobre a **diversidade dos materiais presentes nos acervos**, se os mesmos atendiam o público visitado, com sua variação de idade.

Foi constatado, entre todas as gibitecas observadas, a presença de uma diversidade de títulos e gêneros, que atendem ao público visitante dos setores, onde novamente enfatiza que o material pode ser trabalhado para todas as idades (com classificação apropriada para cada idade). Essa diversidade de gêneros é notada até na própria organização de um dos acervos observados, que mesmo explicando que a maior parte dos seus usuários ainda são crianças e adolescentes, ainda detém materiais de classificação adulta no acervo.

Outro aspecto analisado dentro da pluralidade dos gêneros nos acervos, foi que em todos os locais também há a presença de **mangás**, os quadrinhos japoneses. Sabe-se a popularidade desse tipo de história em quadrinhos no Brasil, e também como uma parcela de leitores de quadrinhos são leitores exclusivos das HQs orientais com estes, assim, deter no acervo esse tipo de material é positivo e atrativo aos usuários.

Ainda sobre a constituição dos acervos, foram analisadas as **formas de aquisição das histórias em quadrinhos** presentes e em apenas 1 (um) dos locais

houve destinação de verba para uma pequena compra, o restante, 75% dos locais analisados tiveram seu acervo constituído por doações.

As respostas demonstram o que foi discutido por alguns autores mencionados no trabalho, que para constituir um acervo em quadrinhos o essencial não é o dinheiro, mas a “boa vontade” de quem está desenvolvendo o projeto e que os meios entorno, a escola ou a biblioteca, possam incentivar e contribuir.

Dentro das maneiras de aquisição, foi analisado sobre a **contribuição do PNBE** (Plano de Biblioteca Escolar) para o acervo, apenas um dos setores analisados evidenciou ter recebido o auxílio do programa governamental.

Nesta situação, foi também levado em consideração que certos setores observados durante o estudo em campo não são diretamente aplicáveis ao PNBE, pois estão fora do escopo da biblioteca escolar. No entanto, é importante ressaltar que um desses setores se mostrou eficaz e contribuiu significativamente para a formação do acervo, mostrando-se positivo ao programa.

Também foi notado sobre a **presença do gênero das adaptações literárias em histórias em quadrinhos** nos acervos de todas as gibitecas (e a biblioteca) estudada, demonstrando a popularidade da mesma.

Adentrando ao gênero das adaptações literárias em HQs, também foi visto que além dele ser encontrado com facilidade em todos os acervos, há uma **alta procura pelas adaptações**. Nesse caso deve-se recordar os benefícios das adaptações em cunho escolar, a leitura desse material pode tanto promover a aproximação aos clássicos como também o desenvolvimento da própria leitura em si do sujeito como leitor crítico, podendo ser utilizado de maneira interdisciplinar. Do qual, novamente mostra a necessidade de o educador conhecer o material em quadrinhos para melhor utilização.

Esse proveito da leitura de adaptações em quadrinhos foi visto também nos relatos dos próprios colaboradores que participaram da fase de questionário, onde dois dos participantes mencionaram reconhecer que o gênero é uma opção para atrair o público para “gostar” de ler, e da leitura de clássicos literários, inclusive um deles enfatizou ter começado a ser leitor após uma adaptação da obra “Crime e Castigo”.

O próximo tópico a ser abordado foi em relação ao tratamento técnico dos materiais em quadrinhos. Foi observado que a maioria dos setores utiliza algum tipo de classificação (seja CDU ou CDD) para organizar os quadrinhos, a única exceção foi o acervo desprovido de um bibliotecário. Nos demais foi observado uma abordagem de classificação similar ao que é utilizado nas bibliotecas, com variações em certos campos, mas mantendo um padrão de classificação consistente.

Um fator notável no tópico em questão, é a “preferência” da classificação dos materiais em brochura, deixando os materiais como periódicos e formatinhos sem nenhum tipo de tratamento técnico como a classificação. Isso evidencia a dificuldade no tratamento desses materiais, seja devido à sua quantidade ou ao formato não convencional. Por não estarem dispostos de forma linear nas estantes, alguns gestores não reconhecem a importância da classificação adequada e limitam-se a atribuir um número de registro, por exemplo.

Outro aspecto abordado diz respeito à transformação das gibitecas em espaços não apenas para leitura passiva, mas também em locais de estímulo artístico e cultural. Em todas as respostas, foi possível observar um esforço significativo para promover o ambiente por meio de atividades culturais e da implementação de diversos projetos. Isso ressalta que a gibiteca não precisa se limitar apenas ao acervo e ao trabalho técnico, mas pode ser dinâmica e colaborar com outros aspectos, incentivando a visita de mais usuários e aumentando a busca pelos materiais em si.

Em relação ao **ambiente físico dos setores**, um dos pontos visto foi se os mesmos eram **inclusivos para PCDs** (pessoas com deficiências) e com espaço adequado para mobilidade (visando usuários que utilizam cadeiras de rodas ou andadores). Do qual, em todos os acervos analisados foi visto o acometimento de inclusão dos espaços para receber todos os usuários, em alguns casos registrados, mesmos com espaços menores, foi ambientado de maneira que proovesse mobilidade e comportasse todos.

4 PRODUTO EDUCACIONAL (CARTILHA)

O produto educacional apresentado como resultado desta dissertação foi a produção de uma cartilha no formato *e-book* intitulada “**Lugar de Quadrinhos Também é na Escola: ideias e propostas para uma gibiteca escolar**”. O material teve como objetivo auxiliar educadores e bibliotecários escolares (entre outros profissionais que se interessarem no assunto) na implementação, manutenção e elaboração de gibitecas escolares, com o foco no acervo de **histórias em quadrinhos do gênero de adaptações literárias**, oferecendo propostas práticas abrangentes que vão desde a organização do acervo e formas de aquisição, até metodologias de ensino com quadrinhos para o ambiente escolar.

A delimitação de trabalhar com apenas um gênero em quadrinhos para a produção (adaptações literárias em histórias em quadrinhos) e não abordar todos os gêneros e subgêneros conhecidos na cartilha, foi motivada por dois fatores fundamentais, sendo o primeiro, e de maior implicação, a própria delimitação do tempo para o desenvolvimento e entrega do material, que tornava inviável algo abordando múltiplos gêneros. O segundo motivo é por acreditar na potencialidade do próprio gênero sugerido, que pode ser visto como uma “porta de entrada” para locais e pessoas que ainda desconhecem e ignoram esses tipos de materiais. Não como uma leitura facilitadora, mas uma narrativa já conhecida, e por ser conhecida, acaba sendo mais palatável para sujeitos que nunca leram ou trabalharam com o material terem uma aproximação.

Ademais, outro ponto importante a ser destacado é na escolha de ser uma cartilha e não um manual, isso se deu na própria intencionalidade do produto junto as definições dos termos. A proposta era que a mesma não resultasse em um produto cheio de regras e tecnicista, mas sim um material de leitura leve e acessível, ao qual o sujeito pudesse empregá-lo diretamente em sua instituição de ensino ou readaptá-lo (sem grandes dificuldades) à sua realidade. Nesse sentido, quando se compara as definições dos termos, **manual**¹⁰⁵ aparece descrito como um “livro que orienta a

¹⁰⁵ Dicionário on-line de português. [on-line]. <https://www.dicio.com.br/manual/>, acesso em 10 de maio de 2024.

execução ou o aperfeiçoamento de determinada tarefa; [...] livreto descritivo e explicativo que acompanha determinados produtos [...]”, como um livro de regras ou passo a passo, já a **cartilha**¹⁰⁶ tem um sentido mais flexível, mais próximo ao que era pretendido com o produto educacional, sendo definida como um tipo “compilação de noções elementares sobre determinado assunto”.

A cartilha (cartilha), **“Lugar de Quadrinhos Também é na Escola: ideias e propostas para uma gibiteca escolar”** é o fruto do processo da pesquisa dessa dissertação apresentada, resultado que vai desde a revisão bibliográfica, como também do processo de pesquisa em campo, com as aplicações de observações e de questionários em setores informacionais (gibitecas escolares e bibliotecas escolares que possuíam acervo em HQs).

Diante disso, acredito que a metodologia adotada foi fundamental e enriquecedora na construção do produto. Ela permitiu conhecer esses acervos *in loco* ou por meio dos relatos de colaboradores que vivenciam o cotidiano desses ambientes. Ao integrar essas informações com a revisão bibliográfica e minha própria experiência profissional e pessoal como usuária e leitora de histórias em quadrinhos, consegui abordar temas relevantes e pertinentes na cartilha.

Figura 27: Capa (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

¹⁰⁶ Dictionary Cambridge. <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/portugues-ingles/cartilha>, acesso em 11 de maio de 2024.

A diagramação do material foi cuidadosamente escolhida para resultar em um produto expressivo e atraente para o leitor. O plano de fundo de todo o material faz referência aos quadros e sarjetas das HQs, utilizando as cores rosa, azul e amarela. Vale mencionar que as imagens exibidas no material foram retiradas legalmente do banco de imagens Shutterstock.

Figura 28: Contracapa (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Na **contracapa** do material, ou folha de rosto (figura 28), estão todas as informações técnicas do produto, incluindo os nomes do: orientador, co-orientador, responsável pela revisão, diagramador e a ficha catalográfica.

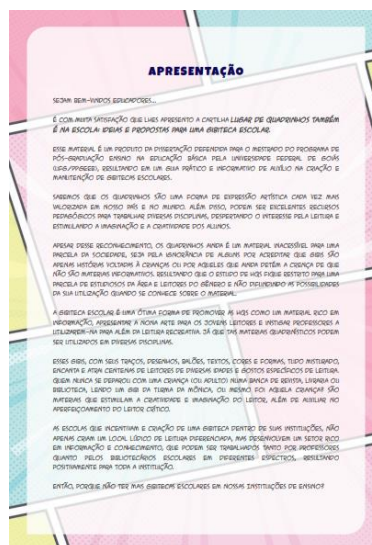
Figura 29: Prefácio (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Foi elaborado um **prefácio** com um breve resumo, apresentando os objetivos da cartilha. Solicitei que um terceiro, no caso meu marido, publicitário e também leitor de HQs, escrevesse este prefácio. O objetivo era oferecer ao leitor uma perspectiva diferente e um olhar único sobre o tema, proporcionando uma introdução diversa antes de iniciar a leitura da cartilha.

Figura 30: Introdução - 1ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 31: Introdução - 2ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Após o prefácio foi feita uma apresentação, **introdução** ao material (imagens 30 e 31), onde são abordados a cartilha, seu objetivo, e a finalidade do *e-book*, tal introdução ofereceu uma visão geral ao leitor o que o mesmo encontrará durante a leitura.

Nesse tópico são discutidos os benefícios da leitura de histórias em quadrinhos, destacando como elas podem contribuir positivamente para o desenvolvimento do leitor, e explora a importância das gibitecas escolares, enfatizando como esses acervos ricos podem beneficiar as instituições de ensino em diversos aspectos.

Pensando na produção desta cartilha, o material foi concebido para dialogar diretamente com seu público, os leitores. Uma das iniciativas para alcançar isso é visível na introdução, que começa dando as "boas-vindas" ao educador leitor e termina com a assinatura "uma bibliotecária apaixonada por quadrinhos". Essas foram maneiras que encontrei para me aproximar do leitor durante o processo de escrita.

Figura 35: Heróis, Vilões e Painéis - 3ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Continuando no capítulo "Heróis, Vilões e Painéis" (página 09 da cartilha), elaborei um quadro com alguns termos que considero pertinentes para uma compreensão inicial. Esses termos são frequentemente utilizados quando se discute histórias em quadrinhos, como a contração da expressão "histórias em quadrinhos" para "HQs", além de definições de mangás e manhwas, os quadros nos gibis, entre outros exemplos. Esses termos podem ser vistos na figura 35.

Figura 36: Você já ouviu falar em Gibiteca Escolar? - 1ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 37: Você já ouviu falar em Gibiteca Escolar? - 2ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Assim como desenvolvi um tópico para introduzir histórias em quadrinhos, também criei um para abordar as **gibitecas e gibitecas escolares** (nas imagens 36, 37, 38 e 39). Nesse tópico, explico o que são gibitecas, a origem dos termos "gibi" e "gibiteca", e alguns dos benefícios que a implementação de uma gibiteca pode trazer tanto para a instituição quanto para toda a comunidade escolar.

Figura 38: Você já ouviu falar em Gibiteca Escolar? - 3ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 39: Você já ouviu falar em Gibiteca Escolar? - 4ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Dando continuidade ao tema das gibitecas, utilizei citações de autores para fornecer embasamento teórico e confiabilidade ao assunto. Algumas dessas citações, que também são utilizadas na dissertação, estão destacadas em quadros, relacionando-as ao contexto da sala de aula. Para concluir o tópico, proponho ao leitor que procure e visite gibitecas em sua região.

Figura 40: Iniciando o planejamento da gibiteca escolar: primeiros passos (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O bloco de temas abordados a partir do capítulo “**Iniciando o planejamento da gibiteca escolar**” (figura 40) foi criado para destacar pontos-chave que devem ser analisados ao criar um acervo informacional como uma gibiteca escolar. Nesse contexto, abordei três assuntos que considero pertinentes: o perfil dos usuários, a equipe técnica e o orçamento destinado à construção e implementação de uma gibiteca escolar.

Figura 41: Identificando os guardiões da gibiteca escolar (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Em "Identificando os Guardiões da Gibiteca Escolar", foi falado sobre a equipe técnica de uma gibiteca escolar, enfatizando a importância de se ter um bacharel em biblioteconomia no setor.

Figura 42: Quem são os leitores / usuários? - 1ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 43: Quem são os leitores / usuários? - 2ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 44: Quem são os leitores / usuários? - 3ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Nas figuras 42, 43 e 44, apresento as páginas que abordam o perfil dos usuários do ambiente, considerando as particularidades relacionadas ao ano escolar e à idade. Para a cartilha, escolhi focar nos usuários reais.

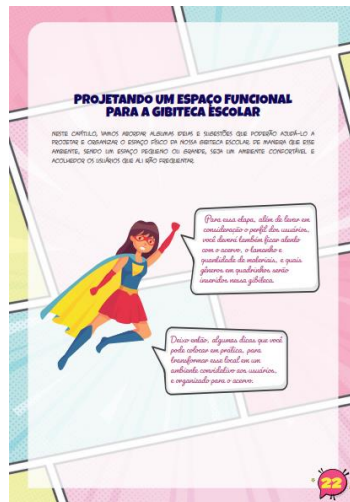
Figura 45: Quanto custa construir e manter uma gibiteca escolar? - 1ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

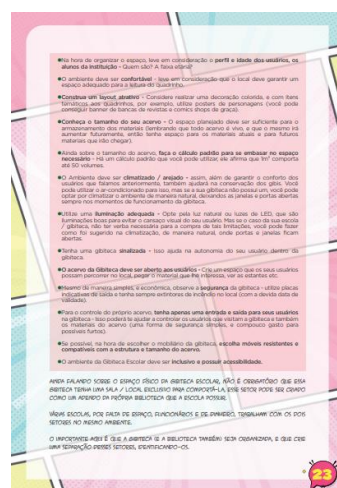
Essa perspectiva surgiu a partir de pesquisas bibliográficas e investigações de campo em outros setores, onde observei como as gibitecas lidavam com a limitação de recursos.

Figura 48: Projetando um espaço funcional para a gibiteca escolar - 1ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 49: Projetando um espaço funcional para a gibiteca escolar - 2ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 50: Projetando um espaço funcional para a gibiteca escolar - 3ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No capítulo "**Projetando um Espaço Funcional para a Gibiteca Escolar**" (figuras 48, 49 e 50) foram expostas algumas maneiras de organizar o espaço e layout da gibiteca escolar, sempre enfatizando que deve ser um local atrativo e inclusivo aos usuários que a visitarão.

Assim como no tópico sobre custo, formulei esse capítulo pensando em maneiras e formas da instituição ter o gasto mínimo, assim dei opções de utilizar itens baratos e fáceis de serem encontrados e também falei da possibilidade de dividir o ambiente com a própria biblioteca.

Figura 53: Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 2ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 54: Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 3ª página (cartilha)



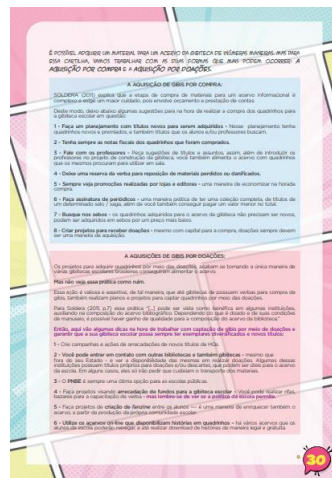
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 55: Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 4ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 56: Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 5ª página (cartilha)



(cartilha)

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 57: Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 6ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 58: Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções - 7ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 60: Hora de registrar (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Assim como ocorre com os livros em uma biblioteca, foi referido sobre como é essencial que os materiais de uma gibiteca possuam um número de tomo ou registro. No tópico apresentado acima (figura 60), apresento uma maneira simples de realizar esse registro, utilizando números sequenciais com ou sem as iniciais da escola.

Figura 61: A saga da classificação - 1ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 62: A saga da classificação - 2ª página (cartilha)

As Adaptações Literárias podem ser uma ótima opção...

Se você está construindo a sua biblioteca do zero, é não sabe por onde começar o acervo, desenvolver uma biblioteca inicial utilizando as adaptações literárias em quadrinhos pode ser um ótimo jeito...

- O gênero das adaptações possui uma variedade de variedades (subgêneros de fantasia) das quais é possível encontrar histórias para todos os gêneros e idades.
- Um gênero acessível para iniciar a leitura de gibás, e para quem está iniciando os estudos em sala de aula.
- Muitos títulos de adaptações são distribuídos pelo FNBE (Plano Nacional de Biblioteca Escolar) facilitando o acesso de instituições que não possuem recursos financeiros para a compra dos Gibás.

Siga aqui, como estamos trabalhando em nosso modelo de não utilizar um sistema de classificação muito complexo e detalhado. Já que o nosso usuário não precisa e não precisa.

Podemos então, criar uma classificação mais generalista e de fácil acesso.

PARA UM ACERVO DE ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS EM HQS EM UMA ESCOLA, PROPOSTA UMA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO FACILADA EM CINCO CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL EM CONJUNTO COM UMA CLASSIFICAÇÃO POR CORES.

VAZOS POR ESTER... MAS PODEMOS PESQUISAR DADOS A NOSSA CLASSIFICAÇÃO FACILADA DO UNIVERSAL, UTILIZANDO A CDU.

EMER APÓS, O QUE É UMA CLASSIFICAÇÃO FACILADA? É aquela que se baseia na estrutura de classificação decimal, mas é simples e acessível de entender, dentro do universo escolar, não precisa ser complexo e detalhado. É uma maneira de facilitar o acesso de todos os usuários, sem precisar de conhecimentos avançados de biblioteconomia.

36

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 63: A saga da classificação - 3ª página (cartilha)

PARA UM ACERVO QUE CONTÉM AS HQS DO GÊNERO DE ADAPTAÇÃO LITERÁRIA, CADA-SE UM REPO DE SEU COMPOSTO POR:

- FACILITAR ACESSO EM QUADRINHOS
- SER FACIL A ADAPTAÇÃO LITERÁRIA

O MODELO PROPOSTO, POR SER UM ARRANJAMENTO DE DUAS CLASSES PRINCIPAIS, PARA CLASSIFICAR AS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS EM QUADRINHOS, FICOU ASSIM:

Classificação	Classes Escolhidas:	Formas utilizadas para classes - para a literatura - com o nível de acesso considerando as classes trabalhadas
RL5 - B21	RL5 - Cartoons, Contos, Desenhos satíricos e humorísticos. B21 - Literatura	

Mas quem vem primeiro na ordem da classificação?

No modelo proposto de classificação, a ordem preferida foi de dividir a primeira classe das histórias em quadrinhos e depois qual o subgênero do material.

Nesse modelo é útil tanto a uma biblioteca, mas também as bibliotecas que trabalham com os quadrinhos, pois se lembrar que essas categorias sempre fazem problemas, evitando que se espalhem na biblioteca.

Além disso para os que estão trabalhando com uma biblioteca de múltiplos gêneros e subgêneros tendo uma classificação principal a primeira classe da proposta - VOCÊ poderá mudar apenas a segunda classe, e também adicionar outras identificações em conjunto.

Uhu! O primeiro passo da nossa classificação está pronto.

Como vamos desenvolver uma tabela de cores, que vai facilitar ao usuário com a classificação que criou.

37

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 64: A saga da classificação - 4ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para auxiliar na organização da gibiteca, proponho a classificação dos materiais em quadrinhos. Na cartilha, apresento um modelo simples utilizando a Classificação Decimal Universal (CDU). Este capítulo foca especificamente nas adaptações literárias em HQs, pois criar uma única classificação para todos os gêneros de HQs seria superficial e inadequado. Assim, seguindo o projeto da cartilha, foi delimitada a classificação para esse gênero específico, proporcionando uma abordagem mais detalhada e prática.

Figura 65: A saga da classificação - 5ª página (cartilha)

A NOVA TABELA DE CORES FOI FEITA A PARTIR DOS SUJEITOS DA 1ª E 2ª ANOS ESCOLARES, SENDO MAIS DO QUE 500 ALUNOS.

COR	FAIXA ETÁRIA	GÊNERO
Amarelo	Educação Infantil - Até 6 anos	Há apenas com imagens. O contato dos alunos com os quadros é durante suas aulas, para serem utilizados no desenvolvimento da leitura (alfabetização).
Rosa	Fundamental I 6 a 11 anos	Quadros com mais imagens e textos simples. Durante essa fase os alunos já sabem de alfabetização, já estão desenvolvendo a capacidade de leitura crítica. As histórias nessa fase podem apresentar uma temática mais complexada.
Verde	Fundamental II 10 a 15 anos	Nessa fase os alunos já possuem um nível de leitura mais avançado, e podem começar a ler histórias mais complexas, com temas que dialogam com suas experiências e vivências.
Azul	Ensino Médio Acima de 14 anos	Há com temáticas complexas. Já há textos mais críticos e questionadores, sendo de fácil acesso ao que é visto em sala de aula. Já são livros com textos mais específicos, e provavelmente buscando algum fundamento teórico para sua fase etária.
Roxo	Educação de Jovens e Adultos / EJA	Há com temáticas atuais. O conteúdo deve ser acessível para todos, com textos simples, porém com temas que possam ser relacionados com a realidade dos alunos.

Após ler essa página de leitura, o professor deve ler e refletir com os alunos sobre a importância de ler e escrever. O texto deve ser lido em voz alta e os alunos devem ler e escrever também.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Ainda abordando a temática da classificação (figura 65), também demonstrei como incorporar essa classificação junto a uma tabela de cores para organizar o acervo. Essa abordagem é especialmente útil em escolas que atendem públicos de diferentes idades e anos escolares, facilitando a identificação e o acesso aos materiais.

Figura 66: Catalogando (cartilha)

VOCÊ PODE SER SE RESPONSABILIZAR POR CADA GRUPO DE ALUNOS ALÉM DE SER RESPONSÁVEL POR TODOS OS ALUNOS DA ESCOLA. É IMPORTANTE QUE VOCÊ SEJA RESPONSÁVEL POR CADA GRUPO DE ALUNOS DA ESCOLA. É IMPORTANTE QUE VOCÊ SEJA RESPONSÁVEL POR CADA GRUPO DE ALUNOS DA ESCOLA. É IMPORTANTE QUE VOCÊ SEJA RESPONSÁVEL POR CADA GRUPO DE ALUNOS DA ESCOLA.

Mas se ainda ficar dúvidas sobre a classificação e a aplicação, vou deixar algumas dicas para facilitar:

- 1 - Se você tiver dúvidas sobre qual quadro deve ficar em qual grupo de idade, converse com os professores da sua instituição, e veja quais os materiais são pertinentes para cada grupo. Tenho certeza que eles vão te ajudar.
- 2 - É bem comum que esses materiais tenham a idade indicativa para a leitura, o que vai te ajudar a decidir na hora de escolher qual o grupo indicativo de cada material.
- 3 - Não se esqueça de manter tudo muito visível e acessível para os usuários da biblioteca escolar e quando possível, sempre explique o funcionamento da tabela por cores para os novos alunos.

CATALOGANDO

TEMOS REPOSITORES, CLASSIFICADORES, ALÉM DE PODERMOS CATALOGAR?

A ORGANIZAÇÃO É UM MÉTODO IMPORTANTE, PORQUE CADA MATERIAL TEM SEU PRÓPRIO LUGAR E SEU PRÓPRIO CUIDADO. É IMPORTANTE QUE VOCÊ SEJA RESPONSÁVEL POR CADA GRUPO DE ALUNOS DA ESCOLA. É IMPORTANTE QUE VOCÊ SEJA RESPONSÁVEL POR CADA GRUPO DE ALUNOS DA ESCOLA. É IMPORTANTE QUE VOCÊ SEJA RESPONSÁVEL POR CADA GRUPO DE ALUNOS DA ESCOLA.

ELA PODE SER

- CLASSE
- RECEITA
- REPOZICIONAR

A organização dos elementos que o compõem, de modo que cada elemento possa ser encontrado de forma rápida, assim como cada usuário encontra o seu elemento.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No capítulo "**Catalogando**", optei por não abordar toda a temática em sua amplitude, reconhecendo a vastidão do assunto e a necessidade de um aprofundamento mais extenso. Em vez disso, decidi focar na relevância da catalogação, elucidando seus motivos e indicando um material de referência para aqueles que desejarem se aprofundar nesse universo.

Figura 67: Escolhendo um software de automação para a sua gibiteca - 1ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 68: Escolhendo um software de automação para a sua gibiteca - 2ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 71: Etiquetas... Etiketando - 3ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 72: Etiquetas... Etiketando - 4ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No capítulo intitulado "Etiquetas... Etiketando" (figuras 69 a 72), abordo a importância das etiquetas inseridas nos materiais da gibiteca e proponho a inclusão de

Figura 75: Para quem vai trabalhar com os formatinhos - 3ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Durante minhas observações em gibitecas, um aspecto que chamou minha atenção foi a ausência de tratamento adequado para os periódicos e formatinhos em quadrinhos, intitulado “**Para quem vai trabalhar com os formatinhos**”. Embora esses materiais estejam frequentemente presentes em grande quantidade, muitas vezes não recebem uma organização técnica adequada, e em alguns casos, nem mesmo são classificados ou catalogados. Essa lacuna identificada destacou a necessidade de dedicar um capítulo exclusivo para abordar esse tema específico, apresentando opções de organização que, quando combinadas com a catalogação recomendada previamente, contribuirão significativamente para a estruturação e manutenção eficiente do acervo.

Figura 76: Propostas de programações e projetos para a gibiteca escolar - 1ª página (cartilha)

PROPOSTAS DE PROGRAMAÇÕES E PROJETOS PARA A GIBITECA ESCOLAR

QUE O AMBIENTE DA GIBITECA ESCOLAR É UM ESPAÇO RICO DE POSSIBILIDADES INFORMACIONAIS, CULTURAIS E ARTÍSTICAS, A GENTE JÁ SABE, NÉH?

MAS A GENTE PODE POTENCIALIZAR AINDA MAIS ESSAS QUALIDADES COM A PROMOÇÃO DE AÇÕES E PROJETOS DESENVOLVIDOS PELA GIBITECA ESCOLAR.

Desenvolver projetos na gibiteca é mostrar que o ambiente não é limitado, não está restrito em espaço, não fica no mesmo lugar e todos possuem idéias únicas.

Como vamos transformar essa gibiteca, na qual você está tanto se envolvendo, em um local vibrante, cheio de projetos e atividades, que despertem a curiosidade e interesse dos alunos!

PREVENDO EM FORMAS DE APROVEITAR O POTENCIAL QUE A GIBITECA ESCOLAR PODE OFERECER A TODA A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E TAMBÉM A COMUNIDADE ENTORNO, NESTE TÓPICO, QUERO APRESENTAR ALGUMAS PROPOSTAS DE AÇÕES E PROJETOS PARA FOMENTAR O USO DA GIBITECA E A DIVERSIFICAÇÃO DA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS, PARA QUE EM CONJUNTO COM OS PROFESSORES E A EQUIPE ESCOLAR POSSAM SER ANALISADOS E COLOCADOS EM PRÁTICA NA INSTITUIÇÃO.

ISSA SÃO SUGESTÕES TIPO DE ADAPTÁVEL E ACIONÁVEL DE ACORDO COM OS OBJETIVOS ESCOLARES POR VOCÊ E PELA INSTITUIÇÃO DE ENVIAR E IMPROVANTE QUE ESSAS PROPOSTAS E AÇÕES SEJAM REALIZADAS EM PARCELA COM OS PROFESSORES E A EQUIPE ESCOLAR, PARA QUE POSSAM ANALISAR E AVALIAR CONCORDAR A REALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COM O PERFIL DOS ALUNOS E COM OS OBJETIVOS ESTABELECIDOS COM AS AÇÕES.

50

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 77: Propostas de programações e projetos para a gibiteca escolar - 2ª página (cartilha)

Clube de Leitura de HQs	Organize um clube de leitura dedicado exclusivamente a leitura de histórias em quadrinhos. O clube pode ser organizado por faixa etária e/ou anos escolares, assim, evitara choque de narrativas com indicações desinteressante para os mais velhos, ou não recomendada para os mais novos.
Contação de História	Faça contação de história utilizando algum gêni da gibiteca - Essa pode ser uma ótima atividade a ser desenvolvida com as turmas iniciais. Se a escola possuir, você pode fazer essa contação com fantoches ou mesmo projetando as páginas.
Oficina de Quadrinhos	Promova oficinas, palestras com o objetivo dos alunos aprenderem sobre a criação das HQs. Essa oficina pode contemplar tanto os quadrinhos ocidentais, quanto os mangás. Convide cartunistas e criadores de região para ministrar oficina com os alunos. Nessas oficinas também pode-se trabalhar o desenho digital se a escola possuir equipamento para essa atividade.
Festa de Doações de Quadrinhos	Realize uma festa de doações de quadrinhos - uma ótima maneira de arrecadar novos títulos.
Projeção de filmes e animações baseadas em quadrinhos	Sessões de exibição de filmes ou animações baseadas em HQs.
Visitas Guiadas	Realize visitas guiadas com as turmas na gibiteca, mostrando e explicando o funcionamento. Durante a visita você pode mostrar o acervo, como funciona a tabela de cores para futuras doações, histórico e as formas de empréstimos. As visitas podem acontecer no início do ano letivo.
Visitas Monitoradas	Organize visitas com os alunos para conhecer outras gibitecas de sua região, ou também eventos e feiras que abordam HQs. Essas visitas devem ter permissão da escola e dos pais/responsáveis.
Eventos Temáticos	Realize eventos temáticos para fomentar a gibiteca, como o dia do livro, ou a semana do quadrinho nacional, por exemplo.
Sala de Música Literária	Você pode criar playlist em streaming de áudio com músicas temáticas, ou mesmo que combine com um tipo de leitura de um determinado quadrinho. Esse playlist pode ser divulgado nas páginas na escola, ou mesmo, fazer um QR Code que ficará na gibiteca para o aluno acessar pelo celular.
Exposição de HQs	Oficina voltada para a criação de robô, como o aluno irá produzir o quadrinho e momento de justificação. Essa oficina, pela complexidade, deve ser voltada para alunos do Ensino Médio ou EJA.
Exposição de Quadrinhos de Artistas locais	Convide artistas locais para exporem suas obras para os alunos. Essa exposição pode ser feita como uma mesa redonda, por exemplo.
Jogos	Abra a Gibiteca para jogos de RPG ou de tabuleiro - Essa prática pode ser desenvolvida tanto entre professores e alunos quanto ser aberta para a comunidade participar.
Monitoria para RPG	
Jogos de Tabuleiros	

Vamos fazer da Gibiteca Escolar um local de descobertas, imaginação e transformação!

51

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Reconhecendo as diversas potencialidades das gibitecas como ambientes ricos e versáteis, capazes de serem explorados não apenas para fins pedagógicos, mas também culturais e artísticos, o capítulo intitulado "Propostas de Programações e Projetos para a Gibiteca Escolar" (Figuras 76 e 77) apresenta diversas estratégias para enriquecer esse espaço e estimular atividades diversas.

A elaboração deste tópico foi embasada em pesquisas realizadas em outras gibitecas, onde foram identificadas as atividades em andamento e aquelas que poderiam ser adaptadas ou sugeridas para serem realizadas em ambientes escolares. Esse processo permitiu a identificação de práticas promissoras e a formulação de recomendações relevantes para o desenvolvimento de programas e projetos que aproveitem ao máximo o potencial educativo, cultural e artístico das gibitecas dentro do contexto escolar.

Figura 78: Algumas estratégias para incorporar adaptações em quadrinhos na sala de aula - 1ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 79: Algumas estratégias para incorporar adaptações em quadrinhos na sala de aula - 2ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 80: Algumas estratégias para incorporar adaptações em quadrinhos na sala de aula - 3ª página (cartilha)



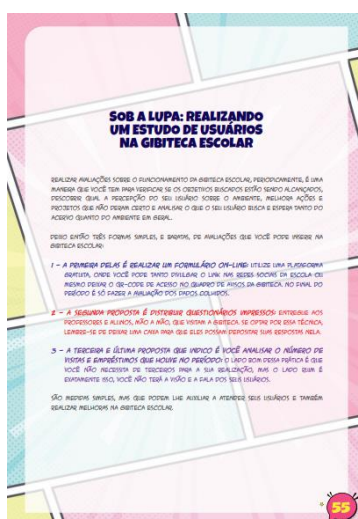
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No capítulo dedicado às "Algumas Estratégias para Incorporar Adaptações em Quadrinhos na Sala de Aula", destaco a necessidade e a importância de ampliar o uso das HQs para além da simples leitura recreativa, propondo atividades práticas que integram diferentes disciplinas. Para desenvolver este tópico, recorri à revisão

bibliográfica realizada, da qual adaptei algumas técnicas para demonstrar como as adaptações em quadrinhos podem ser integradas de forma eficaz às disciplinas tradicionais.

Além disso, neste capítulo, optei por focar exclusivamente nas adaptações em quadrinhos como um gênero, enquanto sempre ressalto ao leitor a viabilidade de explorar outros gêneros também. Essa abordagem visa oferecer aos educadores uma visão prática e aplicável de como incorporar as HQs em diversas áreas do currículo escolar, incentivando uma abordagem interdisciplinar e criativa no ensino.

Figura 81: Sob a lupa (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No tópico intitulado "Sob a Lupa" (figura 81), sugiro a implementação de uma política ou prática regular de estudo do usuário na gibiteca. Esse processo consiste em avaliar os produtos e serviços oferecidos na gibiteca, visando manter e aprimorar aqueles que têm sido bem-sucedidos, enquanto promove mudanças ou até mesmo a retirada daqueles que não alcançaram os resultados desejados. Essa abordagem sistemática de avaliação é essencial para garantir a qualidade contínua dos serviços e a satisfação dos usuários, além de permitir uma adaptação constante às necessidades e preferências do público da gibiteca.

Figura 82: Dicas, dicas e mais dicas... - 1ª página (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 83: Dicas, dicas e mais dicas... - 2ª página (cartilha)

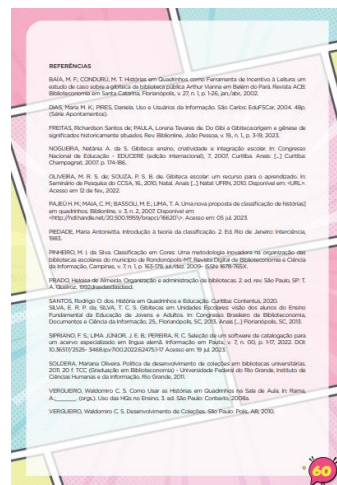


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Considerando as dificuldades e o tempo necessário para desenvolver uma gibiteca dentro da instituição, no tópico "Dicas, Dicas e Mais Dicas..." (Figuras 82 e 83), ofereço sugestões de sites que podem ser transformados em gibitecas digitais de forma gratuita para a instituição. Além disso, retomo a sugestão inicial de visitar uma gibiteca, apresentando algumas opções de gibitecas para conhecer neste tópico. Essas

No capítulo intitulado "**Hora de Dizer Tchau**" (Figura 84), despeço-me do leitor, incentivando-o a continuar explorando e aprofundando-se na temática abordada, e destacando a importância de persistir na construção e no desenvolvimento do acervo da gibiteca. Em seguida, na seção de "**Bibliografia**", apresento um breve resumo da minha trajetória profissional e pessoal, fornecendo meu contato para aqueles que desejam se manter em contato ou buscar mais informações. Essa despedida visa inspirar e encorajar os leitores a continuarem engajados na jornada de aprendizado e aprimoramento no universo das gibitecas e dos quadrinhos.

Figura 86: Referências (cartilha)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 87: Página Final (cartilha)

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Nas últimas páginas da cartilha, os leitores encontrarão as referências citadas ao longo do material, garantindo a transparência e a credibilidade das informações apresentadas. Além disso, será exibida uma página contendo as logos da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do CEPAE (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação), reforçando o respaldo institucional da obra.

Nessa mesma página, estará visível o **ISBN** (*International Standard Book Number*) do material, juntamente com o código de barras, que são elementos essenciais para autenticar a autoria e facilitar a identificação da cartilha no contexto editorial. Esses detalhes finais proporcionam uma finalização sólida e profissional ao documento, transmitindo confiança e seriedade aos leitores, além de ser mais uma proteção de direito ao material criado.

Indico que para um maior aproveitamento na leitura do material, considera-se a visualização junto a sua diagramação, assim, segue o link para o acesso do material: **<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/744268>** .

5 CONCLUSÃO

As histórias em quadrinhos são uma forma de mídia extremamente popular em todo o mundo. Mesmo aqueles que nunca leram uma história em quadrinhos geralmente estão familiarizados com os personagens, selos e editoras. As HQs são uma forma de mídia dinâmica e em constante evolução, enriquecendo-se ao longo das décadas com narrativas e materiais que agregam conhecimento e informação aos seus leitores. Desde sua origem, as histórias em quadrinhos têm crescido e se transformado, incorporando novas técnicas, estilos e temas, tornando-se uma parte importante da cultura pop e da experiência humana.

Com o contínuo avanço narrativo e sua crescente popularidade, as histórias em quadrinhos passaram a despertar o interesse para além da leitura recreativa e das mídias das adaptações audiovisuais, mas da utilização das mesmas na área educacional. Percebendo-se como um recurso valioso para o ensino e aprendizado, onde através dos desenhos, quadros, balões e inúmeras histórias abordadas entre as histórias seria possível utilizá-las como apoio em disciplinas corriqueiras na sala de aula, uma maneira lúdica de explicar um assunto mais complicado, ou mesmo “chato” de ser abordado.

As HQs, quando integradas ao contexto educacional por profissionais que conhecem o material e sabem como inseri-las, podem explicar e elucidar conteúdos, até de maneira interdisciplinar, envolvendo toda a sala, tornando-as ferramentas multifacetadas, sendo utilizadas desde os estágios iniciais da alfabetização até a exploração de tópicos específicos, oferecendo uma abordagem lúdica e eficaz para o ensino e a aprendizagem.

Reconhecendo os benefícios da utilização de quadrinhos em ambientes escolares, a criação de gibitecas escolares nas instituições não apenas amplia o acesso à leitura desse tipo de material, como também amplia a possibilidade de professores e bibliotecários a trabalharem com ele de maneira pedagógica. Isso resulta em ganhos significativos para toda a instituição de ensino. Uma gibiteca escolar não se limita a oferecer um acervo atraente para os usuários, estimulando o interesse pela leitura e contribuindo para o desenvolvimento de novos leitores na escola, uma gibiteca

também fornece aos professores materiais que podem ser utilizados como apoio pedagógico, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem e promovendo uma abordagem mais diversificada e inclusiva.

Como leitora e consumidora de quadrinhos, percebo uma certa barreira, especialmente no Brasil, quanto ao acesso a esses materiais. Não consigo precisar o momento exato em que isso ocorreu, mas a leitura de quadrinhos acabou se limitando a uma comunidade específica e não foi amplamente difundida entre todos os públicos, apesar da popularidade dos filmes e séries baseados em HQs, a leitura do material fonte é restrita. A criação de gibitecas poderia ser uma forma de tornar as histórias em quadrinhos mais acessíveis à pessoas que talvez nunca tenham lido uma HQ completa e que, até então, se limitavam apenas às tirinhas de livros didáticos. Essa iniciativa ampliaria a acessibilidade e democratizar o acesso aos quadrinhos, promovendo uma maior diversidade de leitores e enriquecendo a cultura literária do país.

Apesar da sua popularidade e dos estudos que destacam a eficácia dos quadrinhos como material informativo, ainda persistem o receio e a intolerância por parte de alguns que desconhecem o potencial desse meio. Estes ainda acreditam que os quadrinhos são apenas destinados a crianças pequenas e que não agregam valor para quem os lê. Essa percepção, no entanto, reflete uma visão estereotipada e limitada por serem materiais para a massa, como apontado por Dumont (2000). Essas conclusões são frequentemente baseadas no preconceito contra mídias consideradas populares, em vez de uma avaliação objetiva do conteúdo e das possibilidades educativas dos quadrinhos. A verdade é que os quadrinhos têm um alcance muito mais amplo e são capazes de abordar temas complexos de forma acessível e envolvente para leitores de todas as idades, demonstrando serem uma forma legítima e valiosa de comunicação e expressão. Desta forma o acesso a adaptações literárias em quadrinhos seria uma forma de entrada dos mesmos nas escolas contra as possíveis barreiras ainda existentes, para os profissionais que ainda desconhecem sobre o material ou possuem insegurança sobre como trabalhá-lo.

Com o intuito de despertar o interesse sobre a temática das gibitecas, e da própria disseminação ao acesso a leitura das histórias em quadrinhos, a dissertação tem como objetivo a produção de uma cartilha no formato *e-book* que ofereça orientações

para a criação, desenvolvimento e aprimoramento de gibitecas escolares, sendo o foco do acervo no gênero de adaptações literárias em quadrinhos.

Para dar embasamento à construção do produto, além da pesquisa teórica, foi necessário realizar um estudo de caso, a fim de analisar de perto as gibitecas brasileiras em seu cotidiano, suas práticas de organização, serviços ofertados, o perfil de usuários, seu acervo etc.

A captação dos dados foi feita em duas etapas distintas, sendo o primeiro momento a etapa de observação ocorrida durante o mês de maio de 2023, e a etapa de aplicação do questionário durante o mês de julho de 2023. A pesquisa analisou um total de 4 (quatro) gibitecas, utilizando uma abordagem qualitativa para obter uma compreensão aprofundada desses espaços. Entre elas houve a análise de gibitecas públicas e escolares, nos municípios de Goiânia, Curitiba e Leopoldina.

O tamanho da amostra foi considerado adequado para alcançar os objetivos do estudo, que visava obter insights detalhados sobre o funcionamento e os aspectos relevantes das gibitecas, a fim de utilizar essas informações na produção do *e-book*. Essa abordagem permitiu uma análise minuciosa e uma compreensão significativa do contexto das gibitecas, contribuindo para uma visão mais abrangente e informada no processo de produção da cartilha publicada.

Apesar das duas maneiras distintas de obtenção de dados, no momento da análise foi utilizada a prática da triangulação metodológica das informações coletadas, a qual consegue mensurar em conjunto as informações. Dessa maneira, coloquei em blocos de assuntos próximos as análises realizadas e debatidas no trabalho.

Durante a análise, foi aplicada a prática da triangulação metodológica para concatenar as informações coletadas. Essa abordagem permitiu uma avaliação em conjunto, de forma mais abrangente e aprofundada, pois combinou diferentes perspectivas e fontes de dados. Para organizar e contextualizar as análises realizadas e discutidas no trabalho, agrupei as informações em blocos de assuntos relacionados, facilitando a compreensão e interpretação dos resultados obtidos.

Foi observado durante a discussão a possível variedade do acervo que essas gibitecas podem incorporar, não se limitando a apenas um gênero ou apenas para um

público, mas trabalhando com diversos títulos e com diferentes idades e propostas. Enfatizando novamente o fato que HQs não são histórias somente para crianças, mas também para crianças e além das crianças. Quando se conhece dos materiais e sobre como os materiais podem se aprofundar em uma grande ramificação de gêneros e subgêneros, agradando a todos os gostos e alcançados todas as idades. Um exemplo prático foi na própria visita durante a observação, onde mesmo tendo a maioria dos usuários crianças e adolescentes, os gibis para adultos ainda se encontravam ali, nas prateleiras mais altas, distante dos olhos e do acesso dos menores, mas disponíveis para o público apropriado.

Além do acervo, também foram vistas as possibilidades de ações culturais e artísticas que são promovidas nesses ambientes, desta forma, o espaço vai além das estantes e da simples leitura recreativa e/ou passiva, mas são locais multifuncionais e acolhedores.

É interessante observar como as gibitecas se revelaram como espaços realmente ricos e versáteis, atraindo uma variedade de usuários. Com materiais visualmente atrativos, elas oferecem recursos que podem ser aplicados em diversas áreas e disciplinas. Esse fato é corroborado pelo uso frequente desses espaços por professores e escolas, inclusive com relatos de alunos de pós-graduação buscando materiais em quadrinhos em seus acervos escolares. O uso e a diversidade de público demonstram o potencial das gibitecas como ambientes de aprendizado e pesquisa, além de destacar a relevância dos quadrinhos como recursos educacionais.

Considerando os pontos discutidos ao longo deste trabalho, aliados à minha experiência profissional e paixão pelas histórias em quadrinhos, sinto-me confiante de que entreguei um material acessível e de linguagem coloquial, que aborda a implementação e desenvolvimento das gibitecas escolares, bem como estratégias para envolver ativamente esses recursos nas instituições de ensino.

Ter uma gibiteca dentro da instituição de ensino amplia significativamente o acesso aos quadrinhos, possibilitando a disseminação da leitura entre alunos de diferentes origens socioeconômicas, proporcionando aos professores uma nova ferramenta pedagógica. Além disso, oferece à escola um ambiente rico e lúdico, capaz de integrar diversas formas de arte e aprendizado.

Nesse contexto, o produto resultante dessa dissertação, a cartilha apresentada, oferece um recurso valioso para a construção e aprimoramento para a construção e desenvolvimento de gibitecas escolares, e também para a promoção e aplicação prática dos quadrinhos como material pedagógico, além de transcender sua mera utilização como material de leitura passiva pelos alunos, visto que um dos obstáculos para o uso efetivo dos quadrinhos é a falta de familiaridade com o material e de conhecimento sobre como integrá-lo ao ensino. Portanto, é extremamente enriquecedor fornecer um suporte que possa orientar educadores nesse processo e permitir que o adaptem à sua realidade.

São diversas as dúvidas que um educador pode vir a ter no momento de iniciar os trabalhos com quadrinhos ou para começar a implementar uma gibiteca na escola. Essa dissertação, junto com o produto ofertado, não pretende responder todas as dúvidas, mas sim incentivar que mais interessados pelo assunto o busquem e que mais pesquisas sobre o assunto sejam realizadas, e claro, que mais escolas possam contar com uma gibiteca escolar disponível para seus alunos.

Além de ser um estímulo para a criação de mais gibitecas escolares, o produto também representa uma ponte entre as histórias em quadrinhos e as instituições de ensino. A escolha pelo gênero de adaptações literárias como porta de entrada para os quadrinhos é crucial, especialmente para aqueles que não estão familiarizados ou nunca trabalharam com essa mídia. Utilizar uma narrativa já conhecida em um formato diferente torna o conteúdo muito mais acessível e palatável, especialmente nos primeiros contatos, em comparação com uma narrativa totalmente nova.

Acredito que o desenvolvimento das gibitecas escolares tem o potencial de ultrapassar os limites físicos das escolas, democratizando o acesso à leitura de materiais que muitas vezes são considerados de nicho ou caros, tanto para crianças e jovens quanto para adultos. Isso possibilitaria que pessoas que nunca imaginaram se envolver com quadrinhos tivessem a oportunidade de fazê-lo. Reconhecemos a carência em nosso país no que diz respeito à distribuição equitativa de produtos culturais, e é importante aceitar a necessidade de ampliar o acesso a recursos informativos e culturais em áreas periféricas. Considerando esses pontos, o produto apresentado pode contribuir em diversos aspectos, tanto no âmbito educacional quanto

social, esperando que ele transcenda os limites desta dissertação e resulte em um impacto mais amplo.

REFERÊNCIAS

- ABRAÃO, D.; GOMES, Nataniel dos S. Quadrinhos: arte contemporânea? **Cad. CESPUC**, Belo Horizonte, v. 25., 213-225, 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/11115/8932>. Acesso em: 08 de ago., de 2020.
- BAÍÁ, M.F; CONDURÚ, M.T. Histórias em Quadrinhos como Ferramenta de Incentivo à Leitura: um estudo de caso sobre a gibiteca da biblioteca pública Arthur Vianna em Belém do Pará. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-26, jan./abr., 2002.
- BARI, V. A.; VERGUEIRO, W. Emoção e Rebeldia: Formação de Gibitecas na Biblioteca Escolar. **In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social**, CBBB, 14., 2011, Maceió. Anais [...] Maceió: UFAL, 2011. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3207/2333>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- BARROSO, F. A. Quadrinizar a Literatura ou Literaturizar o Quadrinho? **In: BORGES, Renata R. (org). Clássicos em HQ**. São Paulo: Petrópolis, 2013.
- BELÉM, T. da. C.P. “Clara dos Anjos” Em HQ e a Formação do Gosto. **In: Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**, 2., São Paulo, 2013, Anais[...], São Paulo, 2013.
- BIBE-LUYTEN, S. M. **O Que é História em Quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos, 144)
- BRANDÃO, Daniel. **A Linguagem dos Quadrinhos**. Fortaleza, Ceará: Fundação Demócrito Rocha, 2017. (Curso Quadrinhos em Sala de Aula; Projeto HQ Ceará, 3.)
- BRASIL; MINISTÉRIOS DA EDUCAÇÃO. **Desde quando há livros em quadrinhos no Programa Nacional Biblioteca da Escola?** [s/d.] Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/136-perguntas-frequentes-911936531/quadrinhos-do-pnbe-1574596564/281-desde-quando-ha-livros-em-quadrinhos-no-programa-nacional-biblioteca-da-escola>> Acesso em 05 de jan., 2023.
- BRASIL; MINISTÉRIOS DA EDUCAÇÃO; Secretaria Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC; SEF, 1997.
- CASARIN, Helen de Castro Silva; CASARIN, Samuel José. **Pesquisa científica: da teoria à prática**. Curitiba: Intersaberes, 2012. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 03 mar. 2024.
- CERVO, A.L; BERVIAN, P.A; SILVA, R. da. **Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

Conselho Federal da Biblioteconomia (CFB); Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB). Boletim da Biblioteconomia. **Boletim da Biblioteconomia**. a.15., n. 81., 2022.

DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M.C. de S. **Pesquisas Sociais: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. A Opção pela Literatura de Massa: simples lazer, ou alienação?. *Investigación Bibliotecológica*, v. 14, n. 14, jan./jun., 2000.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ESPARADEIRO, Renato do Santos. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): as histórias em quadrinhos e o papel do bibliotecário**. (Projeto Final II) - Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2016.

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. 3. ed. São Paulo: Yendis, 2008

FERRO, A.P. Clássicos Literários Adaptados para História em Quadrinhos: um recurso para ensinar línguas e despertar para a leitura. Educação, **Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**, Ano. 4, n. 16, nov. de 2014.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a Mídia: novos diálogos sobre a educação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. [livro eletrônico]

GALO, Regina A. da C. Dos Livros para os Quadrinhos: as quadrinizações de obras literárias na sala de aula. **Rev. Unopar Cient. Ciênc. Human. Educ.**, Londrina, v. 11, n. 2, p. 33-41, out., 2010.

GERONE JÚNIOR, A. de. **Desafios ao Educador Contemporâneo: perspectiva de Paulo Freire sobre a ação pedagógica de professores**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOES, L.C.; RIBEIRO, N. K.; HOFFMANN, D.G. Histórias em Quadrinhos: arte, educação, sociedade e cultura. **In: Jornada Científica da Uniel**, 11., Cascavel, PR: Univel, 2013. Anais [...] Cascavel, PR: Univel, 2013.

GROENSTEEN, T. **O Sistema dos Quadrinhos**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2015.

HATTNER, Alvaro Luiz. Quem mexeu no meu texto? Observações sobre literatura e sua adaptação para outros suportes textuais. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, 16, 2010. p. 145-155.

JARCEM, R.G.R. Histórias das Histórias em Quadrinhos. **Rev. História, Imagens e Narrativas**, [s./l.], 2007, n. 5, ano 3., set., 2007.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de A. **Fundamentos da Metodologia do Trabalho Científico**, 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LOVETRO, José Alberto. **Quadrinhos Levados a Sério no Ensino em Sala de Aula**. [Palestra Proferida no Tedx; s.n.], 2016. 1 vídeo (14m46s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z1GC8NsF8Tw>. Acesso em 09 de set. de 2022.

LUIZ, L.; CASTRO, M.R. de. Histórias em Quadrinhos na Educação Básica: um estudo das representações sociais de professores. **Rev. Educação, Pes. e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas: EPU, 1986.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira; BRISOLA, Elisa Maria Andrade. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**. São José dos Campos-SP-Brasil, v. 20, n. 35, jul.2014.

MARANGONI, Adriano; ANDREOTTI, Bruno; ZANOLINI, Maurício. **Quadrinhos Através da História**: as eras dos super-heróis. São Paulo: Criativo, 2017.

McCLOUD, S. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 1995.

MELO, I. C. A. de; BARI, V. A.; SANTOS, J. D. de O. Gibitecas Escolares: um ambiente para a formação de leitores. **In: SIMECUC**, 10., 2021, [s/l.]. Anais [...], 2021.

Método e Metodologia Científica. FIGUEIREDO, Nébia Maria A. de (org.). 3. ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2008.

Metodologia Científica. MASCARENHAS, S.A.(org.). 2. ed. São Paulo: Pearson Education, 2018.

NERES, G.O.; LACERDA, M.G. Adaptações Literárias de Clássicos: a importância da relação entre texto e imagem para a formação de leitores. **In: Jogo do Livro**, 12.; Seminário Internacional Latino Americano, 2., 2017, Minas Gerais. Anais [...] Minas Gerais, 2017.

NOGUEIRA, Natania. A Gibiteca e o estímulo à leitura. **In:** Encontro de Literatura Infantil e Juvenil – Leitura e crítica, 5. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2008.

NOGUEIRA, Natânia A. da S. Gibiteca: ensino, criatividade e integração escolar. **In:** Congresso Nacional de Educação - EDUCERE (edição internacional), 7, 2007, Curitiba. Anais: [...] Curitiba: Champagnat, 2007. p. 174 - 186.

OLIVEIRA, M. R. S. de; SOUZA, P. S. B. de. Gibiteca escolar: um recurso para o aprendizado. **In:** Seminário de Pesquisa do CCSA, 16., 2010, Natal. Anais [...] Natal: UFRN, 2010. Disponível em: <<http://www.ccsa.ufrn.br/seminario2010/anais/artigos/gt3-12.pdf>>. Acesso em 12 de fev., 2022.

PÁTARO, Carolina Ribeiro; OLIVA, Diego Coletti. **Construindo a pesquisa:** métodos, técnicas e práticas em sociologia. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 24 fev. 2024.

PINA, Patrícia Kátia da C. **A Literatura em Quadrinhos Formando Leitores de Hoje**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

PUNCH, K. F. **Introdução à pesquisa social:** abordagens quantitativas e qualitativas. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2021. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 24 fev. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico:** métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed., Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

SALES, Cláudia. HQs: mídia parceiras da pedagogia e do currículo. **In:** NETTO, R.; VERGUEIRO, W. (orgs.) *Coleção Quadrinhos em Sala de Aula: estratégias, instrumentos e aplicações*. Fortaleza, CE: Fundação Democrático Rocha, 2018 (Fascículo 1).

SÃO PAULO, SP. **Práticas da Biblioteca de São Paulo:** Gibiteca. 2016.

SANTOS, K. DA S. et al.. O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 2, p. 655–664, fev. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/kvr3D7Q3vsYjrFGLNprpttS/?format=pdf&lang=pt>

SANTOS, Mariana O. dos; GANZAROLLI, Maria Emilia. Histórias em Quadrinhos: formando leitores. **Transformação**, Campinas, São Paulo, n. 23., n. 1, jan./abr., 2011.

SANTOS, R.E. dos; VERGUEIRO, Waldomiro C.S. Histórias em Quadrinhos: no processo de aprendizado - da teoria à prática. **Rev. Cient., EccoS**, 27., p. 81-95, São Paulo, 2012.

SANTOS, Rodrigo O. dos. **História em Quadrinhos e Educação**. Curitiba: Contentus, 2020.

SANTOS, R.O. dos. Medo, Paranoia, Macarthismo e o Século XXI: usando o episódio 22 de além da imaginação em sala de aula. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 67, n. 1, p. 283-306, jan./jun. 2019.

SILVA, E.R.P. da; SILVA, T.C.S. Gibitecas em Unidades Escolares: visão dos alunos do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos. **In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentos e Ciência da Informação**, 25., Florianópolis, SC, 2013, Anais [...]Florianópolis, SC, 2013.

SIMÕES, L. H.; NOLASCO, E. C. Will Eisner: o espírito das histórias em quadrinhos. **REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 66–75, 2015. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/295>. Acesso em: 18 ago. 2022.

Suto, C.S.S.; Paiva, M.S.; Porcino, C.; Silva, D.O.; Oliveira, J.F.; Coelho, E.A.C. Análise de dados em pesquisa qualitativa: aspectos relacionados à triangulação de resultados. **Rev Enferm Contemp**. 2021; 10(2):241-251. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3378rec.v10i2.3863>

TEIXEIRA, C. de S. Adaptações em Quadrinhos de Obras Literárias. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 9, n. 13, 2015. (Edição Especial Humor nos Quadrinhos).

VARELA, M. R. de O. G. ; DIAS, D. L. F. Hq e Literatura na Escola. **In: Congresso Internacional de Línguas e Literatura**, 10. Campina Grande: Realize Editora, 2021. (E-book) Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/83238>>. Acesso em 30 de ago. de 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro C.S. **As HQs e a Escola**. **In: NETTO, R.; VERGUEIRO, W. (orgs.) Coleção Quadrinhos em Sala de Aula: estratégias, instrumentos e aplicações**. Fortaleza, CE: Fundação Democrático Rocha, 2018 (Fascículo 1).

VERGUEIRO, Waldomiro C.S. **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. **In: Rama, A.; _____.(orgs.). Uso das HQs no Ensino**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008a.

VERGUEIRO, Waldomiro C.S. **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. **In: Rama, A.; _____.(orgs.). A Linguagem dos Quadrinhos: uma “alfabetização” necessária**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008b.

VERGUEIRO, Waldomiro C.S. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramZero**, v. 6, n. 2, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5643>. Acesso em: 09 ago. 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro C.S. O leitor de histórias em quadrinhos: diversidades e idiossincrasias. **INFOHOME**, [S.l: s.n.], 2003 (Não Está no Gibi). Disponível em: http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=141. Acesso em: 20 de ago. de 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro C.S. **Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos**. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro C.S.; RAMOS, Paulo. Os Quadrinhos (Oficialmente) na Escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.). **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

YAMAGUTI, Vanessa. As Adaptações Literárias em Quadrinhos Seleccionadas pelo PNBE: soluções e problemas na sala de aula. **Olh@res**, Guarulhos, v. 2, n. 1, p. 441-459. Maio, 2014.

YAMAGUTI, Vanessa. Os Quadrinhos no PNBE: Uma análise de caso das obras destinadas ao ensino fundamental I. In: Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, 2., São Paulo, 2013. **Anais[...]** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

XAVIER, Glayci Kelli Reis da S. Histórias em Quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. **Darandina Revista Eletrônica**, v. 10, n. 2, dez. de 2017.

ZAMBELLO, A.V., et al. **Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico**. Mazucato, Thiago (Org.). Penápolis: FUNEPE, 2018.

ZAPPELLINI, B. M.,; FEUERSCHÜTTE, S.G. O Uso da Triangulação na Pesquisa Científica Brasileira em Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 16, n. 2, 2015, p. 241-273. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5335/533556754005.pdf>

YIN, Robert K.; GRASSI, Daniel. **Estudo de Caso: planejamento e método**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZENI, Lielson. Leitura em Quadrinhos. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P.(Orgs.). **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

APÊNDICES

Apêndice A

Convite que foi encaminhado aos participantes sobre a pesquisa a sua participação no questionário, explicando o objetivo dos projetos, junto com a declaração de consentimento.

IDENTIFICAÇÃO DO VÍNCULO INSTITUCIONAL DO/A PESQUISADOR/A
INSTITUIÇÃO
UNIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
(PPGEEB)

TÍTULO DO ESTUDO: Os Quadrinhos na Escola e a Gibiteca Escolar¹

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: BORGES, Apollyany Serpa dos Santos
(CEPAE/UFG – apollyany@gmail.com)

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**Os Quadrinhos na Escola e as Gibiteca Escolar**”.

Meu nome é **Apollyany Serpa dos Santos Borges**, sou Bacharel em biblioteconomia, Mestranda pelo CEPAE/UFG e responsável pela pesquisa na área de Ensino na Educação Básica. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, poderá ou não fazer parte do estudo apresentado.

O objetivo geral desta pesquisa circunda na elaboração de uma cartilha intitulada — **Cartilha para os Quadrinhos: ideias e propostas para uma gibiteca escolar** — da qual tem o propósito auxiliar educadores e bibliotecários escolares (o público-alvo escolhido a princípio) na elaboração e manutenção de gibitecas escolares, com o foco no acervo de **histórias em quadrinhos do gênero em adaptações literárias**. Porém, para a formulação desse manual, viu-se necessário a prática de coleta de dados, no modelo de questionário, para conhecer o funcionamento, sanar dúvidas e inquietações de outras gibitecas pela visão de alguns colaboradores que já vivenciam o dia-a-dia desses acervos em quadrinhos.

No questionário em questão, terão algumas perguntas, todas voltadas para o funcionamento da gibiteca em questão (o acervo, o usuário que a frequenta, os principais problemas percebidos, a forma de organização etc.).

A pesquisa não quer de maneira alguma perturbar ou incomodar o participante, assim, as questões não abordam nem a vida pessoal nem a profissional do mesmo. Lembrando também que para o resultado final, nenhuma identidade do usuário, como idade, nome, local de trabalho são fornecidos na dissertação ou produto final.

O questionário será feito todo de maneira virtual, sendo que a partir do aceite do convite da participação por e-mail será enviado um link pelo mesmo canal para a realização do questionário por *Google Forms*, além do **TCLE / Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**.

Sua participação neste relato de caso é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso o(a) Sr.(a) decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a realização do relato de caso, não haverá nenhum prejuízo ao atendimento que você recebe ou possa vir a receber na instituição. Também não é previsto nenhum tipo de pagamento pela participação nesta pesquisa.

ENDEREÇO E TELEFONE DO DEPARTAMENTO DA INSTITUIÇÃO A QUE O/A PESQUISADOR/A
ESTÁ VINCULADO

IDENTIFICAÇÃO DO VÍNCULO INSTITUCIONAL DO/A PESQUISADOR/A
INSTITUIÇÃO
UNIDADE

Declaro aos participantes que os resultados da pesquisa e do produto, assim que tomados públicos, serão divulgados e liberados para os participantes, sejam eles favoráveis ou não.

Caso o(a) Sr.(a) tenha dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Apollyany Serpa dos S. Borges – apollyany@gmail.com ou pelo telefone [(62) 99812-9980], ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFG/UFG pelos Telefones (62) 3521-1215 e (62) 3521-2045 ou pelo E-mail: cep.prpi@ufg.br.

ENDEREÇO E TELEFONE DO DEPARTAMENTO DA INSTITUIÇÃO A QUE O/A PESQUISADOR/A
ESTÁ VINCULADO

IDENTIFICAÇÃO DO VÍNCULO INSTITUCIONAL DO/A PESQUISADOR/A
INSTITUIÇÃO
UNIDADE

Declaração de Consentimento:

Concordo em participar do estudo intitulado: Os Quadrinhos na Escola e a Gibiteca Escolar

Eu,, inscrito(a) sob o RG/ CPF....., assino abaixo e concordo em participar do estudo intitulado **Os Quadrinhos na Escola e a Gibiteca Escolar**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável **Apollyany Serpa dos Santos Borges** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

[CIDADE], de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

¹ **Orientando:** BORGES, Apollyany Serpa dos Santos. CEPAE / UFG - apollyany@gmail.com; **Orientador:** SANTOS, Wanderley Alves dos.; CEPAE / UFG - profwanderley@ufg.br; **Coorientador:** RAMOS, Rubem Borges Teixeira. FIC / UFG - rubemborges@ufg.br

ENDEREÇO E TELEFONE DO DEPARTAMENTO DA INSTITUIÇÃO A QUE O/A PESQUISADOR/A
ESTÁ VINCULADO

Apêndice B

Questionário aplicado pelo *Google Forms* para colaboradores das gibitecas participantes.

Histórias em Quadrinhos e Gibitecas (Escolares)

O questionário abaixo, é parte do trabalho acadêmico desenvolvido para a tese de mestrado pela Universidade Federal - para o programa de pós-graduação ensino na educação básica Stricto Sensu do CEPAE/UFG - que tem como propósito abordar os benefícios do uso de histórias em quadrinhos em ambiente escolares, e como resultado desenvolver de uma cartilha (e-book) sobre a criação e manutenção de gibitecas (escolares).

1. Profissão:

2. É leitor assíduo de histórias em quadrinhos? Quais os gêneros (e autores) que mais acompanha?

3. E-mail:

0. Nome da Gibiteca:

0. Onde Fica Localizada a Gibiteca?

0. Marque a opção abaixo, sobre a relação da gibiteca:

() Gibiteca independente - Pública

() Gibiteca independente - Comunitária

() Gibiteca - Ligada a uma biblioteca pública

() Gibiteca Escolar - Escola Pública

() Gibiteca Escolar - Escola Particular

0. Qual é o público frequentador da gibiteca? (mencionar se são apenas alunos, sua faixa etária, escolaridade e se há atendimento para adultos)

0. Os usuários que frequentam a gibiteca buscam por títulos ou temas específicos, costumam ter alguma preferência?

() Sim

() Não

0. Sobre o espaço físico da gibiteca - ele tem um espaço próprio ou divide espaço com a biblioteca?

- A gibiteca possui um espaço próprio
- A gibiteca divide espaço com a biblioteca
- Outros

Ainda sobre o espaço físico da gibiteca, há mobilidade para PCDs no seu interior?

0. No espaço destinado à gibiteca há somente histórias em quadrinhos ou existem outros tipos de materiais literários? (descrever se são apenas quadrinhos ou se há livros no mesmo acervo)

- Há apenas histórias em quadrinhos no acervo
- Há histórias em quadrinhos e literatura infantil
- Os quadrinhos estão juntos aos livros literários da biblioteca
- Outro

0. Quais os tipos / gêneros de histórias em quadrinhos podem ser encontradas no acervo da gibiteca?

0. Como são adquiridos os quadrinhos do acervo?

0. Ainda sobre a aquisição, houve ou há contribuição do PNBE (Plano Nacional de Biblioteca Escolar) no acervo?

- Sim
- Não

Se a resposta acima for sim, você se lembra quais foram os títulos (somente das histórias em quadrinhos) recebidos?

0. Existem busca sobre o gênero das Adaptações literárias em quadrinhos na Gibiteca? A resposta sendo positiva, quem é o público que mais busca por esse tipo de leitura em quadrinhos na gibiteca?

0. Ao longo da sua atuação na gibiteca, presenciou casos onde adaptações em quadrinhos despertaram o interesse por clássicos da literatura?

0. O acervo (da gibiteca) recebe um tratamento diferenciado (especial), em relação a sua classificação e catalogação? Como é feito esse tratamento? (mencionar se utiliza do mesmo tratamento dado aos livros literários, ou se é feito de uma forma diferente e qual é)

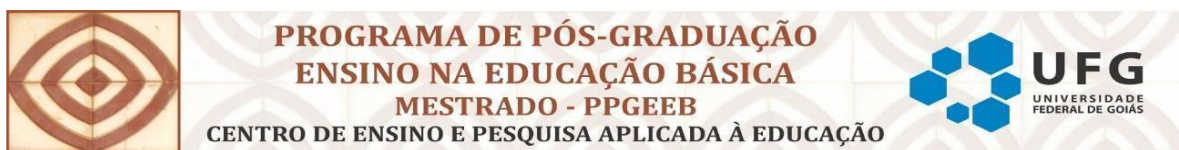
0. Há visita ou busca de matérias quadrinistas por professores?

- Sim
- Não

Quando há a busca ou visita desses professores na gibiteca, é motivada por intenções pedagógicas ou apenas recreativas?

0. A gibiteca conta com projetos culturais e artísticos? Quais?

Apêndice C



APOLLYANY SERPA DOS SANTOS BORGES

LUGAR DE QUADRINHOS TAMBÉM É NA ESCOLA

Ideias e propostas para uma gibiteca escolar

**GOIÂNIA
2024**

APOLLYANY SERPA DOS SANTOS

LUGAR DE QUADRINHOS TAMBÉM É NA ESCOLA

Ideias e propostas para uma gibiteca escolar

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção do título de Mestre(a) em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Práticas escolares e aplicação do conhecimento

Orientador(a): Professor(a) Dr.(a.) Wanderley Alves dos Santos

Co-orientador(a): Professor(a) Dr.(a.) Rubem Borges Teixeira Ramos

GOIÂNIA
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Borges , Apollyany Serpa dos Santos
Lugar de Quadrinhos também é na Escola [manuscrito] : Ideias e propostas para um gibiteca escolar / Apollyany Serpa dos Santos Borges . - 2024.
LXIX, 69 f.

Orientador: Prof. Wanderley Alves dos Santos ; co-orientador Rubem Borges Teixeira Ramos.
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2024.

1. Gibiteca escolar. 2. Biblioteca especializada. 3. Histórias em quadrinhos. 4. Adaptação literária em quadrinhos. 5. Educação básica.
I. Santos , Wanderley Alves dos , orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos nove dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, às 15 horas, no CEPAE-UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa da Dissertação intitulada **Os Quadrinhos na Escola e a Gibiteca Escolar: orientações para a implementação e organização de gibitecas escolares** e do Produto Educacional intitulado **LUGAR DE QUADRINHOS TAMBÉM É NA ESCOLA: Ideias e propostas para uma gibiteca escolar** pela discente **APOLLYANY SERPA DOS SANTOS BORGES** como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestra em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados APROVADOS.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Wanderley Alves dos Santos (PPGEEB/CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Roberta Carvalho Cruvinel (PPGEEB/CEPAE/UFG) – membro interno,

Profa. Dra. Lilian Ucker Perotto (FAV/UFG) – membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Wanderley Alves Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 13/05/2024, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberta Carvalho Cruvinel, Professor do Magistério Superior**, em 13/05/2024, às 16:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lilian Ucker Perotto, Professora do Magistério Superior**, em 29/05/2024, às 08:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4548218** e o código CRC **E7FB3BC9**.

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE Nº 001/2019)

Desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos).

Especificação: Cartilha instrucional no formato *e-book*, com distribuição gratuita (*downloads*) sobre como desenvolver uma gibiteca escolar.

DIVULGAÇÃO

- Filme
- Hipertexto
- Impresso
- Meio digital
- Meio Magnético
- Outros. Especificar: ____

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

Uma cartilha, no formato *e-book*, elaborada para auxiliar no desenvolvimento de gibitecas escolares, oferecendo propostas práticas abrangentes que vão desde a organização do acervo e formas de aquisição, até metodologias de ensino com quadrinhos para o ambiente escolar.

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O produto foi formulado visando instituições de ensino básica, principalmente bibliotecários, gestores de bibliotecas e docentes.

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta

- Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.

Médio impacto – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.

Baixo impacto – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional

- Ensino
- Aprendizagem
- Econômico
- Saúde
- Social
- Ambiental
- Científico

O impacto do Produto Educacional é:

Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc.). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.

Potencial - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.

O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores (inicial, continuada, cursos etc.)?

Sim Não

REPLICABILIDADE E ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido?

Sim Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

Local Regional Nacional Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

- Alta complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.
- Média complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.
- Baixa complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.
- Sem complexidade** - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

- Alto teor inovativo** - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.
- Médio teor inovativo** - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.
- Baixo teor inovativo** - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

- Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEEB

- Cooperação com outra instituição
 Outro. Especifique: _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

- Licença Creative Commons
 Domínio de Internet
 Patente
 Outro. Especifique: ISBN – 978650099839-9

Informe o código de registro: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

Sim Não

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

(Apresentações ou publicações referentes à dissertação também podem ser consideradas.

Informe pelo menos as publicações e apresentações em no Seminário de Dissertações do PPGEEB)

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc.) ou ministrado em forma de oficina, mini-curso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

Sim Não

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

Sim Não

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma **EduCAPES** com acesso disponível no link:
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/744268>

Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto,
na **Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG)**
(<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/>).

Outras formas de acesso: E-book disponibilizado na loja amazon.

BORGES, Apollyany Serpa dos Santos. **Lugar de Quadrinhos também é na Escola: Ideias e propostas para uma gibiteca escolar.** 2024. 69 f. Produto Educacional relativo à Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Este produto apresentado no formato *e-book* é o resultado derivado da minha Dissertação desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), alcunhada como “Os quadrinhos na escola e a gibiteca escolar: orientações para implementação e organização de gibitecas escolares”. O material vem apresentando-se como uma cartilha, um guia prático e informativo voltado para a criação e gestão de Gibitecas Escolares. Reconhecendo o valor dos quadrinhos como recursos pedagógicos e sua subutilização devido ao desconhecimento do próprio material, e até pelas concepções equivocadas de uma parcela da sociedade, o documento destaca a importância das gibitecas escolares na promoção da leitura e como essa mídia pode ser trabalhada como uma forma de apoio educacional junto aos professores. A cartilha também ressalta o poder atrativo dos quadrinhos, defendendo a implementação desse tipo de acervo nas escolas visando enriquecer a educação e incentivar o gosto pela leitura através de orientações práticas sobre seleção, organização e atividades relacionadas à gibiteca, visando apoiar tanto os profissionais familiarizados quanto os novatos no mundo dos quadrinhos. Criado por uma bibliotecária apaixonada por quadrinhos e com a esperança de contribuir para o sucesso das gibitecas escolares, esse manual é oferecido como uma ferramenta valiosa para a comunidade educacional.

Palavras-Chave: Gibiteca escolar. Biblioteca especializada. Histórias em quadrinhos. Adaptação em quadrinhos. Educação básica.

BORGES, Apollyany Serpa dos Santos. **Comics Belong in Schools Too: ideas and proposals for a school comics' library**. 2024. 69p. Educational Product related to the Dissertation (Master's in Basic Education Teaching) - Graduate Program in Basic Education Teaching, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

ABSTRACT

This product presented in e-book format is the result derived from my dissertation developed within the Professional Master's Program in Teaching in Basic Education of the *Stricto Sensu* Graduate Program of the Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) of Universidade Federal de Goiás (UFG), named "Comics in school and the school comics' library: guidelines for the implementation and organization of school comics' library". The material has been presenting itself as a manual, a practical and informative guide aimed at the creation and management of School Comics' Libraries. Recognizing the value of comics as pedagogical resources and their underutilization due to the lack of knowledge of the material itself, and even due to the mistaken conceptions of an amount of society, the document highlights the importance of school comics' library in promoting reading and how this media can be worked on as a form of educational support for teachers. The manual also emphasizes the attractive power of comics, defending the implementation of this type of collection in schools to enrich education and encourage the taste for reading through practical guidelines on selection, organization and activities related to comic books, aiming to support both professionals familiarized and newcomers to the world of comics. Created by a librarian passionate about comics and with the hope of contributing to the success of school comics' libraries, this manual is offered as a valuable tool for the Teaching professionals.

Keywords: School comics' library. Specialized library. Comics. Novel adaptation. Basic education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 HERÓIS, VILÕES E PAINÉIS: GUIANDO-SE PELO UNIVERSO DOS QUADRINHOS	15
2 VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM GIBITECA ESCOLAR?	18
3 INICIANDO O PLANEJAMENTO DA GIBITECA ESCOLAR: PRIMEIROS PASSOS	22
3.1 Identificando os guardiões das gibitecas escolares	22
3.2 Quem são os nossos leitores usuários?	24
3.3 Quanto custa construir e manter uma gibiteca escolar?	27
4 PROJETANDO UM ESPAÇO FUNCIONAL PARA A GIBITECA ESCOLAR	31
5 UMA JORNADA PELA CONSTRUÇÃO DE UM ACERVO EM QUADRINHOS	35
5.1 Elaborando uma política de desenvolvimento de coleções	35
6 ALGUMAS ORIENTAÇÕES PARA UM PROCESSAMENTO TÉCNICO E EFICIENTE EM UM ACERVO EM QUADRINHOS	43
6.1 Hora de registrar	44
6.2 A saga da classificação	45
6.3 Catalogando	50
6.4 Escolhendo um Software de automação para a sua gibiteca	51
6.5 Etiquetas... Etiquetando	54
7 PARA QUEM VAI TRABALHAR COM OS FORMATINHOS	57
8 PROPOSTAS DE PROGRAMAÇÕES E PROJETOS PARA A GIBITECA ESCOLAR	59
9 ALGUMAS ESTRATÉGIAS PARA INCORPORAR ADAPTAÇÕES EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA	61
10 SOB A LUPA: REALIZANDO UM ESTUDO DE USUÁRIOS NA GIBITECA , ESCOLAR	63
11 DICAS, DICAS E MAIS DICAS	64
12 É HORA DE DAR TCHAU	67
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

Sejam Bem-Vindos Educadores...

É com muita satisfação que lhes apresento a cartilha **Lugar de Quadrinhos também é na Escola: ideias e propostas para uma gibiteca escolar** .

Esse material é um produto da Dissertação defendida para o Mestrado do Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal de Goiás (UFG/PPGEEB), resultando em um guia prático e informativo de auxílio na criação e manutenção de Gibitecas Escolares.

Sabemos que os quadrinhos são uma forma de expressão artística cada vez mais valorizada em nosso país e no mundo. Além disso, podem ser excelentes recursos pedagógicos para trabalhar diversas disciplinas, despertando o interesse pela leitura e estimulando a imaginação e a criatividade dos alunos.

Apesar desse reconhecimento, os quadrinhos ainda é um material inacessível para uma parcela da sociedade, seja pela ignorância de alguns por acreditar que Gibis são apenas histórias voltadas à crianças ou por aqueles que ainda detém a crença de que não são materiais informativos. Resultando que o estudo de HQs fique restrito para uma parcela de estudiosos da área e leitores do gênero e não difundindo as possibilidades da sua utilização quando se conhece sobre o material.

A Gibiteca Escolar é uma ótima forma de promover as HQs como um material rico em informação, apresentar a nona arte para os jovens leitores e instigar professores a utilizarem-na para além da leitura recreativa. Já que tais materiais quadrinísticos podem ser utilizados em diversas disciplinas.

Esses Gibis, com seus traços, desenhos, balões, textos, cores e formas, tudo misturado, encanta e atrai centenas de leitores de diversas idades e gostos específicos de leitura. Quem nunca se deparou com uma criança (ou adulto) numa banca de revista, livraria ou biblioteca, lendo um gibi da Turma da Mônica, ou mesmo foi aquela criança? São materiais que estimulam a criatividade e imaginação do leitor, além de auxiliar no aperfeiçoamento do leitor crítico.

As escolas que incentivam e criação de uma Gibiteca dentro de suas instituições, não apenas criam um local lúdico de leitura diferenciada, mas desenvolvem um setor rico em

informação e conhecimento, que podem ser trabalhados tanto por professores quanto pelos bibliotecários escolares em diferentes espectros, resultando positivamente para toda a instituição.

Então, porque não ter mais Gibitecas Escolares em nossas Instituições de Ensino?

Vamos juntos disseminar e incentivar o gosto pela leitura de HQs, e proporcionar aos nossos alunos uma experiência única e enriquecedora por meio dessas mídias.

Acredito que alguns dos profissionais que buscaram orientações nessa Cartilha têm interesse na temática, mas não sabem por onde começar a montar um acervo específico em sua instituição de ensino, ou mesmo nunca trabalharam com histórias em quadrinhos e talvez achem difícil incluí-las na Escola.

E tudo bem estar confuso, ter dúvidas... Precisamos começar de algum lugar, certo?

Por isso, este material foi desenvolvido com o objetivo de auxiliar professores, bibliotecários e outros profissionais da educação na construção e manutenção de uma gibiteca escolar. Visando não apenas os que conhecem e já trabalham com a mídia, mas também aqueles que desconhecem do material.

Ao longo deste manual, você encontrará informações sobre como selecionar, organizar e classificar os quadrinhos, além de sugestões para atividades e eventos relacionados à gibiteca, o espaço físico destinado, entre outros tópicos.

Acreditamos que a construção de uma gibiteca escolar pode ser uma iniciativa valiosa para enriquecer a educação de nossos alunos e estimular o gosto pela leitura.

Espero que este manual seja útil para você e para a sua escola, e que possa contribuir para a criação de uma Gibiteca Escolar de sucesso.

Atenciosamente,

Uma bibliotecária apaixonada por Quadrinhos!

1. HERÓIS, VILÕES E PAINÉIS: GUIANDO-SE PELO UNIVERSO DOS QUADRINHOS

Gibis, quadrinhos, HQs... estão presentes há várias décadas e se tornaram uma mídia bastante popular em todo o mundo, do qual fazem parte da cultura de centenas de leitores, entre jovens, crianças e adultos, que não apenas se encantaram com as histórias, traços e cores, mas também aprenderam a ler com as páginas ilustradas dos gibis.

Não são literatura e não são literatura ilustrada.

São um tipo de arte independente pela própria construção, a mistura dos signos, **PALAVRAS** em conjunto com as **IMAGENS**.

Os quadrinhos **evoluíram**, diversificaram em estilos, gêneros e faixas etárias.

Os quadrinhos não são vilões, não vão distanciar os jovens alunos da leitura clássica e muito menos emburrece-los como era dito décadas atrás.

Essas narrativas, hoje, possuem em si uma imensidade gêneros, subgêneros, estilos e temáticas... Se procurarmos um pouquinho, há uma história em quadrinho para cada leitor, cada gosto e cada idade.

As histórias em quadrinhos não são APENAS para o público infantil, mas também são para o público infantil.

Então, jamais rotulei os quadrinhos como um material infantil, e voltado apenas para esse público.

Você sabia?

Que essa história em quadrinhos ser material para crianças é um pensamento brasileiro?

Pois é...

Esse pensamento está entrelaçado com o sucesso dos personagens da Turma da Mônica (criação do Maurício de Souza). Nos Estados Unidos, por exemplo, essa correlação não

acontece, a leitura de gibis pelo público adulto é bem mais disseminada e desenvolvida entre eles, sem nenhum tipo de estereótipo ou rotulação.

Construídas com a junção das palavras e das imagens, são um tipo de leitura rica em **informação, arte e cultura.**

Sendo consideradas hoje a nona arte que acompanha a nossa civilização.

Essa riqueza em informação e detalhe artístico que os quadrinhos trazem consigo, demonstraram que tais materiais e suas narrativas podem ir além do lazer, podendo também ser utilizados em ambientes escolares, tanto como para auxiliar no desenvolvimento e para o fomento da leitura, mas também como materiais de apoio pedagógico.

São inúmeras formas prazerosas e informacionais que os gibis podem então contribuir quando utilizados no ambiente escolar - dependendo de como é aplicado pelo professor e o seu conhecimento sobre aquela mídia.

Sendo assim, as histórias em quadrinhos podem entrar nas escolas, e entrar pela porta da frente com destaque.

Agora que você sabe um pouco desse potencial que os gibis possuem, e talvez eu tenha despertado mais o seu interesse no assunto, **você pode estar se perguntando como é que podemos inserir esses quadrinhos nas escolas com mais afinco?**

Com Gibitecas Escolares!

“[...] as gibitecas ajudam o estudante a se familiarizar com a leitura e também promovem uma educação multicultural, já que os temas das histórias são tão diversos que os discentes podem abrir suas cabeças para outras perspectivas e formas de enxergar seu próprio mundo” (Santos, 2020, p.13).

E é sobre esse tópico que vamos falar mais no próximo item.

ENTENDENDO O UNIVERSO DOS QUADRINHOS: UM GUIA PARA INICIANTE

Eu sei que no tópico anterior falei que iríamos abordar as famosas gibitecas escolares, mas antes, vamos dar uma passadinha rápida, sobre alguns termos e definições utilizados nesse grande universo dos quadrinhos.

Esses termos e definições estão dispostos aqui para ajudar tanto os leitores que não têm tanto contato com os quadrinhos, ou os que nunca leram um gibi e estão sendo apresentados agora, e ainda desconhecem algumas dessas palavras (que vocês vão estar sempre em contato)

- **HQs ou HQ's:** Abreviação para Histórias em Quadrinhos;
- **Gibis:** Termo brasileiro para Histórias em Quadrinhos;
- **Graphic Novel:** Narrativa mais longa, e que na maioria dos casos apresenta um arco fechado. Possuem preços mais altos, mas também a qualidade de impressão é melhor. Focado principalmente para o público adulto;
- **Periódicos:** Histórias seriadas, lançadas de maneira periódica;
- **Formatinhos:** Formatos de quadrinhos com tamanho menor, geralmente 13,5x19cm. Exemplo são as revistinhas da Turma da Mônica (tirinhas);
- **Tirinhas:** Geralmente são temas de humor, com três a quatro quadros;
- **Balões:** São elementos fundamentais nos quadrinhos, utilizados para apresentar as falas ou pensamentos dos personagens;
- **Quadros:** São os espaços destinados dentro da página que contém a ilustração e o texto;
- **Onomatopeias:** São as palavras que vão imitar o som no texto, como uma batida, um soco, um latido etc.;
- **Anti-Herói:** São personagens que não seguem os padrões dos heróis clássicos, apresentando personalidades mais complexas e comportamentos mais ambíguos;
- **Mangá:** HQ de origem japonesa: Possui traços específicos nas ilustrações, como personagens com olhos grandes e expressões emocionais exageradas. Quase sempre em preto e branco, a leitura desse material é diferente dos materiais ocidentais, acontece da esquerda para direita;
- **Manhwa:** Histórias em quadrinhos sul-coreanas e chinesas;
- **Webtoons:** Quadrinhos digitais, muito populares na Coreia do Sul;
- **Fanzines:** Uma publicação não profissional, amadora.

2. VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM GIBITECA ESCOLAR?

- Já ouviu falar, ou melhor... Já visitou uma gibiteca?

- Isso mesmo! A Gibiteca é uma biblioteca especializada em HQs. Onde as pessoas vão lá para ler, pegar emprestado, fazer pesquisas, como se faz em uma biblioteca, mas com um acervo focado em quadrinhos.

- Parece interessante, né?! É um local rico em informação, que pode se trabalhar tanto com a leitura, mas também com projetos culturais, artísticos e também pedagógicos.

- É um ambiente que pode resultar efeitos fantásticos também em escolas... Já pensou nisso, um acervo de histórias em quadrinhos que irá trabalhar em conjunto com os professores visando o desenvolvimento dos alunos?

- Um ambiente lúdico e divertido, mas ao mesmo tempo rico e que os professores possam utilizar de diversas maneiras. Então, que tal a gente começar a conversar sobre as Gibitecas Escolares, e como você pode introduzir esse acervo de maneira prática e barata na sua instituição, o que acha?

As **Gibitecas**, também chamadas de hemerotecas ou bebetecas, um tipo de **biblioteca especializada**, irá reunir, armazenar, conservar, organizar e, como toda biblioteca, disseminar informações desses materiais que são trabalhados nesse setor, só que nesse caso, tais materiais são os quadrinhos... Isso mesmo, um acervo exclusivo, ou melhor, especializado em HQs, gibis, histórias em quadrinhos, e em quaisquer outras mídias relacionadas com essa mídia.

Um dos objetivos de uma gibiteca é a disseminação **de informação a partir das páginas desenhadas dos gibis**.

São setores que podem funcionar de maneiras públicas ou privadas, agregadas a outros setores como parte de uma biblioteca já existente, por exemplo, ou de maneiras independentes, comunitárias e também com o foco escolar.

Algumas das inúmeras vantagens de ter uma gibiteca escolar na instituição de ensino:

Ambiente chamativo, atraente e que desperta curiosidade no usuário em utilizar o espaço;
Ambiente que trabalhar com um acervo atrativo e poderá despertar o interesse ao ato de ler dos alunos;

- Estímulo e desenvolvimento de leitores;

- Auxílio na alfabetização;
- Desenvolvimento na criatividade do sujeito leitor; Desenvolvimento da leitura crítica;
- Disseminação da leitura dos gibis como material informacional no ambiente escolar;
- Criar um ambiente que pode ser utilizado tanto no momento de leitura recreativa quanto para disciplinas corriqueiras; Promove uma educação multicultural / interdisciplinar, já que o acervo detém de diferentes tipos de narrativas; Local que poderá ser trabalhado em diferentes áreas do conhecimento, para diferentes séries e turmas;
- Ambiente para desenvolvimento ou para a produção de eventos culturais e artísticos na escola;
- Espaço para debates pertinentes no meio escolar: assuntos sociais, diversidade e inclusão.

Você sabia?

A palavra Gibiteca tem todo um tempero brasileiro?

Pois é! Gibiteca é o neologismo, a junção das palavras biblioteca com Gibis, título que o nosso Brasil deu aos quadrinhos. Legal, né?!

As histórias em quadrinhos são materiais que possuem uma alta popularidade, um tipo de leitura atrativa e que consegue alcançar o sujeito leitor com diferentes idades e gostos por diferentes gêneros e narrativas, em consequência, **as gibitecas também se tornam um setor atrativo pelo próprio material com que ela trabalha.**

Hoje, é irrefutável que as HQs expandiram a condição de uma mídia apenas recreativa e ganharam destaque e reconhecimento como um material informacional, um material de aspecto único, pela própria mistura de signos que utiliza, regado de informações, arte e cultura... Resumindo, **aquela história em quadrinhos, cheia de quadros e cores que você lia ou lê é riquíssima e faz um bem danado ao seu leitor.**

E é por carregar essa riqueza em suas páginas, e ser tão benéfica ao sujeito que a consome, que esse material em quadros conseguiu mostrar o seu potencial quando bem utilizadas em instituições de ensino, auxiliado desde a formação do leitor até como material de suporte pedagógico.

“[...] a implantação de Gibitecas vem somar em uma unidade escolar, podendo ser espaço alternativo para o desenvolvimento de leituras e atividades intelectuais, cognitivas e lúdicas, possibilitando o desenvolvimento do sujeito-leitor” (Silva; Silva, 2013, p.2).

À primeira vista, desenvolver **uma gibiteca escolar pode ser uma atividade trabalhosa em alguns aspectos** (Baía; Condurú, 2022), contudo, tanto a instituição quanto o educador e os alunos ganham um local produtivo que irá beneficiar toda a escola.

Alguns autores e estudiosos acreditam que uma das principais dificuldades quanto o assunto é aprimorar / desenvolver uma gibiteca escolar é do próprio desconhecimento ou rejeição do educador sobre os quadrinhos. Até porque, quando paramos para observar, ainda há vários profissionais que descredibilizam e inferiorizam os quadrinhos como materiais informacionais.

Mas uma forma de combater essa hostilidade e desconfiança é **conhecendo a mídia e utilizando-a**, como é relatado por Nogueira (2007) são as práticas já realizadas por diversas escolas, que trabalham com os quadrinhos com o objetivo de ensino, que demonstram em ações práticas as vantagens e benefícios de se utilizar os quadrinhos junto à didáticas educacionais.

“O professor tem a possibilidade de mudar o quadro caótico e desanimador do aluno, em relação às interpretações das leituras, levando sempre a turma à gibiteca” (Oliveira; Souza, 2010, p.9).

Assim, desenvolver uma gibiteca escolar deve ser observada como uma forma prazerosa e eficiente de concatenar toda a instituição com as histórias em quadrinhos, disseminando a leitura das HQs e despertando o interesse da utilização dos quadrinhos entre professores e bibliotecários escolares — **lembrando que essa mídia quando bem utilizada, pode servir como apoio pedagógico em diversas disciplinas.**

As histórias em quadrinhos, ao longo do tempo, passaram de meros instrumentos de diversão e entretenimento, para poderosas ferramentas de inserção e estímulo à leitura nas escolas, bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias, salas de leitura etc. Por ser uma leitura atrelada a imagens, e muitas das vezes com personagens que são super-heróis, com uma narrativa em forma de história, seguida de fatos e acontecimentos, acaba tornando, principalmente, nas primeiras séries do ensino básico, uma leitura

mais agradável e prazerosa, facilitando o processo de alfabetização (Baiá; Condurú, 2022, p.4).

E você, já visitou uma Gibiteca?

Existem inúmeras gibitecas espalhadas pelo Brasil, e várias dessas são públicas e/ou comunitárias... **Você já visitou a da sua cidade?**

É uma ótima oportunidade conhecer a gibiteca pública e/ou comunitária que existe na sua região — se tiver a chance, e o acesso, às das escolares também — para conhecer o ambiente, como é organizado, as atividades desenvolvidas.

Essa observação como usuário te auxiliará na construção da gibiteca a qual você está trabalhando.

Qual tal ampliar esse olhar e verificar como a gibiteca da sua região funciona?

Mas se no caso da região que você mora não há uma gibiteca próxima - **pois infelizmente, esse tipo de acervos específicos ainda são mais fáceis serem encontrados em cidades mais populosas** - lembre-se que admiradores de gibis existem em todos os lugares, então é bem possível encontrar alguns títulos na própria biblioteca da sua cidade.

3. INICIANDO O PLANEJAMENTO DA GIBITECA ESCOLAR: PRIMEIROS PASSOS

Planejar uma **Gibiteca Escolar**, assim... Do zero, pode até parecer uma tarefa difícil e complicada à primeira vista, mas vou aqui tentar facilitar um pouquinho essa jornada.

Com auxílio de outros estudos, pesquisas, e o olhar técnico de uma bibliotecária apaixonada por quadrinhos, vamos abordar a temática, indicar e demonstrar dicas, formas, maneiras, para que você, em conjunto com o bibliotecário da sua escola, — se esse profissional já não for você — possam planejar, aprimorar, e tirar a gibiteca escolar do papel.

Nessa cartilha teremos algumas dicas e ideias para que você possa colocar em prática na gibiteca da escola, com o intuito de despertar o interesse de toda a comunidade escolar, sendo utilizada tanto para a leitura recreativa mas como um local de auxílio pedagógico dos professores.

O que acha?

Antes de organizar o nosso acervo, é necessário fazer um planejamento, determinando as necessidades e os objetivos que queremos alcançar.

Vamos lá?!

3.1 Identificando os Guardiões das Gibitecas Escolares

- Devemos levar em consideração, que para as atividades corriqueiras da gibiteca escolar, suas ações e projetos, devem ser planejados de maneira multidisciplinar. Isso quer dizer, levando em consideração toda a comunidade escolar.
- É importante que professores, diretores, os alunos se façam presentes, com indicações, ideias e nas ações planejadas pela gibiteca.
- Porém, quando o assunto for a administração da nossa gibiteca, e sobre a responsabilidade das atividades mais técnicas, como a classificação, organização etc. A atuação deve ser de um bibliotecário.

- A atuação do bibliotecário escolar na gibiteca é valiosa. É ele ou ela o grande responsável pela gibiteca. Indo desde a gestão do ambiente e sua organização, até a realização do tratamento técnico das histórias em quadrinhos.

Caberá ao bibliotecário...

1. Organizar o layout da gibiteca escolar;
2. Desenvolver um ambiente cativante para seus usuários;
3. Prestar serviço de referência para a equipe escolar, alunos e para a comunidade externa;
4. Realizar o serviço técnico do acervo;
5. Desenvolver projetos e eventos que tenham a gibiteca escolar como foco;
6. Fazer orçamentos para novas aquisições;
7. Realizar todo o trabalho de aquisição e seleção de doações recebidas;
8. Elevar e aperfeiçoar a qualidade dos serviços ofertados pela gibiteca;
9. Entre outras atividades pertinentes.

- E não pense aqui que a gibiteca escola deve e só pode ser constituída de um bibliotecário, como já falamos, ela é multidisciplinar.
- Se a instituição puder e tiver orçamento pode inserir estagiários e até profissionais de outras áreas que somem com o ambiente.
- Mas sempre lembrando da necessidade do profissional bacharel em biblioteconomia como gestor principal, ok?

3.2 Quem são os nossos leitores / usuários?

- Então... já parou para analisar quem são ou quem vão ser os usuários da gibiteca escolar?
- E não se limite a achar que seriam apenas os alunos. Mesmo que estes sejam o nosso público mais importante.
- Os usuários de uma gibiteca escolar são toda a comunidade escolar, os alunos, os professores, a equipe técnica, administrativa. E em algumas escolas, até na comunidade externa.
- Para uma gibiteca escolar, conhecer e saber o perfil dos seus usuários é fundamental.
- Por exemplo, se a gibiteca atende uma escola para o ensino médio, a seleção de quadrinhos, e até a produção das ações a serem desenvolvidas, será totalmente diferente se a gibiteca atende o ensino infantil.
- Mas não precisa se apavorar logo de início. Você pode inicialmente conhecer o público de forma mais geral. A idade, as séries, e depois ir se aprofundando mais com os gostos, o que eles mais buscam...
- Algumas escolas abrem seus acervos para consulta da comunidade local, nesse caso, o público externo que irá visitar a gibiteca será chamado de usuários em potencial. Usuários, que diferentemente da comunidade interna, não possuem vínculo direto com a instituição.
- Mas por estarmos trabalhando com um acervo que visa o atendimento escolar, não vou me adentrar muito nesse tópico, mas achei pertinente comentar aqui para o conhecimento.

Em qualquer setor informacional — seja na biblioteca, em um arquivo, ou em uma gibiteca, que é o nosso caso — é importante que a gente conheça **quem são os usuários que frequentam e utilizam do ambiente e dos serviços oferecidos por aquele setor de informação.**

Dias e Pires (2004, p.5) explicam que quando há o reconhecimento do perfil desse usuário, poderemos desenvolver melhores serviços e realizar atendimentos mais específicos para àquele público.

Quanto mais focados e específicos forem o atendimento e projetos da nossa gibiteca, melhores serão os nossos resultados.

Em resumo, quando se conhece o público que utiliza ou utilizará da gibiteca escolar, poderemos oferecer atendimento e serviços mais adequados, focados às necessidades e interesses específicos do sujeito que visita o nosso setor, maximizando assim a eficiência e resultados dos serviços ofertados, como:

- Oferecer um atendimento personalizado, atendendo a interesses específicos dos usuários;
- Possibilita a aprimorar as recomendações de leituras;
- Reconhecer as necessidades dos usuários / alunos;
- Contribui para uma melhor curadoria no acervo, com a aquisição de HQs, ou temáticas mais buscadas por usuários, por exemplo;
- Ajuda no planejamento de projetos e atividades elaboradas pela gibiteca;
- Avaliar a eficácia dos serviços ofertados;
- Permite a identificação de possíveis melhorias e ajustes na gibiteca, desde o espaço físico ao atendimento oferecido;
- Planejar e avaliar o acervo / coleção em quadrinhos da gibiteca;
- Em resumo... Melhorar todo o ambiente, oferecendo um atendimento mais especializado para os nossos usuários.

Nota:

Quando falamos de usuários, você também pode se deparar com o termo **clientes** sendo utilizados como sinônimos em algumas literaturas, o que não está errado.

Porém, a palavra cliente é muito mais usada no âmbito comercial, do marketing, por exemplo, então aqui escolhemos utilizar o termo usuário.

E se você está se perguntando se existe mais de um tipo de usuários... A resposta é sim!

Na ciência da informação, os usuários podem ser definidos como **usuários reais** ou **potenciais**.

1. **Usuários Reais:** são os usuários que frequentam e utilizam ativamente os serviços daquele setor informacional. No caso de uma gibiteca escolar, nossos usuários reais são a comunidade escolar, alunos, professores e a equipe técnica daquele colégio.
2. **Usuários Potenciais:** são aqueles indivíduos que não fazem o uso dos serviços e espaço desse setor informacional com frequência, mas que têm o potencial de o fazer, em uma gibiteca escolar podemos definir o público externo e comunidade como usuários potenciais.

Em relação aos usuários potenciais, esses podem se desdobrar em inúmeros perfis, dependendo das políticas internas e o quão essa própria comunidade é atuante nessa escola.

Pelo motivo dos usuários potenciais terem uma variável de tipos, vamos trabalhar nessa cartilha apenas com os **usuários reais**, um tipo até mais comum dentro de uma instituição de ensino básica, **limitando-se então aos alunos, professores e a equipe técnica.**

- Lembre-se que mesmo que a gibiteca escolar que você trabalha seja aberta para a comunidade externa, são os alunos dessa instituição os usuários essenciais do setor.
- É para atender a eles que toda a organização da gibiteca deve ser feita.

Então... Visualizando o cenário da gibiteca escolar da qual você está desenvolvendo, já se perguntou quem é o seu usuário, ou melhor, a informação gerada nessa gibiteca é **pra quem?**
E **pra fazer o quê?**

- Mas se você ainda tem dúvida de quem são os seus usuários, e quer melhorar esse reconhecimento, você pode optar em realizar um estudo de usuários.

Mas o que é um Estudo de Usuários?

O estudo de usuários nada mais é que “[...] **uma investigação que objetiva identificar e caracterizar os interesses, as necessidades e os hábitos de uso de informação de usuários reais e/ou potenciais de um sistema de informação**” (Dias; Pires, 2004, p.11).

São algumas metodologias que você poderá aplicar para conhecer melhor o perfil dos usuários, o que eles buscam, e também a visão dos mesmo sobre as práticas já ofertadas nela gibiteca.

Há vários modelos e formas de aplicação desse estudo, com uma pesquisa para lhe auxiliar, você irá encontrar vários modelos que podem ser utilizados, como: **questionários, entrevistas, observações etc.**

3.3 Quanto custa construir e manter uma gibiteca escolar?

- Quanto custa montar uma gibiteca escolar? Essa pergunta é bem difícil de resolver.
- Isso porque, o valor total para se montar uma gibiteca do zero, e até a manutenção podem variar muito. Dependendo de diversos fatores, desde o tamanho da coleção, como você pretende consegui-los, os mobiliários.
- Mas calma, antes de amalucar achando que vai gastar muito, podemos desenvolver uma gibiteca sem gastar muito. Ficou mais interessante?

Cada Escola possui um perfil quase único, tem seu próprio objetivo, lida com um público específico, trabalham de forma privada ou pública, e todas as situações distintas dificultam ditar um valor exato na criação e manutenção de uma gibiteca escolar.

Para obter um orçamento mais preciso, é necessário que o gestor responsável pela gibiteca, em conjunto com a coordenação da escola, realize um planejamento detalhado do acervo de interesse, onde deverão ser identificadas as possíveis necessidades da gibiteca, e qual o capital disponível para tal investimento.

E aí entra uma questão preciosa na hora do desenvolvimento da gibiteca escolar. Se ela possui um capital para tal investimento?

Pensando na dificuldade financeira enfrentada por inúmeras escolas brasileiras, que não possuem capital para a criação e/ou a manutenção de uma gibiteca escolar. Para esta cartilha, optei em apresentar maneiras através das quais fosse viável o desenvolvimento desse tipo de acervo sem gasto algum, ou gastando o mínimo possível, para que assim pudesse haver o máximo de instituições incluídas na proposta.

Não deve ser vista como uma regra o investimento de capital para a construção e/ou implementação da gibiteca. Há sempre maneiras mais simples e baratas, que podem ser realizadas no processo.

O importante aqui é que a gestão da escola, em conjunto com o bibliotecário escolar converse e discuta sobre possíveis maneiras a serem realizadas, das quais irão alcançar os objetivos propostos.

“Ter uma gibiteca custa praticamente nada, se a escola já possui o espaço, dependerá tão somente de dedicação e disposição” (Oliveira; Souza, 2015, p.7).

Pensando em algumas ideias simples e baratas, deixo abaixo alguns tópicos a serem analisados, e como você pode colocar em prática, mesmo sem um capital.

<p>Como adquirir histórias em quadrinhos</p>	<p>O seu acervo pode ser adquirido por projetos de doações: Crie campanhas para arrecadação de novos títulos;</p> <p>Ainda falando em doações, entre em contato com outras bibliotecas e gibitecas, mesmo que fora do seu Estado. Algumas dessas instituições possuem títulos para descartes que podem ser úteis para o seu acervo (em alguns casos, a escola ficará responsável apenas pelo transporte do material doado);</p> <p>O PNBE é uma ótima opção para as escolas públicas adquirirem histórias em quadrinhos;</p> <p>Utilize acervos on-line em quadrinhos: Há vários acervos que a sua Escola poderá utilizar e até baixar materiais em HQs de maneira legal e de graça;</p> <p>Se a sua gibiteca possuir algum recurso financeiro, você pode comprar em sebos da região. Os materiais destinados para o acervo também não precisam ser de "primeira-mão", comprados novos e podem ser adquiridos em sebos (Vergueiro, 2008a, p. 26).</p>
<p>Mobiliário</p>	<p>Divida o espaço com a biblioteca é uma maneira de cortar custos com o mobiliário, como mesa de estudos e afins;</p> <p>Veja se a escola não possui estantes, prateleiras sobrando que possam ser incluídas na gibiteca;</p> <p>Peça também doações da comunidade;</p> <p>Você pode utilizar caixas de papelão ou pallets, e decorá-los com papéis coloridos. Esses materiais são encontrados facilmente, e com uma boa limpeza, você pode até decorá-los para deixar mais atraente e bonitos.</p>
<p>Funcionários</p>	<p>O bibliotecário escolar pode ficar responsável pela gibiteca;</p>

	Em caso de mais uma contratação, você pode optar por estagiários (na área de biblioteconomia) ou menores aprendizes.
Software	Existem vários softwares livres e gratuitos desenvolvidos para bibliotecas, que só necessitam de internet para o funcionamento; Se a biblioteca escolar já utilizar algum software, você pode utilizar o mesmo para fazer a catalogação do acervo;
Promoção e divulgação	Para divulgar ações e projetos da biblioteca, utilize as redes sociais.
Outros itens para organização do acervo	Na hora da etiquetagem dos materiais, você pode utilizar folhas A4 que são mais baratas que as etiquetas; Se optar também pela classificação por cores, ao invés de utilizar adesivos coloridos, corte e pinte.

- Mas não se preocupe, falaremos muito mais sobre esses tópicos mais a frente.

4. PROJETANDO UM ESPAÇO FUNCIONAL PARA A GIBITECA ESCOLAR

Neste capítulo, vamos abordar algumas ideias e sugestões que poderão ajudá-lo a projetar e organizar o espaço físico da nossa gibiteca escolar. De maneira que esse ambiente, sendo um espaço pequeno ou grande, seja um ambiente confortável e acolhedor os usuários que ali irão frequentar.

- Para essa etapa, além de levar em consideração o perfil dos usuários, você deverá também ficar atento com o acervo, o tamanho e quantidade de materiais, e quais gêneros em quadrinhos serão inseridos nessa gibiteca.
- Deixo então, algumas dicas que você pode colocar em prática, para transformar esse local em um ambiente convidativo aos usuários, e organizado para o acervo.

- Na hora de organizar o espaço, leve em consideração o **perfil e idade dos usuários, os alunos da instituição** — Quem são? A faixa etária?
- O ambiente deve ser **confortável** — leve em consideração que o local deve garantir um espaço adequado para a leitura do quadrinho;
- **Construa um layout atrativo** — Considere realizar uma decoração colorida, e com itens temáticos aos quadrinhos, por exemplo, utilize posters de personagens (você pode conseguir banner de bancas de revistas e comics *shops* de graça);
- **Conheça o tamanho do seu acervo** — O espaço planejado deve ser suficiente para o armazenamento dos materiais (lembrando que todo acervo é vivo, e que o mesmo irá aumentar futuramente, então tenha espaço para os materiais atuais e para futuros materiais que irão chegar);
- Ainda sobre o tamanho do acervo, **faça o cálculo padrão para se embasar no espaço necessário** — Há um cálculo padrão que você pode utilizar, ele afirma que 1m² comporta até 50 volumes;
- O Ambiente deve ser **climatizado / arejado** — assim, além de garantir o conforto dos usuários que falamos anteriormente, também ajudará na conservação dos gibis. Você

pode utilizar o ar-condicionado para isso, mas se a sua gibiteca não possui um, você pode optar por climatizar o ambiente de maneira natural, deixando as janelas e portas abertas sempre nos momentos de funcionamento da gibiteca;

- Utilize uma **iluminação adequada** — Opte pela luz natural ou luzes de LED, que são iluminações boas para evitar o cansaço visual do seu usuário. Mas se o caso da sua escola / gibiteca, não ter verba necessária para a compra de tais limitações, você pode fazer como foi sugerido na climatização, de maneira natural, onde portas e janelas ficam abertas;
- Tenha uma gibiteca **sinalizada** — Isso ajuda na autonomia do seu usuário dentro da gibiteca;
- **O acervo da Gibiteca deve ser aberto aos usuários** — Crie um espaço que os seus usuários possam percorrer no local, pegar o material que lhe interessa, ver as estantes etc.;
- Mesmo de maneira simples, e econômica, observe a **segurança** da gibiteca — utilize placas indicativas de saída e tenha sempre extintores de incêndio no local (com a devida data de validade);
- Para o controle do próprio acervo, **tenha apenas uma entrada e saída para seus usuários** na gibiteca — Isso poderá te ajudar a controlar os usuários que visitam a gibiteca e também os materiais do acervo (uma forma de segurança simples, e com pouco gasto para possíveis furtos);
- Se possível, na hora de escolher o mobiliário da gibiteca, **escolha móveis resistentes e compatíveis com a estrutura e tamanho do acervo**;
- O ambiente da Gibiteca Escolar deve ser **inclusivo e possuir acessibilidade**.

Ainda falando sobre o espaço físico da gibiteca escolar, não é obrigatório que essa gibiteca tenha uma sala / local exclusivo para comportá-la, esse setor pode ser criado como um adendo da própria biblioteca que a escola possui.

Várias escolas, por falta de espaço, funcionários e de dinheiro, trabalham com os dois setores no mesmo ambiente.

O importante aqui é que a gibiteca (e a biblioteca também) seja organizada, e que crie uma separação desses setores, identificando-os.

Aqui estão algumas dicas para dividir o ambiente da biblioteca escolar com a Gibiteca, resultando um ambiente atrativo, confortável:

- **Divida o ambiente** — Cada setor deve ter a sua função e seu acervo. Você pode criar um lado para a área para a biblioteca, mais tradicional, com mesas de estudos e computadores, já em outro lado da sala destinado para a gibiteca, deixe o ambiente mais colorido, descontraído, com *puffs* e almofadas para a leitura;
- **Faça uma separação física dos acervos** — Isso auxilia não apenas a definir visualmente os espaços, e também auxilia o usuário a encontrar o que busca com mais facilidade;
- **Sinalize cada área** — Utilize placas indicativas, ou por cores. Seu usuário deve identificar facilmente o ambiente e o material desejado, seja o livro ou o quadrinho que procura;

Lembre-se que um setor deve colaborar com o outro.

Fica a dica:

Durante o planejamento e organização do espaço da Gibiteca, **envolva a equipe escolar** - procure por sugestões e opiniões dos professores ou da equipe técnica, eles podem te dar dicas valiosas para incorporar nesses setores.

Mas antes de pularmos para o próximo tópico, vamos falar um pouquinho da importância e necessidade de você realizar a sinalização da gibiteca escolar.

É a partir dessa sinalização que você faz no seu setor que o usuário poderá se ambientar naquele setor, procurar, encontrar e pesquisar títulos, temas e assuntos nas prateleiras e estantes, ter autonomia.

Então, vai aí algumas dicas de sinalização para ter na gibiteca:

- Sinalize o setor, a gibiteca. Deixe do lado externo do setor uma indicação da sala;
- Sinalize também a recepção — e, se possível, deixe alguns dos serviços oferecidos no local, como cadastro, horário de funcionamento, empréstimo etc.;
- Tenha um mural com informações rotativos, como calendário ou eventos futuros;
- Se a Gibiteca dividir o mesmo espaço da Biblioteca Escolar, sinalize cada ambiente e as estantes;
- Falando em estantes, as mesmas também devem estar sinalizadas pela forma de organização escolhida pela gestão da Gibiteca — Mais a frente vamos falar só de maneira de você organizar o seu acervo;

5. UMA JORNADA PELA CONSTRUÇÃO DE UM ACERVO EM QUADRINHOS

-Agora que já temos o nosso espaço organizado para a gibiteca escolar e já conhecemos quem são os seus usuários e sua equipe técnica, que irá trabalhar nesse ambiente. Que tal a gente conversar sobre o processo da construção do nosso acervo?

-E você pode estar se perguntando... E como, ou por onde, a gente pode começar?

-É importante aqui lembrar, que uma gibiteca, sendo escolar ou não, é um acervo informacional. Então, o trabalho técnico será bem similar ao que é realizado em uma biblioteca com acervo bibliográfico geral.

- É uma etapa cheia de detalhes, que requer atenção.

-Então, que tal iniciarmos construindo uma política de desenvolvimento de coleções para a gibiteca Escolar? Um planejamento que vai estabelecer normas e formas de aquisição e descarte dos quadrinhos.

5.1 Elaborando uma Política de Desenvolvimento de Coleções

Para a construção da **Política de Desenvolvimento de Coleções** da gibiteca escolar, deveremos levar em consideração vários fatores, desde os objetivos que a instituição de ensino, da qual a gibiteca está inserida, e da própria realidade, e até quais são necessidades informacionais dos usuários.

“Os critérios de seleção devem funcionar, para a biblioteca, como funcionam as leis para um país: enquanto não são modificadas, devem ser obedecidas. O documento registra os critérios de seleção vigentes na biblioteca; eles, e apenas eles, deverão justificar todas as decisões” (Vergueiro, 2010, p.71)

Nessa política, o bibliotecário responsável deverá detalhar o passo a passo da seleção, aquisição e até descarte dos materiais do acervo.

Vergueiro (2010) aponta alguns itens que não podem faltar na política de desenvolvimento de uma coleção, como:

1. **Qual é a metodologia utilizada para cada etapa, e quais foram os critérios escolhidos para tal atividade?** Por exemplo: É importante que na sua política tenha os tipos de quadrinhos que serão aceitos nas doações e/ou compra, e porque tal material atende os alunos e usuários.

2. **A identificação dos responsáveis por cada etapa:** Quem é o responsável pela seleção dos materiais, e quem é o responsável pela compra? Quem é o responsável pelo recebimento das doações? E quem é o responsável pelos descartes?

3. **Sempre que possível, documentos relacionados com determinadas fases devem estar presentes, ou de fácil acesso para quando necessário.** Por exemplo: Tenha as notas fiscais das compras, e formulários assinados por doadores dos materiais entregues.

- Na hora de desenvolver a sua política de seleção, ela deve ser **simples e clara**, de **fácil entendimento** a quem for utilizá-la.
- Esse planejamento deve ser de **responsabilidade do bibliotecário**, e nela deve contar com todas as etapas e metodologias escolhidas.
- E se a biblioteca da escola já tiver uma política, vocês podem inserir o acervo da biblioteca nela, ao invés de produzirem uma totalmente do zero.

Então, para não te deixar perdido nessa fase tão importante, vamos dividir a nossa Política de desenvolvimento do acervo em três etapas principais:

1. **A Seleção**
2. **A Aquisição**
3. **O Descarte.**

A biblioteca escolar é um acervo vivo e que deve ser alimentada periodicamente, por isso, os processos e fases descritas no desenvolvimento da coleção deverão ser vistas como uma tarefa de prática contínua e ininterrupta.

O que quero dizer com isso?

Que as compras dos gibis, projetos de doações para arrecadações, seleção para descarte, qualquer atividade que seja com o objetivo de alimentar e restaurar o acervo deve estar no seu planejamento e deve ocorrer periodicamente.

Mas vamos por partes ...

Vamos falar um pouco sobre cada uma das etapas descritas acima e como realizá-las dentro de uma gibiteca escolar, de maneira funcional e prática.

A. A SELEÇÃO

O momento de selecionar uma história em quadrinhos para fazer parte do acervo de uma gibiteca escolar, é a etapa da qual o bibliotecário responsável irá analisar todos os gibis que foram recebidos, ou de possíveis compras, para inseri-los nas estantes.

Essa avaliação deve ser realizada em conjunto com os objetivos pretendidos pela instituição de ensino, o perfil e idade dos alunos, a proposta da própria gibiteca.

- Podemos afirmar aqui que a etapa de avaliação dos quadrinhos não se faz isolada, mas observando todo o contexto no qual a gibiteca se insere.

- Deve levar em consideração os objetivos e ideologias da escola, as práticas e metodologias almeçadas pelos professores, o perfil e idade dos alunos e usuários, e a própria proposta da gibiteca. Essa visão mais geral irá auxiliar na hora de escolher o material, e reconhecer se é pertinente ou não para a gibiteca em questão.

- Esses detalhes podem até parecer desnecessários à primeira vista, mas vão auxiliar em momentos cruciais, como no momento da doação de um quadrinho muito deteriorado, onde os alunos na maioria são crianças, que não tomarão o devido cuidado. Ou mesmo o recebimento de um gibi com a temática adulta, para uma escola até o ensino fundamental II. Tal material, mesmo que bom, não irá condizer com a idade do público da gibiteca.

- Há inúmeros quadrinhos com conteúdo pornográfico, ou mesmo politicamente incorreto, que pela capa ou título podem até passar despercebidos.

- Mas é nessa hora da seleção que se faz uma filtragem. Não condenando o material, mas avaliando

se condiz com o acervo da escola e dos nossos alunos.

- A seleção dos materiais em quadrinhos não deve ser feita por achismo ou pelo gosto do bibliotecário, mas deve atender a uma política institucional.

Então, antes de colocar tudo que se recebe nas prateleiras. Veja, analise se aquela história é adequada para a gibiteca.

Para essa etapa de seleção, deixo logo abaixo alguns critérios para a seleção levantados pelo o autor Vergueiro (2010), na hora de selecionar os materiais para um acervo informacional.

1. **Observe se tal quadrinho é atrativo ou relevante ao público.** Se o material tem relevância ou despertará interesse por sua busca;
2. **Qual a temática / assunto que determinada história em quadrinho aborda:** Deve-se analisar se aquele material é pertinente ao acervo e se condiz com a idade dos alunos;
3. **Quem são os usuários e os alunos que irão frequentar e utilizar a gibiteca escolar?** “Pouco adiantará possuir materiais de altíssima qualidade que jamais despertaram qualquer interesse e ficarão mofando nas estantes, gerando despesas com manutenção, limpeza, acomodação etc.” (Vergueiro, 2010, p.13-14).
4. **Qual o idioma do gibi?** Por exemplo, quadrinhos em inglês e espanhol são mais comuns de serem utilizados em escolas que oferecem tais idiomas como disciplinas, mas materiais em japonês serão utilizados ou ficarão apenas ocupando a estante?
5. O valor do material;
6. **O estado físico do material:** Se o material já se encontra mais danificado, por exemplo, não terá uma vida muito longa no acervo e logo ficará inutilizado;
7. **Quantos exemplares a gibiteca possui daquele título?** Uma grande quantidade do mesmo material só irá ocupar espaço no acervo;
8. **Qual o valor do quadrinho?** Mesmo recebendo por doações, determinados materiais raros podem ser alvos de vandalismo ou furtos. Vergueiro (2010) comenta que materiais caros

acarretam custo adicional, como local para guarda, uma certa segurança e até possíveis restauros. Então, analise se a gibiteca pode receber materiais mais caros e raros.

Ao observar alguns desses pontos, você poderá ter aquisições mais úteis ao seu acervo e com maiores buscas por seu usuário - diminuindo as chances de ter um material que apenas ocupará a prateleira.

Então, antes de realizar a aquisição desse material, sempre observe qual é o quadrinho, e se ele é adequado ao seu acervo e público.

B. A AQUISIÇÃO

Depois de selecionados quais quadrinhos irão fazer parte do acervo, é hora de adquiri-los.

A etapa de aquisição do material, é o momento em que você irá obter o quadrinho — um processo que acontece quase sempre em conjunto com a etapa de seleção.

É possível adquirir um material para um acervo da gibiteca de inúmeras maneiras. Mas para essa cartilha, vamos trabalhar com as duas formas que mais podem ocorrer: a **aquisição por compra** e a **aquisição por doações**.

A Aquisição de Gibis por Compra:

SOLDERA (2011) explica que a etapa de compra de materiais para um acervo informacional é complexo e exige um maior cuidado, pois envolve orçamento e prestação de contas.

Deste modo, deixo abaixo algumas sugestões para na hora de realizar a compra dos quadrinhos para a gibiteca escolar em questão:

1. **Faça um planejamento com títulos novos para serem adquiridos** — Nesse planejamento tenha quadrinhos novos e premiados, e também títulos que os alunos e/ou professores buscam;
2. **Tenha sempre as notas fiscais dos quadrinhos que foram comprados;**
3. **Fale com os professores** — Peça sugestões de títulos e assuntos, assim, além de introduzir os professores no projeto de construção da gibiteca, você também alimenta o acervo com quadrinhos que os mesmos procuram para utilizar em sala;
4. **Deixe uma reserva da verba para reposição de materiais perdidos ou danificados;**

5. **Sempre veja promoções realizadas por lojas e editoras** — uma maneira de economizar na hora da compra;
6. **Faça assinatura de periódicos** — uma maneira prática de ter uma coleção completa, de títulos de um determinado selo / saga, além de você também conseguir pagar um valor menor no total;
7. **Busque nos sebos** — os quadrinhos adquiridos para o acervo da gibiteca não precisam ser novos, podem ser adquiridos em sebos por um preço mais baixo;
8. **Criar projetos para receber doações** - mesmo com capital para a compra, doações sempre devem ser uma maneira de aquisição.

A Aquisições de Gibis por Doações:

Os projetos para adquirir quadrinhos por meio das doações, acabam se tornando a única maneira de várias gibitecas escolares brasileiras conseguirem alimentar o acervo.

Mas não veja essa prática como ruim.

Essa ação é valiosa e assertiva, de tal maneira, que até gibitecas de possuem verbas para compra de gibis, também realizam planos e projetos para captar quadrinhos por meio das doações.

Para Soldera (2011, p.7) essa prática “[...] pode ser vista como benéfica em algumas instituições, auxiliando na composição do acervo bibliográfico. Dependendo do que é doado e de suas condições de manuseio, é possível haver ganho de qualidade para a composição do acervo da biblioteca.”

Então, aqui vão algumas dicas na hora de trabalhar com captação de gibis por meio de doações e garantir que a sua gibiteca escolar possa sempre ter exemplares diversificados e novos títulos:

1. Crie campanhas e ações de arrecadações de novos títulos de HQs;
2. **Você pode entrar em contato com outras bibliotecas e também gibitecas** — mesmo que fora do seu Estado — e ver a disponibilidade das mesmas em realizar doações. Algumas dessas instituições possuem títulos próprios para doações e/ou descartes, que podem ser úteis para o acervo da escola. Em alguns casos, eles só irão pedir que custeiam o transporte dos materiais.
3. O PNBE é sempre uma ótima opção para as escolas públicas;
4. Faça projetos visando **arrecadação de fundos para a gibiteca escolar** — Você pode realizar rifas, bazares para a capacitação de verba — **mas lembre-se de ver se a política da escola permite;**
5. Faça projetos de **criação de fanzine** entre os alunos — é uma maneira de enriquecer também o acervo, a partir da produção da própria comunidade escolar;
6. **Utilize os acervos on-line que disponibilizam histórias em quadrinhos** – há vários acervos que os alunos da escola poderão navegar, e até realizar download de histórias de maneira legal e gratuita.

C. O DESCARTE

Então chegou a hora de descartar os quadrinhos, que por algum motivo não vão fazer mais parte do acervo da gibiteca.

Essa etapa, a tarefa de descartar os materiais, deve ser vista como uma fase muito importante na organização da gibiteca, e não deve ser feita de qualquer forma.

Essa fase é uma tarefa periódica, que deve ser sempre realizada. Então não fique com dó ou receio de colocar aquele quadrinho já desgastado, com folhas soltando, ou que você já tem dezenas do mesmo título, fora das estantes. Você está tirando um material que já não tem mais uso para esse setor, e criando espaço para a chegada de novos materiais.

Para Soldera (2011, p.8) o descarte é uma maneira de otimizar o espaço físico do setor informacional, utilizando um processo de desbastamento de coleção, onde se retira do acervo, materiais que não tem uma grande procura.

Você pode descartar quadrinhos que...

1. Estão danificados;
2. Com pouca ou nenhuma procura;
3. Quadrinhos com narrativas inadequadas para os usuários, por exemplo, quadrinhos com classificação etária para adultos.

- Indico que esse momento, de avaliação dos materiais e descarte, seja feito no período das férias.
- Um momento sem muita atividade no setor, do qual você poderá fazer esse trabalho técnico com mais calma e sem os atendimentos corriqueiros diários.
- E durante essa etapa, sempre anote quais os materiais que foram descartados, a data de descarte e o motivo.

FICA A DICA

Além de todas essas questões para avaliação durante a etapa de seleção dos quadrinhos, também vou indicar a você alguns procedimentos simples que podem te auxiliar em todas essas fases:

- Faça um caixinha com sugestões de usuários, é uma maneira de descobrir os gostos do seu público;
- Sempre tenha o Projeto Político Pedagógico (PPP) em mãos. Isso irá te ajudar na seleção dos materiais de acordo com as disciplinas, projetos, e objetivos buscados pelos professores;
- Veja os catálogos de editoras e comics shops, o que tem de material novo e de sucesso neste nicho;
- Leia resenhas de quadrinhos em sites especializados, isso talvez lhe ajude na hora de escolher novos materiais.

6. ALGUMAS ORIENTAÇÕES PARA UM PROCESSAMENTO TÉCNICO EFICIENTE EM UM ACERVO EM QUADRINHOS

E você, bibliotecário escolar, que acha que não haveria nenhum tipo de processamento técnico dentro da gibiteca... Respira fundo, porque é necessário realizar essas técnicas também nos gibis.

Nesse tópico, vamos falar um pouco sobre esse assunto, **do desenvolvimento e trabalho técnico dentro de um acervo em quadrinhos**, mencionando as principais atividades dentro desse contexto, como classificação, registro, etiquetas, a catalogação e de como organizar esses materiais.

Essas atividades técnicas, que são comuns e valiosas na gestão e organização do acervo da biblioteca, também devem ser importadas para o acervo da gibiteca.

Não é por serem gibis que esses materiais não precisam ser classificados ou catalogados. Essas técnicas vão lhe auxiliar na organização dos materiais e prevenir de possíveis perdas.

Santos (2020, p.12) comenta que é comum encontrarmos nas próprias bibliotecas escolares, e até nas públicas, o acervo de quadrinhos sem nenhum tratamento, misturados ao acervo comum, desperdiçando o potencial da mídia. Para o autor, esse mal cuidado pode ser ocasionado pelo desconhecimento de alguns profissionais, que não sabem como realizar uma classificação adequada ao acervo.

E conhecendo os quadrinhos, e sabemos dos inúmeros proveitos e benefícios que essa mídia pode gerar, não queremos perpetuar esse mesmo cenário, de encontrar pilhas de quadrinhos espalhados em mesas da gibiteca, sem nenhum cuidado, apenas deteriorando.

Então, realizar essa etapa do processamento técnico no acervo da gibiteca, de forma eficiente, é algo tão necessário, pois resultará não apenas num acervo organizado, minimizando perdas — como já citei acima — mas também irá garantir que seus usuários, e os responsáveis pela gibiteca, de encontrar o quadrinho, o gênero, o autor, o tipo, de maneira bem mais fácil.

Em resumo, um aproveitamento maior e melhor do espaço.

Por isso, desenvolver então um processamento técnico eficiente é tão necessário quando falando de gibitecas escolares, pois resultará não apenas num acervo organizado, minimizando perdas, mas também irá garantir que seus usuários encontrem o quadrinho, o gênero, o autor, que ele busca.

6.1 Hora de Registrar

Agora que você já tem o quadrinho, analisado e escolhido para ser inserido no acervo da gibiteca, que tal a gente criar um número de registro, ou número de tombo, para ele?

Todo o material, ao fazer parte do acervo da gibiteca escolar, deverá ser tombado, isto é, ganhar um número de registro ou número de aquisição.

Mas para que serve o número de registro?

Esse número serve para ser único e exclusivo para cada material. Irá servir como uma forma de identificação desse quadrinho, auxiliando no controle do acervo, e também na hora da rotina da gibiteca, como empréstimos e devoluções.

Mas você não precisa sofrer na hora de colocar o número de registro nos materiais, uma forma bem simples é manter números sequenciais...

Segue um exemplo simples que pode ser aplicado:

001

002

003

...

Outra proposta, com um pouco mais de elementos, mas ainda simples, é colocar as iniciais ou o nome da escola, como:

Col. NoNoNo - 001

Col. NoNoNo - 002

Col. NoNoNo - 003

...

Lembre-se:

Esse número de registro ou tombo deve ser único e exclusivo para cada obra e faz parte do patrimônio da gibiteca. Sendo uma das formas de identificar o material.

6.2 A Saga da Classificação

- Agora que já temos os nossos quadrinhos registrados, acho que podemos avançar um pouco mais e começar a classificá-los!

O trabalho de **classificação** é uma das etapas do nosso processamento técnico.

Sendo esse momento que o bibliotecário responsável irá atribuir um “assunto” para aquele material, facilitando assim a sua localização e recuperação na rotina da gibiteca.

Classificação é um processo definido como “dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças”. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos” (Piedade, 1983, p.9).

Realizar uma boa classificação em um acervo é crucial para o bom funcionamento, resultando em:

- Melhor agrupamento / arranjo nas estantes;
- Rápida localização dos quadrinhos;
- Determinação dos quadrinhos por gêneros / narrativa.

Importante:

Para o desenvolvimento da cartilha em questão, em alguns tópicos com este, foi necessário delimitar um tipo de acervo em um único gênero. Para facilitar a tratativa do assunto.

Escolhi, então, trabalhar com uma gibiteca escolar que possui um acervo de adaptações literárias em quadrinhos.

Agora, se a gibiteca da sua escola detém um acervo com outros gêneros, você não precisa e nem deve finalizar por aqui a sua leitura, você ainda pode utilizar algumas dicas e aplicações como base, mas lembre-se de adaptá-las para os seus materiais.

As Adaptações Literárias podem ser uma ótima opção...

Se você está construindo a sua gibiteca do zero, e não sabe por onde começar o acervo, desenvolver uma gibiteca escolar utilizando as adaptações literárias em quadrinhos pode ser um ótimo início.

- O gênero das adaptações possui uma imensidade de variedades (subgêneros de narrativas), dos quais é possível encontrar histórias para todos os gostos e idades;
- É um gênero acessível para iniciar a leitura de gibis, e para quem irá iniciar os trabalhos em sala de aula;
- Vários títulos de adaptações são distribuídos pelo PNBE (Plano Nacional da Biblioteca Escolar), facilitando o acesso de instituições que não possuem recursos financeiros para a compra dos Gibis.

- Sugiro aqui, como estamos trabalhando com acervo escolar, de não utilizar um número de classificação muito extenso e detalhado. Já que o nosso usuário são crianças e adolescentes.
- Podemos então, criar uma classificação mais generalista e de fácil acesso.

Para um acervo de **Adaptações Literárias em HQs em uma escola**, apresento uma proposta de classificação facetada em **CDU (Classificação Decimal Universal) em conjunto com uma classificação por cores**.

Vamos por etapas... Mas primeiro, precisamos fazer a nossa classificação facetada do material, utilizando a CDU.

TOME NOTA: O que é uma classificação facetada?

“A primeira etapa na elaboração de um sistema de classificação especializado é definir e delimitar os assuntos centrais ou assuntos do núcleo (*core subjects*) e determinar os assuntos marginais (*fringe subjects*). Assuntos centrais são aqueles diretamente relacionados com o tema da classificação; assuntos marginais são temas de outras disciplinas que interessam àqueles que estudam os assuntos centrais”. (PIEDADE, 1983)

Para um acervo que contempla as HQs do gênero de adaptação literárias, criou-se um grupo que será composto por:

- **Faceta:** Histórias em Quadrinhos
- **Sub-faceta:** Adaptações Literárias

No modelo proposto, foi feito um agrupamento de duas classes distintas, para classificar as adaptações literárias em quadrinhos.

Ficando assim:

Classificação	Classes Escolhidas:	
741.5 + 821	741.5 - Caricaturas. Cartoons. Desenhos satíricos e humorísticos. 821 – Literatura	Foram utilizadas duas classes – uma para os quadrinhos e a outra para a literatura – com o sinal de adição concatenando as classes trabalhadas

Mas quem vem primeiro na ordem da classificação?

No modelo proposto de classificação, a ordem preferida foi de deixar a primeira classe das histórias em quadrinhos e depois qual o subgênero do material.

Nesse modelo é útil tanto a uma gibiteca, mas também às bibliotecas que trabalham com os quadrinhos, pois irá permitir que esses materiais sempre fiquem próximos , evitando que se espalhem na biblioteca.

Além disso, para os que estão trabalhando com uma gibiteca de múltiplos gêneros e subgêneros, tendo uma classificação principal — a primeira classe da proposta — você poderá mudar apenas a segunda classe, e também adicionar outras identificações em conjunto.

- Ufa! O primeiro passo da nossa classificação está pronto.
- Agora vamos desenvolver uma tabela de cores, que vai trabalhar em conjunto com a classificação que criamos.

Como a classificação em CDU que desenvolvemos, atribuímos uma indicação de classe para as obras, demonstrando o assunto tratado por aqueles itens.

Já para facilitar ainda mais no gerenciamento da gibiteca, podemos também atribuir junto a CDU uma tabela de cores.

E talvez você esteja pensando, como é que eu faço isso?

Simple!

A organização pela classificação em cores, além de facilitar a busca, tornou as bibliotecas mais vivas, mais coloridas, deixando os alunos mais curiosos pelos gêneros dos livros e, conseqüentemente, pela leitura (Pinheiro, 2009).

A gente irá criar uma tabela, separando os níveis escolares e idades, que ao invés de um código numérico você irá definir por uma cor. O que tornará a busca de um exemplar do quadrinho muito mais acessível, e fácil, principalmente aos alunos mais jovens, do que se apenas usarmos as indicações numéricas da CDU.

Pajeú et al (2007) explicam que quando se aplica uma classificação em cores, como essa que estamos sugerindo, essa tabela poderá auxiliar na organização do seu acervo, com uma separação dos materiais por indicações e de gênero dos materiais, onde cada um será representado por uma cor.

Os gibis então ficarão em grupos, devidamente organizados por um sistema proposto, onde cada grupo representa um critério concreto de separação — Para os autores, o sistema

trará uma melhor visualização nas estantes, com uma melhor orientação do usuário em suas buscas e pesquisas.

A utilização de um sistema de classificação de cores em um acervo escolar, torna a busca muito mais acessível ao público mais jovem do que apenas as indicações numéricas da CDU.

Os autores Pajeú, et al (2007) afirmam esses benefícios da aplicação de uma classificação em cores, exemplificando em alguns exemplos quando bem aplicado, como: [...] uma melhor visualização nas estantes, auxiliada pela separação de gêneros, no qual cada um é representado por uma cor; os gibis que até então estavam simplesmente dispostos nas estantes de forma aleatória ou agrupados por tamanho, sem um critério concreto de separação, com o sistema proposto ficará devidamente organizado; [...] o usuário terá uma melhor orientação, sanando assim suas dificuldades em encontrar o item no acervo.

A nossa Tabela de Cores, foi dividida a partir das supostas idades e anos escolares, ficando mais ou menos assim:

Cor	Faixa Etária	Gênero
Amarelo	Educação Infantil - Até 6 anos	HQs apenas com imagens; O contato dos alunos com os quadrinhos durante essa fase, será para elementos lúdicos e para o desenvolvimento da leitura (alfabetização);
Rosa	Fundamental I - 6 a 11 anos	Quadrinhos com mais imagens e textos simples; Durante essa fase, os alunos já saíram da alfabetização e estão desenvolvendo a capacidade da leitura crítica; As histórias nessa fase podem apresentar uma temática mais aprofundada;
Verde	Fundamental II - 10 a 15 anos	Esses alunos estão em transição para o ensino médio; Nessa fase os alunos já possuem um nível de leitura mais avançado, e podem começar a explorar quadrinhos mais complexos, com temas que dialogam com suas experiências e interesses;
Azul	Ensino Médio - Acima de 14 anos	HQs com temáticas complexas; São leitores mais críticos e questionadores, tanto ao social quanto ao que é visto em sala de aula; Já são alunos com gostos mais específicos, e provavelmente buscarão além das prateleiras indicativas para sua faixa etária;

Roxo	Educação de Jovens e Adultos / EJA	HQs com temática adulta; O acervo deve ser atrativo, pois vários desses alunos nunca tiveram contato com HQs; Por serem usuários adultos, o acervo pode ser focado mais nas narrativas e qualidade e menos na classificação etária.
------	---	---

- Aqui foi apenas um exemplo de tabela, e você pode organizar, e colocar a cor, de acordo com a sua preferência, OK ?

Você pode estar se perguntando “mas esses quadrinhos não vão ficar bagunçados?” ou “Como eu vou organizar esses quadrinhos dentro de duas formas de classificação?”

Calma... pode assustar à primeira vista, mas é simples, e vai ajudar bastante na rotina da sua gibiteca. **Mesmo utilizando dois métodos para classificação, a CDU e cores em conjunto, um não irá interferir no outro e sim complementar.**

Mas se ainda ficou dúvidas sobre a classificação e a aplicação, vou deixar algumas outras dicas para facilitar:

1. Se você tiver dúvidas sobre qual quadrinho deve ficar em qual grupo de idade, **converse com os professores da sua instituição**, e veja quais os materiais são pertinentes para cada grupo. Tenho certeza que eles irão te ajudar;
2. **É bem comum que esses materiais tenham a idade indicativa para a leitura**, o que vai lhe ajudar e muito na hora de escolher qual o grupo indicativo de cada material;

Deixe sempre tudo muito visível e acessível para os usuários da gibiteca escolar, e quando possível, sempre explique o funcionamento da tabela por cores para os novos alunos.

6.3 Catalogando

Itens registrados, classificados... Agora podemos catalogar!

A catalogação é um **método padronizado**, detalhado, onde os materiais serão descritos e registrados, para que se tenha o conhecimento da sua existência e sua localização dentro daquele acervo.

Ela deverá ser:

- Clara;
- Precisa;
- Padronizada.

A catalogação de um acervo pode ser realizada de diferentes formas, mas todas elas têm como pressuposto **a organização dos elementos que o compõem, de modo que cada elemento possa encontrar o seu usuário, assim como cada usuário encontre o seu elemento** (Mey, 1995 apud Sipriano, F. S.; Lima Júnior, J. E. B.; Pereira, R. C., 2022)

Se a biblioteca da sua escola já trabalha com algum padrão de catalogação, indico que a gibiteca utilize o mesmo já adotado.

A catalogação é um tema extenso e detalhado e seria impossível ser tratado com todas as suas nuances em um único tópico, e esse não é o nosso foco.

Acredito que o bibliotecário reconheça a prática e a importância, e saiba como conduzir tal atividade dentro de um acervo.

Por isso deixei como uma das práticas que precisam ser feitas nas gibitecas e não devem ser ignoradas.

Para saber mais sobre o tema...

Se ainda tem dúvidas... Ou mesmo interesse sobre o tema, indico o livro abaixo para se aprofundar mais sobre a catalogação.

Classificação: uma abordagem para estudantes de biblioteconomia, por Derek Langridge.

6.4 Escolhendo um Software de Automação para a sua Gibiteca

Para auxiliar ainda mais nessa etapa do processamento técnico das histórias em quadrinhos em uma gibiteca, vamos falar um pouco de software de automação para setores informacionais, como a nossa gibiteca.

Já parou para pensar como serão feitas as etapas de empréstimo, devoluções, a própria descrição do acervo e as possíveis perdas e descartes?

Sei que várias bibliotecas e gibitecas escolares ainda fazem esses trabalhos em cadernos, ou mesmo em planilha do excel, mas porque não trabalhar com um software próprio para esses setores?

- Ao utilizar um software próprio para um acervo de informação, ele vai te auxiliar e muito, principalmente naquelas atividades rotineiras, como a catalogação, o empréstimo desses materiais e até fazer o controle do acervo.
- Além disso, atividades que você levaria horas anotando no caderno, ficam mais rápidas, e com essas horas livres você pode se dedicar a outros projetos da própria gibiteca, como os programas de leitura e letramento com os alunos, ou até mesmo focar no melhor atendimento do seu usuário.
- E a gente pode inserir um software na gibiteca sem gastar muito, só utilizando um computador e internet.
- São diversos *softwares* próprios para automação de setores informacionais que disponibilizam seu download gratuito.
- Então, que tal dar uma chance?

E são diversos os softwares disponíveis hoje, com funcionalidades cada vez mais específicas - Utilizar um *software* em biblioteca é essencial para otimizar as tarefas técnicas no seu acervo.

Conhecendo a realidade de uma parcela das instituições de ensino que não possuem uma verba para aderir a compra de softwares pagos, deixo então algumas indicações de *softwares gratuitos*, em **língua portuguesa**, onde o gestor poderá encontrar e **baixar de maneira totalmente legal**:



FONTES: SIPRIANO, F. S.; LIMA JÚNIOR, J. E. B.; PEREIRA, R. C., 2022, P.11

Lembrando também, que esses softwares podem funcionar tanto para a nossa gibiteca quanto para a biblioteca escolar.

FICA A DICA

Mas se você ainda tem dúvidas acerca de como selecionar um *software* para trabalhar com o setor de informação na sua escola, deixo aqui alguns materiais para a leitura e aprofundamento maior do tema:

- I. CAFÉ, L.; SANTOS, C.; MACEDO, F. **Proposta de um método para escolha de software de automação de bibliotecas**. Ciência da Informação, Brasília, DF, v. 30, n. 2, p. 70-79, maio/ago. 2001.
- II. CORTE, A. R. et al. **Automação de bibliotecas e centros de documentação: o processo de avaliação e seleção de softwares**. Ciência da Informação, Brasília, DF, v. 28, n. 3, p. 241-256, set./dez. 1999.

- E lembre-se, você não precisa enlouquecer atrás de um *software* só para a gibiteca. Se a sua biblioteca já trabalha com algum, dá para utilizar o mesmo e compartilhá-lo.
- Assim as informações dos acervos ficarão salvas no mesmo local.

6.5 Etiquetas... Etiketando

Quando o assunto é o tratamento técnico do acervo de uma gibiteca escolar, as histórias em quadrinhos que irão constituir como materiais informacionais daquele ambiente, assim como é realizada em bibliotecas, ou na grande maioria dos acervos bibliográficos, a etiquetagem desses materiais deve ser vista e realizada com importância.

Pois, são nelas, nas etiquetas, que você descreve algumas das indicações daquele material, auxiliando assim na própria ordem de organização do material e até facilitando na hora de encontrá-los ou guardá-los.

Em resumo breve, as indicações na etiqueta podem te auxiliar em quase todo processo de organização da rotina da gibiteca escolar.

Vendo então que essas pequenas etiquetas, não são apenas *sidekicks*, e que podem ter a sua própria saga. Nesse tópico que se segue, vou contar uma breve história colocando-as como personagens principais, mostrando o quanto são relevantes na hora da gestão e organização do nosso acervo e como podem nos ajudar no nosso cotidiano.

Lembrando novamente, que estamos trabalhando com um acervo de Adaptações Literárias em Quadrinhos. Então a nossa sugestão da etiqueta leva em consideração esse gênero dos quadrinhos.

Assim, na proposta criada para a etiqueta, achou-se importante inserir os seguintes pontos:

- **HQ** - o tipo de mídia / bibliografia é o material;
- **O gênero da história** – se é drama, comédia, um romance etc.;

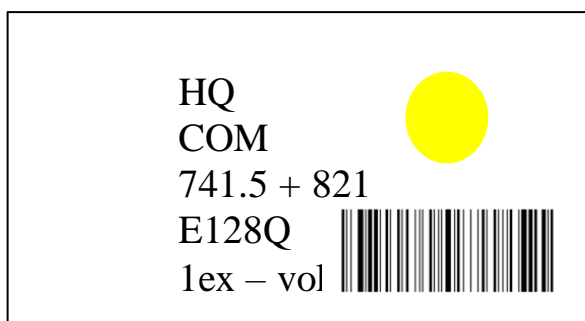
- **741.5 + 821** – CDU (classificação já criada acima para as adaptações em HQs);
- **O Cutter** – O número que irá identificar a autoria;
- **Volume** – Dado importante para os gibis que possuem mais de um volume.

E além de todas essas informações descritas acima, você pode incluir a cor indicativa do material, junto a tabela de cores. Por exemplo, se for um quadrinho para o ensino infantil, você coloca um adesivo - ou faz um círculo com giz de cera, canetinha - da cor indicativa desse grupo.

- E se você está se perguntando como, ou com o que, colocar o selo colorido no quadrinho, você tem inúmeras maneiras e formas. E algumas delas nem vão precisar gastar tanto.

- Você pode utilizar adesivos coloridos, mas se precisar economizar, ao invés dos adesivos, use lápis de cor ou giz de cera para colorir pedaços de papéis, ou mesmo pintar diretamente na etiqueta.

Com a etiqueta criada, ela ficará mais ou menos assim:



- HQ - Histórias em Quadrinhos
- COM - Comédia (do gênero do material)
- 741.5+821 - CDU (Classificação)
- E128Q - Cutter / Autor
- 1 ex - Exemplar
- Vol. 3 - Número do volume
- Adesivo amarelo - Leitura indicada para ed. infantil

Utilizando a classificação (indicamos aqui a CDU, mas você também pode utilizar a CDD) em conjunto com a tabela de cores, uma catalogação atenciosa, bem estruturada e com os dados necessários dispostos nas etiquetas dos materiais... Sua gibiteca estará pronta para ter uma organização fluida, e quase que autônoma, durante a rotina.

- Pode até parecer um porquinho trabalhosa à primeira vista, mas essas técnicas irão lhe auxiliar de forma duradoura.
- Agora já podemos começar a organizar o nosso acervo.
- Com a classificação e uma boa catalogação, o seu acervo vai ficar, quase que de maneira fluida, separado e organizado tanto por idade, nível escolar, gênero literário e autores. Legal né?
- Então agora é só colocar nas estantes e identificar para fácil acesso.
- Preparadas e Preparados?
- E se lembre de deixar sempre visível a tabela de cores, vai facilitar e muito para vários usuários.

É HORA DE COLOCAR OS GIBIS NAS PRATELEIRAS

Tudo pronto para colocar as HQs nas estantes e prateleiras?

Com as classificações sugeridas acima, uma boa catalogação e materiais etiquetados, seu acervo vai estar já organizado por idade (logo por nível escolar), gênero literário e autores. Tudo de maneira fluida e organizada, de forma que naturalmente os quadrinhos da gibiteca terão um local pré-definido e com uma lógica de organização.

Legal né?!

Então agora é só colocar nas estantes e identificar para fácil acesso.

7 PARA QUEM VAI TRABALHAR COM OS FORMATINHOS

- Não é toda gibiteca que vai trabalhar com esse formato de quadrinhos, mas acho necessário a gente falar um pouquinho dos periódicos, as publicações editadas a parte... Ou os famosos formatinhos.
- O que devemos levar em consideração é que a sua periodicidade é irregular, e dependendo do material, da editora, da publicação em si, ele pode ser mensal, semestral, anual... Isso pode gerar muita dor de cabeça em muitos gestores de acervos por aí.
- Por isso que além de todo o processo de classificação e catalogação, no caso dos periódicos é necessário também um controle nas entregas sobre os volumes.
- E aqui deixo uma dica fácil de como você pode registrar e controlar os volumes dos periódicos.

Os quadrinhos possuem o título, o ano e o **volume**, que seria o número de sequência daquela história. Esse volume é como o número da sequência da história, e pode ser apenas um, chamado de volume único, mas aí não seria periódico, ou 107 volumes (somando mais de mil capítulos) como One Piece no Japão (até esse momento).

É fácil pensar em publicações pequenas, que foram lançadas em um ano. Mas não é isso que acontece sempre. Temos publicações que entram em hiato. Temos publicações canceladas. Publicações renovadas... Ufa... Três exemplos que podem acontecer em uma mesma história.

Em resumo, é importante uma organização dos exemplares recebidos daquela saga / história, para saber o tamanho da coleção que a gibiteca tem, o que falta, para as que fazem assinatura poderem ter um acompanhamento e até facilitar a perda de algum.

Para facilitar um pouco nessa parte da organização e recebimento da coleção dos periódicos em quadrinhos, neste tópico te indicarei uma maneira simples de ter um controle.

Primeiro passo, vamos abordar sobre como registrar e controlar os volumes que chegaram daquela história.

Uma maneira simples é realizar uma tabela (em fichas físicas ou planilhas digitais) com a descrição do título da obra, autor, desenho (se houver), editora - Observe quem é o autor, se a obra já terminou se ser lançada no país de origem etc. Tudo isso te dará uma noção do tamanho do seu quadro.

Conforme os periódicos irão chegando à gibiteca, poderá marcar na tabela com S (Sim) e N (Não) a sua entrada – se a gibiteca recebe ou não o material daquele período.

Ficando mais ou menos assim:

Título da obra; Autor; Ed.												
	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2021										N		S
2022			S			S						

*Exemplo de material com 4 volumes trimestrais, com o lançamento iniciado em 2021.

A técnica apresentada e readaptada da autora Prado (1992, p.92), que explica que o conjunto desses dados é o próprio tombamento dos periódicos, “pois através deles temos todas as informações sobre os mesmos”.

Sobre como guardar esses materiais periódicos, a técnica de classificação junto com o cutter que desenvolvemos anteriormente já irá mantê-los em conjunto, facilitando a maneira que você escolher guardar tais materiais.

Mas, se a gibiteca coleciona aqueles quadrinhos em brochuras mais delicadas, bem comum nos periódicos de super-heróis. Minha dica é colocá-los em sagas e/ou histórias.

Se você tem material suficiente de uma saga, guarde juntos daquela história, ficará mais fácil para ler e até acompanhar. Mas se foi recebimento de doações, não se sabe quando irá completar tal coleção, você pode colocar junto com personagens.

Mesmo não seguindo uma mesma história, ainda irá permanecer uma lógica dentro da organização. Fácil de encontrar, buscar e aproveitar o acervo.

8. PROPOSTAS DE PROGRAMAÇÕES E PROJETOS PARA A GIBITECA ESCOLAR

Que o ambiente da Gibiteca Escolar é um espaço rico de possibilidades informacionais, culturais e artísticas, a gente já sabe, né?!

Mas a gente pode potencializar ainda mais essas qualidades com a promoção de ações e projetos desenvolvidos pela Gibiteca Escolar.

- Desenvolver projetos na gibiteca é mostrar que o ambiente não é limitado, não está resumido em apenas nos gibis ou mesmo para a leitura passiva dos usuários.
- Então vamos transformar essa gibiteca, na qual você está tanto se empenhando, em um local vibrante, cheio de projetos e atividades, que despertem a curiosidade e o interesse dos alunos!

Pensando em formas de aproveitar o potencial que a gibiteca escolar pode oferecer a toda a instituição escolar e também a comunidade externa, nesse tópico, quero apresentar algumas propostas de ações e projetos para fomentar o uso da gibiteca e a disseminação da leitura dos quadrinhos; Para que em conjunto com os professores e a equipe escolar possam ser avaliados e colocados em prática na Instituição.

Aqui, **são sugestões**. Tudo é adaptável e moldável de acordo com os objetivos buscados por você e pela instituição de ensino. É importante que esses projetos e ações sejam realizados em parceria com os professores e a equipe escolar, para que possam analisar e aplicar conforme a realidade da instituição, com o perfil dos alunos e com os objetivos pretendidos com as ações.

Clube de Leitura de HQs	<p>Organize um clube de leitura dedicado exclusivamente a leitura de histórias em quadrinhos;</p> <p>O clube pode ser organizado por faixa etária e/ou anos escolares, assim, evitará choque de narrativas com indicações desinteressante para os mais velhos, ou não recomendada para os mais novos;</p>
--------------------------------	---

Contação de História	<p>Faça contação de história utilizando algum gibi da gibiteca — Essa pode ser uma ótima atividade a ser desenvolvida com as turmas iniciais;</p> <p>Se a escola possuir, você pode fazer essa contação com fantoches ou mesmo projetando as páginas;</p>
Oficina de Quadrinhos	<p>Promova oficinas, palestras com o objetivo dos alunos aprenderem sobre a criação das HQs; Essa oficina pode contemplar tanto os quadrinhos ocidentais, quanto os mangás;</p> <p>Convite cartunistas e criadores da região para ministrar a oficina com os alunos;</p> <p>Nessas oficinas também pode-se trabalhar o desenho digital se a escola possuir equipamento para essa atividade;</p>
Feira de Doações de Quadrinhos	<p>Realize uma feira de doações de quadrinhos – uma ótima maneira de arrecadar novos títulos;</p>
Projeção de filmes e animações baseadas em quadrinhos	<p>Sessões de exibição de filmes ou animações baseadas em HQs;</p>
Visitas Guiadas	<p>Realize visitas guiadas com as turmas na gibiteca, mostrando e explicando o funcionamento. Durante a visita você pode mostrar o acervo, como funciona a tabela de cores para futuras buscas, horário e as formas de empréstimos;</p> <p>As visitas podem acontecer no início do ano letivo;</p>
Visitas Monitoradas	<p>Organize visitas com os alunos para conhecer outras gibitecas da sua região, ou também eventos e feiras que abordem HQs. Essas visitas devem ter permissão da escola e dos pais/responsáveis;</p>
Eventos Temáticos	<p>Realize eventos temáticos para fomentar a gibiteca, como o dia da toalha, ou a semana do quadrinho nacional, por exemplo;</p>
Baladinha Literária	<p>Você pode criar playlist em <i>streaming</i> de áudio com músicas temáticas, ou mesmo que combine com um tipo de leitura de um determinado quadrinho;</p> <p>Essa playlist pode ser divulgada nas páginas na escola, ou mesmo fazer um <i>QR Code</i> que ficará na gibiteca para o aluno acessar pelo celular;</p>
Exposição de HQs	<p>Deixe alguns quadrinhos em destaque na gibiteca — Pode ser relacionado a uma data importante ou mesmo para expor títulos raros que a gibiteca possui;</p>
Oficinas de roteiro, produção e auto publicação de gibis	<p>Oficina voltada para a criação de roteiro, como o aluno irá produzir o quadrinho e maneiras de publicação;</p> <p>Essa oficina, pela complexidade, deve ser voltada para alunos do Ensino Médio ou EJA;</p>
Exposição de Quadrinhos de Artistas locais	<p>Convite artistas locais para exporem suas obras para os alunos. Essa exposição pode ser feita como uma mesa redonda, por exemplo;</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● RPG ● Monitoria para RPG ● Jogos de Tabuleiros 	<p>Abra a Gibiteca para jogos de RPG ou de tabuleiro – Essa prática pode ser desenvolvida tanto entre professores e alunos quanto ser aberta para a comunidade participar.</p>

- Vamos fazer da Gibiteca Escolar um local de descobertas, imaginação e transformação!

9. ALGUMAS ESTRATÉGIAS PARA INCORPORAR ADAPTAÇÕES EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA

Ao longo desta cartilha, discutimos a funcionalidade e os benefícios de ter uma gibiteca em uma instituição de ensino e de como as histórias em quadrinhos podem despertar o interesse da leitura no aluno — além de promover o fomento da própria leitura e também auxiliar no desenvolvimento da criatividade, do letramento visual e na interpretação crítica.

- Espero que nessa etapa não tenhamos nenhuma dúvida sobre as riquezas existentes na leitura de uma história em quadrinhos, e que a mesma pode ir além da leitura recreativa.
- E que quando se conhece o material, ele pode ser utilizado amplamente em inúmeras disciplinas curriculares.
- Por exemplo, um professor de história pode utilizar um gibi como apoio lúdico para demonstrar como uma sociedade pensava, a sua ideologia, política e até as vestimentas do período.
- Esse mesmo quadrinho pode ser utilizado com o professor de português, literatura e redação.
- Em ambos os exemplos que descrevo a gibiteca conseguiu dar suporte a comunidade escolar para além da leitura passiva, mas construindo um acervo que atende às práticas didáticas.

Mas como aproveitar a leitura dos quadrinhos no cotidiano da sala de aula, nas disciplinas corriqueiras?

Nesse caso, ao inserir um quadrinho como um produto didático em sala, dependerá totalmente do conhecimento do professor, ou do responsável, sobre o material (a história em quadrinhos) e o objetivo buscado.

As histórias em quadrinhos, para serem inseridas e utilizadas em sala de aulas como um produto agregador de conhecimento e informação em uma sala de aula, dependerá da didática e do conhecimento total do professor, ou do responsável, sobre a aplicação do material.

As histórias em quadrinhos são mágicas, mas não fazem mágicas sozinhas. Elas precisam que um bom orientador, como um professor ou bibliotecário consiga guiar os alunos a narrativas, as analogias e às disciplinas certas para funcionar, ok?

- Então, querido professor, não existe nenhum passo-a-passo ou fórmula de como você deve utilizar um quadrinho em sala de aula, tudo dependerá de você, da sua criatividade, dos objetivos buscados e principalmente do seu conhecimento sobre HQs.

Assim sendo, para auxiliar um pouquinho, vou destacar algumas formas de como utilizar a gibiteca escolar e Adaptações Literárias em Quadrinhos como um instrumento pedagógico, e como incluí-las dentro da sala de aula.

O objetivo aqui é que você educador aproveite ao máximo essa expressão única de arte, como uma forma de experiência de aprendizagem, e novamente, são ideias... Sugestões... E você, professor, tem toda a liberdade para criar e modificar como achar mais pertinente.

Vamos lá?!

10. SOB A LUPA: REALIZANDO UM ESTUDO DE USUÁRIOS NA GIBITECA ESCOLAR

Realizar avaliações sobre o funcionamento da gibiteca escolar, periodicamente, é uma maneira que você tem para verificar se os objetivos buscados estão sendo alcançados, descobrir qual a percepção do seu usuário sobre o ambiente, melhorar ações e projetos que não deram certo e analisar o que o seu usuário busca e espera tanto do acervo quanto do ambiente em geral.

Deixo então três formas simples, e baratas, de avaliações que você pode inserir na gibiteca escolar:

1. **A primeira delas é realizar um formulário on-line:** Utilize uma plataforma gratuita, onde você pode tanto divulgar o link nas redes sociais da escola ou mesmo deixar o QR-Code de acesso no quadro de avisos da gibiteca. No final do período é só fazer a avaliação dos dados colhidos.
2. **A segunda proposta é distribuir questionários impressos:** Entregue aos professores e alunos, mão a mão, que visitam a gibiteca. Se optar por essa técnica, lembre-se de deixar uma caixa para que eles possam depositar suas respostas nela.
3. **A terceira e última proposta que indico é você analisar o número de visitas e empréstimos que houve no período:** o lado bom dessa prática é que você não necessita de terceiros para a sua realização, mas o lado ruim é exatamente isso, você não terá a visão e a fala dos seus usuários.

São medidas simples, mas que podem lhe auxiliar a atender seus usuários e também realizar melhoras na Gibiteca Escolar.

11. DICAS, DICAS E MAIS DICAS...

Creio que conseguimos falar bastantes sobre formas e maneiras de se aprimorar, criar e desenvolver uma gibiteca escolar.

Discutimos desde informações básicas e introdutórias até assuntos mais técnicos sobre o tema. E sei que não é o bastante e que aqui é apenas um emurrão nessa nova caminhada. E existem diversos autores por aí que abordam de forma até mais profunda o que falamos aqui, que você pode conhecer e se debruçar sobre a temática.

Aqui, antes de finalizar por completo a nossa cartilha, ainda deixo algumas indicações que podem ser utilizadas de maneira complementar a gibiteca que construímos e aperfeiçoamos durante essa leitura.

Cada uma dessas indicações possui características distintas, das quais geram benefícios específicos, adaptando-se a diferentes objetivos e necessidades buscadas.

Então, vamos lá?!

Fazendo Quadrinhos na Escola

As dicas deixadas aqui são de alguns *sites*, que tanto o bibliotecário escolar quanto os professores podem utilizar com os alunos para a criação de histórias em quadrinhos.

São ferramentas simples e gratuitas, que permitem desenvolver a criatividade e montar suas próprias histórias.

- **Pixton – (www.pixton.com)**
- **Make Beliefs Comix – (www.makebeliefscomix.com)**
- **Strip Generator – (www.stripgenerator.com)**

Lendo Quadrinhos em uma Tela

Além das plataformas voltadas para a criação, você sabia que também existem diversos *sites* que disponibilizam HQs para leitura digital? Essas plataformas se tornam uma ótima maneira de melhorar o próprio acervo, introduzindo e disponibilizando a leitura em plataformas on-line.

Deixo aqui alguns *sites* com acesso gratuito legal para serem trabalhados na gibiteca escolar...

E vários desses sites possuem seleção de títulos para leitura gratuita onde só pedem um cadastro, nesses casos vocês podem fazer um cadastro no nome da própria gibiteca para quando os alunos e professores forem utilizar, já logem automaticamente.

- **E-books gratuitos na loja Kindle**
- **Social Comics**
- **Webtoons**
- **Comic Book Plus**
- **Funktoon**

Além das indicações acima, de criações e acervos on-line, você já pensou em ir com a escola em uma gibiteca da região?

Várias dessas gibitecas possuem sites, blogs, Instagram e você pode acompanhar para saber o que elas estão fazendo, se há algum evento especial que seria interessante levar algumas turmas, até mesmo pegar uma ideia de projeto e atividade.

Algumas gibitecas brasileiras pra vocês seguir:

- **Gibiteca Henfil - São Paulo, SP**
- **Gibiteca de Curitiba - Curitiba, PR**
- **Gibiteca Escolar Helena Fonseca - Leopoldina, MG**
- **Gibiteca Mais Cultura - Gibiteca Móvel**

- **Gibiteca Jorge Braga - Goiânia, GO**

Espero que esses sites sejam úteis para o seu trabalho com histórias em quadrinhos.

Eles oferecem uma variedade de recursos e possibilidades para explorar a criatividade e o aprendizado dos alunos, espero que eles sejam úteis e enriquecedores em suas práticas educacionais.

Mas é importante ressaltar aqui também que os sites mencionados são apenas algumas opções, e que encorajo vocês a explorar por outras alternativas que se adequem de melhor maneira nos objetivos buscados pela instituição e aos interesses dos alunos.

Seja curioso, busque e descubra, você vai encontrar um universo mágico a ser aproveitado.

12. É HORA DE DIZER TCHAU!

E antes de dizer adeus e fecharmos a cartilha, quero primeiramente agradecer a você, pelo interesse de querer trabalhar com gibis, e de querer inseri-los nas práticas escolares. Uma mídia riquíssima, mas que ainda é vista com preconceito por alguns educadores e desconhecida por outros, que se mantém apenas para um nicho de leitores, que por tudo isso é uma leitura cara e não acessível a todos.

Inserir quadrinhos ao acesso nas escolas é o primeiro passo que a gente pode dar para que esse tipo de material chegue a todos de maneira mais democrática e desperte o interesse de quem ainda não o conhece.

Histórias em quadrinhos precisam chegar nas escolas para além do recreativo, precisam ser vistas como um material informacional, uma leitura independente mesmo advindo a partir de uma adaptação literária.

Histórias em quadrinhos devem ser um material utilizado nas escolas plenamente, seja para a alfabetização da criança, para o desenvolvimento do sujeito crítico, ou mesmo para explicar um elemento histórico geográfico.

Essas narrativas são ricas, apenas mal utilizadas em muitos dos casos, e uma das formas de difundir esse material para mais leitores e futuros apreciadores, é utilizá-los na escola. Dando acesso a leitura de um material visto como caro para alguns, e mostrar que gibis não são apenas para crianças, que podem te ensinar, além de te dar o prazer do ato de ler.

Então meu caro bibliotecário, educador ou curioso... Eu tenho que lhe agradecer, pois estamos inserindo uma mídia maravilhosa na vida de alguns jovens, que talvez não fosse o acesso da Gibiteca Escolar (ou da Biblioteca) nunca teria a chance de abrir uma história em quadrinhos na sua vida.

REFERÊNCIAS

BAÍA, M. F.; CONDURÚ, M. T. Histórias em Quadrinhos como Ferramenta de Incentivo à Leitura: um estudo de caso sobre a gibiteca da biblioteca pública Arthur Vianna em Belém do Pará. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-26, jan./abr., 2002.

DIAS, Maria M. K.; PIRES, Daniela. *Uso e Usuários da Informação*. São Carlos: EduFSCar, 2004. 48p. (Série Apontamentos).

NOGUEIRA, Natânia A. da S. Gibiteca: ensino, criatividade e integração escolar. In: *Congresso Nacional de Educação - EDUCERE (edição internacional)*, 7, 2007, Curitiba. Anais: [...] Curitiba: Champagnat, 2007. p. 174 - 186.

OLIVEIRA, M. R. S. de; SOUZA, P. S. B. de. Gibiteca escolar: um recurso para o aprendizado. In: *Seminário de Pesquisa do CCSA*, 16., 2010, Natal. Anais [...] Natal: UFRN, 2010. Disponível em: <URL>. Acesso em 12 de fev., 2022.

PAJEÚ H. M.; MAIA, C. M.; BASSOLI, M. E.; LIMA, T. A. Uma nova proposta de classificação de histórias em quadrinhos. *Biblionline*, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16620>>. Acesso em: 05 jul. 2023.

PIEIDADE, Maria Antonietta. *Introdução à teoria da classificação*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PINHEIRO, M. I. da Silva. Classificação em Cores: Uma metodologia inovadora na organização das bibliotecas escolares do município de Rondonópolis-MT. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 163-179, jul./dez. 2009–ISSN: 1678-765X.

PRADO, Heloisa de Almeida. *Organização e administração de bibliotecas*. 2. ed. rev. São Paulo, SP: T. A. Queiroz, 1992. 209 p.

SANTOS, Rodrigo O. dos. *História em Quadrinhos e Educação*. Curitiba: Contentus, 2020.

SILVA, E. R. P. da; SILVA, T. C. S. Gibitecas em Unidades Escolares: visão dos alunos do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos. In: *Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentos e Ciência da Informação*, 25., Florianópolis, SC, 2013, Anais [...] Florianópolis, SC, 2013.

SIPRIANO, F. S.; LIMA JÚNIOR, J. E. B.; PEREIRA, R. C. Seleção de um software de

catalogação para um acervo especializado em língua alemã. *Informação em Pauta*, v. 7, n. 00, p. 1-17, 2022. DOI: 10.36517/2525-3468.ip.v7i00.2022.62475.1-17 Acesso em: 19 jul. 2023.

SOLDERA, Mariana Oliveira. *Política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias*. 2011. 20 f. TCC (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação. Rio Grande, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula. In: Rama, A.; _____. (orgs.). *Uso das HQs no Ensino*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008a.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S. *Desenvolvimento de Coleções*. São Paulo: Polis, AB, 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S. As HQs e a Escola. In: NETTO, R.; VERGUEIRO, W. (orgs.) *Coleção Quadrinhos em Sala de Aula: estratégias, instrumentos e aplicações*. Fortaleza, CE: Fundação Democrático Rocha, 2018 (Fascículo 1).